



**UNIVERSIDAD DE CIENCIAS
EMPRESARIALES Y SOCIALES**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

luzvasconcelospsicologo@gmail.com

**ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO DO
PSICANALISTA NAS ENTIDADES BRASILEIRAS**

**ORIENTADOR: PROF. DR. LUIS ALBERTO
STOPPIELLO**

AUTOR: LUIZ CARLOS MENDES DE VASCONCELOS

Fortaleza

15/02/2023



UNIVERSIDAD DE CIENCIAS EMPRESARIALES Y SOCIALES

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO DO PSICANALISTA NAS ENTIDADES BRASILEIRAS

Tese de Doutorado com vista à obtenção do Título de Doutor em Psicologia, na Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES).

Orientador: Prof. Dr. Luis Alberto Stoppiello

Autor: Luiz Carlos Mendes de Vasconcelos

Fortaleza

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho

Aos meus pais, *in memoriam*, **Francisco Mendes de Vasconcelos** e **Maria Vilany Mariano de Vasconcelos**

A minha amada filha, **Larissa Marie Roque de Vasconcelos**

Aos meus irmãos, **Liana Nadja**, **Stânia Nágila**, **Francisco José**, **Ana Niedja** e **Ana Sandrilá**

A **Jeane Vasconcelos** e **Welyda Brasil**, até então, grandes amores da minha vida

Por fim, à **Dinny**, templo do puro amor

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a *Deus*.

A *Sigmund Freud*, que Deus o tenha. Meu grande Mestre, inventor da Psicanálise, uma ciência que se perpetua no tempo.

Aos meus ilustres e inesquecíveis Professores e Professora:

Professor Dr. Carlos Dália – “in memoriam”

Professor Dr. José Francisco Ribeiro Filho – “in memoriam”

Professor Dr. Luis Alberto Stoppiello

Professora Dra. Susana Sneiderman

Professor Dr. Leonardo Danziato

Professor Dr. Isaac Bastos de Andrade

Professor Ms. Clauberson Sales do Nascimento Rios

O conhecimento, o aprendizado, a receptividade, a dedicação, o profissionalismo, a tranquilidade, a empatia e o empenho que me proporcionaram não têm preços. Com certeza, sem eles não teria conseguido. Sou-lhes eternamente grato.

EPÍGRAFE

Traduzir-se

*Uma parte de mim é todo mundo
Outra parte é ninguém, fundo sem fundo*

*Uma parte de mim é multidão
Outra parte, estranheza e solidão*

*Uma parte de mim pesa e pondera
Outra parte delira*

*Uma parte de mim almoça e janta
Outra parte se espanta*

*Uma parte de mim é permanente
Outra parte se sabe de repente*

*Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte linguagem*

*Traduzir uma parte na outra parte
Que é uma questão de vida e morte*

Será arte? (Será arte?)

Será arte? (Será arte?)

*Uma parte de mim é permanente
Outra parte se sabe de repente*

*Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte linguagem*

*Traduzir uma parte na outra parte
Que é uma questão de vida e morte*

Será arte? (Será arte?)

Será arte? (Será arte?)

Ferreira Gullar

A inclusão da psicanálise no currículo universitário seria sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista.

Sigmund Freud, 1918

Yo supongo que el psicoanálisis es una ciencia. En consecuencia, escribir un trabajo psicoanalítico implica que se forma parte de un conjunto social.

David Maldavsky, 2001

RESUMO

INTRODUÇÃO: O Psicanalista, no Brasil, país continental, é um profissional presente na sociedade, devidamente autorizado ao exercício de seu ofício pelo Ministério do Trabalho, porém, não regulamentado, em sua formação, pelo Ministério da Educação, sendo, portanto, um profissional de múltiplas faces, imerso no centro e no cerne das pequenas e grandes cidades brasileiras, porém marginal, na medida em que se encontra às margens da sociedade, e subsiste, de maneira 'livre', das instituições formais de ensino, devidamente regulamentadas, autorizadas à transmissão de um saber, teoria, ciência ou prática. Neste sentido, o presente estudo investigou a formação do psicanalista nas instituições brasileiras, apresentando as mais variadas consonâncias e dissonâncias, sob as formas de sociedades, associações, cartéis, escolas, faculdades, institutos, círculos, núcleos, academias, bem como organizações não governamentais. As peculiaridades inerentes a cada região do país; os tipos de programas de formação; os enfoques teóricos; as qualificações mínimas exigidas; os tipos de formação; o uso da obrigatoriedade ou não do denominado tripé psicanalítico: o estudo da teoria, a análise pessoal e a supervisão clínica; a carga horária, o tempo e o valor do curso de formação; o tipo de certificação e, por fim, a regulamentação da profissão; tudo isso, são temas abrangentes deste estudo. Fez-se um percurso teórico conceitual sob uma breve apresentação da psicanálise, seus conceitos fundamentais, sua história, no Brasil e no mundo, as resistências à psicanálise, o contexto histórico das entidades formadoras, no Brasil e no mundo, as premissas básicas e as condições mínimas para a formação de psicanalistas e a estreita relação entre a psicanálise e a religião, tão proeminente nos cursos de teologia no Brasil. A presente pesquisa fica dispensada de autorização pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), por não lidar com seres humanos, mas sim com pesquisas em *Websites* de Entidades Pessoas Jurídicas, de domínio público.

MÉTODO: Trata-se de um estudo de enfoque misto, com dados quantitativos e qualitativos. Quanto aos fins, ou seja, com relação aos seus objetivos, a pesquisa foi exploratória e descritiva. Quanto aos meios, procedimentos técnicos a serem utilizados, foi documental e bibliográfica. A pesquisa ocorreu no período de 29/01/2021 a 10/07/2021, e o instrumento de coleta dos dados foi um questionário, preenchido com os dados colhidos nas *homepages* constantes em 190 (cento e noventa) entidades formadoras de psicanalistas no Brasil. As unidades de análises

foram todas as respostas constantes do questionário e as variáveis de análises as instituições brasileiras de treinamento e formação de psicanalistas e seus respectivos programas de formação. Os critérios de inclusão foram as instituições encontradas na *Internet*. Os critérios de exclusão foram àquelas não encontradas ou que não tinham os dados suficientes para o preenchimento completo do questionário.

RESULTADOS: Considerando o objetivo central e específicos propostos, bem como da coleta dos dados oriundos da pesquisa, observam-se que há uma grande diversidade tipológica de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, constante em todas as regiões brasileiras, com enfoques teóricos diversos, programas de formações múltiplos e heterogêneos, qualificações mínimas exigíveis profusas, modalidades de formação presencial e *on-line*, tripé psicanalítico, por vezes, não obrigatório, carga horária, tempo de duração do curso e valores com altos graus de dissonâncias, bem como a não disponibilização das informações inerentes à legislação vigente pelos Ministério da Educação e Ministério do Trabalho brasileiros.

CONCLUSÕES: A formação dos psicanalistas brasileiros deve estar condizente com o momento histórico atual, qual seja, a contemporaneidade. Porém, não se podem deixar de lado as premissas básicas, os conceitos fundamentais e as condições mínimas de formação clínica que norteiam a teoria e a *práxis* psicanalíticas, sob pena de incorrer-se a erros que levem a uma psicanálise *silvestre*, e conseqüente danos à saúde mental dos brasileiros. A história do movimento psicanalítico no mundo, que se reflete no Brasil, generaliza as dificuldades e as resistências à prática da teoria freudiana imersa nas sociedades, inclusive na cultura líquida atual. Há paradoxos entre a transmissão da psicanálise, a formação de psicanalistas e a regulamentação da profissão. E mais especificamente no Brasil, as diversidades dos programas de formações de psicanalistas são tamanhas a ponto de se supor haver uma fragmentação desse saber, distanciando-se cada vez mais dos anais da universidade, instituição máxima, *locus* de produção do saber científico.

PALAVRAS-CHAVES: Psicanálise; Entidades Psicanalíticas no Brasil; Formação de Psicanalista

ABSTRACT

INTRODUCTION: The Psychoanalyst, in Brazil, a continental country, is a professional present in society, duly authorized to exercise his profession by the Ministry of Labor, however, not regulated, in his training, by the Ministry of Education, being, therefore, a professional of multiple faces, immersed in the center and in the center of small and large Brazilian cities, but marginal, as it is on the margins of society, and subsists, in a 'free' way, of formal, duly regulated, authorized educational institutions the transmission of knowledge, theory, science or practice. In this sense, the present study investigated the formation of the psychoanalyst in Brazilian institutions, presenting the most varied consonances and dissonances, in the forms of societies, associations, cartels, schools, colleges, institutes, circles, nuclei, academies, as well as non-governmental organizations. The peculiarities inherent to each region of the country; the types of training programs; theoretical approaches; the minimum qualifications required; types of training; whether or not the so-called psychoanalytic tripod is mandatory: the study of theory, personal analysis and clinical supervision; the workload, the time and value of the training course; the type of certification and, finally, the regulation of the profession; all of these are broad themes of this study. A conceptual theoretical journey was made under a brief presentation of psychoanalysis, its fundamental concepts, its history in Brazil and in the world, the resistance to psychoanalysis, the historical context of the training entities, in Brazil and in the world, the basic premises and conditions minimum requirements for the training of psychoanalysts and the close relationship between psychoanalysis and religion, so prominent in theology courses in Brazil. This research is exempt from authorization by the Research Ethics Committee (CEP), as it does not deal with human beings, but rather with research on websites of Legal Entities, in the public domain.

METHOD: This is a study with a mixed focus, with quantitative and qualitative data. As for the ends, that is, in relation to its objectives, the research was exploratory and descriptive. As for the means, technical procedures to be used, they were field and bibliographic. The research took place from 01/29/2021 to 07/10/2021, and the instrument for data collection was the questionnaire, filled with data collected from the homepages listed in 190 (a hundred ninety) institutions that train psychoanalysts in Brazil. The units of analysis were all the answers contained in the questionnaire and

the variables of analysis were the Brazilian training and education institutions for psychoanalysts and their respective training programs. The inclusion criteria were the institutions found on the Internet. The exclusion criteria were those that were not found or did not have enough data to complete the questionnaire.

RESULTS: Considering the central and specific objectives proposed, as well as the data collection from the research, it is observed that there is a great typological diversity of entities that form psychoanalysts in Brazil, constant in all Brazilian regions, with different theoretical approaches, programs of multiple and heterogeneous training, profuse minimum qualifications required, modalities of face-to-face and online training, psychoanalytic tripod, sometimes not mandatory, workload, duration of the course and values with high degrees of dissonance, as well as not being available information inherent to the legislation in force by the Brazilian Ministry of Education and Ministry of Labor.

CONCLUSIONS: The training of Brazilian psychoanalysts must be consistent with the current historical moment, that is, contemporaneity. However, the basic premises, fundamental concepts and minimum conditions of clinical training that guide psychoanalytic theory and praxis cannot be ignored, under the risk of making mistakes that lead to wild psychoanalysis, as well as possible damage to the mental health of Brazilians. The history of the psychoanalytic movement in the world, which is reflected in Brazil, generalizes the difficulties and resistance to the practice of Freudian theory immersed in societies, including the current liquid culture. There are paradoxes between the transmission of psychoanalysis, the training of psychoanalysts and the regulation of the profession. And more specifically in Brazil, the diversity of the training programs for psychoanalysts is so great that it is assumed that there is a fragmentation of this knowledge, increasingly distancing itself from the annals of the university, the highest institution, locus for the production of scientific knowledge.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Psychoanalytic Entities in Brazil; Psychoanalyst Training

ABSTRACT

INTRODUCCIÓN: El Psicoanalista, en Brasil, país continental, es un profesional presente en la sociedad, debidamente autorizado para el ejercicio de su profesión por el Ministerio de Trabajo, sin embargo, no regulado, en su formación, por el Ministerio de Educación, siendo, por tanto, un profesional de múltiples caras, inmerso en el centro y en el corazón de las pequeñas y grandes ciudades brasileñas, pero marginal, por estar al margen de la sociedad, y subsiste, de manera 'libre', de forma formal, debidamente regulada, autorizada Instituciones educativas la transmisión de conocimientos, teoría, ciencia o práctica. En este sentido, el presente estudio investigó la formación del psicoanalista en las instituciones brasileñas, presentando las más variadas consonancias y disonancias, en las formas de sociedades, asociaciones, cárteles, escuelas, colegios, institutos, círculos, núcleos, academias, así como organizaciones no gubernamentales. Las peculiaridades inherentes a cada región del país; los tipos de programas de formación; enfoques teóricos; las calificaciones mínimas requeridas; tipos de formación; si el llamado trípode psicoanalítico es o no obligatorio: el estudio de la teoría, el análisis personal y la supervisión clínica; la carga de trabajo, el tiempo y el valor del curso de formación; el tipo de certificación y, finalmente, la regulación de la profesión; todos estos son temas generales de este estudio. Se hizo un recorrido teórico conceptual bajo una breve presentación del psicoanálisis, sus conceptos fundamentales, su historia en Brasil y en el mundo, la resistencia al psicoanálisis, el contexto histórico de las entidades formadoras, en Brasil y en el mundo, las premisas básicas y condiciona los requisitos mínimos para la formación de psicoanalistas y la estrecha relación entre psicoanálisis y religión, tan prominente en los cursos de teología en Brasil. Esta investigación está exenta de autorización por parte del Comité de Ética en Investigación (CEP), ya que no se trata de seres humanos, sino de investigaciones en sitios web de Entidades Jurídicas, de dominio público.

MÉTODO: Se trata de un estudio de enfoque mixto, con datos cuantitativos y cualitativos. En cuanto a los fines, es decir, en relación a sus objetivos, la investigación fue exploratoria y descriptiva. En cuanto a los medios, procedimientos técnicos a utilizar, fueron de campo y bibliográficos. La investigación se llevó a cabo del 29/01/2021 al 10/07/2021, y el instrumento de recolección de datos fue el cuestionario, lleno de datos recolectados de las páginas de inicio enumeradas en 190 (ciento

noventa) entidades que capacitan psicoanalistas en Brasil. Las unidades de análisis fueron todas las respuestas contenidas en el cuestionario y las variables de análisis fueron las instituciones brasileñas de formación y educación para psicoanalistas y sus respectivos programas de formación. Los criterios de inclusión fueron las instituciones encontradas en Internet. Los criterios de exclusión fueron aquellos que no se encontraron o no tenían datos suficientes para completar el cuestionario.

RESULTADOS: Considerando los objetivos centrales y específicos propuestos, así como la recolección de datos de la investigación, se observa que existe una gran diversidad tipológica de entidades que forman psicoanalistas en Brasil, constante en todas las regiones brasileñas, con diferentes enfoques teóricos, programas de formación múltiple y heterogénea, profusa titulación mínima requerida, modalidades de formación presencial y online, trípode psicoanalítico, en ocasiones no obligatorio, carga de trabajo, duración del curso y valores con altos grados de disonancia, además de no ser información disponible inherente a la legislación vigente por el Ministerio de Educación y el Ministerio de Trabajo de Brasil.

CONCLUSIONES: La formación de los psicoanalistas brasileños debe ser coherente con el momento histórico actual, es decir, la contemporaneidad. Sin embargo, las premisas básicas, conceptos fundamentales y condiciones mínimas de formación clínica que orientan la teoría y la praxis psicoanalítica no pueden ser ignoradas, bajo el riesgo de cometer errores que conduzcan al psicoanálisis salvaje, así como a posibles daños a la salud mental de los brasileños. La historia del movimiento psicoanalítico en el mundo, que se refleja en Brasil, generaliza las dificultades y resistencias a la práctica de la teoría freudiana inmersa en las sociedades, incluida la cultura líquida actual. Existen paradojas entre la transmisión del psicoanálisis, la formación de psicoanalistas y la regulación de la profesión. Y más específicamente en Brasil, la diversidad de los programas de formación para psicoanalistas es tan grande que se asume que existe una fragmentación de este conocimiento, distanciándose cada vez más de los anales de la universidad, la máxima institución, locus de producción del conocimiento científico.

PALABRAS CLAVE: Psicoanálisis; Entidades Psicoanalíticas en Brasil; Formación psicoanalista

SUMÁRIO

1.	Introdução	16
2.	Problematização	20
3.	Objetivos	23
3.1.	Objetivo Geral	23
3.2.	Objetivos Específicos	24
4.	Justificativa	24
5.	Estado da Arte	26
5.1	Apresentação dos Trabalhos	27
5.2	Análise Crítica e Contribuições da Pesquisa	36
6.	Marco Conceitual	41
6.1.	Marco Epistemológico	41
6.1.1.	Questões epistemológicas em psicanálise	41
6.1.2.	A psicanálise é uma ciência ou uma ‘pseudociência’?	50
6.1.3.	A multiplicidade de técnicas para tornar a Psicanálise uma ciência empírica	55
6.2.	Marco Teórico	60
6.2.1.	A Instituição e a Entidade psicanalítica	63
6.2.2.	História da Psicanálise	64
6.2.3.	Ensino, Educação e Formação e suas articulações com a Psicanálise	80
6.2.4.	A Formação do Psicanalista: premissas básicas e condições mínimas	86
6.2.5.	A formação em Psicologia: exigência velada ao Psicanalista	93
6.2.6.	O Conceito de Psicanálise e suas “Pedras Angulares”	97

6.2.6.1.	O Sujeito do <i>Inconsciente</i> e a formação do psicanalista: inter-relações ...	101
6.2.7.	As Resistências à Psicanálise: Catexia Libidinal Inconsciente, dificultador ‘ <i>princeps</i> ’ da expansão da Psicanálise como ciência	105
6.2.8.	“ <i>La psychanalyse, son image et son public</i> ”: Tese de Doutorado de Serge Moscovici como possibilidade de corolário para esta Tese	115
6.2.8.1.	Representação e Responsabilidade Social da Psicanálise	117
6.2.9.	Semelhanças e dissonâncias entre Religião, Teologia e Psicanálise	127
6.2.10.	Há “ <i>Estilo Comunicacional</i> ”, “ <i>Tipo de Papel</i> ”, “ <i>Tipo de Líder</i> ” e “ <i>Traço de Caráter</i> ” peculiares ao psicanalista?	131
6.2.10.1	Os <i>Estilos Comunicacionais</i> , segundo David Liberman e David Maldavsky	136
6.2.10.2	O Processo Grupal e a Teoria do Vínculo: Tipos de <i>Papéis</i> e <i>Lideranças</i> , segundo Enrique Picho-Rivière	139
6.2.10.3	Os <i>Tipos de Caráter</i> em Freud e suas articulações com os <i>Estilos Comunicacionais</i> em Zimerman e Maldavsky, e os <i>Tipos de Papéis</i> e <i>Lideranças</i> em Rivière	142
6.2.11.	O profissional Psicanalista no Brasil: Aspectos legais	149
6.2.12.	A ascendência do ensino da psicanálise nos cursos de graduação no Brasil	154
6.3.	Marco Substantivo	160
7.	Aspectos Metodológicos	161
7.1.	Metodologia da Pesquisa	161
7.2.	Tipo de Desenho	162
7.3.	Unidades de Análises	162
7.4.	Variáveis	163
7.5.	Amostra	163
7.5.1.	Critérios de inclusão.....	163
7.5.2.	Critérios de exclusão.....	164
7.6.	Técnicas de Coletas de Dados e Instrumentos	165
7.7.	Procedimentos	165

8.	Análises dos Resultados	166
8.1.	Quanto ao tipo de Entidade	167
8.2.	Quanto a predominância da Unidade Federativa	169
8.3.	Quanto a predominância da abrangência regional	172
8.4.	Quanto ao enfoque teórico	174
8.5.	Quanto a qualificação mínima exigida	176
8.6.	Quanto à tipologia do curso	178
8.7.	Quanto a exigência ou não de “Análise Pessoal”	180
8.8.	Quanto a exigência ou não de “Pacientes Pilotos”	182
8.9.	Quanto a exigência ou não “Supervisão Clínica”	184
8.10.	Quanto a carga horária correspondente ao curso	186
8.11.	Quanto ao tempo de duração do curso	189
8.12.	Quanto a emissão ou não de identidade profissional	192
8.13.	Quanto ao tipo de certificação da formação	194
8.14.	Quanto às custas inerentes ao curso de formação	196
8.15.	Quanto a menção da Legislação da profissão pelo Ministério do Trabalho (MPT) – Portaria nº 397/2002, CBO nº 2515.50	199
8.16.	Quanto a menção do “não reconhecimento” do curso por parte do Ministério da Educação (MEC)	201
9.	Discussões dos resultados	204
10.	Conclusões	208
10.1	Questões pendentes para futuras investigações	217
11.	Bibliografia	219
12.	ANEXO I	228
13.	ANEXO II	242

LISTA DE NOMENCLATURAS

ADL	Algoritmo David Liberman
AID	Análise Institucional do Discurso
AMP	Associação Mundial de Psicanálise
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFM	Conselho Federal de Medicina
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNE	Conselho Nacional de Educação
EBP	Escola Brasileira de Psicanálise
ECF	École de la Cause freudienne
EFP	Euro Federação de Psicanálise
ELP	Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano
EOL	Escuela de la Orientación Lacaniana
FAPOL	Federação Americana de Psicanálise da Orientação Lacaniana
FEBRAPSI	Federação Brasileira de Psicanálise
IPA	International Psychoanalytic Association
MEC	Ministério da Educação do Brasil
MTB	Ministério do Trabalho do Brasil
NEL	Nueva Escuela Lacaniana
NLS	New Lacanian School
PNE	Política Nacional de Educação
RSL	Revisão Sistemática de Literatura
SBP	Sociedade Brasileira de Psicanálise
SLP	Scuola Lacaniana di Psicoanalisi del Campo Freudiano
UF	Unidade Federativa
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

1. Introdução

Fazendo uso das palavras de **Elisabeth Roudinesco**, ao dizer que “se a psicanálise realmente se formou numa ruptura com os saberes oficiais, ... de fenômenos outrora marginalizados” (Roudinesco, 2000, p. 125), conduz-nos a inferir que essa realidade está presente desde sua criação, até os dias de hoje e, possivelmente, caso não ocorra nenhum fenômeno de natureza social e, portanto, sintomática, que a faça emergir das cinzas, como uma *fênix*, sua proposta perpetuará por mais algum tempo, até que a “pulsão de morte” a sobreponha, na medida em que o saber psicanalítico não deixa de ser algo encarnado no homem.

Nada mais atual, nas elucubrações de **Christian Dunker** (2019), o mal-estar se perpetua, sob a forma de sofrimento, de insatisfação e de incompletude; e a psicanálise, à margem da ciência, imersa na sociedade, sobrevive, como num sobrevoo dos urubus, cujo objetivo é se alimentar dos restos, entretanto, como bem o diz Mário Quintana, “a esperança é um urubu pintado de verde” (Quintana, 2013, p. 565). Que se possa mudar o destino da psicanálise, e que se possa reconhecê-la, de fato e de direito, como uma ciência respeitada.

A formação dos profissionais psicanalistas no Brasil, se apresenta de forma fragmentada e, por conseguinte, fragilizada. Os conhecimentos adquiridos e evoluídos ao longo dos anos, desde o marco inicial da psicanálise, em 1900, até os dias de hoje, têm progredido sensivelmente, todavia, desagregados e sem objetivos definidos. “Salvo em tempos de crise institucional, a psicanálise como método clínico e ciência da linguagem habitada pelo sujeito não costuma se preocupar com sua própria formação”. (Dunker, 2019, p. 109).

Exemplos dessa despreocupação na formação dos psicanalistas brasileiros, apresentam-se aos montes, nas adversidades das instituições formadoras de psicanalistas, com regras próprias, baseadas em “éticas” distintas e até mesmo, por vezes, antagônicas. As disparidades são tamanhas, desde cursos de formação gratuitos até cursos de formação absurdamente caros, de altos custos; formação totalmente *on-line* sem a necessidade de pacientes pilotos (com supervisão), sem supervisão clínica e sem análise pessoal; todos sem a autorização do Ministério da Educação e amparados, tão somente, pelo Ministério do Trabalho.

O criador da psicanálise manifesta, de forma clara e objetiva, as premissas básicas e as qualificações fundamentais para a boa formação de psicanalistas. Ele afirma:

Mas qualquer um que tenha sido analisado, que tenha dominado o que pode ser ensinado em nossos dias sobre a **psicologia do inconsciente**, que esteja familiarizado com a **ciência da vida sexual**, que tenha aprendido a delicada técnica da psicanálise, a arte da interpretação, de combater resistências e de lidar com a transferência — qualquer um que tenha realizado tudo isso não é mais um leigo no campo da psicanálise. (*Grifos nossos*) (Freud, 1926, p.220).

As hipóteses e constatações apresentadas nesta introdução se fazem presentes ao longo desta tese, e, no Brasil, supostamente, colocam em xeque o legado proposto por Freud, na medida em que se o pai da Psicanálise tivesse imaginado que sua ciência chegaria ao ponto de ser quebrada em pedaços tão infinitesimais, e vê-la desaparecer lentamente diante de seus olhos, ele, certamente, **ratificaria** suas palavras ao dizer que “A inclusão da psicanálise no currículo universitário seria sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista” (Freud, 1919 [1918], p.187), e as **retificaria**, ao afirmar “... é claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo” (Freud, 1919 [1918], p.187).

O Psicanalista brasileiro, é o profissional das múltiplas formações, pela diversidade de instituições, entidades, sociedades, cartéis, faculdades, associações, escolas, algumas, inclusive, com vieses religiosos, regras e normas internas próprias, mas que, por mais contraditório que seja, estão “amparadas” pelo Ministério do Trabalho (MT), que considera a psicanálise uma “profissão livre”, não regulamentada, e, paradoxalmente, reconhecida pela **Classificação Brasileira de Ocupações** (CBO), instituída pela Portaria Ministerial nº. 397, datada de 9 de outubro de 2002, sendo o psicólogo e o psicanalista identificados com o mesmo código profissional, o de n.º 2515, especificando o Psicanalista com o subcódigo 50, ou seja, 2515-50, e tanto para o profissional psicólogo como para o psicanalista é usada a mesma Descrição Sumária constante do CBO (Fonte: MINISTÉRIO DO TRABALHO, Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, documento eletrônico).

Por outro lado, as ciências ditas “reconhecidas” pela comunidade científica, como a sociologia, a filosofia, a física quântica, a neurociência, a psiquiatria, as psicologias, as terapias ocupacionais, a teologia, a arte, a música, etc... Muitos destes saberes fazem uso da teoria psicanalítica em sua grade curricular.

Até os dias hoje, à nível mundial, não se pensou na criação de cursos em nível superior de graduação em psicanálise, com o objetivo de formar profissionais qualificados para a transmissão do saber psicanálise, na esfera das universidades e faculdades, instituições de ensino superior, com características pluridisciplinar, locais adequados para a formação de profissionais de nível superior, de investigação e extensão, para o domínio do saber humano.

Contudo, fazem-se necessários estudos contumazes com o objetivo da constatação ou não de que a comunidade científica acadêmica, no Brasil, e talvez no mundo, se coadune ou não com esta ideia, pelo simples fato de haver uma resistência à própria teoria psicanalítica, fato este muito bem colocado e antevisto pelo criador da teoria, Sigmund Freud, e de alguns dos seus seguidores. Tal resistência à psicanálise dificulta seu estatuto enquanto ciência com resultados comprovados e expressivos para a sociedade, bem como a impossibilidade da transmissão desse saber com a qualidade contumaz, de forma a ajudar as pessoas, sobretudo os pacientes e os estudantes que anseiam aprender, que dela se beneficiam.

Não se encontram resistências tão obstinadas com as ciências reconhecidas no âmbito das universidades, bem como, as entidades cujo objetivo são os estudos ligados ao misticismo, incluindo-se, as religiões, que, por vezes, fazem uso dos conhecimentos e das técnicas terapêuticas da psicanálise, e, em algumas ocasiões, trazem consequências desastrosas, quais sejam: a banalização da teoria, os tratamentos sem resultados esperados e o descrédito da psicanálise enquanto ciência capaz de satisfazer às demandas da sociedade.

No que diz respeito à experiência clínica, é fundamental e condição *sine qua non* se preceder da própria experiência na qualidade de analisando, assim como da vivência do sujeito enquanto analista, somadas à supervisão clínica, orientação, grupos de estudos e conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

O profissional habilitado para a transmissão dos conhecimentos e métodos de investigações propostos pela teoria, quando não devidamente qualificado, transforma a psicanálise numa ciência dita “*silvestre*”, ou seja, uma teoria científica cujo profissional a “... apreendeu mal, e assim mostrou quão pouco ele havia penetrado na

compreensão da natureza e finalidade dela. ” (Freud, 1910, p. 234), ficando esta, fadada a sua própria extinção.

Diante do exposto, e no contexto atual, para muitos, a psicanálise é uma ciência obscura, pois a multiplicidade de formatação dos cursos de formação psicanalítica no Brasil, fazem com que a população não tenha a oportunidade de conhecer este saber adequadamente, por via de profissionais capacitados para fazê-lo, e a Universidade é a principal instituição educadora, que, por sua vez, fundamenta-se em incentivar a busca de novos conhecimentos a partir da releitura dos autores e cientistas de outrora.

Ademais, não há um modelo específico concernente aos parâmetros curriculares que possibilitem a criação de curso de formação de psicanalistas seguindo aos pilares fundamentais da teoria, ocasionando uma dispersão dos saberes, das práticas e da clínica.

Para o atingimento dos objetivos, central e específicos, desta pesquisa, além dos dados coletados, cuja análise foi produzida de forma quantitativa e qualitativa, foram realizados estudos em diversos escritos de consagrados autores, desde **Sigismund Schlomo Freud**, pai da psicanálise, até renomados autores, clássicos e contemporâneos, como por exemplo, **Alfred Adler**, **Christian Dunker**, **David Liberman**, **David Maldavsky**, **Donald Woods Winnicott**, **Elisabeth Roudinesco**, **Enrique Pichon-Rivière**, **Françoise Dolto**, **J.-D. Nasio**, **Jacques Marie Émile Lacan**, **Karl Abraham**, **Marco Antônio Coutinho Jorge**, **Maud Mannoni**, **Melanie Klein**, **Michel Foucault**, **Otto Fenichel**, **Ralph R. Greenson**, **Roger Bastite**, **Serge Moscovici**, **Silvia Ons**, **Simone de Beauvoir**, **Wilfred R. Bion**, dentre outros.

2. Problematização

Sigismund Schlomo Freud (1919 [1918]), ao discorrer sobre a formação dos psicanalistas no futuro, afirmou que “A inclusão da psicanálise no currículo universitário seria sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista” (Freud, 1918, p.187). Todavia, paradoxalmente, no mesmo texto, com reservas, diz ainda ser “claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo” (Ibid., p.187).

Esta ambiguidade de ideias proporcionou, ao longo dos anos, uma extensa discussão acerca da transmissão e da formação dos psicanalistas no mundo.

O psicanalista, quando não devidamente qualificado, transforma a psicanálise numa ciência “*silvestre*”, ou seja, uma teoria científica cujo profissional a “... apreendeu mal, e assim mostrou quão pouco ele havia penetrado na compreensão da natureza e finalidade dela” (Freud, 1910, p. 234), ficando esta, fadada a sua própria extinção.

No Brasil, além da multiplicidade de entidades formadores, há vários cursos com este viés de qualificação na modalidade 100% (cem por cento) de ensino à distância, cujos profissionais atuam no mercado, ilustrando distorção na formação do profissional psicanalista, bem como a ausência do rigor que se faz necessário, norteado pelo tripé de formação do psicanalista, postulado por Freud (op.cit.), que são, a *análise pessoal* do aspirante à psicanalista, a *supervisão clínica* e os *estudos teóricos*.

Um componente dificultador, remete a ideia de que o Inconsciente, objeto de estudo da psicanálise, é, por vezes, um para além do saber convencional, que, obviamente, supervaloriza a consciência, a linguagem lógica e a busca da verdade, premissas básicas do ensino universitário, restando, pois, ao saber psicanalítico ver-se na contramão das ciências positivistas. Neste sentido, **Ana Suy Sesarino Kuss** (2015) afirma:

Temos presente que o saber psicanalítico não aponta para uma verdade última, mas nos permite fazer algumas construções. Em um ambiente universitário, parte-se do pressuposto de que ao fazermos uma pergunta, encontraremos uma resposta, o que de forma alguma é o que

se pretende ao fazer uma pesquisa em psicanálise, sob o risco de que a psicanálise se desconstrua nessa obturação de sentido. (Kuss, 2015, p. 21).

Assim sendo, a formação dos profissionais psicanalistas no Brasil, dá-se de forma marginal, no entorno da camada social, e, por conseguinte, fragmentada. **Serge Moscovici** (2012), ao apresentar pesquisa acerca da representação social da psicanálise, afirma que o saber psicanalítico "... se conduz por canais fluidos e marginais da vida social, dessa forma contornando normas e rigorismos habituais" (Moscovici, 2012, p. 91).

No contexto atual, para muitos, a psicanálise é uma ciência obscura, e a multiplicidade de formatação dos cursos contribuem sobremaneira para este fenômeno, inclusive, estimulando para que a população mundial economicamente menos favorecida não tenha a oportunidade de conhecer a psicanálise, principalmente pelo fato de não haver cursos de formação no âmbito das universidades. A classe mais favorecida da sociedade anseia por manter a psicanálise à sombra dos problemas sociais, e os conhecimentos adquiridos e evoluídos ao longo dos anos, desde o marco inicial da psicanálise, em 1900, até os dias de hoje, têm progredido sensivelmente, todavia, desagregados e sem objetivos definidos, portanto, restringindo a inclusão de novos adeptos ao conhecimento, prejudicando a difusão e a disseminação da psicanálise. **Moscovici** (op.cit.), coaduna-se com esta ideia, ao dizer que "os que pertencem à categoria "média" são claramente mais favoráveis à vulgarização da psicanálise que os de situação econômica mais abastarda (p. 93).

Não há um modelo específico concernente aos parâmetros curriculares que possibilitem a criação de curso de formação de psicanalistas seguindo aos pilares fundamentais da teoria, ocasionando uma dispersão dos saberes, das práticas e da clínica.

Neste contexto, e diante do exposto, este trabalho acadêmico, com direção oblíqua, buscou viabilizar respostas a vários questionamentos, dos tipos:

- Como se dá a formação dos profissionais psicanalistas no Brasil?
- Quais os tipos de instituições atuantes no Brasil que têm por objetivo formar psicanalistas para atuação no mercado de trabalho?
- Há um perfil de caráter específico para ser um bom psicanalista?

- Quais as premissas básicas mínimas para formação dos psicanalistas?
- Quais as semelhanças e as dissonâncias existentes entre os Planos de Formação de Psicanalistas nessas entidades e instituições?
- A religião e a teologia estão atreladas à formação dos psicanalistas no Brasil? Caso sim, por qual motivo?
- Há uma região do país prevalecte na formação?
- A formação do psicanalista no Brasil prioriza a formação teórica ou clínica?
- Além de Sigmund Freud, quais os teóricos mais abordados nas instituições de formação no Brasil?
- Qual a qualificação mínima exigida para a formação em psicanálise?
- Os cursos se dão de forma *presencial* ou *à distância*?
- São exigidas análise pessoal, pacientes pilotos e supervisão clínica?
- Qual a carga horária e o tempo de duração média dos cursos?
- Há certificação formal de conclusão?
- Qual o valor médio do curso de formação em psicanálise no Brasil?
- O “não” reconhecimento pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC) é mencionado nas plataformas de *internet* e *homepages* dos cursos?
- A Portaria nº 397/2002, Classificação Brasileira de Ocupação CBO nº 2515.50, do Ministério do Trabalho do Brasil (MT) é mencionada?

Todos os questionamentos acima podem ser condensados em um só, qual seja:

Como se dá a formação dos psicanalistas nas entidades e instituições do Brasil?

3. Objetivos

Diante da problemática apresentada *ex post facto* acima, nesta tese de doutorado, propomos lograr uma série de resultados sob vários pontos de vista, perspectivas e formas de avaliações de resultados obtidos, e, com isso, determinar o que a pesquisa pretende, que é, antes de tudo, contribuir para resolver o problema central (Sampieri, Collado, & Lucio, 2013; p.61).

Para tanto, a tese abordará variados temas que se entrelaçam e abordam a temática da formação de psicanalistas, quais sejam: os modelos de instituições e entidades psicanalíticas, no Brasil e no mundo; a história da psicanálise no Brasil e no mundo; os conceitos de ensino, educação e formação, em relação à transmissão da psicanálise; as premissas básicas e as condições mínimas para a boa formação de psicanalistas; a importância da psicologia para os profissionais psicanalistas no Brasil; as pedras angulares da psicanálise; as inter-relações entre o sujeito do inconsciente e a formação do psicanalista; a importância da resistência inconsciente como um dos dificultadores para expansão da psicanálise como possível ciência; a tese de doutorado de Serge Moscovici como uma possibilidade de corolário para esta tese; a representação e a responsabilidade social da psicanálise no Brasil; os motivos pelos quais, por vezes, alguns cursos de formação de psicanalista são associados à religião e à teologia; as possibilidades de haverem *estilo comunicacional, tipo de papel, tipo de líder* ou *traço de caráter* peculiares ao psicanalista; os aspectos legais da formação dos psicanalistas no Brasil, bem como, a ascendência do ensino da psicanálise nos cursos de graduação no Brasil.

3.1. Objetivo Geral

Analisar como se dá a formação de psicanalistas nas entidades e instituições brasileiras.

3.2. Objetivos Específicos

- Identificar e analisar as premissas básicas para a formação de psicanalistas;
- Analisar as normas legais brasileiras para formação de psicanalistas;
- Identificar as entidades formadoras de psicanalistas no Brasil;
- Identificar e analisar os programas de treinamento de psicanalistas das instituições que compõem a amostra;
- Descrever as possíveis inter-relações entre o sujeito do *Inconsciente* e a formação do psicanalista;
- Identificar as resistências *Inconscientes* que dificultem a transmissão e a formação do psicanalista;
- Analisar as semelhanças e dissonâncias existentes nos planos de formação das entidades brasileiras formadoras de psicanalistas, componentes da amostra.
- Descrever as características das instituições formadoras de psicanalistas no Brasil.

4. Justificativa

A relevância teórica do tema se dá pelo fato de, ainda, não haver estudos específicos ou trabalhos acadêmicos de natureza científica, que revele a configuração de como se dá a formação dos profissionais psicanalistas no Brasil, bem como quais os tipos de instituições envolvidas para este fim e, conseqüente, atuação desses profissionais no mercado de trabalho.

As possíveis Implicações práticas do presente estudo, com relação as demais profissões vinculadas ao campo “psi”, como a psicologia, por exemplo, amplia o horizonte de conhecimento, sobretudo no que diz respeito ao fato da pesquisa trazer um retrato da demanda e do atendimento psicológico no Brasil, em suas respectivas regiões, sob a égide da psicanálise, que dá relevância aos processos mentais advindos do inconsciente, enquanto instância *mater*, que produz um saber clínico,

onde os pacientes buscam como solução de seus problemas existenciais, colocando a consciência, objeto de estudo específico das psicologias, num patamar subordinado.

Neste sentido, os resultados obtidos na presente pesquisa são fundamentais para que as demais ciências, que estudam a *psique* humana, possam tirar proveito nas tomadas de decisões, inclusive, em possíveis atualizações de seus planos de ensinamentos, programas de formações, atuação no mercado de trabalho de seus alunos, futuros profissionais, bem como a forma de como incluirão o tema psicanálise em seus programas curriculares.

A pesquisa se justifica, também, em sua relevância social, pois engloba uma profissão que ainda não foi totalmente regulamentada no Brasil, entretanto, traz uma importância para as demais ciências, na medida em que, consta no currículo dos mais variados cursos de graduação no Brasil, onde podemos citar: psicologia, direito, sociologia, medicina, filosofia, antropologia, serviço social, história, arte, dentre outros.

Além disso, a sociedade se beneficia pelo fato da profissão de psicanalista ser fundamental, que tem como foco a busca da melhoria da qualidade de vida das pessoas que sofrem mentalmente. A psicanálise, também, pode ser educativa, na medida em que, o analista "... ajudará o paciente a reconhecer seus próprios crimes, introduzindo aí a grande atenuante de que eles eram inconscientes, e que se justificam pela economia do desejo". (Netto, 2020, p. 246).

As possíveis dissonâncias ou semelhanças existentes entre as entidades e instituições formadoras de psicanalistas no Brasil, podem ser elementos de análise que, certamente, de maneira substancial, cujos resultados foram obtidos nesta pesquisa, podem estar afetando a qualidade de vida das pessoas de forma negativa, ou não, pela ligação direta com a saúde mental dos brasileiros. Ademais, lidar com questões inerentes à saúde, sobretudo a mental, devem ser tratadas com muito cuidado e critério, na medida em que o paciente se apresenta fragilizado, em um momento difícil de sua vida, pedindo socorro aos terapeutas, psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, dentre outros profissionais que trabalham com o sofrimento psíquico. A responsabilidade desses profissionais é muito grande e, obviamente, essa responsabilidade se estende às instituições de ensino que os preparam para a vida profissional, sendo a qualidade do ensino essencial, e condição "*sine qua non*", para

que os mesmos se insiram no mercado de trabalho e que, efetivamente, tenham a capacidade necessária para ajudar as pessoas na superação de seu sofrimento interno. Um estudo acerca do ensino da teoria e da formação em psicanálise, nos diversos tipos de entidades psicanalíticas no Brasil, conduz-nos ao grau de aptidão e condição profissional dos psicanalistas brasileiros, que atuam, sobretudo, na clínica.

No que concerne, especificamente, a metodologia, a contribuição da pesquisa consta objetiva, simples e evidente, com coleta de dados que podem ser facilmente constatadas por pesquisas na plataforma *google*, porém, ainda não havia nenhum trabalho científico realizado no Brasil com este viés, e acredita-se que também não há e não houve no globo, a exceção da pesquisa de Serge Moscovici, que em 1961 realizou trabalho acadêmico de tese de doutorado intitulado “A psicanálise, sua imagem e seu público”, que tinha como objetivo central “descrever como a psicanálise se inseriu na sociedade francesa” (Moscovici, 2012, p. 36), limitando-se a um retrato das entidades formadoras de psicanalíticas na cidade da França, trabalho do qual discorreremos como um dos capítulos desta tese.

Por fim, há que ressaltarmos a justificativa desta pesquisa, de forma que tenha o devido caráter de vislumbamento de factíveis suposições especulativas, ou não, de que o profissional psicanalista, no Brasil, por conta das possíveis dissonâncias existentes na diversidade de instituições e entidades, que formam tais profissionais, não recaiam em um descrédito de razoável má formação acadêmica, e no conseqüente despreparo para a atuação no mercado de trabalho.

5. Estado da Arte

Na literatura recente, não há trabalhos científicos que tratam especificamente de levantamento ou análise das entidades e instituições de formação de psicanalistas no Brasil. Isto garante certa autenticidade na presente pesquisa.

Há vasta quantidade de estudos ligados à questão da transmissão da psicanálise, bem como da preocupação com a qualidade da formação dos psicanalistas e dos profissionais “psi”, no Brasil e no mundo, sobretudo no âmbito das universidades. Destacam-se a seguir.

5.1 Apresentação dos Trabalhos

Falcão (2015). Os (des) encontros entre a psicanálise e a formação de professores: um estudo das produções científicas no Brasil. Universidade de Fortaleza, Plataforma Sucupira, Brasil.

O objetivo do estudo foi de avaliar as formas de como as discussões entre a Psicanálise e a Educação têm se efetivado nos espaços científicos no Brasil, a investigação das interfaces entre Psicanálise e Educação na formação de professores. A abordagem quantitativa e qualitativa, sendo adotada a Revisão Sistemática de Literatura (RSL) como método de pesquisa.

As amostras foram reunidas e avaliadas em 41 (quarenta e uma) produções científicas, composta por artigos, dissertações e teses, produzidas nos cursos de pós-graduações *stricto sensu* de Psicologia e Educação das universidades brasileiras. O tratamento dos dados foi analisado por meio de utilização de tabelas sob apreciação quantitativa, tomado como referências duas categorias temáticas: A Psicanálise e seu Ensino na Formação de Professores; e, A Transmissão da Psicanálise na Formação de Professores; com o intuito de verificação das aproximações entre os estudos apresentados e suas especificidades na tentativa de compreender como a Psicanálise se relaciona e/ou se aplica ao campo da formação docente. Os trabalhos analisados têm a abordagem psicanalítica como uma importante ferramenta de compreensão do “ser-fazer” professor.

O Resultado da pesquisa indica que a formação de professores é pautada numa matriz curricular tecnicista, onde a aprendizagem é um processo puramente consciente, mas que a psicanálise deve contribuir, na medida em que os saberes docentes perpassam por instâncias conscientes e inconscientes.

Viaro, Guirado & Albanese (2016). Subjetivação na Formação em Psicanálise: uma análise institucional de discurso. Fractal: Revista de Psicologia, Volume 28, nº 2, p. 275-284. Rio de Janeiro mai. /ago.

O objetivo da pesquisa foi de analisar os efeitos subjetivos experienciados pelo psicanalista no processo de formação em psicanálise, visando investigar possíveis modos de subjetivação nos discursos sobre este processo. A abordagem utilizada foi de natureza quantitativa e qualitativa.

A perspectiva teórico-metodológica adotada a *Análise Institucional do Discurso (AID)*. Foram obtidos como amostras, entrevistas transcritas de 6 (seis) psicanalistas; sendo, 3 (três) lacanianos e 3 (três) vinculados à *Associação Internacional de Psicanálise - IPA*.

Com relação aos procedimentos analítico-metodológicos, a amostra do estudo foi definida pela seleção tipo “bola de neve”, ou seja, quando um entrevistado indica outro, a assim sucessivamente.

Os resultados obtidos na pesquisa indicam uma disparidade nas formações entre os psicanalistas formados pela IPA e os psicanalistas formados na perspectiva lacaniana. Enquanto os primeiros se constata um discurso objetivador, numa espécie de ordenamento, modelagem e padrão instituído pelo IPA; os lacanianos, por suas vezes, seguem em contraposição aos modelos da IPA, bem como aos discursos filosóficos, psicológicos. A pesquisa encontra um ponto de convergência entre os entrevistados de ambos os grupos: a *análise pessoal*, como dispositivo central na produção do psicanalista.

Sigal, Conte & Assad (org.) (2019). *Ofício do Psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise*. São Paulo: Escuta.

O objetivo deste trabalho acadêmico emerge da articulação de um movimento das entidades psicanalíticas brasileiras, que lutam contra a regulamentação da psicanálise no Brasil, desde o ano de 2000. A abordagem utilizada foi de natureza quantitativa e qualitativa.

Foram apresentados e analisados um total de 14 (quatorze) Artigos e trabalhos acadêmicos apresentados em Congressos, dos mais variados tipos de instituições e entidades formadoras de psicanalista do Brasil. Além desses trabalhos, foi apresentado um Manifesto de 67 (sessenta e sete) Entidades Brasileiras de Psicanálise, apoiados por 10 (dez) entidades brasileiras vinculadas ao campo “psi”, dentre elas os Conselhos Federal de Psicologia e Medicina, e Associação Brasileira de **Psiquiatria**; bem como, diversos documentos formais encaminhados a personalidades governamentais, inclusive uma Carta à Presidenta da República, a então excelentíssima presidenta **Dilma Rousef**, com o objetivo de formalizar o pedido de “não regulamentação” da profissão de psicanalista no país.

O tratamento dos dados foi realizado por meio da análise dos trabalhos acadêmicos apresentados com o intuito de verificar o posicionamento de cada entidade quanto a aceitação ou não da regulamentação da profissão, com a anuência ou não da criação de órgão regulamentador que norteasse as premissas básicas da formação de analistas. Inclusive, a pesquisa contou com o apoio do Conselho Federal de Psicologia – **CFP**. Constatou-se que a grande maioria dos trabalhos apresentados

são totalmente contra a regulamentação da profissão, e argumentaram que as Universidades “não dispõem de instrumentos satisfatórios para levar a cabo a tarefa de formar psicanalistas”.

Antonio (2015). *A ética do desejo: estudo etnográfico da formação de psicanalistas em escolas lacanianas de psicanálise. Teses de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar.*

O objetivo geral do trabalho foi apresentar a relação entre a construção da pessoa e produção de saber operada na e pela psicanálise com viés laciana, por meio da descrição etnográfica do processo de formação de psicanalistas. Para tanto, foi utilizada a metodologia de natureza qualitativa, como tipo de pesquisa de campo.

O trabalho de campo foi realizado em escolas psicanalíticas lacanianas, localizadas nas metrópoles de São Paulo, no Brasil, e Buenos Aires, na Argentina, de forma que foi possível a observação no convívio com os membros das instituições, bem como, com os alunos aspirantes à psicanalistas.

As categorias de análises foram as seguintes: “sujeito desejante”, “causa analítica”, “ética do desejo” e “política da psicanálise”, com vistas a acessar as relações e os sentidos articulados pelos lacanianos de Escola à experiência profissional, à prática clínica e ao estatuto da psicanálise no campo da saúde mental.

Observou-se que as instituições lacanianas se organizam hierarquicamente, pautadas na classificação diferencial dos membros, de acordo com a distribuição do título de psicanalista entre estes e que a descoberta da vocação profissional se dá com a submissão à experiência analítica, assim como, a psicanálise mescla ciência, crença, filosofia, e a produção de conhecimento pauta-se em dicotomias como natureza e cultura, corpo e alma, objetivo e subjetivo.

Fernandes (2017). *O ensino e a transmissão da psicanálise. Stylus Revista de Psicanálise Rio de Janeiro. Nº 34, p.93-102, agosto/2017.*

O objetivo do artigo foi ilustrar a temática do ensino e da transmissão da psicanálise que fizeram parte dos discursos de Freud e Lacan ao longo de suas vidas e de suas produções teórico-clínicas, partindo da visita de Freud à Clark University e de suas impressões pelo tipo de interesse dos americanos na teoria psicanalítica. A preocupação principal da autora foi de como seria possível transmitir o que há de real

na experiência psicanalítica. Ao parafrasear Lacan, ela destaca que “ao se oferecer ao ensino, o discurso psicanalítico leva o psicanalista à posição do psicanalizante, isto é, a não produzir nada que possa dominar, malgrado a aparência, a não ser a título de sintoma” (Lacan, 1970/2003, p. 310).

Quanto à metodologia adotada foi de natureza qualitativa, exploratória e bibliográfica. As palavras chaves foram psicanálise, ensino, transmissão, saber e real. Por fim, a autora conclui inferindo a posição do analista sob a ótica dos quatro discursos postulados por Jacques Lacan, tendo como o conceito de “objeto a” a posição do analista, consonante à posição do discurso histórico.

Borja (2017). Sede Psicanálise: micro e macropolítica de formação. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador.

Trata-se de um estudo de caso, com observação participante e entrevistas abertas, sobre a formação dos psicanalistas vinculados a uma instituição denominada Sede Psicanálise, de viés lacaniana, localizada na cidade de Salvador, no estado da Bahia, Brasil. A metodologia de abordagem qualitativa da análise de dados suscitou uma interpretação teórica a partir dos conceitos de micro e macropolítica dos filósofos Deleuze e Guattari, da noção de espaço da geógrafa Massey e da noção de ambiente do antropólogo Ingold.

Os resultados históricos elencados mostraram que na ditadura militar, na cidade de Salvador, a presença de um eminente psicanalista argentino chamado Emílio Rodrigué, com desenvoltura internacional, e rompido com a Associação Internacional de Psicanálise (IPA), aglutinou jovens em busca de experiências que produzissem modos de subjetivação alternativos. As convivências de Rodrigué com a juventude baiana fecundou no destino atual da psicanálise daquela localidade, que reverbera até os dias de hoje. Por fim, revelou-se que o movimento de institucionalização da Sede foi produzido por uma micropolítica que minimizou os efeitos da segmentação molar característica dos processos de institucionalização da Associação Internacional de Psicanálise (IPA).

Obaid (2018). Freud e Ferenczi: algumas considerações sobre a criação da primeira cadeira de psicanálise da Universidade. Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental.

O objetivo central do artigo foi analisar as reflexões que sustentaram Sigmund Freud e Sándor Ferenczi ao longo do processo de criação da primeira cátedra, ou seja, a primeira cadeira professoral de psicanálise, na Universidade de Budapeste, na Hungria. A metodologia adotada pelo autor fora de natureza qualitativa, explicativa e bibliográfica.

Foram constatadas relações conflituosas entre a psicanálise e a universidade. Essas primeiras relações curriculares foram marcadas por eventos políticos derivados da Primeira Guerra Mundial, momento no qual Ferenczi, após a possibilidade de aprovação do projeto, afirma a Freud que “*A pátria da Psicanálise é, apesar de tudo, Budapeste e não Viena...*” (Freud & Ferenczi, 1992, p. 345). Esse momento histórico, dá início a primeira tentativa de Freud em inserir o ensino da psicanálise nas universidades. O autor também discorre acerca da política educacional, da prática profissional e do antagonismo existente dessa relação. Ele conclui sua explanação afirmando que, apesar da psicanálise se encontrar inserida nas universidades, ele bem separa a clínica da transmissão do conhecimento, na medida em que a relação psicanálise *versus* universidade, é marcada por ambivalência e rivalidade.

Elgarte (2009). Contribuciones del psicoanálisis a la educación. Universidad Nacional del Sur. Revista Educación, Lenguaje y Sociedad.

Partindo da ideia de Freud, ao afirmar que “Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’... As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são a educação e o governo” (Freud, 1937, p. 265), Elgarte (2009) reflete a respeito das contribuições da psicanálise no campo educacional a partir das ideias de Freud e Lacan. Elgarte discorre acerca de várias questões, como por exemplo, como o ato de ensinar está vinculado com o saber? Sua conclusão propõe que a psicanálise seja um saber que apenas contribui e colabora com a educação, de forma interdisciplinar, viabilizando ao professor uma via de acesso ao conhecimento do sujeito do inconsciente, proporcionando caminhos criativos nesta “profissão impossível”.

Ribeiro e Aires (2017). Dificuldades na transmissão da psicanálise: dossiê em comemoração aos 100 anos de publicação das Conferências introdutórias à psicanálise. Revista Natureza Humana, São Paulo.

Os autores discorrem acerca das dificuldades na transmissão da psicanálise. No presente artigo, as autoras apresentam as razões da aversão que a psicanálise causa, segundo Freud. Uma razão seria que a psicanálise “ofende a vaidade humana” ao possibilitar a existência de um sujeito inconsciente autônomo ante à consciência. A segunda razão se refere à dimensão da sexualidade como um dos conceitos fundamentais. Diante das dificuldades que se apresentam a cada dia, Freud insiste para que os expectadores deixem de lado a crítica e se permitam às novas descobertas das pesquisas psicanalíticas, bem como às novas formas de transmissão deste saber.

Furtado e Vieira (2018). A transmissão da psicanálise, a política do psicanalista e sua presença nos dispositivos universitários e de atenção à saúde mental. Stylus Revista de Psicanálise Rio de Janeiro.

O trabalho articula suas ideias na concepção de questões em torno do ensino e da transmissão da psicanálise. Indagam que qualquer professor universitário brasileiro é vítima da burocracia, do poder e da economia, e que estas, por sua vez, não têm relação com o saber. A universidade tem uma lógica capitalista e questionam os trabalhos acadêmicos, na medida em que estão presos às exigências e parâmetros curriculares corruptíveis pelo mercado. A transmissão de conhecimento é algo que se depura da experiência do psicanalista e o ensino da teoria fica marcada pelos efeitos dessa transmissão. Questionam a possibilidade de que os conceitos freudianos ocorridos na história, foram ou não oriundos da clínica de Freud, sua relação com o desejo e com o inconsciente que imprimiram algo que foi além do “ensinado” em suas obras.

Broide (2017). A supervisão como interrogante da práxis analítica: desejo de analista e a transmissão da psicanálise. Tese de Doutorado. Pontífice Universidade Católica do Estado de São Paulo – PUC/SP.

Em tese de doutorado, a autora associa a capacidade de transmitir a teoria psicanalítica às dimensões clínica, ética e política das práxis. Destaca especialmente a questão da supervisão, que não se resume a aconselhamento ou sugestão. Vai além disso, tem caráter formador e educador, dado por via da relação transferencial. A autora interroga sobre a pertinência do ensino da psicanálise na universidade, se

utilizando de Freud quando dizia que os candidatos à formação analítica poderiam prescindir uma formação universitária específica.

A conclusão da pesquisa foi que a relação transferencial é o que enlaça os discursos do supervisionando e supervisor, sustentados pelo desejo “paradoxal de colocar o não saber em questão e cernir o impossível de dizer” (p. 111).

Barbieri & Frioni (2001). Entrevista a David Maldavsky. Revista Uruguaya de Psicoanálisis.

Em entrevista realizada por Barbieri & Frioni, para a Revista Uruguaya de Psicoanálisis, David Maldavsky, demonstra a preocupação com o rigor dos trabalhos acadêmicos e com o estatuto de ciência da psicanálise, que devem se manter nos dias de hoje. Ao ser perguntado em como estava sua experiência na avaliação de trabalhos científicos, ele diz que:

Vamos começar com o termo "cientistas", isto é, pela questão de saber se as obras psicanalíticas são. Não ignoro que, a esse respeito, há uma extensa discussão epistemológica, que em muitos casos deriva de um modo particular de definir o que é ciência. Suponho que a psicanálise é uma ciência. Consequentemente, escrever um trabalho psicanalítico implica que ele faz parte de um grupo social. Portanto, é necessário partir do reconhecimento de que existe uma história, que é possível questionar parcial ou totalmente, mas não ignorar. Caso contrário, um tecido social está sendo danificado, e o próprio autor sofrerá o mesmo destino: ser ignorado, quando ele perde o poder político ou a capacidade de seduzir. (P. 2).

A transmissão da teoria psicanalítica, bem como a formação dos psicanalistas clínicos, merece excepcional atenção dos especialistas, dos mais diversos campos de atuação, envolvidos com essas temáticas. São muitos os fatores que influenciam para a correta transmissão dos conhecimentos psicanalíticos e para o bom andamento do tratamento, sejam nas estruturas psíquicas *neuróticas*, *perversas* ou *psicóticas*.

A formação dos psicanalistas está ligada, diretamente, à relação da psicanálise com a educação, pois apesar dos professores seguirem uma formação “positivista”, onde os conteúdos são adquiridos e acumulados ao longo do tempo, de forma *consciente*, há que levar em consideração fatores *inconscientes* que perpassem esse saber, e que influenciam ativamente no aprendizado, vislumbrando possibilidades outras, onde o aspirante a professor psicanalista deve se colocar, de forma consciente, na posição dos mais variados tipos de *discursos*, quais sejam; o discurso do **mestre**, lugar da “verdade”; da **histórica**, enquanto sujeito dividido, que sofre; do **universitário**, como discurso do “saber”, ignorando o outro; e, por fim, o discurso do

analista, de “sujeito suposto saber”, que dá espaço para a manifestação do inconsciente, enquanto sujeito alheio à consciência (Lacan, 1992).

Concernente à clínica psicanalítica, o uso de medicamentos psiquiátricos pode ser um aliado para o bom andamento do tratamento psicanalítico, porém, podem influenciar, sobremaneira, nos possíveis diagnósticos que, por vezes, se fazem necessários. A psicanálise nasce da clínica. É da clínica que a psicanálise retira seus postulados, estabelece seu *método*, a ‘associação livre’, sua regra fundamental, demarca seu território, campo de atuação, por via da *transferência*, impõe a postura de *neutralidade* do psicanalista, e se estabelece como uma *ética*.

Tanis (2018). A formação psicanalítica: especificidade e transformações. Jornal da Psicanálise. São Paulo.

O objetivo do presente artigo visou um diálogo aberto sobre questões que demandam nossa atenção quanto à formação psicanalítica nos dias de hoje. O autor percorre, por via metodológica qualitativa e bibliográfica, pelos temas da especificidade da psicanálise, indagando sobre questões éticas no que diz respeito à transmissão ou formação, sobre breves palavras sobre o tripé na formação, bem como, a formação estendida, na medida em que, “Parece que, atualmente, alguns analistas se extraviam e a clínica se dilui diante da multiplicidade dos discursos que a colocam em xeque e que mobilizam à reflexão” (p. 34).

A conclusão do autor surpreende e elucida, de forma objetiva e clara, a situação da psicanálise enquanto prática clínica e saber, pois, ele afirma que:

Minha hipótese é a de que a ampliação da experiência de formação psicanalítica, sem perder a especificidade, mas lidando diretamente com as fronteiras, evitando posturas arrogantes ou defensivas, poderá ter um efeito catalisador e potencializador. Ainda mais contribuir para diluir os aspectos de uma submissão identificatória a mestres ou grupos, nem sempre dissolvidos na análise daqueles que visam a uma formação. Quero dizer que, embora a análise pessoal seja considerada a principal garantia da qualidade da formação, sabemos os riscos que ela comporta (p. 39).

Palumbo; Moreira & Haritçalde (2018). Por uma história das políticas da psicanálise: institucionalização, formação e posicionamento político dos analistas. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia. São Paulo, SP, Brasil.

O trabalho objetiva abordar a história política da psicanálise enquanto “movimento em torno de ideias e práticas psicológicas não para construir uma historiografia desse movimento, mas para esboçar uma narrativa de valor histórico sobre certos aspectos institucionais da psicanálise que indicam o modo pelo qual ela fez política em meio a sua institucionalização” (p. 96).

Para tanto, articulam as ideias de Freud, bem como seus seguidores, Paul Federn, Otto Fenichel e Ernest Jones, e a hipótese fundamental do trabalho é de que, apesar de haver divergências entre posições teóricas e políticas no ambiente psicanalítico, há algumas convergências que são peculiares aos grupos díspares, gerando uma “aparente unificação” entre seus pares.

Moscovici, S. (2012). A Psicanálise, sua Imagem e seu Público. Petrópolis: Editora Vozes.

O trabalho acima, realizado por Serge Moscovici (1928 – 2014), psicólogo social romeno, radicado na França, membro da Ordem Nacional da Legião de honra, da França, bem como da Academia de Ciências da Rússia, teve como objetivo central descrever como a psicanálise se inseriu na sociedade francesa. Em 1978 o trabalho foi transformado em livro, reeditado no Brasil no ano de 2012.

A pesquisa de Moscovici se assemelha a esta, pois no período de 1950 a 1960, na cidade de Paris, na França, Moscovici trabalha a representação social da psicanálise, e para isso, fez uma pesquisa quantitativa e qualitativa para estudar tal fenômeno, porém, voltada somente para a sociedade parisiense da época. A escolha da psicanálise não foi por acaso, ele mesmo demonstra uma certa atração pela psicanálise e uma repulsa com relação às ciências ditas ‘positivistas’.

A conclusão do trabalho se assemelha a de nossa Tese de Doutorado, pois, assim como no Brasil, a pesquisa de Moscovici indica que a formação dos profissionais psicanalistas parisienses, dá-se de forma *marginal*, no entorno da camada social, e, por conseguinte, *fragmentada*. Moscovici, ao apresentar pesquisa acerca da representação social da psicanálise, afirma que esta “... se conduz por canais fluidos e marginais da vida social, dessa forma contornando normas e rigorismos habituais” (p. 91).

5.2 Análise Crítica e Contribuições da Pesquisa

Com exceção da pesquisa de Serge Moscovici, que fora realizada na década de 1950 a 1960, os demais trabalhos apresentados no estado da arte se reportam aos últimos 20 (vinte) anos, e abordam assuntos diversos, porém vinculados ao tema da presente tese. Tais temas constam relacionados a assuntos inerentes à formação de psicanalistas, institucionalização do ensino da psicanálise, cientificidade da psicanálise, a relevância da supervisão na prática analítica, o ensino da psicanálise na universidade, as dificuldades na transmissão, as contribuições do ensino da psicanálise para a educação tradicional, a ética da psicanálise, o psicanalista enquanto ofício, a interferência da subjetividade na formação e a formação do professor enquanto transmissor da teoria psicanalítica.

Concernente aos assuntos expostos, e diante das pesquisas enunciadas, o estado da arte levou às seguintes apresentações e constatações:

No estudo realizado por **Falcão (2015)**, observa-se que a formação de professores no Brasil se pauta em matrizes curriculares tecnicistas, cujo processo de aprendizagem se trata de um processo exclusivamente consciente, porém, o saber psicanalítico pode contribuir significativamente, na medida em que, o saber docente é atravessado por alçadas conscientes e inconscientes. Corroborando com o trabalho apresentado por Falcão, o estudo realizado por **Viaro, Guirado & Albanese (2016)** revela que há uma grande disparidade nas formações dos psicanalistas, no que diz respeito às instituições lacanianas e as entidades ligadas a International Psychoanalytical Association (IPA). Todavia, a pesquisa apresenta um ponto de convergência entre os tipos de entidades, qual seja, a exigência de *análise pessoal* de seus membros, enquanto dispositivo central de formação.

A pesquisa de **Sigal, Conte & Assad (org.) (2019)**, revela um movimento social, organizado por várias entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, denominado “Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras”, que desde o ano de 2000 operam para que a psicanálise não seja regulamentada. Tal organização tem o apoio de várias entidades brasileiras não ligadas à psicanálise, mas que, até certo ponto estão vinculadas às ciências ditas “psi”, como por exemplos,

o Conselho Federal de Psicologia e Medicina e a Associação Brasileira de Psiquiatria. Suas alegativas são que as universidades brasileiras não dispõem de instrumentos satisfatórios para levar a cabo a tarefa de formar psicanalistas. Neste sentido, percebe-se a fragmentação da psicanálise até mesmo entre seus pares, ou seja, não há um agrupamento das entidades formadoras, mas sim um argueiro de instituições formadoras de psicanalistas atuando de forma individual, sem agremiação, uns querendo a cientificidade da psicanálise e, portanto, sua regulamentação, e outros veementemente contra. Tal fenômeno social propicia ao psicanalista uma certa obrigação velada de fazer curso de graduação em psiquiatria ou psicologia, com vistas a ter um reconhecimento científico contumaz para atuar no mercado de trabalho de forma mais reconhecida, além do fato de poder usufruir da aceitação dos planos de saúde no Brasil, na medida em que estes não aceitam o psicanalista como profissional habilitado para atuar como psicoterapeuta. Este tema será abordado mais na frente, no capítulo 6.2.5.

A pesquisa de **Antonio (2015)**, apresenta que as instituições lacanianas brasileiras se dispõem de forma hierárquica, na diferença de seus membros mais experientes frente aos novos membros, e a distribuição do título de psicanalista se dá por meio do dispositivo do “passe”, proferido por Jacques Lacan, sendo a descoberta da vocação para tal ofício o fato da submissão à experiência analítica entre seus membros. De certa forma, complementando a pesquisa de Antonio (2015), na medida em que se tratou de pesquisa a entidades psicanalíticas lacanianas, **Fernandes (2017)** realizou estudos de como se dá a assunção da posição do sujeito enquanto psicanalista, e se verificou que, nas entidades lacanianas, o discurso do analista é sustentado pela condição conceitual do “objeto a”, objeto causa do desejo do analisante, posição de “Sujeito Suposto Saber” do analista, e que isso, transcende os demais discursos de saberes, quais sejam, o discurso da histórica, o discurso do mestre e o discurso universitário, daí um dos motivos pelos quais não é possível profissionalizar o psicanalista no âmbito das universidades.

Borja (2017), fez um trabalho acerca do movimento psicanalítico, revelando que em determinados locais, tem efeitos de segmentação, que transcende as exigências dispostas e a institucionalização imposta pela *International Psychoanalytic Association* – IPA. Tal fato se coaduna com as ideias de **Obaid (2018)**, que **apresentou um** estudo inferindo que, a despeito da psicanálise constar inserida na

universidade, há ambivalência e rivalidade entre o saber psicanalítico e o saber universitário, sobretudo no que diz respeito à clínica. Por sua vez, **Elgarte (2009)**, **evidencia** que a teoria psicanalítica apenas contribui com a educação no que tange à interdisciplinaridade, para que o docente tenha o conhecimento de que o sujeito do inconsciente existe e interfere nas vidas de seus alunos, porém, a profissão de psicanalista continua a ser uma “profissão impossível”.

Ribeiro e Aires (2017) discorre acerca das dificuldades na transmissão da psicanálise. As autoras apresentam determinadas aversões causadas pela teoria e chegam à conclusão de que a psicanálise chega a *ofender a vaidade humana*, por conta do fato de dar vez e voz a um sujeito inconsciente, alheio à consciência humana, com autonomia própria e que chega a audaz capacidade de imposição do destino das pessoas. Numa mesma linha de pensamento, que visa a transmissão da psicanálise, **Furtado e Vieira (2018)**, realiza estudo onde afirma a transmissão do saber psicanalítico como efeito da depuração da experiência clínica do analista e o ensino da teoria, de forma tal que, os conceitos criados por Freud, no decorrer de sua carreira, podem estar ou não relacionados à clínica com seus pacientes, perpassando por fenômenos que imprimiram algo além do transmitido na obra freudiana.

Por sua vez, **Broide (2017)**, no tocante a supervisão clínica, como sendo um dos tripés da formação psicanalítica, em pesquisa, questiona se a universidade deve ou não formar psicanalistas, na medida em que, o enlace do saber psicanalítico se dá no âmbito da clínica, por meio da *relação transferencial*, entre analista e analisando ou entre supervisor e supervisionando. Um outro tripé da formação psicanalítica é tratado por **Tanis (2018)**, **que, em** trabalho acadêmico, questiona-se a qualidade da *análise pessoal* em determinados grupos, entidades ou instituições, que se baseiam nos discursos de seus mestres, dando margem à possíveis riscos que isso comporta, pois, apesar da análise pessoal ser uma das condições *sine qua non* para se tornar um psicanalista, a submissão identificatória resta perigosa.

Barbieri & Frioni (2001), **apresenta uma entrevista feita a** David Maldavsky, que ao ser questionado sobre a cientificidade da psicanálise, afirma categoricamente que “sim”, na medida em que, insere-se no campo epistemológico proposto pela ciência, além de ser um saber inserido no grupo social, no tecido social. Neste mesmo viés de pensamento, qual seja, a cientificidade ou não da psicanálise, é trabalhada

por **Palumbo; Moreira & Haritçalde (2018)**. A pesquisa apresentada pelos autores é direcionada a alguns seguidores de Sigmund Freud, a começar por Paul Federn, Otto Fenichel e Ernest Jones, denotando que, apesar da existência de divergências entre alguns pontos da teoria e da clínica psicanalíticas, há convergências que dão uma certa *aparente unificação*, acalmando o ambiente desfavorável do qual é inerente à psicanálise, enquanto “ciência” ainda não regulamentada.

Por fim, no estado da arte, apresentamos um trabalho que fora similar a este, realizado na década de 1950-1960, por **Serge Moscovici (2012)**, transformado em livro e traduzido para o português, inclusive. Tal pesquisa visa a saber qual a representação social da psicanálise na França, mais especificamente, na cidade de Paris. Assim como esta, foi uma pesquisa de natureza mista, com dados quantitativos e qualitativos. A conclusão do trabalho de Moscovici é que a psicanálise caminha à margem da sociedade, como espécie de pseudociência. De certa forma, desde os primórdios, o saber psicanalítico sempre encontrou resistências, muitas delas inconscientes, que o mantém marginal.

Nossa pesquisa se coaduna, sobremaneira, com a pesquisa de Moscovici, que fora realizada há mais 70 (setenta) anos. O que remete aos seguintes questionamentos: A psicanálise nunca será reconhecida como uma ciência? Seu destino será sempre a delinquência?

Os fatos apontados nos trabalhos científicos apresentados no estado da arte são notáveis, sobretudo no que dizem respeito ao momento atual, do qual a sociedade se apresenta de forma *líquida*, imediatista e individualista, onde se observa que, assim como as pessoas físicas, as pessoas jurídicas - entidades formadoras de psicanalistas, enquanto reflexos daquelas, apresentam uma individualidade e uma suposta liberdade para se reinventar enquanto ciência pontual, visto que, não havendo consenso na formação dos psicanalistas, à nível nacional, no Brasil, com uma instrução unificada e regras gerais impostas por uma organização centralizadora, reguladora e norteadora, de premissas mínimas e singulares, para a formação do psicanalista, porém, o que se apresentam são disparidades, fragmentações e aleatoriedades na qualificação profissional do psicanalista brasileiro, atuante no mercado, gerando, assim, uma horizontalização deste profissional, que, por vezes, apresenta-se diverso em sua forma de atuação na clínica.

Por sua vez, a transmissão do saber psicanalítico, tem conotação desigual, sem haver uma concisão dos conteúdos teóricos basilares para a transmissão desse saber. Pode-se inferir que este fenômeno social presente, de múltiplas faces, é mais um elemento dificultador para que a psicanálise chegue a se tornar uma ciência no futuro.

6. Marco Conceitual

6.1. Marco Epistemológico

6.1.1. Questões epistemológicas em psicanálise

Antes de adentrarmos, mais especificamente, nas questões epistemológicas em psicanálise, discorreremos um pouco sobre o que é epistemologia e qual sua importância para a teoria e clínica psicanalítica.

O termo epistemologia foi dado pelo filósofo francês **James Frederick Ferrier**, e se refere à parte da *teoria do conhecimento*, que estuda as condições para a produção do conhecimento científico, sua validade, bases fundamentais, consistência lógica, limites e fontes de conhecimento.

Todavia, na atualidade, o conceito de epistemologia passou a ser usado num sentido mais amplo, não mais como parte, mas sim como sinônimo da *teoria do conhecimento* ou gnosologia, conceito que abrange o estudo do conhecimento humano em geral.

A epistemologia é o “estudo do conhecimento científico do ponto de vista crítico, isto é, do seu valor; crítica da ciência; teoria do conhecimento” (**Aranha e Martins**, 2002, p. 379), sendo esta última, a que estuda as condições necessárias e os requisitos fundamentais para a produção do conhecimento científico, seus fundamentos, a validade, os limites e as consistências lógicas a que estão submetidos. Portanto, por conseguinte, e em consonância com a pesquisa inerente a este trabalho de pesquisa, em natureza de Tese de Doutorado, aborda-se acerca dos problemas contemporâneos epistemológicos concernentes à psicanálise, a importância da qualificação profissional do psicanalista, sua consequente atuação no mercado de trabalho, melhorando a saúde mental da população, proporcionando, assim, melhor qualidade de vida às pessoas.

A evolução do conhecimento científico dá-se por via da quebra dos paradigmas e da cisão entre as ditas verdades e as novas ideias surgidas e colocadas pelos pensadores da atualidade em consonância ou contraposição aos pensamentos anteriores. Na busca incessante da verdade suprema, o homem se constrói e desconstrói ao longo da história, no desejo de se consolidar enquanto sujeito de sua

própria existência. A psicanálise transcende a ideia de conhecimento puro, de verdades supremas e absolutas, e afirma que a busca incessante pelo conhecimento, nada mais é do que um *sintoma* daquele que o faz, do neurótico obsessivo, ou ainda, nas palavras de **Lacan**, “A análise a partir do sujeito da ciência conduz, necessariamente, nela a fazer aparecerem os mecanismos que conhecemos da neurose obsessiva” (Lacan, 1998, p. 887). Para além da gnosis proposta pelo saber científico, a psicanálise emerge numa postura crítica a tal pretensão.

A Epistemologia, enquanto estudo da ciência, deu-se desde **Platão** até os grandes pensadores da atualidade. As primeiras correntes epistemológicas em *ciências humanas* surgiram no século XIX, onde podemos destacar o *positivismo*, a *fenomenologia* e o *historicismo*.

O positivismo pode ser considerado tanto um método de estudo e pesquisa, quanto uma filosofia. Seus postulados básicos, de caráter pioneiro, surgiram no Curso de Filosofia Positiva de **Augusto Comte**, sendo assim, desde então, a primeira tentativa de tornar as ciências humanas em uma ciência verdadeiramente “rigorosa”. **Comte** (1978) afirma que:

O caráter fundamental da filosofia positiva é tomar todos os fenômenos como sujeitos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta precisa e cuja redução ao menor número possível constituem o objetivo de todos os nossos esforços, considerando como absolutamente inacessível e vazia de sentido para nós a investigação das chamadas causas, sejam primeiras, sejam finais. (Comte, 1978, p. 7).

A psicologia comportamentalista, de natureza positivista, proposta por **Ivan Pavlov**, **John B. Watson** e **Burrhus Frederic Skinner**, que tem por objetivo explicar o comportamento dos animais e dos seres humanos, sob o ponto de vista do seu funcionamento, através das observações ocorridas pelos estímulos, respostas e condicionamentos. Todavia, os positivistas acreditavam que termos dos tipos: “culpa”, “espírito”, “alma”, “subjetividade”, “Deus”, “moralidade”, dentre outros, não deveriam ser considerados para efeito de pesquisa científica. (Bock, Furtado, & Teixeira, 1999).

Franz Brentano, **Edmund Husserl** e **Maurice Merleau-Ponty**, foram os precursores e grandes expoentes da fenomenologia, que surgiu em contraposição à *objetividade pura*, proposta pelos materialistas e positivistas, bem como à *subjetividade pura*, dos idealistas e racionalistas. (Bock, Furtado, & Teixeira, 1999).

A ideia é superar as tradicionais *dicotomias* interior/exterior, sujeito/objeto, espírito/matéria, pois o mundo é visto como uma rede de novas significações, ou seja, vê-se um mundo novo a cada instante. **Merleau-Ponty** diz que “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta “profundidade” quanto um tratado de filosofia” (Merleau-Ponty, 1999, p. 19).

O historicismo, também conhecido como hermenêutica, assim como a fenomenologia, surgiu em contraposição às ideias do positivismo, sobretudo o historicismo alemão. Seus expoentes mais renomados são **Max Weber**, **Georg Simmel** e **Wilhelm Dilthey**. O fundamental do historicismo é a ideia de “compreensão”, ou seja, compreender os fenômenos sociais e humanos através da sua própria história, através da interpretação, dando significado e a essência do objeto estudado. Daí o motivo pelo qual há um intenso trabalho no sentido de recuperar textos clássicos da história.

Dilthey (1989), em sua obra intitulada Introdução às Ciências do Espírito, distingue a lógica das ciências naturais, da lógica das ciências humanas, denominando esta última de *ciências do espírito*. Ele afirma:

As ciências que têm a realidade sócio histórica como seu objeto de estudo buscam, mais intensamente do que antes, as relações sistemáticas entre elas e com os seus fundamentos. Condições dentro de várias ciências positivas estão operando nesta direção, associadas às forças poderosas originadas a partir dos motins na sociedade, desde a Revolução Francesa. O conhecimento das forças que governam a sociedade, das causas que têm produzido estas revoluções e dos recursos da sociedade para promover o progresso saudável, tem se tornado uma preocupação vital de nossa civilização. Consequentemente, relativas às ciências naturais, é crescente a importância das ciências que lidam com a sociedade. (Dilthey, 1989, p. 56).

Podemos citar algumas das principais linhas epistemológicas da contemporaneidade, quais sejam: a Histórica de Bachelard, a Genética de Piaget, a Racionalista de Popper, a Antropológica de Foucault e a Crítica de Habermas.

Gaston Bachelard afirma que a ciência deve ser fundamentalmente histórica, e são determinadas, bastando para isso que se descubra a gênese dos conhecimentos científicos, que são obras temporais, sendo o homem razão e imaginação. A “ciência” é produzida a cada momento de sua história. A “verdade” é aquela do momento no qual se vive naquele instante.

Bachelard vai nos colocar a ideia de ambiguidade entre os saberes científicos e os saberes do senso comum, pontos de vistas dos historiadores e epistemólogos, a visão e o trabalho de cada expectador diante do objeto estudado. Bachelard (1996) afirma que:

Só a razão dinamiza a pesquisa, porque é a única que sugere, para além da experiência comum (imediate e sedutora), a experiência científica (indireta e fecunda). Portanto, é o esforço de racionalidade e de construção que deve reter a atenção do epistemólogo. Percebe-se assim a diferença entre o ofício de epistemólogo e o de historiador da ciência. O historiador da ciência deve tomar as ideias como se fossem fatos. O epistemólogo deve tomar os fatos como se fossem ideias, inserindo-as num sistema de pensamento. Um fato mal interpretado por uma época permanece, para o historiador, um *fato*. Para o epistemólogo, é um *obstáculo*, um contra-pensamento (p. 22).

A epistemologia genética se baseou em estudos, sobretudo no campo da educação, com elaboração de fatos e experimentos, realizados por **Jean Piaget**, biólogo e psicólogo suíço, que visou a compreensão de desenvolvimento humano sob os mais variados “aspectos”, quais sejam: o *físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social*.

O filósofo e professor austro-britânico, **Karl Popper**, acreditava que, em seu âmago, as leis e as teorias científicas possuem naturezas hipotéticas e conjecturais. Daí são livres de criações do espírito humano e, portanto, as concepções científicas existentes são passíveis de críticas, pois a ciência nos passa conhecimentos provisórios e em contínua mutação, possuindo apenas bases teóricas e não fundamentos.

Admirador e seguidor das ideias de Popper, **Gregorio Klimovsky**, matemático e filósofo argentino, renomado especialista em epistemologia, discorre acerca do tema epistemologia, propondo uma versão peculiar descrita da seguinte forma:

Entre todas las escuelas epistemológicas existe una, que vamos a llamar "versión estándar", cuya concepción acerca de la estructura y validez de las teorías científicas tuvo mucha difusión hasta hace poco, especialmente – aunque no de modo exclusivo – en el ambiente filosófico anglosajón. Ella está muy ligada al llamado “método hipotético deductivo”, pero no hay que olvidar que este tiene muchas variedades, de las cuales la versión estándar no sería más que una” (Klimovsky, 2009, p. 35-36).

Klimovsky (2009) afirma que de acordo com esse ponto de vista, uma teoria científica envolve 4 (quatro) aspectos fundamentais, quais sejam: a base empírica; as afirmações e níveis; as hipóteses e contrastes; e, por fim, as críticas à versão padrão (*estándar*).

Por sua vez, **Michael Foucault**, filósofo, professor e historiador, propõe uma epistemologia antropológica, onde há uma espécie de sistema autônomo, um saber sem sujeito, que rechaça o homem como sujeito e objeto desse sistema. O homem só existe por que o sistema o reivindica. Foucault é considerado pós-modernista e pós-estruturalista.

Para Foucault o homem atual é o manifesto da cultura na qual está inserido, inclusive conceitos como por exemplo a questão do que é doença e saúde. Ele afirma que “a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal” (Foucault, 1975, p. 71).

A epistemologia crítica de **Jürgen Habermas** tem como questão central interrogar a responsabilidade social dos cientistas, visando demonstrar que a ciência não reside no saber, mas sim nas relações de poder emergentes entre a *indústria*, a *ciência* e a *tecnologia*. A ciência possui dois polos: o do *poder* e do *saber*, de viés “ideológico”, onde a classe dos dominantes sobrepõe aos menos favorecidos.

Portanto, a “política” está imbricada com a ciência, constructos das relações de poder. Habermas (1978) discorre:

A ação racional dirigida a fins é, segundo a sua própria estrutura, exercício de controles. Por conseguinte, a “racionalização” das relações vitais segundo critérios desta racionalidade equivale à institucionalização de uma dominação que, enquanto política, se torna irreconhecível: a razão técnica de um sistema social de ação racional dirigida a fins não abandona o seu conteúdo político (p. 46).

Em 1923, **Sigmund Freud** faz uma breve descrição histórica do movimento psicanalítico, e já assegura que a Psicanálise é uma ciência. Ele afirma: “É verdade que a teoria da libido da psicanálise não está absolutamente completa e sua relação com uma teoria geral dos instintos não é clara, pois a psicanálise é uma ciência jovem, ainda inacabada, e em estágio de rápido desenvolvimento” (FREUD, Obras Completas, Volume XIX, 1924 (1923), p.228).

A base epistemológica da psicanálise surgiu na clínica, como forma de tratamento da *histeria*, como seu objeto de pesquisa, utilizando-se da observação do fenômeno denominado *neurose*. A histeria, inicialmente, fora tratada pela técnica da hipnose, mas *à posteriori*, logo substituída pela técnica da “associação livre”, técnica fundamental da clínica psicanalítica.

As fontes históricas da teoria psicanalítica são encontradas em sua teoria, na metafísica, no reducionismo biológico e na etiologia sexual das neuroses. O estatuto epistemológico psicanalítico envolve todo o desenvolvimento histórico e cronológico da vida e do pensamento de Freud, até seu falecimento, e continua até os dias de hoje, em seus seguidores.

Ao denominar o processo de constituição da psicanálise como sendo uma “*reviravolta da psicologia*”, **Michel Foucault** (1999) discorre:

Mas nenhuma forma de psicologia deu mais importância à significação do que a psicanálise. Sem dúvida, ela ainda permanece, no pensamento de Freud, ligada às suas origens naturalistas e aos preconceitos metafísicos ou morais, que não deixam de marcá-la. (...) A importância histórica de Freud vem, sem dúvida, da impureza mesma de seus conceitos: foi no interior do sistema freudiano que se produziu essa reviravolta da psicologia; foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise causal se transformou em gênese das significações, que a evolução cede seu lugar à história, e que o apelo à natureza é substituído pela exigência de analisar o meio cultural. (Foucault, 1999, p.129-130).

Neste sentido, os determinantes epistemológicos da teoria psicanalítica foram aqueles aos quais a tornaram uma “ciência” com fortaleza tal, capaz de influenciar muitas outras ciências, que são, de certa forma, e infelizmente, até os dias de hoje, mais reconhecidas do que a psicanálise no âmbito da sociedade, da comunidade científica e, sobretudo, no âmbito do “*locus*” que fundamenta toda a produção do saber e do conhecimento: a Universidade.

No Brasil, dentro das Universidades, o ensino da psicanálise se limite a algumas disciplinas vinculadas a outros cursos de graduação, como por exemplo, nos cursos de sociologia, filosofia, psicologia, medicina, serviço social, dentre outros; e também, em cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*, dos tipos especializações, mestrado e doutorado.

Nestas disciplinas e cursos, os alunos aprendem sobre a teoria psicanalítica. Porém, no que tange à prática clínica e à formação do psicanalista clínico é diversa e regulamentada somente pelo Ministério do Trabalho (MTB), sem o devido reconhecimento por parte do Ministério da Educação (MEC), conforme já mencionado anteriormente.

Tais entidades têm a responsabilidade e o poder de qualificar, formar e preparar o profissional psicanalista para atuar na clínica, a fim de atenderem às demandas de saúde mental da população que os procura.

Entretanto, parte da comunidade acadêmica acredita que o melhor caminho para os assuntos inerentes ao estudo da psicanálise deve ser por via da universidade. **Aguiar** (2006, jun.), doutor em filosofia pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica, e professor no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coaduna-se com esta ideia, e afirma que:

A universidade seria uma base privilegiada para pôr em obra e na prática essas interações, acrescentando à pesquisa “em” psicanálise (diríamos: metapsicológica e clínica) e “sobre” a psicanálise (histórico-epistemológicas) a dimensão de uma pesquisa “com” a psicanálise (interações da psicanálise). Lembro que na universidade Freud pretendia, muito modestamente através de cursos elementares, a “fecundação [pela psicanálise] de alguns ramos das ciências” (ele cita: história da literatura, filosofia, mitologia, história das civilizações, da religião), “[criando] um vínculo mais estreito, no sentido de uma *universitas literarum*, entre a medicina e os ensinamentos reagrupados na filosofia” (Freud, 1913/1984, p. 113). A situação hoje da psicanálise na universidade, que inclui, para além de cursos elementares, uma prática efetiva de pesquisa, deveria tornar virtualmente mais próximo o sonho freudiano (Aguiar, 2006, p. 127-128).

Para ter estatuto de ciência, qualquer que seja a teoria e/ou *práxis*, devem-se impelir pelo rigor teórico e metodológico científicos. Daí nos deparamos com alguns questionamentos: Estaria a psicanálise ameaçada como ciência? Qual o lugar da clínica psicanalítica na pesquisa científica? Sob que forma se pode falar de pesquisa no campo da psicanálise? Qual o lugar ocupado pela psicanálise na comunidade científica, particularmente na Universidade? Qual a importância da clínica psicanalítica no âmbito da saúde mental?

A preocupação com o rigor dos trabalhos acadêmicos e o estatuto de ciência da psicanálise se mantém até os dias de hoje. Em entrevista realizada por Barbieri & Frioni (2001), para a Revista Uruguaya de Psicoanálisis, **David Maldavsky**, ao ser perguntado em como estava sua experiência na avaliação de trabalhos científicos, diz que:

Vamos começar com o termo "cientistas", isto é, pela questão de saber se as obras psicanalíticas são. Não ignoro que, a esse respeito, há uma extensa discussão epistemológica, que em muitos casos deriva de um modo particular de definir o que é ciência. Suponho que a psicanálise é uma ciência. Consequentemente, escrever um trabalho psicanalítico implica que ele faz parte de um grupo social. Portanto, é necessário partir do reconhecimento de que existe uma história, que é possível questionar parcial ou totalmente, mas não ignorar. Caso contrário, um tecido social está sendo danificado, e o próprio autor sofrerá o mesmo destino: ser ignorado, quando ele perde o poder político ou a capacidade de seduzir. (Barbieri & Frioni, 2001, p. 2).

Por outro lado, há uma total despreocupação da parte de algumas entidades e instituições, ao que sabemos, até aqui, que são brasileiras, sem o rigor que se faz necessário na formação e na transmissão do conhecimento científico da psicanálise.

Temos que ter em mente que estamos lidando com a saúde mental da sociedade, e tais casos que, por suas vezes, constam em grande quantidade, devem ser denunciados às autoridades e se tratam de totais descréditos do legado de Sigmund Freud e seus predecessores, que tanto lutaram para fazer da psicanálise uma ciência.

Diante da polêmica, restam dúvidas de qual seria a autoridade responsável a ser considerada para fins de controle de qualidade e condições mínimas para a formação de profissionais psicanalistas no Brasil. Mas é imperativo que a participação do Ministério da Educação (MEC) deva estar ciente dos tipos de formações que estão ocorrendo do país, para fins de controle de qualidade do ensino. Assim como o MEC, o Ministério da Saúde deveria fazer parte atuante, na medida em que, o profissional psicanalista lida diretamente com a saúde mental dos brasileiros; o que não ocorre, atualmente, pois ambos os ministérios sequer sabem da existência de tais cursos de formações, nem tampouco de quais são as entidades formadoras.

Outrossim, não há uma entidade de orientação e fiscalização do exercício da profissão de psicanalistas no Brasil, afim de zelar pela fiel observância dos princípios éticos e da disciplina de classe, como são os casos, por exemplos, do Conselho Federal de Psicologia (CFP) ou do Conselho Federal de Medicina (CFM).

No Brasil, tal paradoxo é reforçado, na medida em que, por um lado, há um forte rigor na formação do psicólogo, com exigência de formação universitária, com carga horária mínima de 5 (cinco) anos de estudos e, depois da formação, a devida inscrição no Conselho Regional de Psicologia pertinente. Por outro lado, não há nenhuma rigidez na formação do psicanalista: *sem* a exigência de carga horária mínima, *sem* a formação na Universidade ou Faculdade, *sem* inscrição em nenhum Conselho Federal ou Estadual, pois é *curso livre*, aberto e disponível por diversas entidades formadoras.

A importância e, ao mesmo tempo, a distinção fundamental entre a clínica e a teoria psicanalíticas é muito bem explicitado por Maldavsky, e nos induz à preocupação na qualificação dos profissionais psicanalistas, que conduzem a terapêutica como via de solução dos problemas inerentes à saúde da sociedade.

Maldavsky, em Barbieri & Frioni (2001), nos alerta:

A tudo isso, é conveniente acrescentar uma confusão epistemológica criada entre a prática profissional e o trabalho de pesquisa. Quando um psicanalista trabalha com um paciente, ele realiza uma atividade de pesquisa-ação que é governada por uma lógica abductiva. Por outro lado, quando ele apresenta um trabalho aos colegas, a lógica de seu argumento é outra, dedutiva. É conveniente não confundir as duas alternativas. Nas investigações baseadas em casos clínicos, também é aconselhável refletir sobre os critérios para poder transpor os achados da sessão com uma passagem de uma lógica para outra (p. 4).

Certamente, o senso comum não deixa de interferir substancialmente e, por que não dizer, fundamentalmente na evolução da ciência, na medida em que é na vivência, na relação, no dia-a-dia entre sujeito e objeto que se gera a inquietude do querer saber mais e mais a ponto do desejo de mudança, de transformação da realidade vivida em novas formas de ver e sentir a natureza, seja esta intrínseca ou não, o mundo a sua volta, na relação com as coisas.

Por outra via, o conhecimento científico deve ser valorizado e estimulado em todos os âmbitos, e a psicanálise, enquanto teoria do conhecimento, deverá se desenvolver e passar pelas mutações que se fazem necessárias à medida em que o conhecimento humano se apresenta como sintoma necessário para novas descobertas, saciando o desejo do ser em “gozar” com novas possibilidades.

As ciências humanas não evoluíram tanto quanto a tecnológica, pois os problemas inerentes à *alma*, o sofrimento humano, as desigualdades sociais, a fome, a pobreza, a violência, o desrespeito às diferenças culturais, o racismo, a luta pelo poder, as “doenças” mentais, o desrespeito à opção sexual, dentre outras; perduram desde os primórdios, na era das cavernas.

A psicanálise, proposta por Freud, surgiu pela sua inquietação, pela preocupação, pelo desejo de extirpar o sofrimento do ser humano. Ele não conseguiu, e para sua surpresa, todavia, descobriu que o sofrimento humano é a base da sua própria existência. Temos que lutar contra nós mesmos e contra o mundo, o tempo todo, para nos mantermos vivos. Um sofrimento necessário e fundamental, e “O consolo mais eficaz em toda infelicidade, em todo sofrimento, é observar os outros, que são ainda mais infelizes do que nós”. (Shopenhauer, 2005, p. 278).

Atualmente, no Brasil, os problemas enfrentados pela psicanálise são graves. A ciência criada por Freud está, a cada dia, caindo em descrédito de uma maneira geral. Por um lado, é supervalorizada nas mais renomadas ciências já reconhecidas globalmente, mas, por outro, é banalizada como um saber qualquer, sem viés

científico, sem o devido rigor acadêmico e sem o conhecimento da sua base epistemológica por parte dos próprios “psicanalistas”, formados por entidades que não utilizam as premissas básicas da teoria e da prática psicanalítica, deturpando-as, sem adoção de qualquer critério lógico, que visam somente o lucro proporcionado pelo pagamento das mensalidades de seus alunos.

Um breve futuro nos dirá o que vai acontecer com este saber enigmático. Se a consciência humana é regida pela lógica e a psicanálise surgiu para tentar compreender a lógica da “não consciência”, por outra via, a resistência, como defesa, vem em contraposição ao vislumbre dessa descoberta, e se o futuro da psicanálise está fadado ao descrédito, nada mais será do que o desejo do Inconsciente que quer assim, e sempre prevalecerá.

Talvez o homem ainda não esteja preparado para compreender e aceitar uma lógica autônoma, fora da possibilidade humana de conhecimento, não apreensível aos olhos do homem, que o torna sujeito de algo, que o ignora e o faz objeto de seu gozo.

6.1.2. A psicanálise é uma ciência ou uma pseudociência?

Antes de mais nada, é salutar discorrer acerca do conceito de ciência, para que se possa, a partir de então, imaginar a possibilidade de os conceitos e as premissas fundamentais da teoria psicanalítica possam ou não se fazerem permissíveis, ante às exigências mínimas impostas pelos conhecimentos hábeis para tal predisposição.

O conhecimento científico, ao contrário do *senso comum*, que não necessita de “evidências” para comprová-lo, é uma recente conquista da humanidade, pois emergiu no século XVII, com **Galileu Galilei** (1564-1642), físico, astrônomo, matemático, filósofo e uma personalidade fundamental para a denominada revolução científica, quando, especificamente, desenvolveu os primeiros estudos sobre o movimento uniformemente acelerado dos corpos, bem como o movimento do pêndulo, dentre outras descobertas de natureza comprobatória através de experimentos. Porém, desde a antiga Grécia, filósofos como **Sócrates** (469 a.C. - 399 a.C.), **Platão**

(428 a.C. – 348 a.C.) e **Aristóteles** (384 a.C. – 322 a.C.) já discorriam acerca de um saber mais rigoroso, que não àquele relacionado aos *mitos* e ao saber do *senso comum*; portanto, tais filósofos, vinculavam os conceitos de ciência e filosofia como uma só disciplina. Somente na Idade Moderna a ciência “nasce ao determinar um objeto específico de investigação e ao criar um método pelo qual se fará o controle desse conhecimento” (Aranha & Martins, 1993, p. 129).

Enquanto na idade média o conhecimento e a ciência se preocupavam com as questões do *ser*, foi na idade moderna que o conhecimento se volta para o *conhecer*, pois o homem passou a questionar a realidade do mundo, e **René Descartes** (1596-1650), filósofo, físico e matemático francês, deu o primeiro passo para o rigor metodológico como via de alcance do conhecimento com vistas ao nascimento da ciência moderna (Aranha & Martins, 1993, pp. 154-155).

A evolução da classificação das ciências se deu, inicialmente, no século XVII, com **Francis Bacon** (1561-1626), depois, no início do século XIX, com **Auguste Comte** (1798-1857), a seguir, no final do século XIX, com **Wilhelm Maximilian Wundt** (1832-1920), e, por fim, nos dias atuais, onde de maneira geral, as ciências são classificadas da seguinte forma: as *ciências formais*, matemática e lógica; as *ciências na natureza*, ou seja, química, biologia, física, etc.; e as *ciências humanas*, quais sejam, psicologia, história, sociologia, economia, dentre outras.

Mario Augusto Bunge (1919 - 2020), filósofo, físico e humanista argentino, trabalhou como professor de lógica e metafísica na McGill University de Montreal, no Canadá, seguidor do realismo científico e da filosofia exata, conhecido por sua oposição às pseudociências, dentre as quais inclui a psicanálise, além de se posicionar criticamente às correntes filosóficas do existencialismo e da fenomenologia, discorre acerca do conceito de ciência, em um artigo publicado na Revista *The Skeptical Inquirer*, volume 9, da seguinte forma:

Assim como devemos verificar uma série de propriedades, além de cor e brilho, a fim de garantir que um pedaço de metal não é ouro falso, então devemos examinar uma série de características de um campo do conhecimento para verificar se é científico. Vamos caracterizar uma **ciência**, bem como uma pseudociência, como um campo cognitivo, genuíno ou falso. Um *campo cognitivo* pode ser caracterizado como um setor da atividade humana com o objetivo de obter, difundir ou utilizar algum tipo de conhecimento, seja esse conhecimento verdadeiro ou falso. Há centenas de campos cognitivos na cultura contemporânea: lógica e teologia, matemática e numerologia, astronomia e astrologia, química e alquimia, psicologia e

parapsicologia, ciências sociais e humanística sociologia e assim por diante (Bunge, 1984, p. 36)

Para o autor, o que determina se uma ideia se torna ciência ou não, é atender a determinadas características, enquanto condições, componentes de um *campo cognitivo*, que sejam bem-sucedidas, no sentido de alcançar e afirmar a ‘verdade’ ou não, daquele fenômeno estudado e apresentado.

De forma genérica, podemos conceituar ciência como sendo o conhecimento demonstrativo por meio de experimentos e/ou métodos, comprovando a realidade objetiva que se apresenta no mundo. Para tanto, faz-se necessário a utilização do método, ou seja, do meio pelo qual se vai comprovar as novas realidades que se apresentam, o caminho a ser seguido para o atingimento do objetivo proposto, qual seja, a comprovação da hipótese, transformando-a em tese.

Leite (1992) pontua sobre o conhecimento na contemporaneidade, seguindo por um viés da psicanálise lacaniana, diz que: “Lacan diz que todo conhecimento é conhecimento paranoico. Para ele não há verdade absoluta, na medida em que o saber é sempre parcial, é sempre um saber decorrente dessa suposição de totalização” (p. 34).

Apesar da psicanálise haver de um arcabouço teórico favorável, consolidado e satisfatório, alguns cientistas a qualificam como uma *pseudociência*, ou seja, um conjunto de teorias e métodos com mera aparência científica, e sem viés de comprovação. É o caso de **Mario Bunge**, que coloca como uma das premissas básicas para ciência a noção de “certeza”. Em entrevista, datada de 10/03/2017, à Revista de Filosofia Aurora, Mario Bunge responde a um questionamento da seguinte forma:

Revista Filosofia Aurora – ... E sobre a noção de certeza? Podemos sustentar o conceito de certeza de um modo não ontológico?

Mario Bunge - Não, a noção de certeza é uma noção psicológica que não tem muito a ver com a investigação científica. Buscamos os dados mais fidedignos, mas também casos que concordam com o uso das **teorias**. (Bunge, 2017).

A resposta de Bunge nos remete a ideia de que não é somente a noção de certeza que comprova a realidade dos fenômenos, e, por conseguinte, o nascimento de uma ciência, mas somente com o aporte da teoria, enquanto embasamento

adequado para legitimar a certeza apresentada para a apreensão da realidade do mundo.

Gregorio Klimovsky (2022 – 2009), em seu livro *Epistemologia e Psicanálise* – volume I, ao discorrer sobre questionamentos acerca da cientificidade ou não da teoria e clínica psicanalíticas, sustenta a ideia de que o anseio social é fundamental para qualquer tipo de conhecimento que aponta para um saber que apresenta como resultado sua validade enquanto verdade para determinado grupo. Klimovsky (2009) cita o caso da capital da Argentina, Buenos Aires, nomeando a grande metrópole como sendo “a capital planetária da psicanálise”, na medida em que, para um mil habitante da região, pelo ao menos dois são psicanalisados (p. 243). No que concerne, especificamente, a argumentação de a psicanálise ser ou não uma ciência, Klimovsky aponta 3 (três) observações fundamentais; quais sejam:

Em primeiro lugar, há a questão lógica de saber se a estrutura das teorias psicanalíticas satisfaz os requisitos mínimos para construir do ponto de vista metodológico um discurso científico significativo. Em seguida, vem a questão da verdade de tal discurso. E, por fim, há a questão sobre a correção da atividade prática e clínica dos próprios psicanalistas, e sobre o valor de suas monografias e pesquisas (Nossa Tradução) (Klimovsky, 2009, p. 245).

Nesta via de pensamento, para alguns autores, uma teoria contumaz e sólida é suficiente para se emoldurar como ciência, somada a “práxis” que se faz necessária. Sampieri, Collado e Lucio (2013), cita **Sigmund Freud** como um dos autores clássicos, cuja teoria encarna a possibilidade de se fazer ciência:

Outro uso do termo **teoria** é o pensamento de um autor; A teoria é identificada com textos de autores clássicos como Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim, Burrhus Frederic Skinner, Albert Einstein e **Sigmund Freud**. Tais personagens poderiam ter proposto uma teoria, mas nem todo o seu pensamento significa uma teoria, considerá-la dessa forma implicaria em equiparar o conceito de "teoria" com a "história das ideias" (Sjoberg e Nett, 1980). Como parte dessa noção de teoria, alguns usam o termo como sinônimo de "escola de pensamento" (p. 3, CD do livro).

A teoria psicanalítica emerge de forma inversa em relação aos demais saberes, pois enquanto estes emergiram a partir de uma teoria e de uma hipótese, a psicanálise nasce de sua *praxe*, na medida em que é da clínica que arrebatada seus dados, estabelece seu método singular, a ‘livre associação de ideias’, demarca a postura de *neutralidade* do analista, bem como seu campo de atuação, qual seja, a relação transferencial, firmando-se numa relação *ética* entre analista e analisante.

A despeito de o objeto de estudo da psicanálise ser o *inconsciente*, enquanto instância psíquica inapreensível em sua totalidade, na medida em que “o inconsciente

é estruturado como uma linguagem” – aforismo lacaniano, atemporal, com uma lógica autônoma e alheia à consciência humana, que delibera o destino dos homens, que pensa em nós, “E, muito embora desconheçamos a natureza do inconsciente, resta-nos saber como identificar os produtos do inconsciente” (Nasio, 1995, p. 26).

Com isso, podemos pensar na ideia de que o verdadeiro objeto de estudo da psicanálise, enquanto possibilidade de ser classificada como uma ciência, são as chamadas “formações do Inconsciente”, que se apresentam sob as formas dos *atos falhos, cometidos pelos sujeitos, nas palavras e nos enunciados, parapraxias, erros do cotidiano, chistes, esquecimentos, sonhos, sintomas neuróticos, psicóticos e perversos, produções imaginárias, dentre outros*; tudo isso, são passíveis de mensuração, elucubração, teorização, bem como de comprovação, na medida em que são fenômenos apresentados na realidade e que podem ser evidenciados mediante experimentos, sobretudo clínicos, no *set analítico* e na apresentação de trabalhos acadêmicos, e que, por vezes, encontram resultados satisfatórios e de sucesso terapêutico, sobretudo no campo da clínica psicanalítica.

É inquestionável que uma disciplina pode ser considerada ciência quando está submetida a uma série de condições que a denomine como tal. Mas, qual o *locus* adequado para se fazer ciência? Ademais, indaga-se os cursos de graduações constantes nas faculdades e universidades, ou seja, se estes são ou não passíveis de conhecimento científico e atendem ou não às condições mínimas que se façam constatar enquanto saber científico.

Nesse sentido, podemos imaginar que o conhecimento científico transcende e vai além dos conhecimentos transmitidos no âmbito das universidades do globo. Fazer ciência não implica estar vinculado ao *campus* universitário, enquanto possibilidade de *locus* do saber científico. Daí, pode-se acreditar que fatores políticos estão intrinsicamente ligados às decisões inerentes ao que deve ou não estar no *campus* universitário.

É sabido que, em todo o globo, no âmbito das universidades, não há cursos de graduação em psicanálise, mesmo por que, tomando as palavras de **Sílvia Ons** (2018), apesar da psicanálise haver nascido em terra científica, na medida em que Freud, na qualidade de médico neurologista, prezava, com reverência, ao saber

científico, aos poucos, fora deixando de lado a tentativa de convencimento da comunidade científica de que sua “ciência” não estava no momento propício para se concretizar e se fazer valer, enquanto tal, deixando esse legado para as próximas gerações de psicanalistas. **Ons** diz:

A psicanálise costuma ser desvalorizada com o argumento de que não é científica; ao que parece, o padrão lógico positivista não encontra em nossa disciplina um solo firme. O saber transmissível da ciência, válido para todos, não é aquele ao que um paciente chega mediante a análise; porém, a lógica com que o paciente chega a ele se baseia nela. A associação livre segue um determinismo, e a interpretação não está aberta a todos os sentidos. Por isso, para que a psicanálise não esteja condenada a se extinguir, para que seu sucesso não seja aleatório e passageiro, Lacan situa seu porvir a sua credibilidade nessa “marca” de cientificidade que Freud lhe outorga desde seu nascimento (Ons, 2018, p. 28).

A ciência da contemporaneidade se fundamenta no saber comprovado pela experiência e pela criteriosa teorização. Todavia, é notório a política enquanto instrumento de inserção do saber nos anais das academias, nas universidades. Os estudos de Freud não se limitaram à clínica. Há um arcabouço científico, teórico, clínico, prático, filosófico, sociológico e ético, mas, podemos inferir que ainda falta o arcabouço com viés *político*, de maneira tal que, a partir de então, passem a se fazer valerem seus postulados.

6.1.3 A multiplicidade de técnicas para tornar a Psicanálise uma ciência empírica

É sabido que a psicanálise nasce da clínica, de onde se tira seus dados, estabelece seu método, delimita seu campo (a relação transferencial), baliza a postura de neutralidade do analista, em um acordo teórico e numa relação ética. A clínica psicanalítica se apresenta sob as mais variadas formas, vertentes e diversidades, de acordo com os múltiplos autores e teóricos, bem como suas respectivas teorias correlacionais, técnicas e métodos, focadas tanto para pacientes adultos como para crianças. Entretanto, a tentativa de tornar a psicanálise uma ciência não deixa de ser um desafio, na medida em que, na atualidade, os métodos e técnicas utilizados constam contumazmente criticados por suas incessantes buscas à perfeição e aos resultados demasiadamente objetivos e precisos. Neste sentido, **Bauman e Dessel** (2017), alertam e afirmam:

Claro, nem a psicanálise nem qualquer pensamento lúcido questionam o fato de que a ciência é um dos mais altos êxitos da faculdade sublimatória humana. O aspecto grave começa no momento em que a ciência, e em particular o acontecimento histórico da técnica moderna, que

ameaça esmagar até o discurso científico, se impõe de forma gradual embora irreprimível como o único modo de revelação da verdade. (Bauman & Dossal, 2017, p. 76).

Não obstante a técnica fundamental da psicanálise, denominada “associação livre de ideias”, criada por Freud, de uso exclusivo da psicanálise, nos tempos atuais, há a necessidade da utilização de novas técnicas, mais objetivas, de natureza investigativa, que sejam aplicadas a problemas de patologias apresentadas na clínica, visando tornar a psicanálise uma “ciência” cada vez mais objetiva, bem como, mais eficazmente reconhecida no âmbito da comunidade científica, acadêmica e social. Em virtude da psicanálise se utilizar da palavra, enquanto instrumento de análise, importa realizar a Análise de Discurso, numa perspectiva psicanalítica, com a utilização do método Algoritmo David Liberman (ADL), técnica reconhecida pela categoria científica, sobretudo, aos psicanalistas argentinos, mexicanos, chilenos, dentre outros países, e que, está começando a ser divulgado no Brasil.

A técnica é uma ferramenta de investigação psicanalítica da linguagem, que permite detectar desejos e defesas, dos pacientes, analisantes, clientes ou escritores, através de instrumentos de aplicação prática para diagnóstico clínico, ou ainda, numa perspectiva de análise social, por via das análises de discursos, com vieses ou não políticos, sociais, jurídicos, literários, jornalísticos, dentre outros. As contribuições, que a pesquisa proporciona, são inúmeras, seja pelo âmbito da saúde mental, individual e coletiva, por via da clínica psicanalítica, no diagnóstico de pacientes, para o direcionamento do tratamento específico e eficaz, bem como na possibilidade de interpretação e análise dos mais variados tipos de discursos da sociedade, em comunidades específicas, tipos de vivências contemporâneas, para estudos de políticas públicas, favoráveis ou não à população, além da observância dos tipos de líderes que podem ou não ser favoráveis na condução da gestão pública.

As tipologias dos caracteres ou erogeneidades, somadas aos tipos de desejos inconscientes, apresentados nos discursos individuais e/ou múltiplos, possuem traços de *fixações* marcantes que denunciam as mais variadas formas de atuação, de comportamentos e de vivências, e, portanto, merecem atenção especial no que diz respeito à melhoria da qualidade de vida do ser humano, inclusive àqueles cujos papéis são de liderar as massas, como representantes de uma comunidade, povo, sociedade ou nação.

As erogeneidades, também denominadas de ‘desejos’, foram, inicialmente, estudadas por Sigmund Freud, e se baseiam nas fases do desenvolvimento da sexualidade infantil, que findam por volta dos oito anos de idade, momento no qual o ‘caráter’ se instaura e o fenômeno da ‘fixação’ se apresenta por via da compulsão à repetição, onde, por sua vez, manifestam-se nas atitudes e nos discursos dos sujeitos, ao longo de toda sua vida. Daí, haverem defesas inconscientes que se apresentam sob a forma de estruturas, de naturezas neuróticas, perversas ou psicóticas.

Maldavsky estabeleceu uma correlação entre as fases da sexualidade e as defesas, ambas emergentes nos discursos, e criou o Algoritmo David Liberman, como ferramenta de investigação psicanalítica da linguagem que permite detectar defesas, fixações e desejos inconscientes, através de instrumentos de aplicação prática na clínica, de caráter diagnóstico ou não, ou, ainda, para efeitos interpretativos em discursos políticos, jurídicos, sociais, jornalísticos, dentre outros.

Os principais autores e correntes literárias que embasam a ferramenta Algoritmo David Liberman (ADL) são Sigmund Freud, Karl Abraham, David Liberman e Maldavsky.

A seguir, destacamos cada autor, com sua teoria e especificidade, pertinente à categoria de análise que resultou na criação do ADL.

A psicanálise se refere a uma teoria, um método investigativo e uma prática clínica profissional. Apesar de ser “... uma ciência do particular: cada paciente é único e não se pode generalizar o que se encontra nem se usar procedimentos universalizados” (Leite, 2010, p. 179), a Psicanálise não se limitou a isto, pois muitas das ciências da atualidade, dentre elas, a sociologia, a medicina, a psicologia, a filosofia, a física quântica, as ciências jurídicas, dentre outras, utilizaram-se da teoria e técnica psicanalíticas como referenciais para seus postulados.

A genialidade de Freud está em ele haver compreendido que, para apreender as causas secretas que movem um ser, que movem esse outro que sofre e a quem escutamos, é preciso, primeiro e acima de tudo, descobrir essas causas em si mesmo, refazer em si — enquanto se mantém o contato com o outro que está diante de nós — o caminho que vai de nossos próprios atos a suas causas. (Nasio, 1995, p. 14).

Um dos temas fundamentais da psicanálise é a chamada “teoria da sexualidade”, que fora apresentada ao mundo, por Freud, na obra intitulada “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), que fora aprimorada ao longo de

outras obras, dentre as quais destacamos: “Sobre as Teorias Sexuais das Crianças” (1908), “Cinco Lições de Psicanálise” (1910), “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (1916-1917[1915-1917]) e “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (1933 [1932]).

As fases do desenvolvimento sexual de maior relevância ocorrem na infância, e, segundo Freud, estruturam-se em 3 (três) etapas, estágios ou fases, quais sejam: fase oral, anal e fálica. Na fase oral, a zona erógena é a boca. Ocorre, aproximadamente, até os 6 meses de vida. O objeto da “pulsão oral” não é o leite que a criança ingere como alimento, mas sim o leite quente que excita a mucosa, o mamilo do seio, a mamadeira, o dedo polegar, ou seja, objetos reais, denominados ‘objetos-pretexto’ que sustentam as fantasias narcísicas primárias. Na fase anal, por sua vez, a zona erógena é o ânus. Ocorre dos seis meses aos 3 anos, aproximadamente. As fezes constituem o *objeto real* que dá ensejo ao objeto fantasiado das “pulsões anais”. Devemos separar o prazer funcional de defecar, do prazer sexual de reter as fezes e ejetá-las bruscamente. Por fim, a fase fálica, em que a zona erógena é o genital. No menino, o pênis, na menina, o clitóris, ou seja, o “falo”. Ocorre entre os 3 e 5 anos. Nessa fase, o objeto fantasiado da pulsão não se apoia numa parte do corpo do indivíduo, como o *polegar* ou as *fezes*, mas numa pessoa, representante do “falo”, que assume a imagem de uma *mãe* ou de um *pai* em detrimento dos desejos e pulsões. Entre fase fálica e a puberdade, há o período de latência, durante o qual as pulsões sexuais são inibidas. O *pênis* e o *clitóris* são apenas os suportes concretos e reais de um objeto fantasiado chamado “falo”. O afeto por conta do Édipo, nos meninos, é a *angústia de castração*. Nas meninas é a *inveja do pênis* e a *angústia* de perder o amor (Nasio, 1995, p. 39-42).

A formação do caráter, necessária e fundamentalmente, dá-se durante esse período da vida, qual seja, da fase intrauterina à fase fálica, de maneira que, é possível, por meio da análise freudiana, saber em qual fase o sujeito se encontra fixado, pois, apesar de todos os humanos haverem perpassados por todas as fases da organização mental e, portanto, sexual, de forma singular, deixando sequelas e absorção de cada fase vivida, há uma certa “fixação” em uma etapa específica, motivo pelo qual o fenômeno da ‘compulsão à repetição’ se manifesta ao longo de toda sua vida, até que este se dê conta disso, e a partir daí, possa fazer mudanças significativas em sua vida, caso deseje conscientemente. Tal compulsão à repetição deve ser

conscientizada pelo paciente, por via da *associação livre*, método exclusivamente psicanalítico, criado por Freud, e que permite evitar maiores sofrimentos, inclusive pelo fato de tais repetições conduzirem às tragédias e até à morte do sujeito. O perigo da ‘compulsão é repetição’ é expressado por Freud ao afirmar: “Contudo, ainda sentimos nossa linha de pensamento apreciavelmente entravada pelo fato de não podermos atribuir à pulsão sexual a característica de uma compulsão à repetição que primeiramente nos colocou na trilha da pulsão de morte” (Freud, 1920, p. 66).

O efeito nocivo das repetições de nossos atos de fala e/ou ações são os principais motivos pelos quais os seres humanos procuram ajuda psicológica e psicanalítica, na busca de não recorrerem nos mesmos erros cometidos em suas vidas. Repetem suas falhas sem se aperceberem e, quando se apercebem, não conseguem se sair dessa cadeia compulsiva que a fazem pensar que estão “paradas” no tempo, sem se desenvolverem ou progredirem. Freud (1933) discorre sobre isso, e diz:

Há pessoas em cujas vidas se repetem indefinidamente as mesmas reações não-corrigidas, em prejuízo delas próprias, assim como há outras pessoas que parecem perseguidas por um destino implacável, embora uma investigação mais atenta nos mostre que tais pessoas, sem se aperceberem, causam a si mesmas esse destino. Em tais casos, atribuímos um caráter ‘demoníaco’ à compulsão à repetição. (Freud, 1933 [1932], pp. 108 – 109).

Freud (1926) instiga seus discípulos a continuarem estudando e aprofundando suas ideias acerca das *fases do desenvolvimento da sexualidade* ou *fases de organização da libido* ou, ainda, *fases de desenvolvimento da psiquê*. Em especial **Karl Abraham**, seu mais dedicado discípulo, e melhor amigo. Freud admite haver subfases que podem distinguir com mais precisão os momentos em que o desenvolvimento do caráter se funda, e quando da morte de Karl Abraham, Freud escreve sobre o amigo, solidando:

Escrevo estas linhas para os amigos e companheiros de trabalho que conheceram e valorizaram Abraham como eu. Eles acharão fácil compreender o que a perda desse amigo, muito mais jovem que eu, significa para mim; e me perdoarão se eu não fizer qualquer outra tentativa de expressar o que é tão difícil de traduzir em palavras. Um relato da personalidade científica de Abraham e uma apreciação do seu trabalho serão empreendidos para a nossa revista por outrem. (Freud, 1926, p. 269).

6.2. Marco Teórico

O marco teórico, para abordagem do objeto de estudo desta pesquisa, foi organizado em subcapítulos, cujos temas norteiam a formação de psicanalistas, oriundos da teoria psicanalítica clássica, inicialmente postulada por Sigmund Freud, e, posteriormente, a psicanálise contemporânea, por seus seguidores mais ilustres.

Tais subcapítulos totalizam em 12 (doze), alguns com subitens, e discorrem sobre os assuntos a seguir:

Sobre os modelos de instituições e entidades psicanalítica no Brasil e no mundo; a história da psicanálise no Brasil e no mundo; articular sobre os conceitos de ensino, educação e formação em relação à transmissão da psicanálise; as premissas básicas e as condições mínimas para a boa formação de psicanalistas; discorrer sobre a importância da psicologia para os profissionais psicanalistas no Brasil; descrever as pedras angulares da psicanálise; as inter-relações entre o sujeito do inconsciente e a formação do psicanalista; a importância da resistência inconsciente como um dos dificultadores para expansão da psicanálise como possível ciência; apresentar a tese de doutorado de Serge Moscovici como uma possibilidade de corolário para esta tese; discorrer sobre a representação e a responsabilidade social da psicanálise no Brasil; apresentar os motivos pelos quais, por vezes, alguns cursos de formação de psicanalista são associados à religião e à teologia; enunciar possibilidades de haverem *estilo comunicacional*, *tipo de papel*, *tipo de líder* ou *traço de caráter* peculiares ao psicanalista; descrever os aspectos legais da formação dos psicanalistas no Brasil e, por fim, apresentar a ascendência do ensino da psicanálise nos cursos de graduação no Brasil.

Autores contemporâneos também foram citados na pesquisa, onde se articulou suas respectivas teorias à temática proposta. Podemos citar como exemplos, **Otto Fenichel** e a teoria psicanalítica das neuroses; **Marco Antônio Coutinho Jorge** e os fundamentos da psicanálise, de Freud e Lacan; **Simone de Beauvoir** e a teoria social francesa; **J.-D. Nasio** e as lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise; **David Liberman** e **David Maldavsky** e a análise do discurso e o Algoritmo David

Liberman (ADL); **Enrique Pichon-Rivière**, em teoria do vínculo e o processo grupal; **Serge Moscovici** e a representação social da psicanálise; dentre outros.

Segundo o fundador da teoria psicanalítica, **Sigmund Freud**, o ensino de sua ciência, no âmbito das universidades, pode ser analisado sob dois pontos de vistas: o da própria psicanálise, enquanto teoria e práxis, e o da universidade, como o espaço mais adequado para a transmissão desse saber. Freud diz: “para resumir, pode-se afirmar que a universidade só teria a ganhar com a inclusão, em seu currículo, do ensino da psicanálise” (Freud, 1919 [1918], p. 189).

Além disso, Freud previu as dificuldades que a psicanálise teria para se tornar uma ciência capaz de atender ao rigor acadêmico necessário, bem como a inserção deste saber no seio da sociedade, ao dizer que ela é “‘inamistosa à cultura’ e foi colocada sob um anátema como ‘perigo social’” (Freud, 1925 [1924], p. 245).

As palavras de Freud ao dizer que “a psicanálise é criação minha e que se deparou com muita desconfiança e má vontade” (Freud, 1927, p. 45), demonstra a realidade persistente da falta de interesse, das autoridades e das pessoas envolvidos no mundo científico e acadêmico, em disponibilizar para a sociedade formas mais adequadas e eficazes de transmitir o saber psicanalítico de uma maneira mais sistemática e científica. Esta feita é bem formulada por Freud (1919 [1918]), ao afirmar que:

A inclusão da psicanálise no currículo universitário seria sem dúvida olhada com satisfação por todo psicanalista. Ao mesmo tempo, é claro que o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo. (Freud, 1919 [1918], p. 187).

Quando pensamos na relação entre psicanálise e educação, não devemos propor a aplicabilidade da teoria e, principalmente, da prática na educação, mas sim, como a forma de transmissão dessa teoria na busca da compreensão desse saber. Essa preocupação existe e pode ser encontrada nos dizeres de Freud, conforme acima explicitado, sobretudo no que diz respeito às distinções claras e precisas que o autor faz ao mencionar as diversas instâncias em que o saber psicanalítico se propõe a estar.

A psicanálise pode ser absorvida pelo sujeito sob vários pontos de vista, dos quais um pode ou não se relacionar com os outros. Pode-se entender a psicanálise

como um estudo do funcionamento psíquico do ser humano, como uma teoria científica para aplicabilidade na prática clínica, como uma prática de cura das doenças da alma, ou ainda, como uma prática filosófica de vida, etc. Esta ideia encontra acordo em **Zimmerman** (1999), ao inferir:

O gênio de Freud possibilitou que, entre avanços, recuos e sucessivas transformações, ele construísse os alicerces essenciais do edifício metapsicológico e prático da psicanálise, sempre estabelecendo inter-relações entre a teoria, a técnica, a ética e a prática clínica (Zimmerman, 1999, p. 25).

O conceito de “saber” é outro importante paradigma a ser considerado na formação dos psicanalistas e sua relação com a sociedade. Para a sociedade, saber está intimamente ligado à aquisição e ao acúmulo de conhecimentos adquiridos ao longo da vida, ou seja, todos os aprendizados adquiridos na educação infantil, educação básica, educação superior, etc., além dos conhecimentos absorvidos pelo senso comum. **Nasio** (1993), nos revela o Inconsciente como:

O inconsciente como saber é mais do que uma hipótese, é quase uma tese, ou melhor, um princípio, ou ainda um axioma. Isso quer dizer que não conhecemos o inconsciente, não podemos apreendê-lo, ele não é tangível, é tão intangível quanto o número imaginário *i*. (Nasio, 1993, p. 52).

Portanto, a teoria psicanalítica coloca o conceito de saber numa instância outra com relação ao conhecimento proposto pela educação. Enquanto a educação tradicional coloca o saber como possibilidade, a psicanálise propõe a derrota do sujeito enquanto possibilidade de saber, na medida em que o sujeito que sabe é o sujeito do Inconsciente, como instância inacessível à consciência. Estes contrassensos de ideias se deparam na clínica psicanalítica, na medida em que o saber adquirido pelo psicanalista em seus estudos em sala de aula, por exemplo, está aquém do saber manifesto advindo do sujeito do inconsciente, enquanto instância outra que não a da própria consciência humana. Um saber que surge por meio dos sintomas, dos atos falhos nas palavras, atos falhos nos gestos, nos sonhos e nos chistes, na qual não se pode ter acesso pela via da consciência humana.

O fenômeno da *marginalização* da psicanálise, enquanto teoria e “*práxis*” terapêutica, no sentido de emergir à margem e no entorno da camada social, também se torna imprescindível para a compreensão da transmissão teórica e clínica. **Moscovici** (2012), em pesquisa realizada acerca da representação social da psicanálise, cuja amostra da pesquisa foi feita junto à população *parisiense*, afirma

que “A psicanálise, assim, está presente num plano em que, sendo sujeito de conversação, se conduz por canais fluidos e marginais da vida social, dessa forma contornando normas e rigorismos habituais”. (Moscovici, 2012, p. 91).

A classe mais favorecida da sociedade anseia por manter a psicanálise à sombra dos problemas sociais e os conhecimentos adquiridos e evoluídos ao longo dos anos, desde o marco inicial da psicanalítica, em 1900, até os dias de hoje, têm progredido sensivelmente, todavia, desagregados e sem objetivos definidos, portanto, com características de *vulgarização* da teoria e de seus conceitos fundamentais, quais sejam: o inconsciente, o recalçamento, a sexualidade, o complexo de Édipo e a transferência. **Moscovici** (2012), apresenta os resultados obtidos na referida pesquisa, que se coaduna com esta ideia, ao dizer que:

Para escapar dessa relação dissimétrica, uma única reação: a rejeição da informação. Vulgarizada, a psicanálise torna-se inquietante: 45% dos sujeitos são contrários à difusão, 36% se declaram a favor, 19% não tem opinião. Os que pertencem à categoria “média” são claramente mais favoráveis à vulgarização da psicanálise que os de situação econômica mais abastarda. (Moscovici, 2012, p. 93).

Os postulados dos principais teóricos que discorrem sobre a transmissão dos conhecimentos e a formação dos psicanalistas; a importância do ensino da psicanálise no âmbito da universidade; as dificuldades para se tornar uma ciência, com o devido rigor; os múltiplos pontos de vistas sob os quais a teoria é abordada; os fenômenos da marginalização e da vulgarização que permeiam os saberes inerentes à teoria e a prática; o paradoxo do conceito de “saber”; a falta de interesse da camada mais favorecida da sociedade em transmitir os conhecimentos, bem como a persistente resistência à psicanálise; são questões fundamentais trabalhadas nesta pesquisa.

6.2.1. A Instituição e a Entidade psicanalítica

Antes de mais nada, para que se possa apresentar de forma clara as categorias anunciadas na tese, importa conceituar e distinguir Instituição e Entidade, de maneira mais ampla, e *a posteriori* discorrer mais pormenorizadamente tais conceitos entrelaçados à psicanálise.

Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, Instituição é uma:

Associação ou Organização de caráter social, educacional, religioso, filantrópico, etc... Estrutura decorrente de necessidades sociais básicas, com caráter de relativa permanência, e identificável pelo valor de seus códigos de conduta, alguns deles expressos em leis (Ferreira, 1975, p. 771).

O mesmo autor conceitua Entidade como sendo “aquilo que constitui a essência de uma coisa; existência; ... Sociedade ou grupo que dirige as atividades de uma classe (Ferreira, 1975, p. 534).

Desta feita, podemos inferir que o conceito de Entidade se sobrepõe e remete a uma amplitude maior do que uma Instituição, na medida em que esta é mais pontual e direcionada a um grupo específico, e àquela se direciona a um conglomerado de grupos que defendam uma mesma categoria ou classe, como se uma entidade abrangesse um conjunto de instituições. Daí o motivo pelo qual o título da presente tese haver optado por incluir a denominação de entidades psicanalíticas e não instituições psicanalíticas, referindo-se a ideia de inclusão nos estudos e na pesquisa toda e qualquer tipo de entidade formadora de psicanalistas, sejam instituições, associações, cartéis, faculdades, sociedades, dentre outros.

Tais ideias se coadunam com o Manifesto das Entidades Brasileiras de Psicanálise, ao apresentar no livro intitulado *Ofício do Psicanalista II*, onde antes de apresentarem todas as entidades apoiadoras de suas ideias, inferem o seguinte:

Aqui estão as principais **entidades** representativas que formam este campo e que assumem plenamente o compromisso com a sociedade e com a população, buscando proteger o que sabemos ser o importante e essencial para todos nós – a presença efetiva da psicanálise no Brasil (Sigal; Conte & Assad, 2019, p. 147) (GRIFO NOSSO)

Partindo dessas premissas iniciais, para efeito desta tese de doutorado, vimos conceituar **Entidade Psicanalítica** como sendo o conjunto de instituições, sociedades, associações, institutos, faculdades, escolas, círculos, núcleos, grupos, cartéis, dentre outras denominações, que têm por objetivos a transmissão da psicanálise e a formação de psicanalistas.

6.2.2. História da Psicanálise

Ao escrever ‘A História do Movimento Psicanalítico’, em 1914, Freud intitula o capítulo I com a frase “*Fluctuat nec mergitur*”, que significa “as ondas o abalam, mas não o afundam”. Tal expressão remonta, resume e faz uma premonição de toda a

história da psicanálise, na medida em que, consiste exatamente na realidade de hoje. A psicanálise ainda navega em águas turbulentas e resiste em desaparecer.

Este capítulo, da história da psicanálise, consta dividido em 5 (cinco) fases ou tempos históricos da psicanálise. O segundo e terceiro tempo ou fase, foram muito bem delineados, pelas próprias palavras de **Freud**, em 'Um estudo autobiográfico' (1925 [1924]), ao afirmar que:

..., a história da psicanálise enquadra-se, do meu ponto de vista, em **duas fases**. Na primeira dessas fiquei sozinho e tive de fazer eu mesmo todo trabalho: isso ocorreu de 1895-6 até 1906 ou 1907. Na segunda fase, que durou desde então até o presente momento, quando uma grave doença me adverte do fim que se aproxima, posso pensar com espírito tranquilo na cessação de meus próprios labores. (Freud, 1925 [1924], p. 58).

Todavia, acrescenta-se mais três fases, e totalizam-se em 5 (cinco) tempos históricos, quais sejam: o primeiro tempo (1856 a 1894), que antecede à primeira fase mencionada acima por Freud, onde se apresenta a fase do nascimento de Freud, em 1856, até o ano de 1894, sendo, este último ano, considerado, aproximadamente, como o nascimento da psicanálise, segundo as palavras acima, do próprio Freud, pai da psicanálise.

Os dois próximos tempos, ou seja, o segundo (1895 a 1907) e o terceiro (1908 a 1924), já constam postuladas por Freud, na referida citação; a quarta fase, ou quarto tempo da psicanálise, se inicia em 1925 e finda em 1939, ano de suas últimas obras e de seu falecimento; o quinto e último tempo, designamos de 1940 até os dias de hoje, fase contemporânea da psicanálise.

Primeiro tempo – de 1856 a 1894 – do nascimento aos 38 anos de idade

Justifica-se considerar que o marco inicial da psicanálise é, precisamente, o dia 6 de maio de 1856, data do nascimento de **Sigismund Schlomo Freud**, na medida em que, o autor, identificado em sua própria obra, é um *constructo* de sua própria história de vida, que se reflete esteticamente na arte de sua autoria. **Aristóteles** (384 a.C – 322 a.C) bem o sabia, quando propõe a máxima “a arte imita a natureza”.

Ademais, toma-se as palavras de Freud para dizer que sua obra se confunde com sua pessoa. Ele diz:

Dois temas ocupam essas páginas: a história da minha vida e a história da psicanálise. Elas se acham intimamente entrelaçadas (Freud, 1935, p. 75)

Freud nasceu em 1856, na cidade de *Freiberg*, na Morávia, hoje chamada de *Pribor*, na República Checa. Era de família judaica. Filho de **Jakob Freud** e **Amalie Nathansohn Freud**, sendo Freud, o filho mais velho do terceiro casamento de seu pai. Teve, ao todo, nove irmãos, sendo dois dos primeiros casamentos de seu pai. Em 1859, com a crise econômica local, o comércio de seu pai fora arruinado, e em 1860, a família se instalou em Viena. Em 1865, um ano adiantado, Freud ingressa no *Gymnasium*. Em 1870, aos 14 (quatorze) anos de idade, ganha as obras de **Karl Ludwig Börne**, escritor e filósofo político, que teve grande influência em Freud, sobretudo na sua obra intitulada 'A arte de se tornar um escritor original' (1823). Em 1873, Freud fora aprovado para ingressar no *Summa Cum Laude*, escola secundarista. Logo depois, ingressa na Universidade de Viena. Pensou inicialmente, em cursar direito, mas optou por medicina. Em 1876, profere suas primeiras pesquisas no seio da universidade, *as glândulas sexuais das enguias*. Em 1877, publica o trabalho sobre o sistema nervoso da lampreia, uma das espécies de enguias. Em 1878, fez amizade com **Josef Breuer**, que era quatorze anos mais velho que Freud, e que o ajudou com apoio moral e financeiro. Nesse mesmo ano, Freud, aos vinte e dois anos, por motivos dos quais serão elaborados na presente Tese, *a posteriori*, muda seu prenome, de *Sigismund* para *Sigmund*. Em 1881, gradua-se em medicina, especialista em neurologia, mas seu interesse era a pesquisa, e não a clínica. Em 1884, trabalha com a cocaína, como propriedade analgésica, bem como inicia os trabalhos com doentes nervosos por eletroterapia. Em 1885, viaja a França, e conhece **Jean-Martin Charcot**, médico e cientista francês, que trabalhava com as manifestações histéricas se utilizando da técnica da sugestão. Em 1886, Freud retorna a Berlim, e após decepção na sua conferência acerca da histeria, abre seu consultório particular. Nesse mesmo ano, casa-se com **Martha Bernays Freud**. Em 1887, começa a usar a técnica da hipnose. Neste mesmo ano, Freud se torna pai pela primeira vez, nasce **Mathilde Freud**, e se inicia as correspondências com **Wilhelm Fliess**, médico alemão que foi grande colaborador e incentivador de Freud em suas pesquisas e até mesmo na sua vida pessoal. Em 1889, nasce seu primeiro filho homem, **Jean Martin Freud**. Logo em seguinte, em 1891, nasce **Oliver Freud**. Em 1892, já com trinta e seis anos de idade, Freud é pai do quarto filho, **Ernst Freud**, mesmo ano em que escreve um artigo sobre o tratamento hipnótico, mas conhece uma paciente chamada **Elisabeth von R.**, que o incitou a um '*insight*', do qual o levaria a inaugurar o método da associação livre, como nova técnica psicoterápica. Em 1893

nasce sua filha, **Sophie Halderstdt Freud**. Em 1894, escreve 'Psiconeuroses de defesa'. Em 1895, publica 'Obsessões e fobias' e lança o livro 'Estudos sobre a Histeria'. No mesmo ano, nasce sua filha mais nova, **Anna Freud**, sua filha mais dedicada. Todavia, em 1896, Freud se depara com um grande sofrimento que jaz havia latente, a morte de seu pai, Jakob Freud. (Mannoni, 1994).

Os últimos dois anos acima, 1895 e 1896, são considerados os anos de inauguração da psicanálise, onde Freud apresenta duas grandes obras, estudadas até os dias de hoje: 'Projeto para uma Psicologia Científica', obra não acabada, fascinante, que fora publicada postumamente em 1950, e a obra clássica 'Estudos sobre a Histeria'. Além disso, Freud já fazia uso da regra fundamental da Psicanálise, a *associação livre* de ideias, e, paradoxalmente, sua ciência emerge para o mundo em meio a alegria do nascimento de sua filha e a profunda tristeza pela morte de seu pai. Teriam sido estes eventos, tão significativos de sua vida pessoal, as válvulas propulsoras pulsionais que fizeram com que Freud sublimasse em sua teoria para explicar os fenômenos enigmáticos e naturais do Inconsciente?

Segundo tempo – de 1895 a 1907 - dos 39 aos 51 anos de idade

No período de 1895 a 1907, a psicanálise se anuncia como teoria e técnica psicoterápica, praticada por apenas um terapeuta, seu fundador e precursor, Sigismund Schlomo Freud, que inventou a psicanálise aos 39 (trinta e nove) anos de idade. Todo arcabouço teórico de sua incipiente ciência fora criada na solidão de seu consultório médico e, apesar de seus primeiros discípulos, como **Paul Federn** (1891 – 1950), haverem contato em 1903, Freud permaneceu sendo o único psicanalista do mundo por um longo período de 12 (doze) anos, até 1907.

Por mais antagônico que se possa parecer, foi o período em que a principal obra da psicanálise fora apresentada ao mundo, mas que, todavia, foi muito pouco lida e conhecida à época – trata-se da 'Interpretação dos Sonhos', grandiosa obra, que fora terminada em 1898, lançada em 1899, e datada pelo editor de 1900, onde Freud a considera como a obra inaugural da psicanálise.

Nesse período, Freud escreve obras importantes e que tiveram mais repercussão na sociedade vienense, como foram os casos de 'A Psicopatologia da Vida Cotidiana', de 1901; 'Três Ensaio Sobre a Sexualidade' e 'Os Chistes e sua

relação com o Inconsciente’, ambas escritas no ano de 1905. Neste ano, Freud estava com 49 anos de idade, e começa a preocupar-se com a disseminação da psicanálise, enquanto ciência capaz de elucidar os problemas da mente humana, bem como de amenizar o sofrimento dos pacientes que precisavam do tratamento adequado. Porém, Freud teve muita dificuldade de fazer valer suas premissas, na medida em que, o mundo acadêmico da época e, por que não dizer, até os dias de hoje, mantém-se sustentados pela competição e pelas vaidades de seus pares, assim como pelo viés político partidário concernente ao *status quo* histórico. Tais dificuldades são explanadas por **Mirta Zbrun** (2014), ao dizer:

Não parece fora de propósito, para situar ainda hoje o estatuto da psicanálise, rever suas origens e os desafios históricos que Freud teve de superar para sobreviver **num mundo acadêmico hostil**. Convém também conhecer um pouco do esforço do criador da psicanálise ao fundar o movimento analítico como uma instituição capaz de manter e garantir a permanência de uma comunidade, que deveria forjar e formar um campo de saber. (Grifo nosso) (Zbrun, 2014, p. 37).

Em 1902, funda a denominada ‘Sociedade das Quartas-Feiras’ ou ‘Sociedade Secreta do Anel’, juntamente com seus discípulos, amigos e pacientes, cujas ilustres presenças de **Wilhelm Stekel** (1868 – 1940) e **Alfred Adler** (1870 – 1937), foram fundamentais e incentivadores para a ascensão da psicanálise. Freud menciona esses encontros da seguinte forma:

Reuniões regulares realizavam-se à noite em minha casa, travavam-se debates de acordo com certas normas, e os participantes se esforçavam por encontrar sua orientação nesse novo e estranho campo de pesquisa, e de despertar em outros o interesse por ele. (Freud, 1914, p.35).

Dois anos depois, em 1904, Freud começa a ter reconhecimento internacional, principalmente por conta de seus escritos iniciais após “A Interpretação dos Sonhos”, de 1900.

No último ano dessa fase histórica da psicanálise, em 1907, Freud dá início a uma amizade que lhe motivara a querer mais ainda dar difusão à psicanálise. Trata-se de **Carl Gustav Jung** (1875 - 1961), psiquiatra suíço, pessoa que Freud apostou muitas fichas para tornar a psicanálise reconhecida internacionalmente, em virtude de que, acreditava que uma pessoa reconhecida na comunidade acadêmica e científica, além de não ser judeu, poderia dar asas a sua teoria, tanto quanto ou, mais ainda, do que ele próprio. Porém, as expectativas de Freud caíram por terra, pois, sua amizade, apesar de ter perdurado por, aproximadamente, sete anos, pode haver sido considerada a maior decepção de sua vida. O rompimento deu-se por conta da não

aceitação, por parte de Jung, da *teoria da sexualidade* como uma das premissas básicas da psicanálise.

As fichas apostadas em Jung foram tantas, quão tamanha fora a decepção de Freud, que o tinha como o filho pelo qual passaria o bastão da psicanálise, a herança de sua criação. Freud diz:

Essa posição, que fora de início ocupada por mim, dado o meu acerto de quinze anos de experiências, devia ser agora transferida para um homem mais jovem, que então, naturalmente, **ocuparia meu lugar após a minha morte**. Esse homem só poderia ser C. G. Jung, ... (Grifos nossos) (Freud, 1914, p. 52).

Entretanto, com relação ao desgosto por Jung, não somente se deu por um motivo, mas por vários, quais sejam, nas próprias palavras de Freud:

Eu não tinha, na ocasião, a menor ideia de que apesar de todas essas vantagens a escolha era a mais infeliz possível, que eu havia escolhido uma **pessoa incapaz de tolerar a autoridade** de outra, **mais incapaz ainda de exercê-la ele próprio**, e **cujas energias se voltavam inteiramente para a promoção de seus próprios interesses**. (Freud, 1914, p. 52).

Neste mesmo ano, 1907, e, de certa forma, para consolo de Freud, ele conhece **Karl Abraham** (1877 - 1925), médico e psicanalista, cujo destino fora ser seu mais fiel seguidor. Quando de sua morte, em 1925, Freud escreve sobre o amigo, solidando:

Escrevo estas linhas para os amigos e companheiros de trabalho que conheceram e valorizaram Abraham como eu. Eles acharão fácil compreender o que a perda desse amigo, muito mais jovem que eu, significa para mim; e me perdoarão se eu não fizer qualquer outra tentativa de expressar o que é tão difícil de traduzir em palavras. (Freud, 1926, p. 269).

A partir de então, com renomados seguidores e iniciado o reconhecimento internacional, a psicanálise ganha corpo na sociedade vienense e começa a se difundir internacionalmente. Iniciam-se, portanto, os anos dourados da doutrina.

Terceiro tempo – de 1908 a 1924 - dos 52 aos 68 anos de idade

Neste período, Freud apresenta muitos escritos teóricos. Pode-se destacar: 'Sobre as Teorias Sexuais das Crianças' (1908), 'Cinco Lições de Psicanálise' (1910), 'Uma Nota sobre o Inconsciente na Psicanálise' (1912), 'Totem e Tabu' (1913), 'O Interesse Científico na Psicanálise' (1913), 'Sobre o Narcisismo' (1914), 'A História do Movimento Psicanalítico' (1914), 'O Moisés de Michelangelo' (1914), 'As Pulsões e suas Vicissitudes' (1915), 'Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise' (1917), 'Luto e Melancolia' (1917), 'Além do Princípio do Prazer' (1920), 'Psicologia das Massas e

a Análise do Ego' (1920), 'O Ego e o Id' (1923) e 'A Dissolução do Complexo de Édipo' (1924).

Como se vê, há um fortalecimento das bases teóricas e dos principais conceitos da teoria psicanalítica nesse período, além de trabalhos vinculados à arte, a cultura, e à clínica; uma miscelânea de conhecimentos emaranhados, que fizeram da psicanálise um saber que perpassa pelos mais renomados conhecimentos, sejam científicos ou não. Há uma popularização que resvala no globo, chegando, inclusive, no Brasil.

Concernente aos aspectos institucionais e históricos, deram-se das seguintes formas: em 1908, ocorreu o primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburgo; em 1909, Freud, acompanhado de Jung, Ernest Jones e Ferenczi, viaja aos Estados Unidos para participar de cinco conferências na **Universidade de Clark**, em Massachusetts. Freud, em 1923, discorre sobre esse episódio da seguinte forma:

Desde então a psicanálise permaneceu sendo popular nos Estados Unidos, embora exatamente nesse país tenha sido unida a muita superficialidade e alguns abusos. Já em 1911, Havelock Ellis podia relatar que a análise era estudada e praticada não somente na Áustria e na Suíça, mas também nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Índia, no Canadá, e, fora de dúvida, na Austrália também. (Freud, 1924 [1923], p. 225).

Ainda em 1909, foi criada a **Sociedade Psicanalítica de Viena**, e o ano seguinte, 1910, fora marcado pela criação da entidade representativa mais importante da psicanálise no mundo, a Associação Psicanalítica Internacional ou **International Psychoanalytic Association** (IPA), cujo primeiro membro presidente foi Carl Gustav Jung, indicado por Freud. Esta associação, criada por Freud, permanece como principal órgão “regulatório” das entidades psicanalíticas no mundo, porém, há controvérsias, mesmo por que o próprio Freud, ao longo de sua vida, fez várias críticas a tal instituição. Sua decepção é iluminada ao descrever:

Isso, e nada mais, foi o que esperava alcançar com a fundação da “Associação Psicanalítica Internacional”. **Mas tudo leva a crer que era querer demais**. Do mesmo modo que os meus adversários iriam descobrir que não era possível lutar contra a corrente do novo movimento, assim também **eu acabaria percebendo** que este **não seguiria a direção que eu desejava** vê-lo seguir. (Grifos nossos) (Freud, 1914, pp. 52-53).

De 1911 a 1915, Freud escreve vários artigos sobre o devido manuseio da técnica psicanalítica, dentre eles temos: “O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise” (1911); “A dinâmica da transferência” (1912), “Recomendações aos

médicos que exercem a psicanálise” (1912), “Sobre o início do tratamento” (1913), “Recordar, repetir e elaborar” (1914) e “Observações sobre o amor transferencial” (1915).

Destaca-se, ainda, alguns fatos e ocorrências importantes da história deste tempo. Em 1911, ocorrem o *Congresso de Weimar* e de *Budapeste*. Em 1913, Freud conhece **Lou Andreas-Salomé** (1861-1937), filósofa, ensaísta, poeta, romancista e psicanalista russa, que teve bastante influência na vida de Freud. Salomé era uma pessoa influente na sociedade vienense, inclusive, tivera uma amizade íntima com **Friedrich Nietzsche** (1844-1900), renomado filósofo, poeta e compositor prussiano. Salomé era polêmica e criticada por sua personalidade singular, que divergia da postura das mulheres daquela época. Ao conhecer Freud, e fazer análise com ele, sua vida mudou, pois projetou em Freud o personagem dos seus sonhos, de um grande pai, que buscou no saber, propiciado nos livros de filosofia e sociologia, que devorava desde a adolescência. Em 1931, no aniversário de 75 anos de idade de Freud, Salomé escreve uma *Carta*, de 148 páginas, e relata:

Seu modo de pensar racional, esse espírito de sequência inabalável, que caracteriza o pesquisador que o senhor é - ... Graças ao senhor, para mim, que já havia feito um bocado de caminho no sentido inverso, a situação oposta tornou-se um acontecimento interior: foi seguindo os meus passos que o consciente se revelou em mim como provido dos sentidos e do valor disto a que eu aspirava inconscientemente. (Salomé, 2001, p. 147).

Ainda em 1913, há a ruptura com Jung. Em 1920, Freud perde sua filha, **Sophie**. Neste mesmo ano, há a fundação da Policlínica de Berlim, bem como a criação do “*The International Journal of Psychoanalysis*”. Em 1921, o Congresso de Haia, e em seguida, 1922, o Congresso de Berlim.

Em 1923, Freud é diagnosticado com câncer na mandíbula e realiza a primeira de uma série de cirurgias. Neste mesmo ano, perde seu neto mais amado, **Heinz**. (Nasio, 1999). Anos tenebrosos viriam daí por diante. Freud inicia, então, uma espécie de despedida da vida e, ao mesmo tempo, escreve compulsivamente, como se fosse correndo contra o tempo, numa tentativa de eternizar sua criação.

Quarto tempo – de 1925 a 1939 – dos 69 aos 83 anos de idade (morte)

Em 1925, Freud, já diagnosticado com uma doença terminal, perde dois grandes amigos e seguidores, Karl Abraham e Joseph Breuer. Aos 69 anos de idade,

e com tantas perdas de entes queridos acumuladas em tão pouco tempo, somadas ao estado de saúde debilitado, culminou numa piora. **Jean-Michel Quinodoz** (2007) relata esta fatídica época:

Em fevereiro de 1926, Freud sofreu dois ataques de angina em plena rua, que ele atribuiu à sua intolerância ao tabaco. Ferenczi, convencido de que a causa dessas crises era a angústia, propôs-se a vir passar alguns meses em Viena para analisá-lo; Freud agradeceu, mas recusou. (Quinodoz, 2007, p. 240).

Preocupado com o que viria pela frente, pensando que haveria de morrer dentro em breve, Freud escreve 'Um Estudo Autobiográfico', em 1924, como uma espécie de despedida, resumindo como inventou a psicanálise e relatando acerca da sua vida e obra. Porém, dez anos mais tarde, em 1935, faz um *pós-escrito*, anexando-o à referida obra, e justifica sua empreitada outrora escrita da seguinte forma:

Pouco antes de haver escrito esse estudo, **parecia que minha vida logo chegaria ao fim** pelo retorno de uma doença maligna; mas a perícia cirúrgica salvou-me em 1923 e fui capaz de continuar com minha vida e meu trabalho, embora não ficasse mais imune à dor. No período de mais de dez anos que então transcorreu, jamais abandonei meu trabalho analítico e meus escritos. (Grifo nosso) (Freud, 1925, p. 75).

Ainda no ano de 1925, **Marie Bonaparte** (1882-1962), sobrinha neta de **Napoleão Bonaparte** (1769 – 1821), escritora francesa que, ao passar pela experiência de análise com Freud, torna-se psicanalista, cuja fortuna ajudou a disseminar a psicanálise na cultura europeia. Tal episódio, também se pode inferir como um dos marcos da história da psicanálise no mundo. Freud afirmou em 1933: “Marie Bonaparte, minha amiga e discípula”. (Freud, 1931-36, p. 252).

A partir de então ocorre a consolidação da psicanálise no mundo. Em 1926, Freud faz 70 anos de idade, e é criada a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Em 1929, há o rompimento com **Sandor Ferenczi**, um de seus renomados discípulos. Em 1930, mesmo ano da morte de sua mãe, que falecera no mês de setembro, Freud recebe o Prêmio *Goethe* de literatura. Em 1933, em Berlim, os nazistas queimam suas obras. Mesmo ano em que Ferenczi vem a falecer. No mesmo ano, há a ascensão de **Adolf Hitler** (1889-1945). Em 1938, “Roosevelt e Mussolini intervêm em favor de Freud. Ele se exila em Londres, acompanhado de mulher e da filha Anna” (Nasio, 1999, p. 104).

David Cohen, em seu livro intitulado 'A fuga de Freud' (2010), retrata com riqueza de detalhes o período em que Freud fora perseguido pelo regime nazista na

Europa. Em sua pesquisa, Cohen, dedica um capítulo, denominado por dele de ‘O pior dia da vida de Freud’ – uma terça-feira do dia 22 de março de 1938, quando a *Gestapo*, polícia secreta de Hitler, invade a casa de Freud e leva sua filha, Anna Freud, presa. E apesar dela haver sido liberada para retornar para casa no mesmo dia, Freud pensou que nunca mais a veria. Até então, Freud se recusava a fugir para a Inglaterra, a pedido da Princesa **Marie Bonaparte**, porém, após esse episódio, Freud mudou de ideia, e resolveu atender ao pedido da princesa, de fugir imediatamente, sob pena de ser executado juntamente com sua família. Cohen (2010) relata essa passagem, na vida de Freud, da seguinte forma:

Freud ficou indescritivelmente aliviado quando ela finalmente voltou sã e salva para casa no fim do dia 22 de março. Max Schur comentou que Freud finalmente mostrou seus verdadeiros sentimentos. O velho fragilizado chorou. Chegara a temer que nunca mais voltaria a ver sua Antígona, como chamava Anna. A detenção de Anna aterrorizou Freud, representando a grande virada. (Cohen, 2010, p. 208).

Do que concerne à construção teórica de sua obra, nesse tempo freudiano, não diferente dos demais, foram escritos textos monumentais, dentre os quais, destacam-se: “Um estudo autobiográfico” (1925), “O Fetichismo” (1927), “O Futuro de uma Ilusão” (1927), “O Mal-estar na Civilização” (1930), “Sexualidade Feminina” (1930), “A Dissecção da Personalidade Psíquica” (1932), “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (1933), “Análise Terminável e Interminável” (1937), “Moisés e o Monoteísmo” (1939) e “Esboço de Psicanálise” (1940).

Em 1939, Freud, em Londres, e ainda atendendo a pacientes, viveu juntamente com sua família, até o dia 23 de setembro, quando, a seu pedido, por conta das dores insuportáveis na mandíbula, recebe uma injeção letal, que o faz dormir eternamente. Roudinesco e Plon (1998) relatam: “..., às três horas da manhã, em sua casa de Londres. A seu pedido, e com o consentimento de Anna Freud, Max Schur lhe injeta uma dose de três centigramas de morfina, por três vezes”. (Roudinesco; Plon, 1998, p. 815). Finda-se o quarto tempo da psicanálise e dá-se início à psicanálise pós-freudiana.

Quinto tempo – de 1940 aos dias atuais – pós-freudianos

Após a morte de Freud, a psicanálise já constava disseminada em diversos países do globo. Todavia, a segunda guerra mundial continuou a ser o foco do mundo sob ascensão de **Adolf Hitler** em sua empreitada para conquistar e dominar o mundo,

sobretudo, os países da Europa. O mundo estava se curvando ao nazismo e milhares de pessoas, dentre eles os judeus, estavam sendo perseguidos e exterminados. Os psicanalistas não se coadunavam com os ideais de destruição e domínio de massas, inclusive, “Vários psicanalistas noruegueses entram para a resistência antinazista” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 815). Não obstante, alguns psicanalistas, renderam-se às exigências do modelo *heich* de psicanálise, como foi o caso de **Matthias Heinrich Göring** (1879 – 1945), médico psiquiatra alemão, nazista ativo, e contrário à psicanálise denominada por ele de “psicanálise judaica”. Em 1938, Göring Presidiu a dissolução das Sociedades Psicanalíticas Alemã e de Viena, bem como do Instituto Psicanalítico de Viena. Ele cria uma espécie de instituto psicanalítico arianizado.

Somente com o fim da guerra, a partir do ano de 1946, renomadas personalidades se sobressaíram dando continuidade e inovando a teoria e técnica psicanalíticas. Ao longo da segunda guerra mundial, várias irmãs de Freud morrem nos campos de concentração nazistas. Em 1951, a esposa de Freud, Martha, vem a falecer.

As pessoas mais próximas de Freud foram fundamentais para a continuidade de seu legado. Dentre elas, destaca-se **Anna Freud**, sua filha amada e discípula fiel, que esteve ao seu lado até o último dia de sua vida. **Marie Bonaparte**, seguidora contumaz, que salvou a vida de Freud e de sua família, da perseguição nazista, convencendo-os a fugiram para a Inglaterra, sob pena de serem mortos, e o legado da família Freud haver se apagado para sempre. Além de tudo isso, Marie Bonaparte, após a morte de Freud, continuou sendo destaque na propagação da psicanálise no mundo, utilizando-se de sua fortuna, fama e nobreza, com vistas ao convencimento da importância das descobertas de Freud, conhecimentos que jamais serão apagados ao longo do tempo. Assim como os demais seguidores de Freud, Marie Bonaparte conseguiu esse legado, na medida em que, mais de “Cem anos depois do nascimento da psicanálise, o freudismo está implantado em 41 países do mundo, e a IPA em 32 países, com 45 sociedades psicanalíticas, Esses países estão, na maioria, situados em dois continentes: a Europa e a América” (Roudinesco; Plon, 1998, pp. 829-830).

Destacam-se, também, autores pós-freudianos vultosos, como exemplos, **Melanie Klein, Maud Mannoni, Françoise Dolto, Wilfred R. Bion, Donald Woods Winnicott e Jacques Marie Émile Lacan**. Todos estes renomados personagens

deram continuidade ao legado de Freud, cada um a seu modo, com novos conceitos e técnicas, porém, mantendo as bases teóricas fundamentais da psicanálise, suas premissas básicas, quais sejam, o estatuto do inconsciente, a teoria da sexualidade, a universalidade do complexo de Édipo, o fenômeno da transferência, na relação terapêutica, e o recalçamento, enquanto, formador da estrutura da *psique* humana.

Após a exposição sucinta e histórica da psicanálise acima, apresentamos, a partir de agora, um breve contexto histórico da psicanálise no Brasil, inferindo que foi um dos primeiros países no mundo a transmitir os conhecimentos inerentes à psicanálise. Mesmo nos primórdios, e antes mesmo de ser disseminada mundialmente, o médico psiquiatra baiano, **Juliano Moreira** (1872 – 1933), foi o primeiro professor universitário do país a referir e incorporar os conceitos inerentes à psicanálise no ensino de cursos de graduação em medicina no Brasil.

Danziato (2000), diz que “... em 1899, Juliano Moreira, um verdadeiro monumento da psiquiatria brasileira, referia-se às ideias de Freud no Estado da Bahia” (p. 49). Todavia, os trabalhos e as aulas do autor não foram suficientes para a difusão da psicanálise no Brasil.

Muitos anos depois, somente em 1914, surge o primeiro trabalho acadêmico escrito em Português, a tese intitulada “Da psicanálise – a sexualidade nas neuroses”, cujo autor era o médico cearense **Genserico Aragão de Souza Pinto**. Entretanto, a psicanálise, no Brasil, somente foi difundida a partir da década de 1920, onde se formalizou o ensino da psicanálise no âmbito universitário, somente nos cursos de medicina, de forma descritiva, explicativa, positivista, de cunho moral e com ênfase na terapêutica (Danziato, 2000).

Outro personagem importante na difusão da psicanálise no Brasil foi **Francisco Franco da Rocha** (1864 – 1933), médico psiquiatra, quando, em 1920, lançou a obra “A doutrina pansexualista de Freud”, trabalho que teve como base suas aulas e conferências que realizara na Faculdade de Medicina de São Paulo. Por sua vez, em 1927, **Durval Marcondes** (1899 – 1981), psiquiatra e psicanalista, juntamente com Franco da Rocha, dão início à institucionalização da psicanálise no Brasil, com a fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP) (Danziato, 2000).

Oswald de Andrade (1890 – 1954), advogado, escritor, poeta e dramaturgo brasileiro, foi um dos maiores expoentes do modernismo literário brasileiro, e

promoveu a difusão da psicanálise no Brasil ao escrever o ‘Manifesto Antropofágico’, em 1928, fazendo alusão a obra de Freud “Totem e Tabu”, de 1913. A antropofagia proposta no Manifesto fora embasado nas ideias de **Karl Marx, Sigmund Freud, Jean-Jacques Rousseau, Montaigne e André Breton**, e referiu-se à contraposição das ideias relativas à missão feita pelos portugueses na descoberta do Brasil, desconstruindo a cultura indígena original brasileira. Danziato (2000) afirma:

O “fantasma antropofágico” sempre retorna em nossa história intelectual, e marcou sua presença também na história do movimento psicanalítico no Brasil. Em seu percurso, vemos a produção de um debate acerca da “psicanálise nacional”, cuja polêmica gira em torno das possibilidades ou não de alguma originalidade teórica e intelectual da psicanálise no Brasil. (Danziato, 2000, p. 50).

A Psicanálise no Brasil

O movimento dos modernistas brasileiros encontrou na teoria freudiana uma das fontes motivadoras para seus ideais, a disseminação dos conceitos aos outros campos do conhecimento, a sociologia, filosofia e educação, as dificuldades encontradas na formação dos analistas, da necessidade de “análise pessoal”, a importação de psicanalistas ‘didatas’ argentinos, alemães e franceses, para uma melhor compreensão dos fenômenos concernentes à clínica. A partir de então, a psicanálise, no Brasil, ganhou corpo sob as mais variadas formas de atuação clínica, de estilos “silvestres” ou não, mas que se mantém até os dias de hoje.

Danziato (2000) afirma que existem três posições em relação às questões inerentes à especificidade da psicanálise no Brasil: a primeira diz respeito ao fato de que há uma “peculiaridade na psicanálise brasileira”, ou seja, uma singularidade, uma forma típica brasileira de se fazer psicanálise; a segunda, é antagônica à primeira, ou seja, a psicanálise é “universal”; e, por fim, a terceira se refere uma espécie de junção das duas premissas anteriores, qual seja, na medida em que “indaga as possíveis relações do saber psicanalítico com seu contexto histórico e geográfico” (Danziato, 2000, p. 56).

Na atualidade, a psicanálise no Brasil é diversa, múltipla, sem orientação ou ortodoxia específicas, sem prevalência de seguimento doutrinário, bem como sem Órgão ou associação regulamentadora das entidades formadoras de psicanalistas. O Ministério da Educação do país (MEC) se abstém de participar da formação desses

profissionais. Talvez pelo fato de a psicanálise, sobretudo no Brasil, ser vista como uma prática *ética*, um tanto quanto mística, e não como uma *ciência*, pondo-se a margem da sociedade, fazendo com que tal fenômeno permaneça a ser fortemente enraizado na cultura do país. Tal ideia se coaduna com **Christian Dunker** (2019), ao afirmar, no capítulo intitulado 'Psicanálise e Modernidade Brasileira', que, "Curiosamente e, ao contrário de outros sistemas simbólicos e outras práticas culturais – como a música, o cinema, as artes plásticas e mesmo a filosofia ou as ciências humanas -, a psicanálise brasileira permaneceu à margem dessa discussão". (Dunker, 2019, p. 107).

Não podemos deixar de lado o contexto histórico das primeiras entidades formadoras de psicanalistas no mundo, e comecemos a afiançar que **Freud** (1926 [1925]) descreve sua profunda satisfação sobre a disseminação da psicanálise na sociedade e reforça seu desejo na continuidade de sua ciência ao longo dos anos vindouros. Ele afirma que a capacidade de sobrevivência da psicanálise se dará tanto como um ramo de conhecimento, quanto como um método terapêutico, e que "O número de seus partidários (organizadores na Associação Psicanalítica Internacional) aumentou de maneira considerável" (Freud, 1926 [1925], p. 77).

Os institutos de formação, na época, e as maneiras de atuação dos psicanalistas já davam sinais de diversidade, e no futuro, não haveria de ser diferente. Freud (1926 [1925]), nos seus 70 (setenta) anos de idade, preocupado com a possível não padronização na formação dos psicanalistas, sinaliza a maneira na qual se deveria nortear as entidades formadoras. Ele diz:

Com seus próprios recursos essas sociedades locais apoiam (ou estão em vias de formar) institutos de formação, nos quais se ministra instrução na prática da psicanálise de **conformidade com um plano uniforme**, e clínicas para pacientes externos, nas quais experimentados analistas, bem como alunos, dão tratamento gratuito a pacientes de recursos limitados (Freud, 1926 [1925], p. 77).

Em 1902, Freud deu início ao primeiro círculo de estudos psicanalíticos, em conjunto com jovens médicos, que veio a constituir a **Sociedade Psicanalítica de Viena**. A partir de então, deu-se início à história institucional da psicanálise, e com a sua difusão crescente, surgiu a necessidade de uma entidade de cunho mais amplo, portanto, internacional. Foi então, no segundo congresso internacional de psicanálise, criada a **Associação Psicanalítica Internacional** (IPA), em Nuremberg, Alemanha,

que, por sua vez, desde então, é considerada a entidade mais conhecida e importante da psicanálise no mundo (Danziato, 2000, p. 37).

Desde àquela época até os dias de hoje, existem várias condicionantes para a qualificação de psicanalistas, e os cursos de formação devem atender a algumas variáveis que norteiam seus mandamentos, das quais são objetos deste trabalho de pesquisa, quais sejam, por exemplo: O programa de formação; o enfoque teórico do curso; o modelo de programa de treinamento; o nível de Qualificação ou a graduação mínima exigida dos novos aspirantes a psicanalistas; o tipo de modalidade do curso: presencial, semipresencial ou não presencial; a exigência de análise pessoal ou não; a exigência de pacientes pilotos (com supervisão) ou não; a carga horária do curso e o tempo mínimo de duração, dentre outras.

A preocupação com a qualidade do ensino da psicanálise, aliada à angústia ocasionada pela má qualidade na formação do psicanalista, são questões presentes na atualidade.

Silvia Ons (2018) externa essa preocupação e nos remete à carência de instituições fortes que possibilitem a transmissão da psicanálise com mais eficácia e mais coesão, para que a psicanálise não perca a pujança que lhe é peculiar. A resistência, que esteve presente desde a criação da ciência psicanalítica, também é salientada pela autora. **Ons** relata que:

Há anos, meu desejo é chegar a círculos que transcendam os âmbitos do “círculo analítico”. Anseio que não se funda apenas em uma questão epistêmica, visto que acredito que a psicanálise é um aporte fundamental em nossa civilização.... Seu peso equiparou-se ao das diversas resistências que sempre a acompanharam: a psicanálise é uma sobrevivente. ” (**Ons**, 2018, p. 13).

Um grande dificultador na discussão acerca da importância da necessidade de haver um profissional psicanalista, diz respeito ao fato de que, por mais paradoxal que pareça, a *resistência* em aferir a psicanálise como uma ciência, e colocá-la no patamar que lhe convém de fato, por vezes, vêm da própria classe dos psicanalistas, que se reservam e se ocultam dentro de seus cartéis, fechados a sete chaves, como se a teoria fosse unicamente deles; ação supostamente justificada e sustentada pelos dizeres de Freud, deturpando suas ideias, interpretando-as em benefício próprio. Nos dias atuais, o fenômeno da pandemia do Coronavírus fez com que o discurso científico fosse colocado em um patamar de destaque, na medida em que, caso a sociedade não acreditasse na ciência, não haveria como sustentar a ideia de que todos deveriam

tomar a vacina para se imunizar do vírus. Na contramão deste discurso, sobretudo no Brasil, houve uma corrente de “negacionistas” que fizeram propaganda para desconstruir o discurso científico da eficácia das vacinas. Instalou-se, portanto, uma crise social sob duas vertentes opostas, a ciência, de um lado, e o negacionismo desta, de outro. Indaga-se: Onde encontrar a verdade? **Jacques Lacan** apresenta uma resposta um tanto quanto paradoxal, ele diz: “O que tenho a lhe dizer, vou lhe dizer, é que a psicanálise deve ser levada a sério, mesmo que não seja uma ciência” (**Lacan**, Seminário 25, 15 de novembro de 1977, p. 2). Assim como os cientistas, de um lado, e os negacionistas, de outro, a resposta de Lacan retrata a posição paradoxal da psicanálise na sociedade brasileira, ou seja, uma prática clínica levada a sério, porém não reconhecida, negligenciada e negada, talvez até pelos mesmos negacionistas da ciência.

Deste feita, até os dias de hoje, o que vemos é a fragmentação da psicanálise, que, por sua vez, contribui significativamente para uma suposta banalização, que é ilustrada por **Elisabeth Roudinesco** (2000) ao escrever sobre o futuro da psicanálise, onde afirma que:

A reorganização do campo psicanalítico traduziu-se, entre 1996 e 1999, num processo duplo: multiplicação das cisões, de um lado, e federalismo, de outro. Assim, a Associação Mundial de Psicanálise (AMP), criada por Jacques-Alain Miller, implodiu e deu origem a uma diversidade de movimentos autônomos. As instituições centralizadoras passaram a ser muito menos dignas de crédito do que as unidades pequenas, mais vivas, mais criativas e sempre prontas a se federar, para melhor trocar entre si a experiência clínica e os saberes (p. 159).

No Brasil, o **Conselho Federal de Psicologia**, em 2017, divulgou nota onde relaciona 17 (dezesete) Entidades Psicanalíticas Brasileiras, que promovem a prática e a transmissão da psicanálise no Brasil, quais sejam:

Aleph-Escola de Psicanálise; Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Appoa); Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA); Círculo Brasileiro de Psicanálise; Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro; Corpo Freudiano; Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae; Escola Brasileira de Psicanálise; Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano; Escola Lacaniana de Psicanálise; Escola Letra Freudiana; Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi); Formação Psicanalítica Instituto Sedes Sapientiae; Laço Analítico Escola de Psicanálise; Práxis Lacaniana/Formação em Escola; Sigmund Freud Associação Psicanalítica; e Tempo Freudiano Associação Psicanalítica. (<https://site.cfp.org.br/cfp-apoia-movimento-de-articulacao-das-entidades-psicanaliticas-brasileiras/>).

Conforme a fonte de pesquisa acima, e apesar do Conselho Federal de Psicologia (CFP) manifestar-se favorável a estas entidades, no que tange à

psicanálise, o Conselho entende que esta é uma subárea da psicologia. Entretanto, há controvérsias.

6.2.3. Ensino, Educação e Formação e suas articulações com a Psicanálise

Antes de mais nada, dissertando especificamente sobre a formação do psicanalista, temos a evidenciar que, desde os primórdios, Sigmund Freud estabeleceu o “tripé de formação” como norte para o aspirante se tornar psicanalista.

O tripé funciona como base para o entendimento da teoria, da técnica, da prática e da experiência clínica, trabalhadas simultaneamente em 3 (três) ações distintas, porém, entrelaçadas e focadas num mesmo objetivo, qual seja, compreender a estrutura de funcionamento do Inconsciente, sua simbologia, sua linguagem e sua dinâmica.

É verdade que a psicanálise não pode ser aprendida facilmente, e que não são muitas as pessoas que a tenham aprendido corretamente. Naturalmente, porém, existe um método que se pode seguir, apesar de tudo. Aprende-se psicanálise em si mesmo, estudando-se a própria personalidade... A pessoa progride muito mais se ela própria é analisada por um analista experiente.... Esse excelente método é, naturalmente, aplicável apenas a uma única pessoa e jamais a todo um auditório de estudantes reunidos. (Freud, 1916 [1915] p. 29).

O inconsciente é individual em cada sujeito, não há um padrão de funcionamento, ou seja, cada paciente, analisante ou analisando, no que diz respeito ao seu “eu inconsciente”, digamos assim, funciona de forma única e singular, não havendo um padrão de funcionamento entre seus inconscientes. Neste sentido, cada análise representa uma dinâmica inédita e estrutural, que mostra a verdade do sujeito em sua mais célere excentricidade.

Para aquisição das habilidades necessárias da compreensão da dinâmica do Inconsciente, enquanto lógica adversa da consciência, Freud estabelece que o tripé de formação em psicanálise é: (1) o *estudo teórico incessante*, (2) a *análise pessoal* e (3) a *prática clínica supervisionada*. Sobre isso, Freud diz:

[...] o que ele necessita, em matéria de teoria, pode ser obtido na literatura especializada e, avançando ainda mais, nos encontros científicos das sociedades psicanalíticas, bem como no contato pessoal com os membros mais experimentados dessas sociedades. No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode

consegui-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos. (Freud, 1919 [1918], p. 187).

Para além dos limites da transmissão da psicanálise, e do ponto de vista social, no que dizem respeito aos conceitos de ensino, educação e formação, tira-se a conclusão de que há significativas divergências. A primeira diz respeito à “transmissão de conhecimentos, de informações ou de esclarecimentos úteis ou indispensáveis à educação ou a um fim determinado”. (Ferreira, 1975, p. 532). A segunda se refere ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social” (Idid, p. 499). Por fim, e por sua vez, o conceito de formação se dá por outra via, qual seja, “ato, efeito ou modo de formar. Constituição, Caráter. Maneira por que se constituiu uma mentalidade, um carácter ou um conhecimento profissional”. (ibid, p. 645).

Como se observa, se por um lado, o ensino se relaciona a conteúdos, a educação é mais abrangente, pois visa a melhoria nas relações sociais; já a formação está intrinsicamente ligada a formação do carácter daquele que detém o conhecimento por via do ensino. Por conseguinte, a formação infere questões éticas, na medida em que, ao lidar com o carácter do sujeito, exige-se dele uma tomada de posição sobre como deve se comportar diante de determinado tema, matéria ou situação.

Na modalidade do ensino superior, nos cursos de graduação no Brasil, há uma determinada padronização na transmissão dos conhecimentos. O foco maior se dá no nível dos conteúdos, sobretudo nos primeiros anos do curso, entretanto, somente nos últimos dois anos finais o aluno universitário se depara com os conceitos mais voltados para a formação enquanto profissional, inclusive, com a inclusão de disciplinas voltadas a ética profissional, o que faz um *link* com a realidade acadêmica e o mercado de trabalho, à espera do profissional capaz de atender as demandas que a sociedade anseia, sobretudo, no que concerne ao atendimento da população em geral.

No tocante aos cursos denominados *psi*, tomando como exemplo o curso de psicologia, a grade curricular é contumaz em inferir a diversidade de teorias psicológicas e o acadêmico é que deverá escolher qual área da psicologia mais lhe convém à título de identificação teórica e prática. O tempo dos cursos de psicologia no Brasil, normalmente, são de 5 (cinco) anos e somente nos últimos 2 (dois) anos é que o aluno terá a oportunidade ver disciplinas relacionadas à ética profissional, bem

como os estágios obrigatórios nas diversas áreas de atuação, quais sejam, a psicologia hospitalar, escolar, clínica, organizacional, etc.

O ensino e a formação caminham lado a lado nos cursos de graduação no Brasil, e até certo ponto, tais conceitos chegam a se confundirem, na medida em que, nas grades curriculares não há uma demarcação temporal objetiva de quando conclui as disciplinas conteudistas, daquelas que têm como foco a forma de atuação no mercado por parte dos futuros profissionais, que, muitas vezes, saem da faculdade despreparados para enfrentarem o mercado de trabalho.

Do ponto de vista da psicanálise, em sua relação com a educação, há o conceito de “saber”, enquanto paradigma questionável, na medida em que, o conceito de saber para a educação está intimamente ligado ao conceito de conhecimento, pois o sujeito sabe a partir da soma de conhecimentos que adquire ao longo de sua vida. Os conhecimentos adquiridos na educação infantil, educação básica, educação superior, etc., além dos conhecimentos absorvidos pelo senso comum.

A teoria psicanalítica coloca o conceito de saber numa instância outra com relação ao conhecimento proposto pela educação. Enquanto a educação coloca o saber como possibilidade, a psicanálise propõe a derrota do sujeito enquanto possibilidade de saber, posto que o sujeito que sabe é o sujeito do Inconsciente, como instância inacessível à consciência, em sua totalidade.

Paulo Freire, em *Pedagogia da Esperança*, diz:

Minha experiência vinha me ensinando que o educando precisa de se assumir como tal, mas, assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer em relação com outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto do conhecimento (Freire, 1992, p. 47-9).

Para o autor, a educação tem como foco a busca do conhecimento. Esta ideia segue na contramão do conceito de saber de muitos psicanalistas, assim como para as diversas escolas, associações, cartéis e sociedades psicanalíticas espalhados pelos diversos países do globo.

Podemos dizer que o conceito fundamental da psicanálise é o conceito de Inconsciente proposto por Freud no início do século XX, onde afirma existir uma instância psíquica que se manifesta no sujeito consciente. Um saber que emerge por

meio dos sintomas, dos atos falhos nas palavras, atos falhos nos gestos, nos sonhos e nos chistes, na qual não se pode ter acesso pela via da consciência humana. J.-D Nasio (1993), nos revela o Inconsciente como:

... um saber que não podemos apreender diretamente. O inconsciente como saber é mais do que uma hipótese, é quase uma tese, ou melhor, um princípio, ou ainda um axioma. Isso quer dizer que não conhecemos o inconsciente, não podemos apreendê-lo, ele não é tangível, é tão intangível quanto o número imaginário i (Nasio, 1993, p. 52).

A educação que trabalha o sujeito e o faz aprender, ler, pensar, falar, etc. Tudo isso contribui para o equilíbrio do sistema, como um todo. Quanto mais se trabalha a consciência, maior a possibilidade de articular ideias e mais força se adquire para manter longe a forte pressão de descarga proporcionada pelo princípio do prazer. Freud (1911), em 'Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental', coloca que:

A educação pode ser descrita, sem mais, como um incentivo à conquista do princípio do prazer e à sua substituição pelo princípio da realidade; isto é, ela procura auxiliar o processo de desenvolvimento que afeta o ego. Para este fim, utiliza uma oferta de amor dos educadores como recompensa; e falha, portanto, se uma criança mimada pensa que possui esse amor de qualquer jeito e não pode perdê-lo, aconteça o que acontecer (Freud, Obras Completas, Volume XII, 1911, p. 242).

A incongruência dos conceitos e das formas de como se buscam explicar os fenômenos das relações objetais, bem como o fato de que existem diferenças muito significativas no que dizem respeito à concepção do saber enquanto conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória de vida do sujeito, e o saber proposto pela psicanálise. Esta diferença de conceitos dificulta por demais a aceitação da psicanálise como uma linguagem, também, científica, além de uma prática voltada para a clínica, no *set analítico*, como uma mística que envolve a relação analista e analisante.

Há certa dificuldade, num considerável número de estudiosos, em compreender e aceitar a possibilidade de haver um conceito tão complexo, e até, de certa forma, enigmático, como o sujeito dividido proposto pelos psicanalistas de um modo geral. Esta maneira de ver a relação sujeito/objeto vai de encontro aos ideais da ciência positivista, ainda muito forte na sociedade atual, principalmente nos países ocidentais.

É sabido que, a partir do final do século XIX e começo do século XX, iniciou-se um movimento formulado, inicialmente por **Edmund Husserl** (1859-1938), no qual

objetivou repensar os fundamentos da racionalidade imposta pelas ciências ditas positivistas, mostrando que as ciências humanas e a filosofia também poderiam ser viáveis para a sociedade. A proposta abriu caminho para filósofos como **Jean-Paul Sartre** (1905-1980), com a filosofia existencialista; **Martin Heidegger** (1889-1976), que elaborou a *teoria do Ser*; **Maurice Merleau-Ponty** (1908-1961), filósofo francês, autor da célebre frase “A ciência explica o mundo, mas se recusa a habitá-lo”, ao se referir criticamente à objetividade das ciências como solução dos problemas humanos; dentre outros autores. Aranha e Martins (1993) retrata a proposta da fenomenologia da seguinte forma:

A fenomenologia propõe a superação da dicotomia, afirmando que toda *consciência é intencional*, o que significa que não há pura consciência, separada do mundo, mas toda consciência *tende* para o mundo. Da mesma forma, não há objeto em si, independente da consciência que o percebe. Portanto, o objeto é um *fenômeno*, ou seja, etimologicamente, “algo que aparece” para uma consciência (Aranha e Martins, 2002, p. 171).

É nesse contexto histórico que a psicanálise surge como um método interpretativo, enquanto hermenêutica, uma forma de tratamento psicoterápico e uma teoria. Tendo como pano de fundo o descrédito na teoria positivista dos cientistas que acreditam numa “verdade absoluta” na qual o homem poderá alcançá-la a partir das descobertas prometidas pelas ciências exatas.

Não obstante a Psicanálise há décadas estar sendo assunto constantemente nos anais dos estudos interdisciplinares das ciências de um modo geral, devemos acrescentar a substância que este saber proporciona também para à cultura, dando explicações a saberes até então obscuros de conhecimento, como é o caso da Maçonaria, bem definida por **João Anatalino Rodrigues** (2013), em *O Tesouro Arcano: A Maçonaria e seu Simbolismo Iniciático*, como “... uma sociedade universal de homens de boa vontade, cujo objetivo é defender a liberdade de pensamento, a igualdade entre as pessoas e a fraternidade entre os povos da terra (Rodrigues, 2013, p. 41).” A arte milenar da Maçonaria, se encaixa muito bem na ideia de Freud e seus discípulos, sobretudo, **Carl Gustav Jung**, concernente ao conceito de Inconsciente e da proposta da interpretação dos sonhos como via de acesso direto ao sistema inconsciente para a consciência humana, sendo esta última a quase insignificante ponta do iceberg do saber.

João Anatalino Rodrigues muito bem explicita a contribuição da psicanálise para os esclarecimentos e a elucidação dos mistérios que envolvem a mística do pensamento Maçônico. Ele discorre:

Freud, a quem se atribui a sistematização dos conteúdos do inconsciente humano, confessou a influência que recebeu desse tipo de pensamento quando elaborou sua tese sobre o significado dos sonhos. Jung, principalmente, deve sua fama as descobertas que fez sobre as relações que o inconsciente humano mantém com o mundo mágico dos símbolos e dos arquétipos (Rodrigues, 2013, p. 26).

A corrida pela busca de respostas nos confins do universo, com o envio de espaçonaves, a conquista da lua, as experiências que ainda estão em andamento para encontrar resquícios ou provas da existência de vida no planeta Marte e em outros planetas da constelação, ainda são muito significativas na caminhada da humanidade. Quanto mais longe conseguirmos ir, seja pela lente do telescópio, seja pela lente do microscópio, mais conhecimento o homem terá. Esta é a proposta positivista da ciência empírica.

Numa outra perspectiva, podemos nos deparar com cientistas que fazem o caminho inverso, vislumbrando a contramão dessa ideia e propondo um caminho para um mundo paralelo, o mundo interno do ser humano, que jamais poderá ser visto pelo olho humano, mas que será provado, não empiricamente, mas, sobretudo, por meio da subjetividade, onde o fundamental é ter como princípio a admissão de um saber que o homem jamais conhecerá em sua plenitude.

Freud, em sua trajetória de científica, fiel aos princípios morais de sua época, como um médico competente, amparado nas positivities de uma ciência exata, na busca das verdades do sofrimento humano, passou sua vida inteira na tentativa de solução para o fim do sofrimento humano. Toda grandiosidade de sua obra foi resumida por ele mesmo ao escrever em 1937, pouco antes de morrer, onde afirma que “educar, ao lado de governar e psicanalisar, é uma profissão impossível” (Freud, 1937, p. 3361).

Com efeito, tais dizeres são pouco compreendidos em sua essência, pois sua tradução ao *pé da letra* não responde a contento sua significação, na medida em que temos que levar em consideração o fato de que Freud, antes de tudo, é um escritor que articula suas ideias, por vezes, de maneira ambígua e pessimista. Esta

característica peculiar está justificada pela própria teoria psicanalítica, como muito bem explicitou **Joel Birman** (1999), em *Mal-estar na atualidade*, quando diz:

A afirmação sobre o desamparo do sujeito indica o ponto de chegada do discurso freudiano. Foi com este enunciado conciso que Freud delineou a posição de fragilidade estrutural do sujeito, ao relacionar este à sua corporeidade, às ameaças da natureza e aos horrores gerados nas relações ambivalentes com os outros (Birman, 1999, p. 36).

Leny Magalhães Mrech (2009) num artigo intitulado “Lacan, a educação e o impossível de educar”, *Revista Educação*, encontra uma explicação muito próxima da menção que Freud fez das três profissões impossíveis: educar, psicanalisar e governar. Ela se coloca no lugar do leitor que ao se deparar com tal dito de Freud, se questiona o que ele, Freud, quis dizer com isso. Leny explica que o educador não consegue educar da forma que quer; o político nunca faz política da maneira como quer; assim como o psicanalista nunca psicanalisa da maneira como quer. Isso se dá por conta de que existe algo – o Inconsciente - que se sobressai à consciência e não permite que esse controle se estabeleça. Sempre há um algo a desejar. Nesse sentido podemos pensar que nenhuma ciência consegue dar explicações suficientes para satisfazer na totalidade o desejo demandado pelo sujeito do inconsciente na busca da compreensão e dominação do objeto estudado.

A lógica criada pela consciência, regida pelo princípio da realidade do mundo externo, conflita-se com a linguagem ilógica, insana e caótica do inconsciente. Neste contexto, Freud cria todo um arcabouço teórico para transformar suas ideias e de outros autores, dos quais fez uso, para fazer nascer uma nova ciência, na qual, até os dias de hoje, os intelectuais se amparam e se baseiam para provar as mais variadas hipóteses no mundo acadêmico, seja nas ciências sociais, biológicas, filosóficas e humanas.

6.2.4. A formação do Psicanalista: premissas básicas e condições mínimas

En passant, pode-se dizer que há dois grandes grupos de instituições formadoras de psicanalistas no Brasil e no mundo: umas mais formais e outras menos

formais. No Brasil, a maioria das entidades não possuem ligações com as instituições internacionais, que têm caráter mais formal.

São inúmeras as entidades e escolas internacionais que seguem um padrão mais rigoroso na formação de psicanalistas membros associados. Destacamos, a seguir, duas grandes instituições à nível global, e suas ramificações.

International Psychoanalytical Association (IPA)

Fundada em 1910, por **Sigismund Schlomo Freud**, criador da Psicanálise. Considerada a associação mais renomada, tradicional e conhecida do globo, com mais de 70 (setenta) instituições afiliadas, constantes em mais de 60 (sessenta) países, cuja principal missão é a de promover a psicanálise no mundo, garantindo sua fortaleza.

Pode-se afirmar que a IPA é a principal entidade disciplinadora, organizadora e credenciadora de psicanalistas do mundo, talvez pelo fato de haver sido criada pelo próprio inventor da psicanálise.

Na IPA, para conquistar o *status* de Analista, o membro da associação deverá passar por um “crivo” escrupuloso, e exige-se do aspirante à psicanalista uma série de requisitos, quais sejam:

- a) Reconhecimento pela Organização ou Instituto Constituinte da conclusão satisfatória dos requisitos formais de um programa de treinamento aprovado ou equivalente, incluindo uma análise com um analista oficialmente reconhecido pela Organização ou Instituto Constituinte como qualificado para analisar candidatos (quando aplicável), conclusão dos requisitos do curso e tratamento satisfatório dos casos supervisionados necessários.
- b) Reconhecimento pela Organização ou Instituto Constituinte da capacidade de exercer a análise sem supervisão.
- c) Conclusão de 5 anos de experiência em tratamentos psicanalíticos não supervisionados após a obtenção de qualificação oficial e eleição para membro da Organização ou Instituto Constituinte. Esta experiência deve incluir o tratamento de pelo menos 4 casos de adultos não psicóticos.
- d) Um interesse demonstrável pela prática da psicanálise, demonstrado pela proporção de tempo profissional dedicado a ela, tanto no passado quanto no presente.
- e) Demonstrar interesse e conhecimento das teorias psicanalíticas evidenciadas por escritos científicos, participação em discussões científicas, ensinamentos etc.
- f) Conformidade com os Princípios de Ética 2B da IPA 'Para Todos os Psicanalistas e Candidatos' listados na entrada do Código de Procedimentos da IPA 'Princípios e Procedimentos Éticos'.
- g) A qualificação como psicanalista de crianças e adolescentes e/ou o atendimento psicanalítico de crianças ou adolescentes deve ser considerada como uma vantagem adicional.

(https://pt.ipa.world/IPA/en/IPA1/Procedural_Code/Requirements_for_the_Appointment_of_Training_Analysts.aspx, recuperado em 10 de dezembro, 2022).

Como se vê, a exigência de reconhecimento por várias entidades, o tempo de 5 (cinco) anos de experiência clínica, o estudo teórico, a supervisão, os princípios éticos das instituições credenciadas, dentre outras, são condições que direcionam ao rigor da formação.

Associação Mundial de Psicanálise (AMP)

Trata-se de um conglomerado de escolas psicanalíticas, tendo como referência a *Escola Freudiana de Paris*, fundada em 1964 pelo psicanalista francês **Jacques Marie Émile Lacan**, o mais renomado expoente da psicanálise mundial, depois de Freud. O objetivo central de escola criada por Lacan é de renovar os fundamentos, bem como a prática psicanalíticas.

O termo "escola" foi utilizado por Lacan noutro sentido, que não o da escola tradicional. Diz Lacan:

Primeira versão
"Proposição de 9 de outubro de 1967
SOBRE O PSICANALISTA DA ESCOLA"

Trata-se de fundamentar, num estatuto duradouro o bastante para ser submetido à experiência, as garantias mediante as quais nossa Escola poderá autorizar um psicanalista por sua formação — e, em decorrência disso, responder por ela [...] A Escola pode ser testemunha de que o psicanalista, nessa iniciativa, traz uma garantia suficiente de formação [...] Ela pode e, portanto, deve fazê-lo, pois a Escola não o é apenas no sentido de distribuir um ensino, mas de instaurar entre seus membros uma comunidade de experiência cujo cerne é dado pela experiência dos praticantes. (Lacan, 2003, p. 570-571).

A AMP conta com Escolas em 2 (dois) continentes do globo, quais sejam, o europeu e o americano; constando ao todo de 7 (sete) Escolas. São elas:

Na Europa há a Euro Federação de Psicanálise (EFP), constante de 4 (quatro) Escolas, quais sejam:

- *École de la Cause freudienne* (ECF), na França, fundada em janeiro de 1981;
- *Scuola Lacaniana di Psicoanalisi del Campo Freudiano* (SLP), na Itália, fundada em 2002;

- *Escuela Lacaniana de Psicoanálisis del Campo Freudiano* (ELP), na Espanha, fundada em 2000;
- *New Lacanian School* (NLS), presente em diversos países da Europa e dos EUA, fundada no ano de 2003.

Nas Américas existem a Federação Americana de Psicanálise da Orientação Lacaniana (FAPOL), constituída de 3 (três) grandes Escolas. São elas:

- *Escuela de la Orientación Lacaniana* (EOL), na Argentina, fundada em 1992;
- *Escola Brasileira de Psicanálise* (EBP), no Brasil, fundada no ano de 1995;
- *Nueva Escuela Lacaniana* (NEL), que compreende Peru, Equador, Venezuela, Cuba, Colômbia, Guatemala, México e Chile, fundada em julho de 2000.

É prática dessas escolas o dispositivo do “passe”, também criado por Lacan, como sendo a maneira pela qual um analisante passa a ser analista. Lacan diz: “Profiro que *o analista só se autoriza de si mesmo*. Instituo o *passe* em minha Escola, ou seja, o exame do que faz um analisante decidir colocar-se como analista — e sem forçar ninguém a fazê-lo”. (Lacan, 2003, p. 530).

Uma das premissas básicas para se tornar um psicanalista, senão a mais significativa, segundo Sigmund Freud, é o fato do aspirante passar pela experiência de análise. Neste viés de pensamento, há quase uma unanimidade em inferir tal postulado. Porém, nesta pesquisa, em capítulos constantes *à posteriori*, mais especificamente àqueles vinculados ao item 8 – Análises e Resultados, verifica-se que há algumas instituições que não concordam com tal axioma, e promovem cursos de formação de psicanalistas sem que haja a necessidade de se fazer passar pela experiência de análise pessoal. **Françoise Dolto**, por sua vez, posiciona-se a favor do pai da psicanálise e, mais ainda, condiciona a possibilidade do sujeito se tornar um psicanalista à sua vivência pessoal, antes de mais nada, na posição de analisante. Ela infere que:

Isso quer dizer que **o médico tem de conhecer-se bem** – e isso mediante a sua própria psicanálise completa – para não utilizar como material de análise senão as reações do seu paciente em discordância com a realidade, e não reagir, além disso, por amor ou ódio, isto é, efetivamente, quando o seu paciente elogiar ou censurar uma das suas características reais (Grifos nossos) (Dolto, 1980, p. 26).

De acordo com **Jorge Forbes**, médico psiquiatra, psicanalista freudiano e lacaniano, fazer análise assemelha-se à produção de uma obra de arte, na medida em que, “a obra é, ao mesmo tempo, terminada e interminada, como uma psicanálise” (Forbes, 2014, p. 45), fazendo, assim, referência à obra de **Sigmund Freud** intitulada “Análise Terminável e Interminável”, escrito em 1937, pouco antes de sua morte. Neste sentido, uma das premissas básicas da formação do psicanalista é de colocar-se continuamente na condição de analisante, de disposição *sine qua non*.

Ainda, além, e, não obstante às condições mínimas para se tornar um psicanalista acima pormenorizadas pelos renomados psicanalistas, há outros fatores internos e externos, alheios ao lado pessoal e íntimo do psicanalista, ou seja, fenômenos reais que dificultam a atuação do aspirante, e até mesmo do analista maduro e experiente em atuação na prática clínica. **Freud** cita esses dificultadores com tanta riqueza de detalhes, que não se deve deixar de apresentá-los de forma *ipsis litteris*. Ele afirma que:

O psicoterapeuta analítico tem, assim, uma batalha tríplice a travar — (1) em sua própria mente, contra as forças que procuram arrastá-lo para abaixo do nível analítico; (2) fora da análise, contra opositores que discutem a importância que ele dá às forças instintuais sexuais e impedem-nos de fazer uso delas em sua técnica científica; e, (3) dentro da análise, contra os pacientes, que a princípio comportam-se como opositores, mas, posteriormente, revelam a supervalorização da vida sexual que as domina e tentam torná-lo cativo de sua paixão socialmente indomada. (Grifos nossos) (Freud, 1915 [1914], 187).

Segundo **Mirta Zbrun**, as escolas psicanalíticas, sobretudo àqueles ligadas às escolas lacanianas, no que diz respeito à formação do psicanalista, dentre as condições mínimas, “podem ser sintetizadas no tripé: análise pessoal, supervisão da prática e formação teórica” (Zbrun, 2014, p. 47).

No Brasil, seguindo a ideia do ponto de vista formal da psicanálise, enquanto prática profissional imersa na sociedade, existem diversas formas de se tornar um psicanalista, das quais, citamos algumas a seguir.

O aspirante a psicanalista pode fazer um curso de formação em uma instituição nacional vinculada à uma outra instituição de cunho internacional. Esta é a maneira mais “completa” de se formar psicanalista, pois, trata-se de um curso cuja duração é de, aproximadamente, 5 (cinco) anos, abordando os conhecimentos teóricos fundamentais, formulados por Freud e outros teóricos. Também é fundamental que se faça análise pessoal, estágio na qualidade de analista, e, por fim, com a devida

orientação e supervisão clínicas, realizadas por um profissional psicanalista mais experiente.

Outra forma de se tornar um profissional da área, é o interessado possuir uma formação em psicologia ou médica psiquiátrica, à nível de graduação, e depois, fazer um curso de pós-graduação lato-sensu, *especialização*, em psicanálise clínica ou teoria psicanalítica. Neste caso, o aspirante conclui o curso em torno de 1 (um) ano e meio a 2 (dois) anos. O fato do interessado já possuir curso de graduação que o possibilite clinicar, como é o caso do curso de psicologia, já o habilita a tal, e não há a necessidade de se filiar a uma instituição ou entidade de formação.

Uma terceira via de formação, dá-se quando o interessado possuir qualquer curso de graduação, em nível de licenciatura ou bacharelado, e se filiar a uma entidade de formação para complementação dos estudos, direcionados especificamente à teoria psicanalítica, com conseqüente análise didática, supervisão e pacientes pilotos (com supervisão).

Além das anteriores, a formação pode ser realizada por via *online*, ou seja, pela internet, onde o candidato se matricula, faz as disciplinas à distância e depois apresenta um trabalho final para qualificá-lo como profissional habilitado. Com o devido diploma de conclusão, poderá atuar como psicanalista. Esta opção é ancorada na menção de que a psicanálise, no mundo, é exercida “livremente”, não regulamentada pelos órgãos do estado, contudo a mercê dos critérios “éticos” de cada instituição ou entidade formadora. No Brasil, este tipo de formação consta amparada na Constituição Federal, no artigo 5º, incisos II e III, e pelas Leis trabalhistas.

Também podemos acrescentar, como uma das formas de preparo para atuação como profissional psicanalista, cursos de *mestrados* ou *doutorados* “livres”, ou seja, que não são regulamentados por órgãos do estado, como por exemplo, o Ministério da Educação no Brasil, mas que, todavia, podem atuar como entidades formadoras de psicanalistas.

Como já se havia discorrido no início deste subitem, e além das citadas acima, há outras possibilidades de formação de psicanalistas. Todos os vieses de formações apresentados acima, *independem* das indicações, postulados e orientações, estabelecidas pela International Psychosanalytical Association (IPA) ou pela

Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), consideradas instituições de renomes internacionais.

Um fator que requer especial atenção, e que outrora pesquisadores já se preocuparam, foi com o estudo da forma de atuação dos psicanalistas em 'estado de ação', ou seja, analisar o atendimento de viés psicanalítico no ato do *setting*. Obviamente que não é o mesmo tipo de pesquisa na qual se propõe nesta feita, que é bem mais pontual, e se refere a estudar sobre a formação de psicanalistas no Brasil, entretanto, o experimento proposto, que podemos citar à título de exemplo, trata-se da preocupação com os tipos de formação de psicanalistas, pesquisa realizada na década de 50, à nível mundial, e se baseou nos dificultadores existentes nas diferentes concepções e métodos de investigação psicanalíticas à época. Tal fato fora objeto de menção, na obra de **Juan-David Nasio** (1999), intitulada "Como Trabalha um Psicanalista? ", narrando o episódio da seguinte forma:

Um analista inglês, **Edward Glover**, nos anos 50, ao ver as dificuldades que existiam sobre as diferentes concepções da técnica psicanalítica, teve a iniciativa de estabelecer um questionário, aberto para diferentes analistas de diferentes países, sobre questões distintas referentes à maneira como trabalhavam. (Nasio, 1999, P. 27)

O objetivo central da pesquisa era obter uma teoria comum, à nível mundial, da técnica psicanalítica, mas, para surpresa de Glover, o resultado foi decepcionante, pois nas respostas obtidas com os questionários, apenas um único ponto de intersecção fora retirado, qual seja: todos reconheceram a *transferência* como elemento terapêutico da análise.

Não houve nenhum consenso em todos os demais pontos colocados por Glover na pesquisa. Os psicanalistas foram questionados em: que ponto se intervém para interpretar, a duração de uma análise, o tempo das sessões, como interpretar, o número de sessões, dentre outros.

Outro autor, que se utilizou daquela pesquisa, foi o psicanalista suíço e naturalizado argentino, **Enrique Picho Rivière**, que colheu dados do questionário de Glover para fazer um estudo acerca das respostas dos psicanalistas da época. Certamente, desde o início, Rivière fora maravilhado com estudos de grupos, não à toa estudou e criou teorias no âmbito dos fenômenos grupais, escrevendo livros como "O processo grupal" (2012) e a "Teoria do Vínculo" (2007), onde pretendemos, no

próximo capítulo deste trabalho, fazer um paralelo à ideia de *resistência à psicanálise* como possível fenômeno social e um dos motivos pelos quais a sociedade, de um modo amplo, resiste à possibilidade da formação de psicanalistas de maneira mais homogênea.

Para além das formalidades institucionais, é salutar que o profissional psicanalista ocupe um lugar, um espaço vazio que tenta ser preenchido pelo paciente, para dar sentido ao seu próprio vazio existencial. Mas esse lugar nunca deverá ser preenchido, na medida em que, ele se vale pela inexistência a que lhe é peculiar e singular. O analista se coloca enquanto “sujeito suposto saber”, e esta peculiaridade da psicanálise deve estar na consciência do profissional psicanalista, e, segundo **Elizandra Souza**, o psicanalista:

“... nunca deve acreditar-se mestre, guru, sabedor, curador de almas, cuja missão é ajudar o outro. A Psicanálise vai na direção contrária disso. Ao psicanalista cabe, primeiro, ficar diante de seu não saber e nada ser para lidar com o outro que se apresenta como analisante ou paciente”. (Souza, 2020, p. 148).

No que diz respeito à clínica, é fundamental e condição “*sine quo non*” que o psicanalista preceda da própria experiência, enquanto analisando, assim como da vivência do sujeito enquanto analista, somadas à supervisão clínica, orientação, grupos de estudos e conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Tais premissas são mencionadas por **Zimmerman** (2008), pois, segundo o autor, além da necessidade de bagagem de conhecimentos, supervisões regulares, respeito, visão binocular, coragem, empatia, capacidade de ser continente, ser intuitivo, ser verdadeiro, “o analista deve possuir uma adequada atitude psicanalítica (mercê de seus atributos naturais e daqueles desenvolvidos por meio da análise pessoal), sendo que esta última consiste exatamente na posse do analista das “condições mínimas necessárias” (p. 232).

6.2.5. A formação em Psicologia: exigência velada ao Psicanalista

No Brasil, por vezes, a busca do psicanalista pelo reconhecimento social, dá-se para via da realização do curso de psicologia, ou seja, para se tornar um profissional psicanalista mais respeitado e reconhecido no país, este se sente, até certo ponto, coagido a se tornar psicólogo, cujo rigor teórico/prático é similar à

formação psicanalítica. **Elisabeth Roudinesco** coaduna com essa realidade, que, por sua vez, remete a uma associação de ideias de que tal fenômeno não se dá somente no Brasil, mas sim, em muitos países do globo. **Roudinesco** (2014) discorre:

O objetivo do Ministério da Saúde é banir da cidadania os psicoterapeutas não diplomados, para substituí-los pelos médicos e psicólogos. Ao conceder aos psicanalistas um privilégio discriminatório, o Estado os autoriza, portanto, de facto, a se tornarem psicoterapeutas ainda que não diplomados. Há nisto algo de aberrante. Pois, com efeito, ou o Estado reconhece como terapeutas apenas aqueles a quem concede um diploma universitário – de medicina ou psicologia – ou, ao contrário, aceita que esse título seja discernido a todos aqueles, titulares ou não de diplomas, que pratiquem terapias depois de terem sido formados em associações privadas. (Roudinesco, 2014, p. 8).

Além disso, o não reconhecimento do profissional psicanalista é tão evidente no Brasil, que até os planos de saúde do país não aceitam psicanalistas formados em instituições que não sejam psicólogos, isto significa dizer que, para que as pessoas tenham acesso a um tratamento psicanalítico por meio de um plano de saúde, obrigatoriamente, o profissional psicanalista também deverá ser psicólogo. Daí, mais um grande motivo de dependência da psicologia.

Assim como nas demais profissões e ofícios, a escolha pela psicanálise, por vezes, é inconsciente. Ao serem enlaçados pela psicanálise, muitos profissionais psicanalistas buscam uma formalização de sua profissão nos cursos de psicologias, na medida em que os cursos de formação de psicanalistas no Brasil *não* são regulamentados pelo MEC, e apesar dos cursos de psicologias visarem os fenômenos biológicos e conscientes que afligem e regulam a *psique* humana, os interessados em psicanálise se veem inclinados e obrigados a cursarem psicologia, mesmo sabendo que irão se limitar, por um tempo, no decorrer do curso, aos fenômenos meramente conscientes da mente humana. Por outro lado, e até de certa forma, como um acalento, é sabido que dentro da carga horária do curso de psicologia, vislumbram-se, com prazer, aulas e disciplinas que contém assuntos inerentes à psicanálise, na medida em que, a psicanálise é um saber que se articula com muitas outras ciências e saberes da contemporaneidade, como exemplos, as ciências sociais, a filosofia, as ciências jurídicas, a física quântica, a religião, as diversas formas de artes, a antropologia, as psicologias, dentre outras.

Tais alunos de psicologia possuem desafios similares aos trabalhos dos psicanalistas, enquanto profissionais da saúde, que não é lidarem somente com a saúde mental como uma obrigação a fazer, mas sim, como um prazer que faz perceber quão rico são enquanto seres humanos pensantes e capazes de compreender e assimilar até mesmo os saberes que não temos a capacidade de apreendê-los em sua totalidade, como é o caso da psicanálise, que emerge para subverter a lógica cartesiana de que “penso, logo existo”, para nos levar a algo do tipo “sou onde não penso, logo não existo”.

A psicanálise remonta uma espécie um saber insabido, incompreendido, nefasto, alheio ao sujeito, que leva o sujeito à condição de divisão, de desamparo e de não ser um indivíduo único, mas sim de sujeito dividido que é regido pelo saber Inconsciente, que nos conduz e nos deixa a mercê do desconhecimento da vida, do futuro e do destino. É como **Jacques Lacan** bem o diz: “O Inconsciente é regido por uma Linguagem”; linguagem esta, autônoma, que foge à compreensão lógica cartesiana proposta pela ciência positivista.

Portanto, aquele que é enlaçado pela teoria e prática psicanalíticas, não consegue ir adiante caso se depare com sentimentos do tipo *desafio*, bem como de práticas do tipo *trabalho*, pois, há um diferencial entre o psicanalista e o psicólogo, neste sentido, pois o primeiro é mais voltado para uma espécie de *ofício* prazeroso, que se situa em um patamar outro que não o de uma profissão, uma obrigação ou um trabalho.

A clínica psicanalítica não lida com “problemas mentais”, mas sim, por vezes, com analisantes, analisados, clientes, pacientes, cujo *ego* se encontra fragilizado, precisando de ajuda, e acreditando que a “cura” será encontrada na pessoa do analista ou psicólogo.

Em psicanálise, o conceito de cura é um tanto quanto diferente das demais áreas da saúde mental. É contumaz salientar que o sintoma apresentado é fundamental e estruturante do sujeito e que ao extirpá-lo poderá haver consequências danosas. O paciente, por vezes, sustenta-se em sua realidade sintomática e, portanto, a ideia de cura ganha novo sentido e dimensão. A rigor, a psicanálise não promete e não vislumbra a cura.

Fazendo uma espécie de paralelo entre estas profissões tão singulares, psicanálise e psicologia, podemos inferir que, antes de mais nada, não há psicologia, mas sim “psicologias”. São múltiplas, diferentes e, até mesmos, antagônicas. Ao longo do curso, o pretendo psicólogo vai se deparar com essas diversidades e adversidades, mas, de forma tranquila, deverá seguir seu coração, que, através do fenômeno da identidade, haverá de escolher a psicologia que mais lhe afete e que, com isso, provoque uma *pulsão*, um *desejo* de ajudar a si mesmo, e, por conseguinte, ao outro.

Para alguns, *escolher* é uma tarefa difícil, mas, apesar do psicanalista não ser o profissional adequado para recomendar algo, estou inclinado a supor que, ao longo do curso de graduação em psicologia, o aluno deverá se colocar na condição de paciente, por vontade própria, ou seja, procurar fazer análise ou terapia, com vistas a adquirir poderio suficiente para enfrentar seus próprios “demônios” internos, e que possa assim, fluir com mais naturalidade perante as incertezas e agruras anunciadas pela vida, inclusive, de seus pacientes.

Os principais desafios que um profissional psicanalista poderá enfrentar na relação transferencial com seus analisantes, remete ao *ato analítico*, ou *setting analítico*, na medida em que, o fenômeno da transferência é fundamental, inclusive, juntamente com o estatuto do Inconsciente, a teoria da sexualidade, a teoria do recalçamento e a teoria dos complexos, em especial, o complexo de Édipo; a *transferência* é um dos postulados básicos da teoria e clínica psicanalíticas.

Neste sentido, o analista, consciente de tais premissas, não enfrenta grandes dificuldades na clínica, mesmo por que, segundo Freud, alguns pacientes não são passíveis de análise, e estamos falando das estruturas psicóticas, na medida em que, não podem estabelecer relações transferenciais suficientes para o bom andamento clínico, diferentemente dos pacientes neuróticos e perversos, que possuem as condições *sine qua non* permissíveis, por haverem capacitados de “neuroses de transferências” ou *psiconeuroses*, quais sejam: histeria, neurose obsessiva e fobia.

Pode-se arriscar a antever que o futuro da profissão de psicanalista no Brasil, no que diz respeito, também, às tragédias que o mundo contemporâneo nos proporciona continuamente, inclusive, na atualidade, com o fenômeno da pandemia do Corona Vírus, que pode ser associada a ideia do “trauma de guerra”, muito bem

formulado por **Sigismund Schlomo Freud** (1856-1939), entretanto, que a psicanálise em sua essência, segundo seu próprio criador, é um saber que contém, em um dos seus mistérios, o fenômeno da “resistência”, onde se enumera as dificuldades que sua ciência haveria de percorrer por toda a sua existência no tempo lógico da humanidade. Tais resistências permanecem intactas até os dias de hoje.

O fenômeno da pandemia da Covid, assim como as pandemias de outrora, sobretudo, àquelas que trouxeram grandes problemas sociais, como a fome e a sede, por exemplos, sempre existiram ao longo da história da humanidade. Entretanto, no que concerne à psicanálise, especificamente à questão da Covid, pode-se enunciar que os profissionais psicanalistas estarão prontos, como sempre estiveram, para acolher as pessoas que foram afetadas, direta ou indiretamente, com tal doença, e que, assim com os demais sofrimentos humanos, que se anunciam na infância, sobretudo, da gestação aos 8 (oito) anos de idade, as mazelas vividas *à posteriori* são sintomas que remetem às etapas da vida infantil de outrora, e a pandemia, assim como os traumas da guerra e as dificuldades nos relacionamentos não estão fora dessa realidade.

6.2.6.O Conceito de Psicanálise e suas “Pedras Angulares”

Em virtude de o objetivo central deste trabalho de pesquisa estar diretamente ligado à formação dos profissionais psicanalistas, discorreremos a seguir sobre as premissas básicas teóricas e fundamentais da psicanálise, postuladas por **Sigmund Freud**, assim como, nos utilizaremos de alguns outros renomados autores que enfatizam tais axiomas.

As Pedras Angulares da Teoria Psicanalítica. — A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. **Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista.** (*Grifos nossos*) (Freud, 1923 [1922] p. 264).

Faz-se notória a condição *Sine qua non* da exigência do conhecimento teórico para que um propenso candidato a psicanalista atue em seu ofício. O pai da psicanálise bem o disse, ao longo de toda sua grandiosa obra, e evidencia as condições mínimas para a atuação do bom profissional psicanalista. Toda sua obra

visa a responder duas questões básicas fundamentais: Como funciona a vida psíquica do ser humano; e, qual a causa de seus atos.

Desde o 'Projeto para uma psicologia científica', em 1950 [1895], até sua última obra, intitulada 'Esboço de psicanálise', de 1940 [1938], **Freud** não parou de reproduzir. Ele aponta como temas fundamentais da psicanálise: o inconsciente, a sexualidade, o recalcamento, o complexo de Édipo e a transferência.

Em 1898, Freud termina a obra 'A interpretação dos Sonhos', lançada em 1899, porém, datada de 1900. Tal obra marcou a virada do século e é considerada a obra que fundou a Psicanálise. "Quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo" (Freud, 1900, p. 155).

A partir de então, a psicanálise se torna uma *teoria*, um *método de investigação* e uma *prática profissional*. Para além da clínica, o arcabouço teórico de Freud permeia os campos da ciência, da arte, da filosofia, da sociologia, das ciências jurídicas, mas que, entretanto, dentre alguns autores mais contemporâneos, a psicanálise é considerada uma *ética*. Desta feita, segundo **Lacan** (1997):

Se há uma ética da psicanálise – a questão se coloca -, é na medida em que, de alguma maneira, por menos que seja, a análise fornece algo que se coloca como uma medida de nossa ação – ou simplesmente pretende isso. (Lacan, 1997, p. 374).

No que concerne ao método de investigação em psicanálise, Freud cria uma técnica singular, denominada '*associação livre*', técnica exclusivamente psicanalítica, que consiste em fazer com que o paciente "dissesse o que lhe viesse à cabeça, enquanto deixasse de dar qualquer orientação consciente a seus pensamentos" (Freud, 1925 [1924], p. 45). Tal método veio a substituir, até então, a técnica da hipnose e o método catártico.

Tal método de investigação, *associação livre* de ideias, visa a busca da interpretação dos fenômenos *inconscientes*, apresentados nas palavras, nos atos falhos, nos enunciados, nas produções imaginárias, bem como nos sonhos, onde o analista, em *atenção flutuante*, dá ouvidos ao discurso inconsciente do analisando, conduzindo-o à sua verdade.

Na elaboração de sua teoria, por via da prática clínica, utilizando-se da associação livre de seu pacientes, Freud (1914) afirma que "A *teoria da repressão* é

a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (p. 26), onde o material reprimido dá movimentação e dinâmica ao sistema Inconsciente, sendo a consciência nada mais do que um ‘epifenômeno’, ou seja, um sintoma accidental, um efeito secundário do processo psíquico Inconsciente, sendo este “*a base de toda a vida psíquica*” (Nasio, 1995, p. 26).

Não obstante ao disposto acima, ao longo deste trabalho científico, no conteúdo da Tese, discorreremos acerca das seguintes premissas conceituais e fundamentais da psicanálise:

Os mecanismos dos sonhos: pensamentos residuais, pensamento onírico latente, conteúdo onírico latente e elaboração onírica; as deformações dos sonhos: condensação, deslocamento, representação plástica (figuração) e representação simbólica; A primeira tópica freudiana do funcionamento do aparelho psíquico, intitulada ‘teoria topográfica’, onde se apresentam os sistemas *Inconsciente* (Ics), *Pré-consciente* (Pcs) e *Consciente* (Cs), apresentada em 1900, em ‘A interpretação dos Sonhos’; A segunda tópica freudiana, intitulada ‘teoria estrutural’, com apresentação das respectivas instâncias psíquicas do *Id*, *Ego* e *Superego*, apresentada na obra ‘O Ego e o Id’, de 1923.

Ademais, concernente aos aspectos metapsicológicos do funcionamento do aparelho psíquico, destacam-se os princípios do funcionamento mental, constantes na obra de Freud, ‘Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental’, de 1911, quais sejam, os princípios de nirvana (constância), princípio do prazer e princípio da realidade, e suas articulações com as pulsões, além da estruturação do recalque em seus mais diversos níveis estruturais, sob o viés de **Jorge** (2002), ou seja, (1) recalque orgânico (caracterizado pela mudança de hábito do homem na aquisição da postura ereta e conseqüente substituição do olfato pela visão enquanto satisfação sexual), (2) recalque primevo (alucinação do seio) ou recalque originário ou, ainda, a “fixação”, ambos totalmente Ics, (3) recalque propriamente dito, que se refere a *censura* existente entre os sistemas Ics e Pcs, e o (4) recalque enquanto mecanismo de defesa, que funciona como uma *segunda censura*, incluindo-se, entre tais mecanismos, a *repressão*, que estaria mais no âmbito do conflito entre os sistemas Pcs e Cs, além do isolamento, sublimação consciente, esquecimento momentâneo, atos falhos, dentre outras formações do Inconsciente.

Por fim, na tentativa de ilustrar alguns dos principais conceitos psicanalíticos, mencionam-se as fases da sexualidade infantil; o fenômeno universal do Completo de Édipo, tomando como pano de fundo a obra 'A dissolução do Complexo de Édipo, de 1924; o Completo de Castração, apresentado por Freud em 1908, na obra 'Sobre as teorias sexuais das crianças'; A evolução do conceito de narcisismo, constantes das obras 'Três ensaios sobre o a teoria da sexualidade' (1905), 'O caso *Schreber*' (1911), 'Sobre o narcisismo: uma introdução' (1914) e 'O Ego e o Id' (1923).

Outra temática fundamental da psicanálise, diz respeito, especificamente, à clínica psicanalítica, onde abordam-se os principais trabalhos de Freud, concernentes à técnica na clínica psicanalítica, como por exemplo: 'O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise' (1911); 'A dinâmica da transferência' (1912), 'Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise' (1912), 'Sobre o início do tratamento' (1913), 'Recordar, repetir e elaborar' (1914) e 'Observações sobre o amor transferencial' (1915).

Ademais, salienta-se algumas teorias "sociopsicanalíticas", com o objetivo de demonstrar a importância da psicanálise como via de compreensão e interpretação dos fenômenos sociais, como por exemplo, a psicologia de grupo, formulada por **Wilfred R. Bion**, a psicologia individual de **Alfred Adler** e as fases do desenvolvimento de **Erick Erikson**; enquanto corolários da psicanálise, além de outros.

Autores como **Serge Moscovici**, **Enrique Pichon-Rivière**, **Roger Bastite**, **Jacques Marie Émile Lacan**, **David Liberman** e **David Maldavsky**, dentre outros, também serão expostos neste trabalho, em virtude da importância de suas ideias e teorias no âmbito da psicanálise.

Em 'Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise' (1933 [1932]), **Freud**, em colaboração com **Anna Freud**, afirma que é possível a clínica psicanalítica com crianças. Todavia, Freud (Idib.), afirma:

Verificou-se que a criança é muito propícia para tratamento analítico; os resultados são seguros e duradouros. A técnica de tratamento usada em adultos deve, naturalmente, ser muito modificada para sua aplicação em crianças. Uma criança é um objeto psicologicamente diferente de um adulto. (Freud, 1933 [1932], p. 146).

Portanto, faz-se necessário abordar alguns dos mais renomados autores relacionados à temática da clínica com crianças, como por exemplo: **Anna Freud, Melanie Klein, Maud Mannoni, Françoise Dolto e Donald Woods Winnicott.**

Por fim, faz-se uma articulação da psicanálise com a arte, mesmo por que, acredita-se, a psicanálise deve muito arte. A psicanálise emerge da arte. Tanto quanto da clínica, a psicanálise, para nascer, imprescindivelmente, fundamentou-se na estética para existir. Palavras de Freud (1913):

A conexão entre as impressões da infância do artista e a história de sua vida, por um lado, e suas obras como reações a essas impressões, por outro, constitui um dos temas mais atraentes de estudo analítico (p. 189)

As obras de artes foram bases para a formulação da teoria psicanalítica, o no tocante à clínica, a arte também se faz presente, pois o *ato analítico* se aproxima, em muito, ao *ato estético*, visto que, ao apreciar uma obra de arte, seja ela qual for, é preciso observar, esperar pacientemente, para que a obra nos diga algo, outrora não sabido, forçando ao expectador a abandonar qualquer pretensão de sentido pré-estabelecido. Tal postura coincide com a posição do analista, no *set analítico*, posição de neutralidade, em atenção flutuante, diante da obra de arte a ser apresentada no discurso inconsciente do analisante (Dunker, 2019).

6.2.6.1. O Sujeito do *Inconsciente* e a formação do psicanalista: inter-relações

Podemos iniciar este subcapítulo com uma indagação: *Qual o papel do Inconsciente na formação do psicanalista?*

A resposta direta que Freud nos dá, a tal questionamento, é que o *Inconsciente* do psicanalista pode ser um potente instrumento da análise. Freud diz: “Mas se o médico quiser estar em posição de utilizar seu inconsciente desse modo, como instrumento da análise, deve ele próprio preencher determinada condução psicológica em alto grau”. (Freud, 1912, p. 129).

A resposta dada acima, por outro lado, deixa-nos algumas lacunas a serem trazidas à pauta das discussões. Ao dar a ideia de que os poetas e os artistas são

psicanalistas sem terem a consciência disso, sem, sequer, haverem estudado a teoria psicanalítica, evidencia-se uma mística relação entre seus *Inconscientes* e suas produções artísticas. É sabido que muito da teoria psicanalítica tem como base contos da mitologia grega, bem como a arte clássica de outrora. Então, podemos supor que, tanto quanto a clínica e a teoria, a arte é uma aliada fundamental da psicanálise, seja ela expressa na literatura, na pintura, na escultura, na arquitetura, na dança ou na música. O elo que liga a psicanálise às diversas formas de expressões artísticas é a linguagem do Inconsciente, que ressoa e se faz presente no movimento de um significativo para outro, incessantemente. O conhecimento “natural” que os praticantes da arte têm sobre o inconsciente vão além dos conhecimentos proporcionados pelos cientistas, que buscam desesperadamente chegar aos níveis dos mais sensíveis, e ultrapassá-los, mas ainda sem sucesso. Freud, bem diz:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. **Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente**, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (*Grifos nossos*) (Freud, 1907 [1906], p. 20).

Assim como ocorre no Inconsciente do artista, o sujeito do Inconsciente do analista se mistura à figura da pessoa dele, uma inter-relação inevitável que pode se tornar ou não um dificultador no decorrer do processo de análise, na medida em que “... o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente, que determinou as associações livres do paciente”. (Freud, 1912, p. 129).

Antes da invenção da psicanálise, e, até mesmo, antes do nascimento da ciência, ou seja, desde sempre, no mundo dos seres humanos, a arte se fez presente como uma via de expressão simbólica que emerge para dar conta das coisas místicas e inexplicáveis, de maneira encantadora, como por exemplo, decifrar o amor, o ódio ou a paixão, tentando dar lógica ao que não tem sentido, ao que Freud nos apresenta como a *linguagem dos afetos*, do imaginário, do inconsciente, que se sobrepõe à *linguagem consciente*, falada, lógica e simbólica.

Por sua vez, o paradoxo da ciência se faz presente na manifestação da imaginação humana, a tanto, pode-se indagar se a Lei da Gravitação Universal, de **Sir Isaac Newton** (1642 – 1727), uma das quatro forças fundamentais da natureza (Newton, 2005), sempre existiu, ou fora criada ou inventada por Newton. Desta feita,

se, por ventura, considerar-se que a força gravitacional já existia, antes do conhecimento humano, portanto, ela não foi inventada, então pode-se inferir dois questionamentos: Einstein descobriu a força gravitacional? Ou a força gravitacional descobriu Einstein? Lacan diria:

Isso se afirma pelo fato de o discurso científico ter sucesso na alunissagem, na qual se atesta, para o pensamento, a irrupção de um real. E sem que a matemática tenha outro aparelho que não o da linguagem. Foi a isso que reagiram os contemporâneos de Newton. **Eles perguntaram como é que cada massa sabia da distância das outras.** Ao que Newton retrucou: “Deus sabe” — e faz o que é preciso. (Grifo nosso) (Lacan, 2003, p. 534).

Recaem-se nos dilemas das causalidades: O que veio antes, o ovo ou a galinha, a força gravitacional ou Isaac Newton, o inconsciente ou Freud?

Todas as descobertas ou invenções humanas podem ser classificadas como paradoxos inexoráveis que devem seus frutos a uma espécie de sobrevivência inconsciente, um saber enigmático, onde se conduz à manutenção e à subsistência da raça humana. O ser humano pensa estar no controle, porém, nada mais é do que um fugaz passageiro. Apesar dos esforços humanos em destruir a natureza da terra e do cosmos, além do desejo de autodestruição, uma força inconsciente se apresenta sob a forma de um Saber, que se faz necessário para perpetuar a continuidade da espécie, mesmo que por algum tempo. As escolhas humanas, ditas conscientes, em grande parte, senão em toda, são inconscientes. **Charles Darwin** (1809 – 1882), bem diz, ao apresentar na “Origem das Espécies”, que há uma seleção natural inconsciente:

Os bons criadores modernos, que prosseguem num fim determinado, procuram, por uma seleção metódica, criar novas castas ou sub-raças superiores a todas aquelas que existem no país. **Mas há uma outra maneira de seleção muito mais importante do ponto de vista que nos ocupa, seleção que poderia chamar-se inconsciente;** tem por móbil o desejo que cada um experimenta em possuir e fazer produzir os melhores indivíduos de cada espécie. (Grifo nosso) (Darwin, 2003, p. 45).

Em sua obra, Darwin, hesita o tempo todo entre a seleção natural metódica e a seleção natural inconsciente, a ponto de se pensar que a objetividade de seu trabalho é consequência direta das nuances enigmáticas da subjetividade. E conclui: “Este processo inconsciente de seleção tem sido o agente principal da formação das raças domésticas mais distintas e mais úteis” (Darwin, 2003, p. 531).

A proposta freudiana da divisão do sujeito, em consciente e inconsciente, parte da ideia do fato de que, o ser humano, ao pensar ser indiviso, ou seja, ser um só, faz

com que seja um sujeito único e solitário, desamparado, permeado pela dor da perda e pelo sofrimento inerente ao seu *ser-no-mundo*, e que precisa do outro para se fazer completar. Porém, sua inconsciência de que o inconsciente fala, grita e se manifesta, o faz buscar no amor ou no ódio ao outro, seu semelhante, sua completude – “O outro pode ser aquela imagem que é mais essencial para o desejo do vivente do que o ser vivo que ele tem de abraçar para sobreviver, pela luta ou pelo amor” (Lacan, 1998, p. 453).

A completude está no Ser. A consciência encontra sua outra parte em si mesmo, dentro de si, não à toa que ao se indagar: onde encontrar a felicidade? A resposta universal, de qualquer que seja a crença religiosa ou não, será: a felicidade está dentro de nós mesmos! Nada mais socrático, na medida em que, “a felicidade não pode vir das coisas exteriores, do corpo, mas somente da alma, porque esta e só esta é a sua essência” (Reale & Antiseri, 2003, p. 91).

Ao amar ou odiar, o sujeito busca, em seu semelhante, a completude. Como numa relação de espelho. É o momento no qual fica-se anestesiado, tudo passa a ser suportável; o sofrimento, a solidão, a tristeza e o desamparo. O ser humano precisa materializar sua imperfeição no outro e esquecer, mesmo que por um momento, a dor de ser dividido intrinsecamente. Desde há muito tempo, antes mesmo do nascimento da ciência, o ser humano já dispunha da consciência de tal condição. **Sófocles**, em *Antígona*, ao discorrer sobre a imensa capacidade do homem de dominação das coisas da terra, por fim, rende-se ao inferir que há somente dois mistérios terríveis, dois limites, que limitam o homem na sua capacidade de conhecer e dominar a natureza, “Um, a morte, da qual em vão tenta escapar. Outro, seu próprio irmão e semelhante, o qual não vê e não entende. Se não resiste a ele, é esmagado. Se o vence, o orgulho o cega e vira um monstro que os deuses desamparam”. (Sófocles, 2003, p. 21). A vã tentativa de completude da falta existencial, se repete compulsivamente ao longo de toda a vida, a busca incessante pelo “olhar da mãe, que ratifica o olhar pelo qual a criança descobre sua própria imagem no espelho e a ela se aliena”. (Masotta, 1987, p. 53).

O inconsciente freudiano emerge no momento em que o homem tenta dar compreensão a essa relação. Ao se ter consciência de que há um Outro com dinâmica própria, enigmático, inefável, movido por um encadeamento de fenômenos sem

nenhuma dedução lógica consciente, que não se pode interpretar, regido, segundo Freud, pelo Princípio de Constância ou Nirvana, cuja função primeva é tornar o orgânico em inorgânico, e vice-versa; tudo Isso (Id), ou seja, aceitar estas premissas, implica numa ética, de estar no mundo pela simples razão de estar; que a vida, de alguma outra forma, é ilógica, e, portanto, o sofrimento, a solidão, a tristeza e o desamparo, peculiar à natureza humana, tendem à irracionalidade, pois, não têm nenhuma razão de ser. A descoberta ou a invenção do discurso do inconsciente, inapreensível pelo sujeito, proposto por Freud, conduz a psicanálise a caminhos de areias movediças, e “nessas areias movediças deve mover-se o analista” (Masotta, 1987. p.123) que, por sua vez, entra em confronto direto com o discurso lógico proposto pela ciência positivista. Neste sentido, Jorge Forbes (2012) afirma:

O objeto da ciência distingue-se do objeto da opinião, Seu estatuto é lógico, e não ôntico. O real da ciência não é dado aos sentidos.... O nascimento da psicanálise é a outra face do advento da ciência, pois a afirmação da razão acompanha a descoberta do desejo inconsciente. O sujeito do inconsciente não é um sujeito empírico, ...” (Forbes, 2012, p. XVI).

Ao contrário das descobertas ou invenções das ciências, como a física clássica, por exemplo, e, apesar das comprovações obtidas na clínica, a descoberta ou a invenção do Inconsciente por Freud não foi satisfatória e suficiente, o bastante para que a psicanálise se tornasse uma ciência. Os motivos pelos quais esse fenômeno ocorre constam em seus próprios postulados, dos quais, um em especial deve-se enunciar – *as resistências inconscientes à psicanálise*.

6.2.7. As Resistências à Psicanálise: Catexia Libidinal Inconsciente, dificultador ‘*princeps*’ da expansão da Psicanálise como ciência

Dá mesma forma como introduzimos o subcapítulo anterior, que disse respeito ao sujeito do inconsciente como possível partícipe da formação do psicanalista, podemos iniciar este subcapítulo com uma indagação similar, qual seja: *Qual o papel da resistência na formação psicanalítica?*

Para responder ao questionamento acima, valemo-nos das palavras do pai da psicanálise, em seu texto escrito em 1924, intitulado 'As Resistências à Psicanálise', onde **Freud** (1925 [1924]), onde faz uma espécie de "premonição" do futuro da psicanálise, utilizando-se da **resistência** como uma via de impossibilidade ou de insucesso de sua própria teoria no presente e no futuro, mas não deixa de acreditar na possibilidade de a psicanálise, um dia, ser respeitada e reconhecida tanto quanto aos demais saberes. Freud diz:

Em resultado dessas críticas, a psicanálise é encarada como 'inamistosa à cultura' e foi colocada sob um anátema como 'perigo social'. Essa resistência não pode durar para sempre. Nenhuma instituição humana pode, a longo prazo, escapar à influência da crítica legítima, contudo a atitude dos homens para com a psicanálise ainda é dominada por esse temor, que dá livre curso às suas paixões e diminui seu poder de argumento lógico. (Freud, 1925 [1924], p. 245).

Destacamos a importância do tema **Resistência** à Psicanálise, tanto no campo clínico, onde o paciente, por vezes, manifesta-se adversariamente à teoria, no *set analítico*, quanto no campo social, na medida em que a psicanálise é a ciência na qual coloca o homem como sujeito à mercê de uma linguagem que o rege, autônoma, autossuficiente, portanto, tornando-o padecedor de algo que o domina, fato este que o impede de aceitar tal condição.

As consequências dessa **negativa** são desastrosas para a Psicanálise, no sentido de torná-la uma ciência verdadeiramente nobre frente à sociedade, daí um dos grandes motivos pelos quais a psicanálise ainda não atingiu o *status quo* de ciência como já deveria sê-la, e, sobretudo, no Brasil, a fragilidade da formação dos psicanalistas é um reflexo dessa ignóbil realidade.

Isto nos remete sobremaneira às questões CLÍNICA e SOCIAL, da relação com a Psicanálise, e estabelece uma teia de considerações a serem feitas para quebrar muitos paradigmas, principalmente no campo social, para dar lugar e espaço a manifestações de novas possibilidades de se fazer ciência, colocando não somente o homem como o centro, como foco, ou como mentor de todo e qualquer conhecimento da natureza e do universo, mas também abrindo portas para que o saber do Inconsciente possa fluir com mais naturalidade dentro da estrutura pensante do homem.

Se “o inconsciente fala mais de um dialeto” (Freud, Obras Completas, Volume XIII, (1913), p.180); se “o inconsciente é um saber” (Nasio, 1993, p. 21) e se “o sujeito deve ser situado no significante”, e “vemos verdadeiramente se produzir diante de nós o *isso fala*” (Lacan, 1988, p. 252), podemos inferir que a ciência humana é apenas uma das vias para se chegar a novos conhecimentos, e que é através de uma postura humil do homem, de aceitar-se sujeito de algo que os rege, uma sapiência outra, que os transforma de orgânico a inorgânico, e vise versa, regido pelo princípio de constância (nirvana), sempre latente, e que nos faz viver e morrer, na forma de “gozo”, quando, como e onde quer; tudo isso, são premissas suficientes para dar lugar de destaque à teoria psicanalítica no campo das ciência humanas e sociais.

Diante da problemática apresentada acima e, por conseguinte, em consonância com a pesquisa inerente à Tese de Doutorado referendada, abordaremos acerca da resistência à Psicanálise, sob dois pontos de vista: o da clínica e o da sociedade.

No que tange ao campo social, o tema resistência à psicanálise é vastamente abordado pelos mais renomados autores e cientistas. Todavia, a grande maioria dessas diversidades de trabalhos acadêmicos são voltadas às questões da clínica, ou seja, das resistências apresentadas na relação terapêutica. No que diz respeito ao campo social, ou seja, as resistências à psicanálise no seio da sociedade, pouco encontramos.

Paradoxalmente, quando o pai da psicanálise aborda esta questão, ele não somente aborda o tema no campo da clínica, mas, principalmente, pelos aspectos sociais. Concernente a resistência à psicanálise na relação com a ciência, Freud afirma:

A ciência, em sua perpétua falta de compleição e insuficiência, é impelida a esperar sua salvação em novas descobertas e novas maneiras de olhar para as coisas. A fim de não ser enganada, ela procede bem em armar-se de ceticismo e não aceitar nada novo, a menos que tenha sofrido o mais estrito exame. Às vezes, porém, esse ceticismo apresenta dois aspectos inesperados; ele pode dirigir-se nitidamente contra o que é novo, enquanto poupa o que é familiar e aceito, e pode contentar-se com rejeitar as coisas antes de tê-las examinado (Freud, 1925 [1924], p. 239).

No que diz respeito a resistência à psicanálise na relação com a sociedade e a clínica, discorre que:

As resistências mais fortes à psicanálise não foram de tipo intelectual, mas surgiram de fontes emocionais.... A situação obedecia a uma fórmula simples: os homens na massa se

comportavam para com a psicanálise exatamente do mesmo modo que os neuróticos em particular, em tratamento perante seus distúrbios (Freud, 1925 [1924], p. 246).

E por fim, relativo a resistência à psicanálise por via do preconceito, ele afirma que:

..., com toda reserva, pode-se levantar a questão de não ter sido possível que a personalidade do presente autor como um judeu, que jamais procurou disfarçar o fato de ser judeu, concorresse em provocar a antipatia de seu meio ambiente para com a psicanálise (Freud, 1925 [1924], p. 247).

Vemos as várias facetas de como se apresenta a temática, e, por conseguinte, resolvemos parar por aqui, e tratar do assunto por via das elaborações de outros autores que tratam do assunto. Mas, diga-se de passagem, a riqueza do referido texto é tamanha, que poderíamos escrever um livro somente sobre as elucubrações formulados por Freud nessa resenha, estabelecendo as incontáveis causas das resistências à teoria psicanalítica.

Mas antes de continuarmos, nos questionamos: Como superar essas resistências? Como achar uma via de acesso para que a psicanálise seja aceita na sociedade, sobretudo no âmbito acadêmico, delimitando sua prática a quem verdadeiramente tenha capacidade de exercê-la com *responsabilidade social*?

Neste trabalho de pesquisa, apresentamos em capítulos mais à frente, exemplos de formações de psicanalista sem, sequer, haver o denominado “tripé” de formação mínima, qual seja, a análise pessoal, a supervisão clínica e o estudo da teoria; ausentes em uma diversidade considerável de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil. Tais aberrações são exemplos de insucessos e incertezas quanto ao futuro e a importância da psicanálise. Os profissionais psicanalistas devem ter em mente a importância da temática “responsabilidade social” ante aos anseios de seus clientes, das pessoas que o rodeiam, à saúde coletiva e ao mundo dos negócios, no sentido de vê-los como os profissionais que “Estudam, pesquisam e avaliam o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, tratamento, orientação e educação; diagnosticam e avaliam distúrbios emocionais e mentais e de adaptação social, elucidando conflitos e questões e acompanhando do(s) paciente(s) durante o processo de tratamento ou cura; investigam os fatores inconscientes do comportamento individual e grupal, tornando-os conscientes; desenvolvem pesquisas

experimentais, teóricas e clínicas e coordenam equipes e atividades de área e afins” (<https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/251550-psicanalista>).

A psicanálise vai muito além da clínica, agindo também, sobremaneira, nas mais diversas manifestações sociais, ou seja, nas famílias, nas escolas, na política, na medicina, nas empresas, etc. A responsabilidade do profissional psicanalista é muito bem colocado por **Lacan** (1965), ao afirmar que:

Ser analista é estar em uma posição responsável, a mais responsável de todas, porque ele é aquele a quem é confiada uma operação de uma conversão ética radical, aquela que introduz o sujeito na ordem do desejo ... (grifos nossos) (Lacan, 1965, p. 325).

Se, por um lado, deve-se ter responsabilidade com a saúde do paciente, por outro, deve-se ter com a posição ética e moral ante a sociedade, impondo respeito e valor ao que se acredita, sem que, obviamente, torne-se algo rígido ou belicoso.

Vislumbrando a psicanálise no século XXI, **Jorge Forbes** (2012) trata das relações entre o Inconsciente e a Responsabilidade, assuntos que não são encontrados com frequência na literatura acadêmica. O autor enfatiza o Psicanalista como um *sinthoma*, fundamental e necessário, que emerge para atender à, pelo ao menos, duas demandas. Uma diz respeito a uma espécie de invenção para uma solução relativa ao espaço ocupado pelo psicanalista no *set analítico*, do vazio existencial, e, portanto, dando via de possibilidade de manifestação do desejo inconsciente, de ambos, paciente e analista, como uma espécie de “furo no real, exigida de cada um” (p. XXXIX).

A outra demanda visa suprir a “responsabilidade de transmissão no mundo” (p. XXXIX), ou seja, como mundano, o psicanalista é o *sinthoma* que se manifesta enquanto *sujeito suposto saber* para o mundo, e não somente para o paciente. Daí aflorar a responsabilidade social do papel a ser assumido enquanto tal.

A discorrer acerca da responsabilidade psicanalítica inscrita no mundo, **Forbes** (2012) aproxima da ética psicanalítica, a responsabilidade convencional e moral da sociedade. Ele afirma:

Se pudermos defender, até este ponto, que a responsabilidade é o cerne da clínica psicanalítica, mostrando inclusive com as referências de Freud e Lacan ao termo conferem-lhe esse lugar, é interessante perceber agora como a responsabilidade psicanalítica se relaciona com a responsabilidade convencional – a jurídica ou moral (Forbes, 2012, p. 146).

O pensamento convergente de Forbes, entre a psicanálise e a responsabilidade, nos motiva a acreditar que o fenômeno da resistência à psicanálise vai além dos muros dessas relações, interferindo eminentemente; e meio que ao avesso, a irresponsabilidade emerge como uma represa que separa a psicanálise da sociedade, tendo como causa o surgimento de cursos de formação de profissionais psicanalistas totalmente inadequados, visando tão somente o lucro financeiro, inserindo profissionais totalmente alheios ao estatuto da psicanálise enquanto ciência.

Por sua vez, no que concerne ao campo da clínica psicanalítica, de maneira simplista, o fenômeno da *resistência*, na perspectiva clínica, nada mais é do que “... tudo o que nos atos e palavras do analisando, durante o tratamento psicanalítico, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente” (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 458).

Há de ressaltarmos que o fenômeno da resistência, na psicanálise, foi uma construção teórica que evoluiu ao longo das ideias postuladas por Freud, e para alguns autores esse fenômeno “continua sendo considerado a pedra angular da prática analítica” (Zimmerman, 1999, p. 309), na medida em que a *resistência* está ligada diretamente à ontogenia humana, na fundamentação e no surgimento dos diversos recalques apresentados no aparelho psíquico.

A proximidade existente entre os conceitos de *pulsão*, *recalque* e *resistência*, pode-se encontrar em Freud (1915), no artigo intitulado *Repressão*:

Uma das vicissitudes que um impulso instintual pode sofrer é encontrar resistências que procuram torná-lo inoperante. Em certas condições, que logo investigaremos mais detidamente, o impulso passa então para o estado de ‘repressão’. (Freud, 1915, p.151).

As energias mentais (catexias) existentes no aparelho psíquico, entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, partícipes da criação do “recalque propriamente dito” (secundário), ou seja, aquele existente entre o recalque *primevo*, originário ou “a fixação” e o recalque enquanto mecanismo de defesa; e as energias mentais existentes entre os sistemas pré-consciente e consciente, num caráter mais superficial, do “recalque enquanto mecanismo de defesa”, são os resultados obtidos pelas *resistências* do organismo frente às pressões advindas do *Id* (Isso).

Freud (1926 [1925]) muito bem coloca esta teia de relações intrapsíquicas e Inter psíquicas, e a relevância da resistência enquanto catexia fundamental no desenvolvimento da *psiquê*. Ele afirma:

“... é porque os instintos (pulsões) são contínuos em sua natureza que o ego tem de tornar segura sua ação defensiva por um dispêndio permanente [de energia]. Essa ação empreendida para proteger a repressão é observável no tratamento analítico como **resistência**. A **resistência** pressupõe a existência do que eu denominei de anticatexia. Uma anticatexia dessa espécie é claramente observada na neurose obsessiva”. (Freud, 1926 [1925], p. 153).

Marco Antônio Coutinho Jorge (2002), de maneira elegante, discorre acerca do efeito das várias etapas de constituições dos recalques, em seus respectivos níveis, apresentando uma teoria originária da espécie humana, inicialmente, numa fase pré-histórica, e, portanto, filogenética, até uma fase mais superficial, o chamado “retorno do recalçado”.

Todo esse estudo tem como base a resistência, como sendo uma espécie de *anticatexia*, que se contrapõe às pressões advindas do Inconsciente, “Pois, se o recalçado exerce uma pressão constante em direção ao consciente, é necessária igualmente uma contrapressão também incessante para equilibrá-la” (Jorge, 2002, p. 25).

Marco Antônio ainda propõe uma quarta fase de recalçamento, além das três que haviam sido apresentadas por Freud, em seus estudos, para explicar a atrofia do olfato na evolução da espécie humana, dando lugar à visão, tendo como consequência, a mudança para a postura ereta, fazendo uma analogia “do olfato à visão”, e, portanto, “do instinto à pulsão”. Vejamos as categorias dos recalques propostas pelo autor:

0. **Recalque Orgânico**: início da postura ereta, atrofia do olfato (regido pelo princípio de constância [Nirvana]);
1. **Recalque Originário** (Fixação): Pulsão no estado infantil (princípios de constância e prazer);
2. **Recalque Secundário** (propriamente dito): Processo ativo que emana do eu (regido pelos princípios de constância, prazer e realidade);
3. **Retorno do recalçado** (mecanismos de defesa do ego): Fracasso do recalque e irrupção do material recalçado à superfície.

(Jorge, 2002, p. 44)

Tal matéria merece especial interesse, uma vez que, a resistência é inerente à natureza humana, faz parte do processo de constituição do sujeito, e, apresentada pelos pacientes na clínica, transborda e vai além do *set analítico*, em virtude de que, os indicativos e as sintomatologias apresentadas pelos pacientes em tratamento, por vezes, são análogas às apresentadas nas relações cotidianas, pois são inerentes à natureza, desde os níveis filogenéticos até os níveis mais superficiais, como por exemplo os mecanismos de defesas que se manifestam incessantemente, mecanismos muito bem apresentados por **Anna Freud**, filha de **Sigmund Freud**.

É através da terapia que o paciente tem a oportunidade de se livrar de situações extremamente desagradáveis e que exigem mudanças que visam a melhoria da sua qualidade de vida. No Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), o bem-estar emocional e a saúde mental não possuem uma definição específica, mas, por outro lado, os psicanalistas devidamente qualificados, têm a certeza de que a experiência clínica, “além de ajudar os pacientes a mudar comportamentos e estados mentais problemáticos, os terapeutas podem tentar ajudá-los a se aceitarem com suas limitações e a melhorarem a resistências aos traumas, ...” (**McWilliams**, 2014, p. 27).

Otto Fenichel (2000, p. 23), enumera as múltiplas formas de manifestações da resistência em contraposição ao desejo inconsciente. Chega a afirmar que é impossível quantificar e qualificar suas várias formas de expressão. Durante a sessão, o paciente pode ou não se expressar com palavras, mas, mesmo assim, ela estará lá. O esquecimento, as críticas ao analista, um súbito mal-estar, a recusa de falar sobre o passado, ou a recusa em falar do presente, ou seja, a recusa em falar das recordações que o remetem a representações na realidade atual; todos estes exemplos são formas de resistências.

Fenichel denomina um tipo peculiar de resistência: a resistência intelectual, aquela “... em que os pacientes tentam recusar a validade teórica da psicanálise em lugar de procurar clarificar a sua própria vida mental.” (Fenichel, 2000, p. 24). Reflexo de um pensamento nada incomum numa sociedade que não reconhece a psicanálise como ciência capaz de contribuir sobremaneira na saúde mental coletiva, limitando sua transmissão à carteis, associações, escolas, grupos de estudos, sociedades, grupos religiosos com vieses tendenciosos, sem o devido rigor acadêmico a que

deveria fazer jus, e que deveria estar inserido no âmbito das Universidades, instituições adequadas para o ensino e a especialização profissional e científica, e que, por sua vez, no Brasil, são fiscalizadas pelo Ministério da Educação.

Diante das evidências, na história do movimento psicanalítico, em seus precursores e autores contemporâneos, há uma concordância na ideia de que há uma *resistência* à psicanálise, não somente no que se refere à clínica, em aceitar ou não a possibilidade da existência do estatuto do Inconsciente, enquanto instância psíquica que nos rege, evidenciando os seres humanos como sujeitos divididos, mas também uma resistência de cunho social, concernentes aos conceitos fundamentais psicanalíticos e à formação dos profissionais psicanalistas.

A preocupação com a qualidade do ensino da psicanálise, somada a angústia ocasionada pela má qualidade na formação do psicanalista no Brasil, é um tema que se faz presente na atualidade.

Silvia Ons (2018) externa essa preocupação e nos remete à carência de instituições fortes que possibilitem a transmissão da psicanálise com mais eficácia e mais coesão, para que a psicanálise não perca a pujança que lhe é peculiar. A resistência, que esteve presente desde a criação da ciência psicanalítica, também é salientada pela autora. **Ons** relata que:

Há anos, meu desejo é chegar a círculos que transcendam os âmbitos do “círculo analítico”. Anseio que não se funda apenas em uma questão epistêmica, visto que acredito que a psicanálise é um aporte fundamental em nossa civilização.... Seu peso equiparou-se ao das diversas resistências que sempre a acompanharam: a psicanálise é uma sobrevivente.” (**Ons**, 2018, p. 13).

Talvez uma das explicações dos motivos pelos quais a psicanálise **não** esteja, nos dias de hoje, em uma situação mais confortável, com o descontrole na criação dos chamados “cursos livres” de formação de profissionais psicanalistas, sobretudo no Brasil, em contraposição à importância da psicanálise em fazer parte, de forma mais efetiva e respeitada, nos anais das universidades e, portanto, sendo considerada uma ciência mais reconhecida na sociedade, estão nas elucubrações de **Zygmunt Bauman & Gustavo Dessal** (2017), em questões ligadas à *modernidade líquida*, ao afirmarem que:

Claro, nem a psicanálise nem qualquer pensamento lúdico questionam o fato de que a ciência é um dos mais altos êxitos da faculdade sublimatória humana. O aspecto grave começa no

momento em que a ciência, e me particular o acontecimento histórico da técnica moderna, que ameaça esmagar até o discurso científico, se impõe de forma gradual embora irreprimível como o único modo de revelação da verdade. (Bauman & Dossal, 2017, p. 76).

Em entrevista realizada por **Barbieri & Frioni** (2001), para a Revista Uruguaya de Psicoanálisis, **David Maldavsky**, ao ser perguntado: Qual o critério de qualidade dos trabalhos acadêmicos psicanalíticos? Maldavsky externa sua preocupação sobre o futuro da psicanálise e sobre a ausência de autores qualificados ante às gerações anteriores. Ele diz:

Boa pergunta. Para mim, qualidade implica vários aspectos. Um deles é que o autor deva estar atualizado, que conheça bastante - você não pode pedir na totalidade – da bibliografia do tema que trata. Claro que existem livros publicados atualmente que são apenas boas críticas monográficas, que não dizem nada de novo.... Vale a pena perguntar o que hoje significa escrever um texto psicanalítico. Os grandes heróis já estão mortos e eu não acho que alguns dos poucos cuja presença podemos desfrutar e que têm um perfil semelhante ao dos autores das gerações anteriores, tenha o nível de criatividade destes. (Nossa tradução) (Barbieri & Frioni, 2001, Ps. 1 e 2).

A resistência dos representantes das Universidades brasileiras e das instâncias superiores de ensino, em criar cursos de graduação em teoria psicanalítica, mesmo que em nível de licenciatura, com viés formativo de professores ou transmissores da teoria, ou seja, sem o caráter formador de psicanalistas, pois, assim como **Lacan**, acreditamos que somente através da análise pode-se tornar psicanalista, mesmo assim, fragiliza a psicanálise enquanto ciência.

Todo o legado de Freud e de seus mais notáveis seguidores, fica à mercê de profissionais totalmente desqualificados, inseridos no mercado de trabalho, formados em cursos que, sequer, possuem aulas presenciais, cursos totalmente de ensino à distância, sem qualquer tipo de experiência clínica, nem tampouco supervisão clínica ou análise *didata*, e que se tornam habilitados com *status* de psicanalistas devidamente regulamentados em cursos *on-line*.

Haverá de haver um tempo em que superaremos as resistências que impedem a criação de cursos mais qualificados para a formação de psicanalistas, mas, todavia, desejamos que ainda restem credibilidade suficiente na psicanálise ante a sociedade, pois o desgaste da imagem dos psicanalistas no Brasil cresce de maneira exponencial, fenômeno este que, acreditamos, conseguir superar com o tempo.

6.2.8. “*La psychanalyse, son image et son public*”: Tese de Doutorado de Serge Moscovici como possibilidade de corolário para esta Tese

Conforme consta no subitem que trata do Estado da Arte, deste trabalho acadêmico, em 1961, **Serge Moscovici** realizou trabalho acadêmico de tese de doutorado intitulado “A psicanálise, sua imagem e seu público”, que tinha como objetivo central “descrever como a psicanálise se inseriu na sociedade francesa” (Moscovici, 2012, p. 36). Em 1978, o referido trabalho científico foi transformado em livro, reeditado no Brasil no ano de 2012, ora discutido no presente trabalho acadêmico.

Este capítulo visa articular as ideias de **Serge Moscovici** e de **Jorge Forbes**, num viés da teoria psicanalítica, de **Sigmund Freud**, de forma a descrever que as representações sociais, propostas sob a perspectiva de Moscovici, bem como a responsabilidade social da psicanálise, conceituada sob o viés de Forbes, são fenômenos sociais passíveis de articulações com a psicanálise, resultantes do desejo inconsciente do sujeito, que emergem do individual ao coletivo, como manifestações inconscientes.

Se as representações sociais são ideologias sobre objetos sociais específicos, formas de conhecimentos do “senso comum”, sem viés científico, nem objetivo, sem verdades absolutas, mas sim, crenças humanas, não universais, alicerçadas em determinado objeto, sendo este conhecedor apenas para grupos específicos (Fonte de pesquisas: Slides das aulas na UCES, em janeiro de 2020, do Professor Dr. **Marcelo Di Grillo**, <https://campus.uces.edu.ar/mod/folder/view.php?id=116971>), nos arriscamos a concluir que a representação social da psicanálise existe somente para aqueles que as conhece.

Portanto, a partir da disseminação dos seus conhecimentos, esta, por sua vez, terá uma maior representatividade no meio social, e, por conseguinte, acolherá uma maior aceitação no meio científico, vislumbrando um maior reconhecimento social.

Freud, em “A negativa” (1925), afirma que a ‘negativa’ nada mais é do que o reconhecimento do inconsciente, por parte do Ego, pela incidência do princípio da

realidade, em contraposição aos princípios do prazer e de constância, que, ao reconhecer um outro, que se supõe estar no mundo externo, na verdade, está dentro de nós mesmos, o inconsciente. A representação de algo, nada mais seria, do que um “teste de realidade”, ou seja, o objeto hora percebido é uma representação daquilo que outrora fora vivido como objeto fantasmático da infância. Freud diz:

A fim de entender esse passo à frente, temos de lembrar que todas as **representações** se originam de percepções e são repetições dessas. Assim, originalmente a mera existência de uma **representação** constituía uma garantia da realidade daquilo que era representado. (Freud, 1925, p. 267)

Logo, pode-se arriscar a inferir que a representação social de qualquer objeto, incluindo-se a psicanálise, pode ou não ser introjetado, como bom ou mal, ‘sim’ ou ‘não’, ingerível ou não, além de poder ser *manipulável*, na medida em que, o ego-prazer “deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau” (Freud, 1925, p. 267), por outra via, o ego-realidade é permeado pelo mundo das representações, de forma a ser um reflexo daquilo que fora vivido outrora como elemento de prazer ou desprazer.

A *manipulação* da representação social da psicanálise se deve nortear pelo foco em tornar a disciplina digerível, direcionada ao ego-prazer, prazerosa, vulgar, e que não cause sentimento de ‘estranheza’, pois, tudo que é estranho é mau, é expelido para o mundo externo do sujeito, e, portanto, rejeitado pelo ego (Freud, Edição *Standard* Brasileira, 1925, p. 267).

Em “O estranho” (1919), Freud afirma:

O animismo, a magia e a bruxaria, a onipotência dos pensamentos, a atitude de homem para com a morte, a repetição involuntária e o complexo de castração compreendem praticamente todos os fatores que transformam algo assustador em algo estranho. (Freud, 1919, p. 260).

Por outra via, tudo o que é familiar é amado, é peculiar e desejável, representa o retorno a algo que nos originou, “um gracejo que diz ‘O amor é a saudade de casa’” (Freud, 1919, p. 262).

Façamos, pois, da psicanálise um lugar familiar, não estranho.

Outro assunto tratado neste trabalho diz respeito à questão da responsabilidade da psicanálise enquanto representação social.

Do ponto de vista da teoria, a psicanálise vai além dos interesses da clínica do *setting analítico*. Ela se preocupa e interage nos mais diversos tipos de fenômenos e laços sociais, das mais variadas formas, e se apresenta com algo novo, incipiente, e, apesar de muitos pensarem que a psicanálise está desaparecendo, na verdade, está apenas começando. Inclusive, para **Forbes** (2012), ao discorrer sobre a psicanálise, em um para além da clínica, afirma que “não conhecemos prática social, ..., que melhor articule o novo laço social da globalização, marcado pela incompletude do real” (p. 103).

Todavia, do ponto de vista da clínica, numa perspectiva lacaniana, o psicanalista, enquanto mundano, é o *sinthoma* que se manifesta enquanto *sujeito suposto saber* para o mundo, e não somente para o paciente. Daí aflorar a responsabilidade social do papel a ser assumido enquanto tal.

Freud (1917 [1916-17]), na Conferência XXVII, ao discorrer sobre a relação transferencial na terapia, apresenta sua preocupação com o meio social e aconselha uma certa cautela por parte do analista perante aos anseios do analisante, das demandas da sociedade e do papel do analista enquanto profissional da saúde, bem como aquele responsável pela transmissão do saber psicanalítico. Ele diz:

Temos de combinar as funções de médico e de educador; mas, sendo esta a situação, estamos muito cômicos de nossa **responsabilidade** e nos conduzimos com a devida cautela (Freud, 1917 [1916-1917], p. 436).

Por fim, logo a seguir, discorreremos sobre a *representação da psicanálise*, partindo das premissas postuladas por **Serge Moscovici**. Depois, falaremos sobre a *responsabilidade social* da psicanálise, segundo **Jorge Forbes**. Em seguida, apresentaremos os possíveis vínculos, reflexões e articulações com a teoria psicanalítica. Por fim, com vistas a atingir o objetivo central deste trabalho acadêmico, faremos as correlações entre os assuntos abordados, com a devida conclusão.

6.2.8.1. Representação e Responsabilidade Social da Psicanálise

Serge Moscovici (1928 – 2014), foi um psicólogo social romeno, radicado na França. Foi membro da Academia Europeia de Ciências de Artes, da Légion d'honneur (Ordem Nacional da Legião de honra, da França), bem como da Academia de Ciências da Rússia. Além de ter sido um dos fundadores do Laboratório Europeu da Psicologia

Social, escreveu inúmeros livros, cujos assuntos estão relacionados ao estudo da epistemologia e da história da ciência (Serge Moscovici, 2022, novembro 23 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Serge_Moscovici).

Em seu livro “La psychanalyse, son image, son public” (1961/1976), apresentou uma pesquisa científica similar a esta, no período de 1950 a 1960, direcionada a cidade de Paris, na França. **Moscovici** (2012), afirma que o problema central do livro é a representação social, e para estudar tal fenômeno se apropria da psicanálise, enquanto objeto de representação social da sociedade parisiense da época. Não obstante a isso, a escolha da psicanálise não foi por acaso, ele mesmo demonstra uma certa atração pela psicanálise e uma repulsa com relação às ciências ditas ‘positivistas’. Suas palavras:

A tradição behaviorista, o fato de que a psicologia tenha se contentado com o estudo do indivíduo, o grupo restrito, as relações informais, constituíram e continuam a constituir um obstáculo em relação a esse objetivo. Acrescente-se à lista de obstáculos uma filosofia positivista que só dá importância às previsões verificáveis pela experiência e aos fenômenos diretamente observáveis. (Moscovici, 2012, p. 16).

Portanto, sua escolha à psicanálise foi pela busca da melhor compreensão na gênese dos comportamentos sociais, da psicologia social, da função simbólica e ao poder da construção do real. Estas variáveis, segundo **Moscovici**, não são tratadas pelas teorias positivistas.

Na primeira parte do livro, **Moscovici** apresenta sua tese, com os respectivos resultados de enquete e de análise teórica, obtidos através da pesquisa, expondo suas conclusões acerca da representação social da psicanálise. Tais resultados proporcionaram inúmeras conclusões, dentre eles, apresentamos abaixo alguns excertos.

A classe mais favorecida da sociedade anseia por manter a psicanálise à sombra dos problemas sociais, e os conhecimentos adquiridos e evoluídos ao longo dos anos, desde o marco inicial da psicanálise, em 1900, até os dias de hoje, têm progredido sensivelmente, todavia, desagregados e sem objetivos definidos, portanto, restringindo a inclusão de novos adeptos ao conhecimento, prejudicando a difusão e a disseminação da psicanálise. **Moscovici** (2012), coaduna-se com esta ideia, ao dizer que “os que pertencem à categoria “média” são claramente mais favoráveis à

vulgarização da psicanálise que os de situação econômica mais abastarda” (p. 93).

Ele apresenta os resultados obtidos na referida pesquisa:

Para escapar dessa relação dissimétrica, uma única reação: a rejeição da informação. Vulgarizada, a psicanálise torna-se inquietante: 45% dos sujeitos são contrários à difusão, 36% se declaram a favor, 19% não tem opinião. Os que pertencem à categoria “média” são claramente mais favoráveis à vulgarização da psicanálise que os de situação econômica mais abastarda (p. 93).

Diante do exposto, abre-se um leque de possíveis questionamentos: A que ponto um objeto, cuja representação pulsa na sociedade, é *manipulável* a ponto de mudar seu conceito frente aos sujeitos que o conhecem? E, no momento atual, em que a psicanálise é uma representação social vista, para muitos, como boa ou nefasta, existente ou inexistente, o que se pode fazer para que a psicanálise possa se tornar mais aceita na sociedade, inclusive, no meio científico? Estes questionamentos se dão, por conta de que, a psicanálise, sequer, é considerada uma ciência, sendo, inclusive, foracluída das universidades pelo fato de não ter formação acadêmica específica.

No Brasil, a Psicomotricidade, ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, até bem pouco tempo era uma atividade exercida por profissionais psicólogos, que obtinham certificado em especialização lato sensu para exercer a profissão de psicomotricista, conforme Associação Brasileira de Psicomotricidade – ABP (<https://psicomotricidade.com.br/>, recuperado em 25 de abril, 2021).

Recentemente, essa realidade mudou, pois, a promulgação da **Lei nº 13.794**, de 03 de janeiro de 2019, regulamentou a profissão de psicomotricista, tornando-a independente da psicologia, bem como deu abertura para a criação de cursos de graduação em psicomotricidade em todo território brasileiro.

Essa decisão, tomada pelo Congresso Nacional brasileiro, foi duramente criticada pelo **Conselho Federal de Psicologia** (CFP), que foi totalmente resistente e lutou até o fim para que não fosse possível. Todavia, a representação social da psicomotricidade se impôs, e conseguiu vencer essa batalha que durou alguns anos. Diferentemente da Psicanálise, que luta há bem mais tempo e ainda está longe de ser devidamente regulamentada como profissão, sendo ainda considerada uma “profissão livre”, passível de “estatutos” pífios e díspares. A representação da

psicanálise precisa ser trabalhada, amplificada e divulgada. Tais mudanças serão possíveis a partir de iniciativas como, por exemplo, a utilização dos meios de comunicação, com vistas a uma maior difusão da psicanálise, como representante do quarto poder da sociedade, posterior aos três primeiros, quais sejam, o poder executivo, legislativo e judiciário.

Na segunda parte de seu livro, Moscovici discorre acerca da psicanálise na imprensa francesa, fazendo uma análise do conteúdo e dos sistemas de comunicação. **Moscovici** (2012) questiona: “O que podemos esperar da análise da presença de uma ciência nos canais de comunicação” (p. 265).

Obviamente, para que determinado objeto seja imerso como representação social de uma comunidade ou nação, este deverá ser trabalhado sob os mais variados vieses, cujo foco seria seu verdadeiro reconhecimento diante das massas. Forças opostas certamente surgirão, mas, porém, não serão suficientemente fortes para conter o andamento de um processo bem estruturado, organizado e disciplinado.

Esta forma de pensar coaduna-se às perspectivas behavioristas e positivistas, mas, talvez, estes sejam seus únicos e verdadeiros trunfos, enquanto saberes.

A manipulação necessária, a ser feita, para que a psicanálise se reafirme como representação social suficientemente forte, tornando-se “livre”, não na condição de profissão, que já o é, mas livre enquanto ciência, e, portanto, sem as amarras impostas por outros saberes, como por exemplo, a psicologia; esse caminho é muito bem norteado por **Moscovici** (2012), ao dizer:

Em primeiro lugar destacar, de modo diferente, sua representação social. Depois, compreender melhor as regularidades e as mais significativas trocas que ocorrem em torno dela. No limite dessas regularidades vemos surgir três sistemas de comunicação, determinando o conteúdo e a forma de mensagens emitidas e recebidas: a *difusão*, a *propagação* e a *propaganda*. (Moscovici, 2012, p. 265).

Vislumbra-se, pois, uma possibilidade de mudança no futuro da psicanálise, enquanto representação social.

No que concerne à Responsabilidade Social da Psicanálise, **Jorge Forbes** é o autor que traz o assunto como um dos temas centrais de seus estudos. Psicanalista e médico psiquiatra brasileiro. Tem como foco teórico a psicanálise freudiana e lacaniana. É um dos fundadores da Escola Brasileira de Psicanálise. Em seu livro

“Inconsciente e Responsabilidade” (2012), Jorge Forbes apresenta o *inconsciente* como responsabilidade do sujeito, na medida em que, ao ter consciência da existência do inconsciente, que atua de forma sublime, autônoma e à sua revelia, o sujeito deverá ter a responsabilidade de assumir suas ações involuntárias. Ao praticar uma ação, mesmo danosa e contra sua própria vontade, o sujeito deverá saber que tal prática foi “desejada” pelo seu inconsciente. Somos “responsáveis frente ao acaso e à surpresa” (p. IX), todavia responsáveis não quer dizer culpados, pois, de certa forma, somos vítimas de nós mesmos, de nossas próprias atitudes.

No livro, Forbes discorre sobre diversos assuntos, como, por exemplo, o fato do homem contemporâneo ser “desbussolado”, ou seja, o homem da atualidade está sem o norte ao qual outrora fora dado pelo pai, que, ao possuir um saber, assegurava-lhe o caminho a ser seguido. Este fenômeno fez brotar novos tipos de patologias existentes na sociedade e, em decorrência disso, emerge uma nova clínica psicanalítica.

Vislumbrando a psicanálise no século XXI, Forbes (2012) trata das relações entre o Inconsciente e a Responsabilidade, assuntos que não são encontrados com frequência na literatura acadêmica. O autor enfatiza o Psicanalista como um *sinthoma*, fundamental e necessário, que emerge para atender à, pelo ao menos, duas demandas. Uma diz respeito a uma espécie de invenção para uma solução relativa ao espaço ocupado pelo psicanalista no *set analítico*, do vazio existencial, e, portanto, dando via de possibilidade de manifestação do desejo inconsciente, de ambos, paciente e analista, como uma espécie de “furo no real, exigida de cada um” (p. XXXIX).

A outra demanda visa suprir a “responsabilidade de transmissão no mundo” (p. XXXIX), ou seja, a psicanálise tem sua responsabilidade ancorada na responsabilidade convencional, seja a jurídica ou a moral.

Ao discorrer acerca da *responsabilidade psicanalítica* inscrita no mundo, Forbes (2012) a aproxima da ética psicanalítica, da responsabilidade convencional e moral da sociedade. Ele afirma:

Se pudermos defender, até este ponto, que a responsabilidade é o cerne da clínica psicanalítica, mostrando inclusive com as referências de Freud e Lacan ao termo conferem-lhe

esse lugar, é interessante perceber agora como a responsabilidade psicanalítica se relaciona com a responsabilidade convencional – a jurídica ou moral (p. 146).

O pensamento convergente de Forbes, entre a psicanálise e a responsabilidade, nos motiva a acreditar que o fenômeno da *resistência* à psicanálise, encontrado na sociedade, impossibilitando-a de ser devidamente reconhecida como 'ciência', vai além dos muros dessa relação, interferindo eminentemente, e meio que ao avesso, fazendo emergir a atitude 'irresponsável', enquanto represa, que separa a psicanálise da sociedade, tendo como consequência o surgimento de cursos de formação de profissionais psicanalistas, totalmente inadequados, visando tão somente o lucro financeiro, inserindo profissionais totalmente alheios ao estatuto da psicanálise enquanto ciência.

Para Forbes (2012);

As empresas, as instituições em geral, inclusive as escolas de psicanálise, praticamente todas as que perdurarem, terão que passar pelo filtro da globalização. Isso implicará uma mudança muito grande, na qual poucos setores ficarão intocados. Mudarão os valores, o organograma, a forma de trabalhar, as parcerias, as fusões, a permanência (p. XXXVII).

A psicanálise, enquanto saber que anseia crescer, ampliar-se, ir além do campo da ética e da clínica, na direção do *campus* universitário, tornar-se uma ciência imersa na sociedade, significativa, com cursos de graduação, livres das amarras impostas pelos outros saberes, sobretudo o da psicologia, deverá se impor, seguir o caminho da responsabilidade a que lhe é atribuída e cobrada, e trabalhar para que tenha uma maior representatividade na sociedade, emergindo demanda suficiente para que seja satisfatoriamente reconhecida.

Por fim, articulando e enlaçando os conceitos de representação e responsabilidade social da psicanálise, atingimos o objetivo central deste capítulo, a demonstrar que a psicanálise, para emergir como uma ciência efetivamente significativa, deverá ter uma maior representatividade na sociedade, bem como atender às demandas impostas pela responsabilidade que lhe é atribuída, sobretudo na clínica, que lida com a saúde mental dos sujeitos que a escolhem como via de solução de seus problemas psicológicos, bem como, de suas dores.

Entretanto, antes de mais nada, faz-se necessário salientar a importância da psicanálise como caminho para elucidação dos fenômenos sociais e sua articulação com as demais ciências, inclusive, sendo considerada ponto de partida e aplicação

nos diversos campos do conhecimento, inclusive na psicologia social. **Freud** (1916 [1915-16]), reconhece esse legado, ao dizer:

No trabalho da psicanálise formam-se vínculos com numerosas outras ciências mentais, cuja investigação promete resultados do mais elevado valor: vínculos com a mitologia e a filosofia, com o folclore, com a psicologia social e com a teoria da religião (p. 169).

Serge Moscovici, refere-se à representação social como um conceito, que visa ajudar, explicar e classificar os fenômenos sociais e grupais, assim como compreender o que está por trás dos comportamentos humanos individuais e coletivos.

Para que um determinado objeto emergja na sociedade, perdurando ao longo do tempo, sua representação social deve estar evidente o suficiente para que esta reconheça sua presença e estabeleça relações de vínculo e de existência duradouros.

Para chegar ao *status* de ciência, sobretudo no âmbito das universidades, inclusive, com a criação de cursos de graduação, a psicanálise, necessariamente, deverá fazer uso do chamado 'quarto poder', ou seja, o poder da "mídia", que influencia a sociedade tanto quanto, ou mais, aos demais três poderes da democracia, quais sejam, o legislativo, executivo e judiciário.

Moscovici (2012), ao analisar os dados colhidos em sua pesquisa 'A representação social da psicanálise', discorre acerca da relação da psicanálise com a publicidade, e faz referência a um artigo, cujo autor afirma que:

A psicanálise não é só um auxiliar da medicina; também inspira a publicidade. Para lançar um produto os especialistas exploram o inconsciente da clientela e levam em conta seus reflexos mais secretos. (p. 271).

Apesar de **Moscovici** (2012), naquela época, mais especificamente, em 1961, ter afirmado que "não parece que seja a imprensa de grande tiragem que dissemine mais a psicanálise" (p. 269), pois acreditava que esta seja influenciada por outro nível da sociedade; há que levarmos em consideração que, nos tempos atuais, a cultura rompeu fronteiras, miscigenou-se, a sociedade se encontra mais horizontal, sobretudo no que diz respeito à disseminação dos conceitos e das ciências, as possibilidades são diversas, quase infinitas, a globalização e a internet aproximam pessoas, culturas, conceitos e ciências, a multiplicidade de fenômenos são ilimitados e, nesta via, a psicanálise, não somente no campo da clínica e da ética, anseia por caminhos mais

sólidos e representativos para manter-se viva e tornar-se uma ciência verdadeiramente reconhecida.

Freud, em 1914, aos 58 anos de idade, escreve sobre “A história do movimento psicanalítico”, e enfatiza a importância da publicidade, mesmo que negativa, para que sua ‘ciência’ permanecesse viva. Ele diz:

Pelo menos uma dúzia de vezes durante os últimos anos li em relatórios de congressos e de órgãos científicos, ou em resenhas críticas de certas publicações, que agora a psicanálise está morta, derrotada e eliminada de uma vez por todas.... Depois de cada um desses obituários a psicanálise ganhava novos adeptos e colaboradores ou adquiria novos canais de publicidade. Afinal de contas, ser declarado morto é melhor do que ser enterrado em silêncio (Freud, 1914, p. 44).

A representação social da psicanálise, bem como sua responsabilidade, caminham juntas, conceitos associados que fazem da teoria e da prática uma significação ímpar, que vislumbra um caminho livre, firme e consolidado, como verdadeira ciência, a ser seguido pelos que acreditam na continuidade e no sucesso de seu maior objetivo: a compreensão dos fenômenos inconscientes, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas, minimizando o sofrimento psíquico, e, por conseguinte, o sofrimento físico, como efeito psicossomático.

As tragédias humanas também são formas de representação social do sofrimento individual, mas que, ao se coletivizarem, psicossomatizam e se materializam na sociedade, enquanto fenômenos do inconsciente coletivo. Podemos supor como exemplo na atualidade a pandemia mundial do *Coronavírus*, que se alastrou em todos os países do globo e que uniu as sociedades quanto a ideia da importância dos cuidados com a saúde primária, do tipo de lavar as mãos regularmente, ou manter o distanciamento social com pessoas não tão íntimas.

Neste sentido, o sofrimento humano se apresenta de várias formas, individuais e coletivos, bem como dos mais variados conflitos internos, sob a forma de sentimento de culpa, ansiedade, depressão, complexo de Édipo mal resolvido, complexo de castração, fobias, dentre outros. Mas também, o sofrimento humano pode ser consequência de fatores externos, como o caso da pandemia mundial do *Coronavírus*, como sintoma da sociedade que traz agruras e dores para muitos, sobretudo àqueles que perderam entes queridos.

Jorge Forbes, ao analisar o fenômeno do *Coronavírus*, em vídeo publicado no dia 29/04/2020 (<https://youtu.be/k923Hk1bKCw>, recuperado em 01 de maio, 2021), diz que a sociedade vê a saída da pandemia, sob três pontos de vistas ou classes: a primeira classe tem uma perspectiva naturalista, ou seja, que acredita na mudança da relação do homem com o meio ambiente em que vivem, e que depois da pandemia, o homem será mais integrado ao planeta, numa espécie de 'biomimetismo'. A segunda classe diz respeito à religião, ou seja, pessoas que acreditam a pandemia ter sido um 'castigo' de Deus e, portanto, depois que passar, haveremos de ser mais comportados. A terceira e última classe é a racional científica, cientificismo onde se acredita encontrarmos a solução do sofrimento humano por meio da ciência, como por exemplo, encontrarmos a felicidade ou o amor na "bioquímica das células". Tais formas de ver as consequências da dor, reportam-se aos três grandes períodos éticos da história da humanidade: o da *ética da natureza*, período que vai de 8 (oito) séculos antes de Cristo até 3 (três) séculos d.C.; o período *ético da religião*, datado entre, aproximadamente, do século 3 (três) até o século 18 (dezoito) d.C.; e, por fim, a *ética do iluminismo*, que se inicia no século 18 (dezoito), mas com resquícios até os dias de hoje.

Segundo **Juan Droguett**:

A presença do Coronavírus na verdade sacode o ajuste sintomático que a gente faz da realidade. E isso compete tanto ao real, simbólico e imaginário na estrutura psíquica de cada indivíduo. Da maneira que ocorre quando se produz um certo despertar para uma nova realidade. Esta comoção no ajuste sintomático implica que a questão que traz a pandemia tem que ser reformulada. Nesse sentido, a psicanálise tem um papel importante nessa Nova Ordem Mundial (Droguett, 2020, p. 15).

Neste sentido, a representação da pandemia é uma mudança para um novo mundo. Com isso, deveremos recorrer não às dimensões da natureza, da religião ou da ciência, mas sim a um novo tipo de vínculo social, qual seja, a 'solidariedade'. A presença do outro, perto de nós, torna-se necessária e fundamental, como uma identificação de nós mesmos. Precisaremos, ainda mais, uns dos outros, e a sociedade disciplinada dá lugar à sociedade responsável, ou seja, enquanto a disciplina torna o homem menos responsável, na medida em que, ao seguir uma norma, um padrão, uma hierarquia, o sujeito se foraclui de si mesmo ante suas ações, justificando-se que praticou determinada ação por conta da coação exigida pela normatização, numa atitude antiética, porém, moral. Por outro lado, a **responsabilidade** funciona de forma oposta, pois, o sujeito, ao responsabilizar-se por

suas ações, está fadado a assunção de sua ética, mesmo que esta seja de cunho amoral.

Forbes vai nos dizer que as dimensões mais arcaicas de pensamentos não irão deixar de existir, porém, terão dificuldades na convivência em sociedade, pois, necessariamente, as pessoas serão induzidas *inconscientemente* a um caminho, cuja responsabilidade pelas subjetividades, será a base para uma vida harmônica em comunidade. Não será um paraíso, pois o laço social baseado na amizade, no mundo líquido e criativo, é instável, e a possibilidade de convulsão social é bem maior. Ademais, teremos que resolver nossos problemas da forma diferente das de outrora. Não será por via da religião, da relação com a natureza e, nem tampouco, por via da ciência, sobretudo a positivista, que resolvemos os problemas sociais, mas sim pela responsabilização de nossos atos, ações e atitudes, numa relação ética. O desejo pessoal a ser cedido, em detrimento do bem comum.

A responsabilidade da psicanálise segue a estas mesmas premissas. A ética do sujeito ante seu inconsciente nada mais é do que agir eticamente, assumir a responsabilidade de seus atos, de suas palavras, impondo-lhe a incorruptibilidade de seu ser perante aos outros, perante à sociedade.

O inconsciente coletivo leva às catástrofes naturais, e fazem parte das vidas dos seres humanos. É uma onda que atinge a todos, o movimento pulsional que incomoda, somatiza e nos tornam responsáveis. “O inconsciente é estruturado com uma linguagem” (**Lacan**, 1998 [1966]). Linguagem permeada de *significantes*, que saltam, de pessoa a pessoa, incessantemente, e que emergem sob a forma de fenômenos sociais. Portanto, somos culpados pelos nossos *desejos inconscientes*, e temos que assumir tal realidade e responsabilidade, de maneira sincera, sem culpar aos outros, a Deus, a natureza ou à ciência. Todavia, não podemos e nem devemos nos sentir culpados, pois não somos senhores de nós mesmos. A pandemia emerge em meio ao anseio da sociedade global. Agora, temos que aceitá-la e combatê-la, para que aprendamos a ser mais saudáveis no convívio social, praticando mais humanidade, beneficência e altruísmo.

Freud, em “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana” (1901), mostra um exemplo de como o *significante* salta de sujeito para sujeito, de forma inconsciente. Ele diz que:

Recentemente, houve em minha casa um período durante o qual se quebrou uma quantidade incomumente grande de cristais e porcelanas; eu mesmo contribuí para o estrago de várias peças. Mas a pequena **epidemia** psíquica pôde ser explicada facilmente; estávamos às vésperas do casamento de minha filha mais velha (p. 177).

Em “A interpretação dos sonhos” (1900), **Freud** afirma que “o sonho é a realização de um desejo” (p.155), e pelas palavras acima, uma epidemia ou pandemia nada mais é do que a realização de um desejo, porém, se a realização de um desejo é um sonho, devemos pensar que uma pandemia nada mais é do que um sonho ruim, um pesadelo.

Apesar da psicanálise ser uma teoria incipiente, na medida em que, tem pouco mais de 100 (cem) anos de idade, surpreende-nos vê-la na sociedade, ainda viva. Alguns acreditam que esta vivacidade se dá por conta das entidades que a praticam; instituições, associações, sociedades, grupos religiosos, cartéis, grupos de estudos, bem como cursos de especializações vinculados a cursos de graduação, como a psicologia, sociologia, filosofia e direito, por exemplo. Todavia, acreditamos que o quê, de fato, mantém a psicanálise viva é o *Inconsciente*, pois esta instância, este lugar, descoberto por **Sigmund Freud**, entidade viva, dinâmica, inerente a todos os seres humanos, que pulsa e se apresenta, se manifesta, das mais variadas formas, posiciona o sujeito consciente à sua mercê. O Inconsciente mantém a psicanálise pulsante, a derrota do sujeito do ego escravo de si mesmo, escravo do sujeito inconsciente, e sabemos: o escravo jamais se livra tão fácil de seu senhor.

Os fenômenos da *representação social* e da *responsabilidade social*, da psicanálise, estudados respectivamente, por **Serge Moscovici** e **Jorge Forbes**, devem fazer parte da luta dos psicanalistas que têm a consciência da importância da teoria e da prática psicanalíticas como caminhos para valorização e reconhecimento da psicanálise como ciência genuína, capaz de ajudar a sociedade na compreensão de seus conflitos internos, com o respectivo reflexo no mundo externo, e vice-versa, que visa amenizar o sofrimento humano.

6.2.9. Semelhanças e dissonâncias entre Religião, Teologia e Psicanálise

Os motivos pelos quais este subcapítulo é de suma relevância, dá-se pelo fato da psicanálise, por vezes, ser confundida ou direcionada como se fosse uma espécie de seita. Este fenômeno ocorre desde seus primórdios, e se mantém firme até os dias de hoje, nos cursos de formação de psicanalistas em todo o mundo, e não é diferente no Brasil, o que se comprova no caminhar da presente pesquisa, mais especificamente ao longo da coleta de dados, verifica-se uma quantidade considerável de instituições, entidades e, sobretudo, faculdades de teologia, assim como de grupos religiosos, que, simultaneamente, fazem o papel de formadoras de psicanalistas no Brasil.

Freud tinha esta consciência, desde o começo, devido à natureza peculiar do *inconsciente*, que é confundido como se algo mítico fosse. Ele infere que:

Se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* para a religião, mas os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas. (Freud, 1927, p. 45).

Como se adivinhou fosse, Freud revela o futuro da psicanálise, tanto que, vislumbrou-se nesta pesquisa um quantitativo considerável de faculdades e grupos religiosos formadores de psicanalistas no Brasil. Os dados colhidos constam no subitem 8.1, intitulado 'Quanto do tipo de instituição', da presente tese de doutorado, cujos resultados foram suficientemente contundentes, gerando uma demanda, de condição *sine qua non*, para que se discorresse acerca desse fenômeno.

As relações entre religião, teologia e psicanálise dá-se ao longo do contexto histórico, quando no final do século XIX, há uma crise no estatuto da ciência positivista. **Sócrates Nolasco** (1995) apresenta essa suposição de forma clara, ao declarar que:

A modernidade começa a envelhecer. Seus grandes fundamentos passam a ser questionados: o capitalismo recebe a profunda crítica de Marx; Einstein põe em questão a noção de matéria; com Freud, o eu e a consciência perdem a soberania. A ciência não só se mostrou incapaz de garantir a "eterna felicidade", como também nos apresentou sua face destrutiva. (Nolasco, 1995, p. 10).

Até então, o misticismo inerente às religiões se encontrava desamparado em relação às verdades propostas pela ciência positivista, e a psicanálise, ao colocar em xeque a objetividade de tais ciências, coaduna-se com os enigmáticos meandros religiosos de outrora. Daí, apesar da psicanálise haver de premissas fundamentais pautadas na ciência, na teoria e na prática clínica, na medida em que coloca o sujeito à mercê do Inconsciente, como saber enigmático e inatingível pelo homem que pensa, logo existe; cria-se um forte elo de ligação com os saberes sobrenaturais.

O próprio criador da psicanálise enfatiza a proximidade de sua teoria com as práticas de cunho enigmático, frente ao positivismo proposto pela ciência. Freud previu que a *psicanálise* estaria na fronteira entre a ciência e o misticismo, assim como a *pulsão* se encontra na fronteira entre o somático e o psíquico. Para se libertar da ideia de que a psicanálise é enigmática, não basta apenas que se estude seus postulados ou tenha prática clínica, mas sim que se tenha passado pela experiência de análise pessoal, na qualidade de paciente ou analisante, e somente assim, possa-se haver de condições satisfatoriamente convincentes para se afastar de qualquer ideia de que os fenômenos emanados pelo inconsciente não são palpáveis o bastante para se abster de qualquer fantasia de enigmatismo. Ele diz:

“Isto se relaciona, sem dúvida, ao fato de que, em geral, é tão difícil proporcionar a quem não é psicanalista uma compreensão interna (*insight*) da psicanálise. Os senhores podem acreditar em mim, quando lhes digo que não é de nosso agrado dar uma impressão de sermos membros de uma sociedade secreta e de praticarmos uma ciência mística” (Freud, 1933 [1932], p. 74).

Talvez esse seja um dos maiores dificultadores para se fazer da psicanálise uma ciência, pois as pessoas que se propõem a serem psicanalistas resistem a passarem pela experiência da análise pessoal, e quando o fazem, experienciam pela simples “obrigação” de exigência das instituições formadoras de psicanalistas, mesmo porque, o simples fato de querer se tornar um psicanalista não é motivo para se fazer análise.

Forbes (2014), ao discorrer acerca da psicanálise no século XXI, da clínica na contemporaneidade, suas peculiares mutações e as novas significações do saber psicanalítico, impostos pela sociedade líquida e pelo imediatismo da atualidade, afirma que não mais se deve referenciar-se somente pelo complexo de Édipo, onde o pai, fora a figura central da família na idade moderna. “Percebemos assim que o

software freudiano já não lê alguns aplicativos que precisamos rodar no século XXI”. (Forbes, 2014, p. 45).

Forbes diz ainda que o fenômeno da globalização tornou as pessoas desorientadas, desbussoladas e perdidas, sem saberem o que fazer e para onde ir e, portanto, “tentam se agarrar em respostas alheias, em livros de autoajuda, **neorrelições, exorcismos das madrugadas** ou pensamentos com cara de conteúdo que anunciam desgraças”. (Nossos grifos) (Forbes, 2014, p. 45).

A sociedade líquida da atualidade, que anseia por resultados instantâneos, propicia campo fértil para os fenômenos místicos, sendo, portanto, a religião, as seitas e os cultos reflexos dessa realidade, e supervalorizados. Deus continua a ser a grande resposta para quase tudo. A física, na incessante busca de explicar o inexplicável, encontra respostas insuficientes, mesmo depois da descoberta da “Partícula de Deus”, o chamado **Bóson de Higgs** ou **bosão de Higgs**, partícula elementar surgida logo após ao *Big Bang*, cuja descoberta “representa a chave para explicar a origem da massa das outras partículas elementares. (Bóson de Higgs, 2022, setembro 23 - https://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%B3son_de_Higgs#Part%C3%ADcula_de_Deus).

Zygmunt Bauman diz que:

O estado “líquido” da civilização nos deixou quase sem defesas. Você cunhou um conceito que, em última análise, é a forma laica de expressar a inexistência de Deus, se me permite nomear com uma só palavra esse milenar e cambiante conjunto de relatos, crenças, rituais e ideologias que moldaram uma ordem simbólica densa o bastante para nos manter a certa distância do horror que habita em nós mesmos (Bauman, 2017, p. 23).

A ciência está na contramão do mundo líquido contemporâneo, que, por vezes, a põe em xeque. Por outra via, veem-se na religião, na teologia e nas ciências ocultas, dentre elas, a psicanálise, as soluções imediatas para o sentido da vida. Certamente, esse não fora o desejo Freud, na medida em que, apesar dele inferir que “Na verdade, sei que o anseio da humanidade pelo misticismo é inerradicável” (Freud, 1920, p. 177), e “Até os dias de hoje, a psicanálise é encarada como cheirando a misticismo e o seu inconsciente é olhado como uma daquelas coisas existentes entre o céu e a terra com que a filosofia se recusa a sonhar” (Freud, 1941 [1921], p. 190).

Porém, Freud, a despeito daqueles que pensam que ele desistiu de tornar a psicanálise uma ciência reconhecida, tal inferência não condiz com a verdade, pois,

mesmo aos 82 (oitenta e dois) anos de idade, um ano antes de sua morte, Freud escreve:

Toda **ciência** se baseia em observações e experiências a que se chegou através do veículo de nosso aparelho psíquico. Mas visto que a **nossa ciência** tem por assunto esse próprio aparelho, a analogia acaba aqui. Efetuamos nossas observações através do mesmo aparelho perceptivo, precisamente com o auxílio das rupturas na sequência de ocorrências “psíquicas”: preenchemos o que é omitido fazendo deduções plausíveis e traduzindo-as em material consciente. Desta maneira construímos, por assim dizer, uma sequência de ocorrências conscientes que é complementar aos processos psíquicos inconscientes. A relativa certeza de **nossa ciência** psíquica baseia-se na força aglutinante dessas deduções. Quem quer que se aprofunde em nosso trabalho descobrirá que nossa técnica tem fundamentos para defender-se contra qualquer crítica. (Grifos nossos) (Freud, 1940 [1938], p. 173).

O não reconhecimento dos postulados psicanalíticos no seio da comunidade científica propicia a formação de psicanalistas ‘silvestres’ na sociedade, respaldados por entidades ou instituições ligadas a religiões que replicam a falsa crença de que o conceito de inconsciente, em Freud, coincide com o Deus das crenças religiosas, na medida em que, assim como “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus” (Bíblia Sagrada, João, I – Prólogo, 1), como bem o diz **Lacan**, “O inconsciente é estrutura como uma linguagem” (Lacan, 2003, p. 334), que se faz Verbo, e o Verbo era Deus. Enquanto a psicanálise continuar à mercê do enigmático e do ocultismo, tais premissas justificam manter seus postulados ligados a aspectos religiosos e teológicos, distanciando-se cada vez mais da ciência.

6.2.10. Há “Estilo Comunicacional”, “Tipo de Papel”, “Tipo de Líder” e “Traço de Caráter” peculiares ao psicanalista?

Após apresentação dos conceitos a seguir explanados, justifica-se a relevância do referido capítulo e subcapítulos, em virtude da tentativa de se colocar à baila a possibilidade de haver estilos comunicacionais, tipos de papéis e líderes ou, ainda, lugar a ser assumido pelo aspirante à psicanalista, bem como traços de caracteres compatíveis com os sujeitos que se habilitam a tal ofício. Estas premissas, se fundamentadas, podem contribuir, sobremaneira, para o bom desempenho na formação dos futuros psicanalistas, sendo, portanto, fundamental estudar tais conceitos e articular com a presente tese de doutorado.

Estilo comunicacional

Considera-se o conceito estabelecido por **David Zimerman** em consonância com as ideias de **David Maldavsky**, onde, ao discorrer acerca da comunicação situação analítica, Zimerman denomina *estilo comunicacional* como:

As distintas modalidades da normalidade e patologia da comunicação na situação analítica, ..., tanto valem para a pessoa do paciente quanto para a do analista, bem como a do vínculo singular que se forma entre eles... os estilos da comunicação, nos quais já se tornaram clássicos os cinco estilos que ele nomeia como: reflexivo, lírico, ético, narrativo e dramático (Zimerman, 2008, p. 164-166).

Tipo de papel

Estabelecemos como parâmetro o conceito de papel determinado por **Enrique Pichon-Rivière**, onde se vincula o papel do sujeito frente ao grupo operativo no qual está inserido, em termos de pertença, afiliação, prescritos e estabelecidos dentro da realidade grupal conectada e imbricada, como força motriz que, obrigando o sujeito a assumir o *status quo* estabelecido pelo grupo, por vezes, a nível inconsciente. Pichon-Rivière diz:

Pode-se dizer que, no acontecer do grupo, determinadas pessoas vão assumir esses papéis correspondentes de acordo com suas características pessoais: porém, nem tudo se realiza em termos de uma tarefa positiva. Outros papéis, de certa maneira prescritos por sua frequência, são assumidos por membros do grupo, como os papéis de porta-voz, sabotador, bode expiatório e, quando algum deles vem associado a comando, o papel de líder (o líder autocrático, democrático ao qual acrescento o demagógico, cuja estranha ausência nos pesquisadores nos chama a atenção) (Pichon-Rivière, 2012, p. 28-29).

Tipos de Líderes

Segundo **Pichon-Rivière** (2012), significa a posição estratégica estabelecida e adjudicada pelo outro ao sujeito que fora escolhido para assumi-la a sua revelia, e que enquanto tal, pode se apresentar sob 4 (quatro) formas distintas, quais sejam, como líder democrático, autocráticos, *laissez-faire* ou demagógico.

Traços de Caráter

Conceito retirado da teoria psicanalítica, de **Sigmund Freud**, como sendo as marcas, cicatrizes e experiências significativas de outrora que se fixam na forma de

agir e de pensar do ser humano, ocorridas na infância, sobretudo do período do útero aos 7 (sete) de idade, aproximadamente, e que se fazem presentes ao longo do restante de toda a vida do sujeito, o que caracteriza uma tendência patológica permanente das estruturas psíquicas. Segundo Freud, "... aquilo que se mobiliza para lutar contra as modificações que nos esforçamos por efetivar, são traços de caráter, atitudes do ego (Freud, 1917 [1916-17], p. 298), além do que:

De qualquer modo, podemos estabelecer uma fórmula para o modo como o caráter, em sua configuração final, se forma a partir das pulsões constituintes: os traços de caráter permanentes, são ou prolongamentos inalterados das pulsões originais, ou sublimação dessas pulsões, ou formações reativas contra as mesmas (Freud, 1908, p. 164).

Diante do exposto, bem como dos conceitos acima qualificados, pode-se adiantar em responder ao questionamento, se há um estilo comunicacional, um papel a ser assumido, ou, ainda um traço de caráter específico inerente ao bom psicanalista? Respondendo que 'sim', há *estilo comunicacional, contra estilo comunicacional, papel e traço de caráter* inerentes ao psicanalista, e eles são frutos de um "ego adaptativo plástico", de tal modo que, "por certo o psicanalista, com seus conhecimentos da forma como a repressão atua, deve, justamente ele, ser impedido de adotar um ponto de vista tão extremo e unilateral" (Freud, 1926 [1925], p. 99).

Desde muito cedo, ou seja, mesmo quando a psicanálise ainda era incipiente e iniciava sua difusão pelo mundo, Freud já passou a traçar um perfil dos futuros analistas que estavam por vir, preparando-os para atuarem enquanto profissionais habilitados para tal. Em 'Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica', de 1910, Freud diz:

Agora que um considerável número de pessoas está praticando a psicanálise e, reciprocamente, trocando observações, notamos que nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma autoanálise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes (Freud, 1910, pp. 150-151).

Em psicanálise, há unanimidade na ideia de que a formação do caráter se dá no período da fase intrauterina até os 8 (oito) anos de idade, aproximadamente, quando a criança vivencia e perpassa por todos os traumas e complexos iniciais, seja pelo trauma do ato do nascimento e os complexos de desmame, de intrusão, de édipo e de castração, ou seja, perpassa pelas fases de desenvolvimento da sexualidade infantil, todos esses eventos são fundamentais para a estruturação e constituição da *psiqué*. A partir de então, nas demais fases da vida, atravessadas pelo período de

latência, puberdade, adolescência, vida adulta e velhice, as possibilidades de alterações significativas na relação do *ego* com as demais instâncias, quais sejam, o *Id*, *superego* e *mundo externo* (realidade), são ínfimas. Seria como se, aos aproximados 8 anos de idade, a psiquê se cristalizasse e o caráter se produz definitivamente.

Oscar Masotta (1987) bem diz, ao afirmar:

A primeira coisa que Freud vai mostrar é que não é certo que durante a vida infantil não haja sexualidade. Bem ao contrário, já que aos cinco anos, na teoria freudiana, a criança já tem definida sua estrutura sexual, e aquela que despontará na puberdade não será diferente da estrutura já constituída na primeira infância. (Masotta, 1987, p. 19).

Pode-se supor que, se há um padrão de comportamento e de estilo predeterminados na infância, baseado nas fases do desenvolvimento libidinal, da fase uterina à fase fálica genital, as relações dos sujeitos com os objetos, sejam oriundos das fantasias ou da realidade, proeminentes dos mundos interno ou externo, são, por vezes, passíveis de delimitações, e, por conseguinte, pode-se emergir grupos sociais que atuam e se relacionam de formas semelhantes. Daí emergem os conceitos de David Liberman, denominados *estilos comunicacionais* e *contra estilos comunicacionais* (Liberman, 2009).

Há todo um arcabouço teórico envolto da temática dos possíveis padrões de comportamentos, de discursos e de estilos comunicacionais imersos nos grupos sociais. Teóricos como Sigmund Freud, Enrique Picho-Rivière, David Liberman e seu discípulo David Maldavsky focaram seus estudos nesta temática. Porém, David Liberman foi o criador do conceito de estilos e contra estilos comunicacionais (idib, 2009).

Em consonância com a disciplina de “Atualização em Saúde Mental e Clínica”, bem como ao tema proposta pela tese de doutorado, o trabalho aqui apresentado visa, antes de mais nada, articular as ideias de **Enrique Picho-Rivière** e de **David Maldavsky**, associados à teoria psicanalítica, de **Sigmund Freud**, de forma a descrever que os fenômenos sociais são reflexo da formação de caráter, a partir dos tipos de *erogeneidades* que predominam em cada sujeito, e que, por suas vezes, em “processos grupais”, apresentam-se com características comuns e semelhantes, como uma espécie de “tipos ideias”, que se unem e se coadunam em suas formas de pensar, agir e na tomada de decisões, fazendo emergir os diferentes movimentos sociais na sociedade.

Tal julgamento se coaduna com as formulações de **Picho-Rivière** (2012), ao discorrer sobre a teoria psicanalítica, afirmando que:

Apesar de perceber a falácia da oposição dilemática entre a psicologia individual e a psicologia coletiva, seu apego à “mitologia” da psicanálise, à teoria instintivista, e seu desconhecimento da dimensão ecológica, impediram-lhe a formulação do vislumbamento, isto é, de que *toda psicologia*, num sentido estrito, é *social*. (Rivière, 2012, p. 47).

Obviamente, que devemos nos abster ao ponto de vista crítico do autor, de que Freud praticou um reducionismo da psicanálise à psicologia individual, que não acredita-se ter havido, na medida em que há inúmeros trabalhos de Freud no campo da sociologia e da psicologia coletiva, ou de grupo, como por exemplos: *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901), *Totem e Tabu* (1913), *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1929), dentre outros. Todavia, deve-se focar, pois, na ideia de que, a partir do ponto de vista do aparelho psíquico individual, estabelece-se premissas de âmbito social, como uma espécie de corolário daquele.

Ademais, o próprio autor, Picho-Rivière, admite que Freud é o “ponto de partida da psicologia social” (2012, p. 45), assim como reconhece seu próprio sofrimento frente ao rompimento com o pensamento psicanalítico ortodoxo, quando diz:

Acredito que essa ruptura tenha significado um verdadeiro “obstáculo epistemológico”, uma crise profunda, em cuja superação levei muitos anos, e que, talvez, só hoje, com a publicação destes escritos, essa superação esteja sendo realmente conseguida (p. 6)

Não obstante a isso, os estudos e postulados desenvolvidos por **David Maldavsky**, somados aos conhecimentos adquiridos em parceria com **David Liberman**, partem das premissas freudianas e objetivam tornar a psicanálise ainda mais empírica e, portanto, científica. Estamos falando dos trabalhos relacionados ao Algoritmo David Liberman (ADL), que apresentaremos, mais à frente, neste trabalho.

Todavia, é importante adiantar em afirmar que os estudos inerentes aos tipos de *erogeneidades* (desejos) e *defesas*, testemunhadas nos discursos, e comprovadas através da clínica, pela observância das fixações pulsionais do sujeito, podem estar diretamente vinculadas à elucidação de fenômenos sociais, na medida em que os tipos de erogeneidades, que somam em 7 (sete), das quais serão apresentadas a seguir, no próximo capítulo desta trabalho, bem como os tipos de defesas, que somam em 5 (cinco), objetivam selecionar e categorizar grupos de caráter, seus estilos

comunicacionais e quais as respostas ou defesas que estes possam apresentar ao serem indagados acerca de determinado assunto.

Neste capítulo da presente tese, primeiramente, discorreremos sobre os tipos de erogeneidades, suas respectivas categorias de defesas e estilos comunicacionais, na perspectiva de **David Maldavsky**. Depois, falaremos sobre o processo grupal e a teoria do vínculo, de **Enrique Picho-Rivière**. Em seguida, apresentaremos possíveis vínculos e reflexos dos tipos de erogeneidades associados aos fenômenos grupais, numa perspectiva freudiana sobre as fases de desenvolvimento psicosssexual.

6.2.10.1 Os Estilos Comunicacionais, segundo David Liberman e David Maldavsky

Partindo dos conceitos da teoria freudiana, o método psicanalítico Algoritmo David Liberman (ADL) foi criado pelo doutor em filosofia e letras **David Maldavsky**, como uma ferramenta de investigação psicanalítica da linguagem e estudos sistemáticos da *erogeneidade* (desejos) e das *defesas* testemunhadas na linguagem, nas manifestações verbais e não verbais, na clínica ou no âmbito social.

O nome dado ao método foi escolhido em homenagem a **David Liberman**, pianista, médico psiquiatra e psicanalista argentino, que realizou pesquisas e estudos, bem como escreveu um livro em conjunto com David Maldavsky, que o homenageou.

Entende-se por *erogeneidade* a faculdade que, determinada parte do corpo, torna-se fonte de excitação e, portanto, zona erógena, vítimas das catexias pulsionais advindas do sistema inconsciente, por via do *desejo* inconsciente.

Por *defesas*, compreendem-se, o conjunto de operações realizados pelo aparelho psíquico, regidos pelo “princípio da realidade”, em contraposição ao desejo inconsciente, objetivando o enbarreiramento da energia libidinal oriunda do *inconsciente*, energia libidinal esta, regida pelos “princípios de constância”, ou nirvana, e pelo “princípio do prazer”, por via das pulsões (Freud, 1911, p. 238).

David Maldavsky (2000), afirma que tanto a *erogeneidade* quanto as *defesas* estão inter-relacionadas e são fundamentais na interpretação das patologias no âmbito da clínica psicanalítica. Ele afirma que:

Así, pues, para Freud los interrogantes para encarar las manifestaciones clínicas son básicamente dos: cuál es la erogeneidad dominante, eficaz, cuál es la defensa, como destino de pulsión en el Yo, ambos (erogeneidades y defensas) aportando transformaciones transaccionales en tanto desenlaces del conflicto ordenador, nuclear. (p.699-700).

Portanto, a partir da linguagem, pode-se investigar a *erogeneidade* e as *defesas* presentes no sujeito, como *formações do inconsciente*, harmonizando-se ao aforismo lacaniano de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

Enquanto Freud estabelece as fases da sexualidade infantil em 3 (três): a fase oral, sádico-anal e fálica; **David Maldavsky** se vale das etapas psicosssexuais de **Karl Abraham**, médico psiquiatra, psicanalista e filósofo, e um dos primeiros discípulos de Freud. Maldavsky acrescenta mais uma fase, a “libido intra-somática”, e as redefinem em 7 (sete), denominando-as *erogeneidades*, que são: *libido intra-somática* (LI), *oral primária* (O1), *sádico-oral secundária* (O2), *sádico-anal primária* (A1), *sádico-anal secundária* (A2), *fálico-uretral* (FU) e *fálico-genital* (FG).

Concernente às *defesas*, estas se configuram em 5 (cinco), que são: as neuroses de transferência, onde se predomina a *repressão*; as estruturas narcisistas não psicóticas, as desmentidas, recusas; psicoses, o repúdio da realidade e da instância paterna; as neuroses tóxicas e traumáticas e a desvalorização do afeto.

Para cada fase, etapa ou *erogeneidade* psicosssexual, há *defesas* correspondentes, caracterizando assim, o traço de caráter do sujeito, com suas respectivas fixações expressas na fala, ações e comportamentos repetitivos.

Cada caráter possui um “estilo comunicacional” correspondente, conceito formulado por **David Liberman**, dos quais seguem abaixo:

A *erogeneidade oral primário* (O1) prevalece em um sujeito de estilo comunicacional reflexivo, ligado ao pensamento científico, tendo como ideal “a verdade abstrata”, e os tipos de *defesas* predominantes são a dissociação, intelectualização e, principalmente, a **desmentida**, onde o sujeito nega algo existente na sua realidade, todavia, assume um comportamento de “como se nada estivesse acontecendo”, como uma espécie de observador não participante.

A *erogeneidade oral-sádico secundário* (O2) prevalece um estilo lírico, depressivo e melancólico, e como ideal “o amor”. As *defesas* correspondentes são idealização, negação e **desmentida**, esta última estabelecida como mais significativa.

O estilo comunicacional prevalecente no tipo de caráter *sádico-anal primário* (A1) é o épico. São pessoas de ação, tendo como ideal “a justiça”, e tipos de *defesas* a dissociação, racionalização e **desmentida**, sendo esta última, a mais preponderante.

Tal estilo é muito bem explicitado por **Maldavsky** (2000), ao discorrer sobre as “sequencias narrativas” do sujeito cuja *erogeneidade* é *sádico-anal primária* (A1):

En cuanto a las secuencias narrativas incluimos las siguientes escenas: el estado inicial tiene las características de un equilibrio jurídico natural, no arruinado por las tretas y arbitrariedades de las leyes culturales. (p.711)

Já o *sádico-anal secundária* (A2), tem a narração como estilo, comportamento de pessoa lógica, seguindo “a ordem” como ideal. As *defesas* típicas são: anulação, racionalização, intelectualização, isolamento, formação reativa e, como principal, a **repressão**, no sentido de seu próprio sadismo.

Por sua vez, a erogeneidade *fálico-uretral* (FU) se faz de um estilo de suspense, ou seja, pessoas evitativas e temerosas, que têm como ideal “a dignidade” e como defesas a evitação, o deslocamento e a projeção, mas, principalmente, a **repressão**, no sentido do desejo incestuoso. A erogeneidade *fálico-genital* (FG) se caracteriza em sujeitos com estilo comunicacional poético dramático, que possui traço de caráter demonstrativo e se interessa por temas eróticos e fascinação pela beleza. Tem como ideal “a beleza” e como *defesas*: a conversão e a **repressão**, esta última, no tocante ao desejo incestuoso.

Por fim, a erogeneidade da *libido intra-somática* (LI), postulado por Maldavsky, que se refere ao tipo de linguagem presentes nas patologias de **desvalimento**, ou seja, relativas a falta de apoio, de proteção, o desamparo sofrido pelo sujeito ainda na fase intrauterina e nos primeiros momentos da vida, logo após o nascimento, a chamada fase pré-oral.

No momento do nascimento, o investimento libidinal, imposto pela pulsão de morte, irá se direcionar para os órgãos internos da criança, sobretudo, no coração e nos pulmões. Como resultado disso, o mundo do sujeito, nesta situação, é captado através de ritmos e frequências, daí o motivo pelo qual o traço de caráter ser de vulnerabilidade somática, sensações e estados corporais, consumos e possui como ideal “o ganho e o lucro”, e como defesas **desmentida**, intelectualização, introjeção, incorporação, identificação adesiva e procedimentos auto calmantes.

Os tipos de patologias inerentes a cada erogeneidade também são observadas e correlacionadas. Na *libido intra-somática* (LI), predominam as patologias tóxicas, do desvalimento, traumáticas, quadros psicossomáticos, vícios e tendência ao acidente; na *oral primária* (O1), predominam as esquizofrenias e esquizoidias. Já na *sádico-oral*

secundária (O2), depressão e melancolia. Na *sádico-anal primária* (A1), as estruturas impulsivas, perversões, psicopatias e a paranoia. Na erogeneidade *sádico-anal secundária* (A2), predomina a neurose obsessiva. Na *fálico-uretral* (FU), as fobias e, por fim, na *fálico-genital* (FG), predomina o quadro patológico da histeria.

6.2.10.2 O Processo Grupal e a Teoria do Vínculo: Tipos de *Papéis* e *Lideranças*, segundo Enrique Pichon-Rivière

Por sua vez, numa tentativa de encontrar tipos de papéis tomados pelos sujeitos, nas suas relações sociais, por meio de processos grupais, deliberando uma Teoria do Vínculo, **Enrique Pichon-Rivière**, psiquiatra, psicanalista e professor universitário suíço, nacionalizado argentino, imigrou para a Argentina aos 3 (três) anos de idade, onde viveu lá até seu falecimento, em 1977, aos 70 (setenta) anos de idade.

As contribuições de Pichon-Rivière se voltaram para a compreensão sobre a estrutura e o funcionamento dos grupos, assim como para a intervenção no campo grupal, por meio da teoria e da técnica do Grupo Operativo. Todavia, com foco no atingimento de nosso objetivo, de articulação à teoria de **David Maldivsky**, nos limitaremos a contextualizar o funcionamento dos grupos, no que diz respeito, especificamente, ao fenômeno do interjogo de *papéis* no grupo.

Segundo **Pichon Rivière**, “pode-se dizer que, no acontecer do grupo, determinadas pessoas vão assumir seus papéis correspondentes de acordo com suas características pessoais. ” (Rivière, 2012, p. 28-29).

Assim, podemos encontrar em determinados grupos pessoas que assumem determinados papéis, dos quais Pichon Rivière os especifica em 5 (cinco): o *líder*, o *porta-voz*, o *sabotador*, o *bode expiatório* e, ainda, o *silencioso*.

O *líder* se relaciona ao comando e a coordenação, subdivide-se em 4 (quatro) formas de ser e de atuar, quais sejam:

O líder autocrático é aquele que utiliza uma técnica diretiva, rígida e de “resistência” à mudança. Já o líder democrático é aquele que interage com o grupo sob a forma de um permanente espiral, ou seja, ligando-se num processo de “ensinar e aprender,

formando uma unidade de alimentação e realimentação” (Rivière, 2012, p. 159), com utilização constante do *feedback*. Segundo Rivière, este é papel ideal de líder.

Por sua vez, o líder *laissez-faire*, cuja expressão francesa significa “liberalismo econômico”, é aquele coordenador que delega ao grupo a estruturação, assumindo parcialmente as funções de análise e orientação.

Por fim, o líder demagógico possui uma característica peculiar, qual seja, a impostura, isto é, tem uma postura autocrática, mas demonstra uma postura democrática.

Outro papel observado em grupo é o do *porta-voz*, aquele que não fala por si só, mas por todos, denunciando os acontecimentos ocorridos no grupo, as fantasias, as necessidades e as ansiedades existentes no grupo.

Neste viés, emerge a figura do *bode expiatório* como sendo o membro depositário dos aspectos negativos, em contraposição ao *líder*, que, por outro lado, qualifica-se como depositário dos aspectos positivos. Todavia, apesar do *bode expiatório* se justificar no grupo como mecanismo de segregação, esse é intimamente ligado ao seu contraposto, o *líder*, na medida em que aquele emerge como preservação e justificação da liderança, por conta da necessidade do sentimento fundamental da discriminação, parte integrante da sociedade, dos grupos e, por conseguinte, da *psiquê*.

O *sabotador*, também chamado de ***conspirador***, é aquele partícipe do grupo que, de certa forma, dá movimento a estrutura, em virtude de que, mesmo sendo eleito por extra grupos, ou seja, por pessoas de fora dos membros, ao se rebelarem contra a suposta tirania imposta pelo líder efetivo, acabam por justificar o desafio e a superação ao atingimento das metas propostas pelo *líder*. O sabotador, nada mais seria, do que uma espécie de “líder da resistência à mudança”, e os questionamentos e barreiras denunciadas pelo *sabotador* oportuniza ao *líder* consolidar suas tarefas rumo ao bem comum.

Por fim, falemos do *silencioso*. Aquele que é depositário de toda a paciência necessária e fundamental ao grupo. Com isso, faz emergir as dificuldades de fala dos membros, bem como possibilita ao grupo a oportunidade de expressar seus problemas. Neste sentido, é o membro para onde se converge muita energia psíquica,

e acaba por ser, com o passar do tempo, obrigado a se expor e assumir um papel de destaque no interior da dinâmica grupal.

No que tange à terapêutica, **Pichon-Rivière** trabalha com a reaprendizagem da realidade e com a busca da capacidade de enfrentar as adversidades encontradas no grupo. Portanto, busca-se:

Uma adaptação ativa à realidade; Possibilidade de assumir novos papéis; Poder assumir maior responsabilidade; Perda de papéis anteriores inadequados à situação no aqui-agora-comigo e na tarefa; e os sentimentos básicos de pertença, cooperação e pertinência, que operam em todo grupo humano, ao fazê-lo agora de forma harmoniosa, dão ao grupo grande produtividade (Rivière, 2012, p. 160).

É importante ressaltar, Pichon-Rivière deixa claro que os papéis assumidos pelos membros do grupo, dentro do processo grupal, ocorrem de forma natural, emergindo frente à realidade apresentada nas fantasias e realidades no meio ambiente em que estão inseridos seus membros.

O *papel* tem caráter transitório e de função específica, além de contraditório, pois cada sujeito pode assumir determinado papel, bem como ser adjudicado a assumi-lo; autorizado, indicado ou conferido por outro para que o sujeito o assuma. Por este motivo, um sujeito pode assumir múltiplos papéis, sendo-lhe assumido ou adjudicado.

Enrique Picho-Rivière (2007), afirma que “a teoria dos papéis se baseia na teoria das relações de objeto” (p.113), mas relações humanas estão assentadas em um interjogo de assumir ou adjudicar papéis. Daí surge o conceito de *vínculo*, pois enquanto o *papel* emerge da relação sujeito x objeto, o *vínculo* é uma via de mão dupla, onde as relações entre os sujeitos, nos diversos papéis assumidos ou adjudicados, possuem reciprocidade, receptividade, interação, convivência e interjogo dialético.

Se o outro adjudica ou confere um papel a determinado sujeito, e este, por sua vez, o assume de bom grado, então há um *vínculo*. Com isso, podemos aferir que só há *vínculo* a partir da relação de dois ou mais sujeitos. “Por isso, à ideia de um papel individual temos que agregar o conceito de papel de vínculo configurando uma estrutura social mais integrada” (Rivière, 2007, p. 114). O vínculo, portanto, é uma estrutura, e dentro dela se estabelece uma comunicação.

Neste sentido, Rivière afirma que:

O conceito de vínculo é operacional, configura uma estrutura de relação interpessoal que inclui, como já dissemos, um sujeito ante o objeto e a relação do objeto ante o sujeito, cumprindo os dois uma determinada função. (Rivière, 2007, pp. 113-114).

Ademais, o *vínculo* pode ser individual e grupal, sendo este último caracterizado quando um grupo é estruturado em função de um *vínculo* singular com outro grupo, determinando atributos homogêneos entre eles, em um processo equivalente ao vínculo individual, ou seja, composto por duas pessoas.

Ao discorrer sobre o *vínculo* e a interpretação, apesar de criticar a teoria freudiana e kleiniana, ao afirmar que a psicanálise não dá abertura para novos conhecimentos, e que “precisa livrar-se da posição em círculo fechado” (p. 94), Pichon-Rivière (2007) enuncia que, na *psicologia introspectiva* prevalece a investigação do vínculo interno e, por outro lado, o *behaviorismo* tem predominância ao vínculo externo. Entretanto, Pichon-Rivière, admite a *psicanálise* como a única teoria capaz de considerar os dois tipos de vínculos, interno e externo, na medida em que, quando ambos os vínculos estão em ação, no aqui e agora, configuram uma *Gestalt*, ou seja, fenômenos articulados, totalitários e indivisíveis.

6.2.10.3 Os Tipos de Caráter em Freud e suas articulações com os Estilos Comunicacionais em Zimerman e Maldavsky, e os Tipos de Papéis e Lideranças em Rivière

Diante do exposto até então, pode-se inferir que as Articulações entre Traços de Caráter, Teoria do Vínculo, Estilos Comunicacionais, Desejos e Defesas Psíquicas, Tipos de Papéis e Lideranças, podem ser vistas como corolários de resistências ou não à Psicanálise, e numa tentativa de compreender os motivos pelos quais a sociedade resiste à psicanálise como uma “ciência”, e não somente como uma ética, da forma como é aceita nos dias de hoje, podemos discorrer sobre os tipos de sujeitos que se sobrepõem e insistem na manutenção da psicanálise nesta condição, portanto, teceremos algumas ideias articuladas de acordo com os tipos de *erogeneidades* e *defesas*, os fenômenos dos *processos grupais*, no que concerne, especificamente aos papéis assumidos e adjudicados pelos sujeitos, bem como seus respectivos *vínculos* sociais, que, talvez, justifiquem tais fins.

Freud, em “O estranho” (1919), elucida que todo afeto reprimido se transforma em ansiedade e retorna à consciência como categorias de elementos que amedrontam e assustam, e tais categorias se reportam a algo estranho, ou seja, “O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (p. 238). Portanto, a argumentação geral de Freud é que “o estranho provém de algo familiar que foi reprimido” (p. 264).

O senso comum atribui às forças demoníacas a tudo aquilo que não é explicado ou revelado pela ciência, incluindo-se às forças providas das regiões mais remotas do seu próprio ser. A psicanálise é atingida por essas crenças, na medida em que coloca o homem como objeto de uma instância que o domina, o rege, o conduz e o sujeita – o Inconsciente, regido por uma linguagem autônoma. Freud (1919) afirma que:

Na verdade, não ficaria surpreso em ouvir que a psicanálise, que se preocupa em revelar essas forças ocultas, tornou-se assim estranha para muitas pessoas, por essa mesma razão. (Freud, 1919, p. 260).

Nesse sentido, podemos supor que o homem intelectual resiste menos às premissas psicanalíticas, ante ao homem que se deixa levar pelas suas emoções. Mais adiante, discorreremos sobre este suposto fenômeno.

Em “A negativa” (1925), Freud enuncia que negar significa confrontar o princípio do prazer, se utilizando do princípio da realidade, sendo àquele representado pelo desejo inconsciente que aponta para o prazer, que nunca nega, nunca diz ‘não’. Portanto, a negativa é a defesa psíquica na qual nem tudo o que queremos podemos ter. A negativa é sempre consciente, entretanto, no inconsciente só há ‘sim’. Resistir e negar significa se defender das pulsões.

Os comportamentos e a fala, sobretudo dos adultos, estão intimamente ligados às fases iniciais da vida, e podem nos esclarecer os motivos pelos quais determinadas ideias resistem ou não às expectativas humanas. Freud deixa isso bem claro, ao dizer que o caráter do homem julgador está “expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais — os orais” (Freud, 1925, p. 266). E mais; “Negar algo em um julgamento é, no fundo, dizer: ‘Isto é algo que eu preferia reprimir’” (Freud, 1925, p. 266).

Para Freud, tudo aquilo que é bom, é introjetado, mas tudo aquilo que se apresenta estranho ao ego, é mau, e, portanto, é ejetado de si. Por conseguinte, a

aceitação de algo, remete-se à união, pertence a *Eros*. Por outra via, a negação, como sucessor da expulsão, liga-se a *Tanatos*.

Em “As resistências à Psicanálise” (1925 [1924]), Freud busca compreender às *reações mentais* que fazem com que o sujeito resista às ideias psicanalíticas. “Nosso interesse será orientado apenas para os *motivos* da resistência à psicanálise, dando ênfase específica ao caráter composto dessa resistência” (p. 240).

Freud admite o desejo de si aprofundar em tais estudos. Ele diz:

Seria interessante dedicar um estudo completo às reações mentais à novidade, uma vez que sob certas condições, não mais primárias, podemos observar um comportamento do tipo contrário — uma sede de estimulação que se arremete sobre tudo aquilo que é novo, simplesmente porque é novo (Freud, 1925 [1924], p. 239).

Quase que involuntariamente, ao longo do texto, Freud termina por especificar alguns possíveis tipos de caráter de pessoas que resistem à psicanálise, dos quais citamos abaixo.

Pessoas de caráter **cético**, qual seja, o descrente, o ateu, o idólatra ou, ainda, o heterodoxo, nas palavras de Freud:

A fim de não ser enganada, ela procede bem em armar-se de ceticismo e não aceitar nada novo, a menos que tenha sofrido o mais estrito exame. Às vezes, porém, esse ceticismo apresenta dois aspectos inesperados; ele pode dirigir-se nitidamente contra o que é novo, enquanto poupa o que é familiar e aceito, e pode contentar-se com rejeitar as coisas antes de tê-las examinado (Freud, 1925 [1924], p. 239).

Pessoas que resistem a tudo que é novo, **resistentes a mudanças**, tendo as *reações primitivas* como defesa.

Comportando-se assim, ele, contudo, se revela como um prolongamento da reação primitiva contra o que é novo e como um disfarce para a retenção dessa reação (Ibid., 239)

O que provocou a resistência foram, via de regra, certos fatores no assunto geral da novidade, ao mesmo tempo que, por outro lado, diversos fatores devem ter-se combinado para tornar possível a irrupção da reação primitiva (Ibid., p. 239).

Freud assevera que a ciência recusa a novidade e a incerteza apresentada nos fenômenos inexplicáveis causa ansiedade.

Outra categoria de pessoas que resistem ao sujeito do inconsciente são os chamados **positivistas**, e cita os filósofos, os médicos, inclusive, os psiquiatras, como figuras que resistem com veemência a psicanálise.

Eles haviam sido ensinados a respeitar apenas fatores anatômicos, físicos e químicos (Freud, 1925 [1924], p. 241).

E mais:

Esse estado de coisas é suficiente para explicar a recepção relutante e hesitante da análise nos campos científicos. Ele, contudo, não explica as explosões de indignação, derrisão e escárnio que, com desprezo de todo padrão de lógica e bom gosto, caracterizaram os métodos controversos de seus oponentes (Freud, 1925 [1924], p. 243).

Não obstante, Freud inclui nessa categoria, o chamado sujeito **egoísta**. Aquele que só pensa em si, o presunçoso, vaidoso, exclusivista, individualista. Freud os cita da seguinte forma:

Assim, a sociedade sustenta uma condição de *hipocrisia cultural*, fadada a ser acompanhada de um sentimento de insegurança e de uma necessidade de preservar aquilo que é uma situação inegavelmente precária com proibir a crítica e a discussão. Essa linha de pensamento aplica-se a todos os impulsos instintuais, incluindo, portanto, os egoístas (Freud, 1925 [1924], p. 245).

Por fim, as pessoas que se deixam levar pelas suas **emoções** resistem às ideias psicanalíticas com muito mais afinco, do que àqueles de caráter intelectual, na medida em que, estes últimos, debruçam-se no discurso lógico para traçar caminhos mais favoráveis ao encontro da verdade humana.

Assim, as resistências mais fortes à psicanálise não foram de tipo intelectual, mas surgiram de fontes emocionais. Isso explicava tanto seu caráter apaixonado quanto sua escassez de lógica (Freud, 1925 [1924], p. 246).

Agora vamos correlacionar alguns tipos de caráter, citados por **Sigmund Freud**, aos tipos de *erogeneidades* (desejos) e *defesas*, propostas por **David Maldivsky**, bem como aos possíveis tipos de *papéis* assumidos ou adjudicados pelos sujeitos, vislumbrados por **Enrique Picho-Rivière**.

Inclina-se à crença de que, quanto menos primitivo o tipo de *erogeneidade* (desejo), mais reprimido se apresenta o sujeito, e, por conseguinte, mais resistente, devido ao acúmulo de repressões e recalques, somadas ao longo da vida, desde a fase embrionária, na tenra idade, até a fase psicosexual mais evoluída. Em outras palavras, quanto mais reprimido o sujeito, maior a possibilidade de dizer 'não', e maior grau de negação, tendo a primazia do princípio da realidade ante o princípio do prazer.

Freud, em "Análise terminável e interminável" (1937), dá aval a nossa suposição, ao afirmar que:

Todas as repressões se efetuam na primeira infância; são medidas primitivas de defesa, tomadas pelo ego imaturo, débil. Nos anos posteriores, não são levadas a cabo novas repressões, mas as antigas persistem, e seus serviços continuam a ser utilizados pelo ego para o domínio dos instintos (p. 242 - 243);

Nossa primeira descrição do desenvolvimento da libido foi a de que uma fase oral original cedia caminho a uma fase anal-sádica e que esta, por sua vez, era sucedida por uma fase fálico-genital (p. 244).

As fases de desenvolvimento psicosssexual, além de interligadas, se sobrepõem umas nas outras, somando e acumulando, sob a forma de sobreposição, as catexias e anticatexias libidinais, oriundas do sistema inconsciente. Daí a *fase intra-somática*, por exemplo, constar de uma maior carga energética reprimida, na medida em que recebeu uma maior quantidade de catexias e anticatexias por conta da maior quantidade de material recalçado. Em “Ansiedade e vida instintual” (1933 [1932]), Freud afirma:

... enfatizávamos principalmente a forma como cada fase transcorria antes da fase seguinte, nossa atenção, agora, dirige-se aos fatos que nos mostram quanto de cada fase anterior persiste junto a configurações subsequentes, e depois delas, e obtém uma representação permanente na economia libidinal e no caráter da pessoa (p. 102).

Outrossim, será a escolha objetual preponderante que fará face ao caráter do sujeito, de acordo com o objeto fantasmagórico, imaginário e ilusório, ao qual se encontra fixado, que o sustenta e o justifica enquanto ser no mundo. Por outra via, o grau de resistência representa o ponto no qual o sujeito se fixou, ou seja, qual fase prevaleceu em seu desenvolvimento psicosssexual. “Quanto maior a resistência, mais profusa é essa distorção” (p. 238), Freud, em “O método psicanalítico de Freud” (1904 [1903]).

Em “O ego e o superego (ideal do ego)” (1923), Freud afirma:

Naturalmente, deve-se admitir, desde o início, que existem diversos graus de capacidade de resistência, os quais decidem até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita as influências da história de suas escolhas objetuais eróticas (p. 42).

Freud discorre acerca da relação entre o grau de resistência e o objeto fantasmagórico, em “Um estudo autobiográfico” (1925 [1924]):

Tal regra a disporá de tal forma que o próprio material reprimido jamais ocorrerá ao paciente, mas somente algo que se aproxima dele de maneira alusiva; e quanto maior a resistência, mais remota da ideia real, da qual o analista se acha à procura, estará a associação substitutiva que o paciente tem de informar (p. 45-46).

Com base nos postulados acima, e articulando com as ideias de **David Maldavsky**, podemos então supor que o sujeito de caráter *fálico-genital* (FG) é aquele que tende a uma personalidade mais resistente, ou seja, àquele que nega com mais facilidade e que fora acometido de maior grau de *repressão* psicosssexual, superado pelo princípio da realidade em contraposição ao princípio do prazer.

A barreira do recalçamento é menos volátil e os elementos advindos do sistema inconsciente passam com menor fluidez. Daí se explica a defesa principal, frente ao desejo inconsciente, ser a *repressão* do desejo incestuoso.

Por sua vez, o sujeito com tendência ao caráter *oral primária* (O1) resiste menos às exigências do inconsciente, logo há uma primazia ao princípio do prazer frente ao princípio da realidade. Daí ter como defesa principal a *desmentida* no sentido de necessidade de afeto, sendo a desmentida aquela que, ao negar a existência na sua realidade, ele estará, na verdade, afirmando-a, aceitando-a. Por isso, justifica-se o traço de caráter de sujeito “não participante”, frente à realidade apresentada.

Ademais, segundo **Freud**, em “Caráter e erotismo anal” (1908), os sujeitos cujo caráter predomina a oralidade, “são especialmente *ordeiras, parcimoniosas e obstinadas*” (p. 159). Logo, o fenômeno da resistência é diretamente proporcional ao desenvolvimento psicosssexual do sujeito - quanto maior o grau de resistência, mais equidistantes são as erogeneidades.

Concernente aos *papéis* assumidos ou adjudicados pelos sujeitos, anteriormente explicitados em **Picho Rivière**, à título ilustrativo, temos a elucubrar o seguinte:

A figura de *líder*, adjudicado pelos demais sujeitos, na qualidade de coordenador, tem o poder de influenciar o grupo, através das relações de vínculo, a ele conferido.

Dentre as quatro categorias de *líderes*, por exemplo, destacamos dois, que se situam em extremidades antagônicas, quais sejam: o líder autocrático e o líder democrático.

O líder autocrático, conforme citado previamente, é aquele que utiliza uma técnica diretiva, rígida e de “resistência” à mudança. Coincidentemente, em outras palavras, se coaduna com o tipo de caráter mais resistente e menos resiliente, qual seja, o *fálico-genital* (FG), de estilo comunicacional “poético dramático”.

Já o líder democrático é aquele que interage com o grupo, num processo de ensinar e aprender, cuja forma de atuação é menos resistente às mudanças e mais resiliente, tende a se corresponder ao caráter *oral primário* (O1), cujo estilo comunicacional é o “reflexivo”.

Obviamente, não há uma correspondência rígida entre as relações de resistência, repressões, tipos de caráter, erogeneidades e defesas, bem como aos tipos de papéis fixados pelas pessoas, mas foram apresentadas algumas possibilidades e elos de ligações entre as diversas teorias aqui abordadas.

Diante do exposto, pode-se concluir que as resistências à psicanálise abrangem boa parte da população mundial. Os tipos de erogeneidades, as defesas e os papéis assumidos ou adjudicados pelos sujeitos, sobretudo àqueles que detêm o poder, são testemunhas dessa realidade.

Podemos supor que os *tipos de caráter*, bem como os *tipos de papéis* assumidos pelos sujeitos na sociedade, que tendem a não aceitação da psicanálise como uma ciência, são aqueles vinculados à personalidades mais resistentes às mudanças, como por exemplo, as pessoas que têm como defesas principais as do tipo “repressão”, quais sejam as erogeneidades *sádico-anal secundária (A2)*, *fálico-uretral (FU)* e *fálico-genital (FG)*, ou seja, os neuróticos obsessivos, os fóbicos e os histéricos, respectivamente.

No que dizem respeito aos tipos de papéis constantes na sociedade, podemos destacar: o líder autocrático, com o tecnicismo diretivo, rígido e de “resistência” às mudanças; o líder demagógico, devido a sua peculiar impostura, que apesar da personalidade autocrática, demonstra uma postura democrática; o sabotador, na qualidade de suposto “líder da resistência à mudança”, e, por fim, o bode expiatório, como membro depositário dos aspectos negativos. Podemos supor que todos estes papéis incorporam figuras resistentes às premissas psicanalíticas.

As diferenças existem, e o avanço da ciência depende das pessoas que estão no poder, e que, por suas vezes, devem homologar as novas ideias e as possibilidades de associações e interdisciplinaridades entre as demais ciências. Em “Caráter e erotismo anal” (1908), Freud diz:

Entre aqueles que tentamos ajudar com nossos esforços psicanalíticos, frequentemente encontramos um certo tipo de indivíduo que se distingue por possuir determinados traços de caráter, e simultaneamente nossa atenção é atraída pelo comportamento, em sua infância, de uma de suas funções corporais e pelo órgão nela envolvido (Freud, 1908, p. 159).

É obvio que os traços de caráter, os comportamentos e os papéis assumidos podem ser premonizados pela teoria psicanalítica, e esta é apenas uma das formas de se provar que a psicanálise, além de uma ética, é uma ciência.

6.2.11. O Profissional Psicanalista no Brasil: Aspectos legais

Tanto no Brasil quanto em alguns outros países do globo, os profissionais psicanalistas, no que diz respeito à técnica e a práxis, no *setting analítico*, sentem-se bastante à vontade e embasados de forma isomorfa, na medida em que, o criador da teoria psicanalítica apresentou inúmeros trabalhos direcionados à atuação do profissional, indicando, de forma minuciosa e delimitada, como agir diante das situações comuns ou inusitadas que se apresentam na clínica. As admonições feitas por Freud, em seus escritos, sobretudo, no período dos anos de 1911 a 1915, foram claras, objetivas e profiláticas. Em alguns desses escritos, **Freud** discorre sobre a técnica, ao afirmar que “A técnica, contudo, é muito simples. Como se verá, ela rejeita o emprego de qualquer expediente especial (mesmo de tomar notas)” (Freud, 1912, p.125); discorre ainda sobre algumas condições fundamentais para se tornar um psicanalista habilitado, ao dizer: “Deve-se insistir, antes, que tenha passado por uma purificação psicanalítica e ficado ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz” (Ibid., p. 129); chegando ao ponto de inferir ao psicanalista, bem como ao paciente os *status quo* de mestres, que no decurso do tratamento psicanalítico, travam uma batalha, cujas limitações assemelham-se a uma partida em um jogo de xadrez. Ele diz:

Todo aquele que espera aprender o nobre jogo de xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo. Esta lacuna na instrução só pode ser preenchida por um estudo diligente dos jogos travados pelos mestres. As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas a limitações semelhantes (Freud, 1913, p. 139).

No diz respeito ao perfil do psicanalista, **Zimerman** (2008) afirma que, nas últimas décadas, por influência das sucessivas transformações no mundo contemporâneo, o perfil dos psicanalistas sofreu mudanças significativas. Zimerman estabeleceu características peculiares ao psicanalista contemporâneo, que são: o analista desceu do pedestal; o foco da análise incide no *vínculo analítico*; o conceito de “sujeito suposto saber” está menos intenso no *set analítico*; “o analista contemporâneo não mais está se obrigando a obedecer fanaticamente aos conceitos emanados pelas autoridades superiores a ele, como sendo as sagradas escrituras da psicanálise”; a valorização da formação múltipla e a independência do analista com relação às escolas de formação; as questões de natureza econômicas geram uma

expectativa de futuro negativa, e os psicanalistas têm medo de perderem pacientes (p. 22-24).

No Brasil, a **Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI)**, fundada em 1967 e sediada no Rio de Janeiro, articula e congrega as ações de parte das sociedades de psicanálise brasileiras vinculadas à **Associação Psicanalítica Internacional (IPA)** (<https://www.febrapsi.org/quem-somos/historico/>). Todavia, no país, há um número ainda desconhecido de entidades, sociedades, associações, cartéis, faculdades, instituições religiosas, escolas e núcleos, que se habilitam a formar psicanalistas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20/12/1996, estabelece os princípios fundamentais para regulamentação dos cursos de todos os níveis de educação e ensino. Ela dá o marco inicial para regulamentação de um curso de graduação em licenciatura, proposto, dentro do rigor que se faz necessário.

Há um movimento, até certo ponto, “organizado”, de entidades que transmitem o saber psicanalítico, de forma individual e com normas internas privativas, divulgadas somente aos seus membros, e sem o conhecimento e o aval das instituições de ensino superior ou do Ministério da Educação (MEC). Tais entidades podem estar colocando a saúde mental dos brasileiros em perigo, pois não há como saber se estão atuando de forma ética, pois, a rigor, não se sabe a forma de atuação dos profissionais ali constituídos.

Ademais, os profissionais que lidam com a saúde, sobretudo a mental, carregam a responsabilidade social de ajudar as pessoas, preservados nos direitos fundamentais do cidadão brasileiro, na conformidade da **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 1988, em vigor, que diz:

SEÇÃO II DA SAÚDE

Art. 197. São de relevância pública as ações e serviços de saúde, cabendo ao Poder Público dispor, nos termos da lei, sobre sua regulamentação, fiscalização e controle, devendo sua execução ser feita diretamente ou através de terceiros e, também, por pessoa física ou jurídica de direito privado.

(http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

A constituição brasileira, por sua vez, também discorre acerca do livre exercício das profissões, nos direitos e garantias fundamentais, que diz:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

XIII - é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer.

(http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

Como bem estabelece o **Ministério do Trabalho (MTB)**, que identifica o psicólogo e o psicanalista com o mesmo código profissional, o de nº 2515, onde discorreremos anteriormente, no subitem - problematização, desta Tese, e, portanto, sendo profissões “similares”, no que diz respeito ao tipo de objeto de trabalho, inclusive, com Descrições Sumárias afins, também estabelecidas pelo MTB, podemos vislumbrar que as *preocupações* do Conselho Federal de Psicologia devem ser estendidas a todos os demais profissionais que atendem no contexto de clínica (MINISTÉRIO DO TRABALHO, Classificação Brasileira de Ocupações - CBO, documento eletrônico: <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/2515-psicologos-e-psicanalistas>).

Essas preocupações são acentuadas pelo **Conselho Federal de Psicologia**, ao estabelecer os princípios fundamentais no Código de Ética Profissional do Psicólogo, visando o respeito individual e coletivo dos pacientes e a responsabilidade social. Citamos a seguir, dois princípios:

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

- I. O psicólogo baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (P. 7) (<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>).

As Descrições Sumárias correspondem às atribuições dos profissionais que atuam no mercado, e, no Brasil, os profissionais psicólogos e psicanalistas possuem as mesmas atribuições, quais sejam:

2515: Psicólogos e psicanalistas

Descrição Sumária

Estudam, pesquisam e avaliam o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, tratamento, orientação e educação; diagnosticam e avaliam distúrbios emocionais e mentais e de adaptação social, elucidando conflitos e questões e acompanhando o(s) paciente(s) durante o processo de tratamento ou cura; investigam os fatores inconscientes do comportamento individual e grupal, tornando-os conscientes; desenvolvem pesquisas experimentais, teóricas e clínicas e coordenam equipes e atividades de área e afins (<https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/2515-psicologos-e-psicanalistas>).

A despeito das normas legais e da legislação vigente no Brasil, conforme explicitadas acima, há um movimento de algumas entidades brasileiras que luta pela “não regulamentação” da psicanálise. Tais entidades, juntamente com algumas instituições que a apoiam, subscrevendo-as, dentre elas o **Conselho Federal de Psicologia** (CFP) e o **Conselho Federal de Medicina** (CFM), temem que se instalem, no Brasil, cursos de formação de psicanalistas na modalidade de graduação em licenciatura ou bacharelado, assim como seja criado o **Conselho Federal de Psicanálise**, já proposto outrora, objeto de Ação Judicial que proibiu a existência de tal entidade regulamentar. A articulação dessas entidades “formadoras de psicanalistas”, que remonta do ano 2000, denominado **Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras**, tem por objetivo central manter o status quo atual, qualificando a psicanálise como um *ofício*, e não uma profissão, de forma a “afirmar a autonomia da Psicanálise em relação a todas as formas de psicoterapia praticadas e sua independência em relação aos poderes públicos e a uma regulamentação pelo Estado” (Sigal; Conte & Assad, 2019, p. 7).

Apesar do movimento haver da boa vontade de seus pares, principalmente do ponto de vista da relevância da psicanálise, enquanto saber que não se pode apreender em sua totalidade, como preconiza e objetiva a ciência positivista; por outro lado, dá-se abertura para a depreciação do saber e prática psicanalítica, de forma a manter seus postulados à margem da sociedade, sem o devido controle do Estado, sobretudo ao estado de direito, na medida em que, está-se lidando com a saúde mental das pessoas, ficando, portanto, as premissas e os fundamentos da psicanálise passíveis de vieses ligados ao ocultismo, misticismo, bem como à cultos religiosos ou entidades que visam especificamente ao lucro, cujo objetivo evidencia,

exclusivamente, em “formar” psicanalistas para o mercado de trabalho, sem a devida qualificação mínima que se faça necessária.

Tal paradoxo é demonstrado pelos próprios membros do referido **Movimento**, pois ao dizer que;

“Se a prática analítica sustenta, fundamentalmente, a desalienação do sujeito faz pensar, já de início, a formação de um analista como não avalizada por um órgão oficial que submete o exercício do ofício do psicanalista a uma autorização exterior a sua ética” (Sigal; Conte & Assad, 2019, p. 7).

Pode-se inferir que nenhuma entidade, seja ela macro ou micro, não poderia ou deveria formar qualquer psicanalista, tendo este, único e exclusivamente, em sua singularidade, o poder de decidir se é ou não psicanalista, restringindo-se à sua eticidade, decisão por si só, sem haver necessidade de qualquer entidade para exercer tal feito. Neste sentido, não deveria haver nenhuma entidade capaz de formar psicanalistas, na medida em que:

“Esse princípio é o seguinte, que enunciei nestes termos. **O analista só se autoriza de si mesmo**, isso é óbvio. Pouco lhe importa uma garantia que minha Escola lhe dê, provavelmente sob a irônica sigla AME. Não é com isso que ele opera. O grupo italiano não está em condições de fornecer essa garantia. Aquilo de que ele tem de cuidar é que, **a autorizar-se por si mesmo, haja apenas o analista**. Pois minha tese, inaugural ao romper com a prática mediante a qual **pretensas Sociedades** fazem da análise uma agregação, **nem por isso implica que qualquer um seja analista**” (Grifos nossos) (Lacan, 2003, pp. 311-312).

Portanto, de um lado, há entidades formadoras de psicanalistas que não querem a criação de uma entidade regulamentadora, que tenha o condão de nortear e fiscalizar suas atividades; entretanto, por outro lado, há **Jacques Marie Émile Lacan**, que postula a liberdade do sujeito, em sua suposta singularidade, de fazer uma escolha ética, pessoal e transferível, de se nomear psicanalista, sem sequer estar vinculado a qualquer entidade.

Diante do exposto, acrescenta-se que, apesar do Brasil ser um país desenvolvido, no que diz respeito à criação e a manutenção das leis, tendo como elemento norteador a ênfase humanista, porém, no que concerne ao profissional psicanalista, ainda há um vácuo na regulamentação da profissão, tanto na legislação trabalhista, como, principalmente, na legislação educacional e de formação.

6.2.12. A ascendência do ensino da psicanálise nos cursos de graduação no Brasil

Recentemente, mais especificamente, no segundo semestre do ano de 2021, foi criado, no Brasil, o primeiro curso de graduação de bacharelado em psicanálise, com o início da primeira turma de formandos no primeiro semestre deste ano, de 2022. A Universidade em pauta é denominada UNINTER – Centro Universitário Internacional, fundada em 1996, e que hoje conta com 12 (doze) polos no exterior, sendo 9 (nove) dos EUA, 2 (dois) na Europa e 1 (um) na Ásia. No Brasil, consta presente em todos os 5 (cinco) estados federativos, com aproximadamente 400 (quatrocentos) cursos de graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado e cursos de extensão. Já formou mais de 500 mil alunos nos mais diversos cursos. (<https://www.uninter.com/o-grupo/>).

A recente novidade foi amplamente divulgada em dezembro de 2021, e imediatamente gerou muita polêmica nas redes sociais, sobretudo nas *homepages* e *Instagram* das entidades formadoras de psicanalistas do Brasil, efetivando críticas ferrenhas e contumazes sobre tal “absurdo”, pois, segundo tais entidades, a psicanálise não pode e não deve ser incluída na universidade com o objetivo de formar psicanalistas, mas apenas como disciplina específica incluída nas grades curriculares de outros cursos de graduação.

É óbvio que, na verdade, existem interesses financeiros por detrás de tanto repúdio, pois é evidente que uma pessoa interessada em se tornar psicanalista iria procurar cursos de graduação reconhecidos pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC) e *não* a cursos não reconhecidos e que “formam” tais profissionais sem haver um norteamento básico de estudo direcionado dentro das premissas fundamentais preconizadas pelo pai da psicanálise, Sigmund Freud, bem como de seus mais renomados seguidores contemporâneos.

Um número considerável de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil tem dificuldade em admitir a possibilidade de reconhecimento da psicanálise como ciência, e, por mais paradoxal que seja, são os próprios psicanalistas, à frente dessas entidades, os maiores resistentes à façanha de incluir a psicanálise no seio da

universidade enquanto curso de formação. Por outro lado, tais “supostos psicanalistas” alimentam a ideia de que a psicanálise deve ser uma *pseudociência* aliada às ciências ditas “reconhecidas” pela comunidade científica, como a sociologia, a filosofia, a física quântica, a neurociência, a psiquiatria, as psicologias, as terapias ocupacionais, a teologia, a arte, a música, etc. Todos estes saberes fazem uso da teoria psicanalítica em sua grade curricular.

A tentativa, a nível mundial, de se cientificar a teoria psicanalítica foi marcada pelo insucesso de seus protagonistas. A busca da organização caiu por terra devido à ausência de uma instituição com fortaleza suficiente para se manter ante as pressões das vaidades impostas pelos supostos detentores do saber, saber este que entra em contraponto à própria essência da teoria que diz que o psicanalista nada sabe, apenas se supõe saber.

Justifica-se a natureza das elucubrações aqui elencadas, a ideia de inovação, sem fazer, obviamente, desmerecer o sucesso ou a evolução dos campos de estudos já trilhados pelo ensino superior no Brasil, todavia, portanto, não obstante, devemos referendar alguns cursos de nível superior um tanto quanto específicos, singulares e incomuns, conforme segue: cursos de Acupuntura e Arbitragem, ambos pela Universidade Anhanguera de São Paulo; Graduação em Beleza, pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Curso de Graduação em Produção Joalheira, pela Faculdade de Tecnologia do Instituto Europeu e Design – IED SP; Graduação em Visagismo e Estética Capilar, pela Universidade Anhembí Morumbi – UAM; Curso Superior em Produção de Plásticos, pela Faculdade de Tecnologia de Sorocaba – FATEC/SO; Graduação em Musicoterapia, pela Faculdade Paulista de Artes – FPA; Graduação em Futebol, pela Faculdade de Tecnologia Carlos Drummond de Andrade – CSET DRUMMOND; Curso de superior em Autor Roteirista Tom Jobim, pela Universidade Estácio de Sá – UNESA (Fonte: <http://emec.mec.gov.br/>).

Diante do exposto acima, fica-nos o questionamento: a Teoria Psicanalítica não estaria em um patamar de conhecimento suficiente para contribuir mais significativamente no desenvolvimento da sociedade? Obviamente, que a riqueza cultural do futebol brasileiro, enquanto desenvolvimento das emoções de uma nação e de um povo tão sofrido, bem como a arte e a letra da música de Tom Jobim, que arrebatou e arrebatou ainda nos dias de hoje paixões avassaladoras nas pessoas que

o conclamam, são fundamentais para o estudo aprofundado de tais conhecimentos, mas há que se ressaltar que a Psicanálise também contribuiu e contribui para o desenvolvimento intelectual da humanidade, transcendendo as fronteiras dos países, das raças e das culturas.

O verdadeiro caráter científico pode ser encontrado na única instituição que ainda sobrevive desde a época da antiga Grécia: a **universidade**, como instituição de ensino especializado, compreendendo um conjunto de faculdades para a qualificação científica e profissional, garantindo a conservação e o progresso dos diversos ramos do conhecimento, através do ensino e da pesquisa. Local onde se pode praticar a interdisciplinaridade como um fator de mudança na atitude de entender o mundo, a favorecer a visão epistemológica, abrindo as portas para o verdadeiro conhecimento pela experiência pedagógica significativa, articulando os saberes num produto de relações. Pensamos ser a única alternativa para a psicanálise se manter viva.

Para a transmissão da psicanálise no campo da ciência e no âmbito da universidade, faz-se necessário, por parte de quem se propõe a exercer o papel de professor, a compreensão da teoria em suas premissas básicas; perceber que a psicanálise não é uma ciência exata, que respeita os diversos discursos nos quais ela está inserida, por conta de sua interdisciplinaridade enquanto ciência que dialoga com os demais saberes seja no campo das ciências humanas, sociais e da saúde; estar alerta para a influência do inconsciente como um saber que está presente o tempo todo na relação docente/discente, com poder suficiente para usufruir da empatia como mecanismo de defesa entre os sujeitos, seja de maneira negativa ou positiva, de forma que o professor deva saber lidar com isso e ter a capacidade de transmitir ao aluno essa possibilidade, deixando-o também capaz de saber lidar com essa força; e, por fim, o professor deverá ter a perspicácia de entender a psicanálise nas suas diversas peculiaridades conceituais e dinâmicas, pois a psicanálise como teoria e *ciência*, necessariamente, é diferente da psicanálise *clínica* no set analítico, assim como diverso também da psicanálise como discurso *antropológico*, ao lidar com a história da humanidade.

Freud faz essa distinção ao longo de sua história e através de seus escritos. Ele amplia o conhecimento da sua ciência aos vários campos de estudo, e não deixa restrito ao estudo da medicina, como uma especialização em psiquiatria, ou restrito

ao campo da psicologia, como o estudo do comportamento humano. Freud amplia os horizontes da psicanálise, separa os campos de atuação, como metodologia, teoria e *práxis*. Em 1918, ele diz:

Na investigação dos processos mentais e das funções do intelecto, a psicanálise segue seu próprio método específico. A aplicação desse método não está de modo algum confinada ao campo dos distúrbios psicológicos, mas entende-se também à solução de problemas da arte, da filosofia e da religião. Nessa direção já produziu diversos novos pontos de vista e deu valiosos esclarecimentos a temas como a história da literatura, a mitologia, a história das civilizações e a filosofia da religião. Assim, o curso psicanalítico geral seria também aberto aos estudantes desse ramo do conhecimento (Freud, Obras Completas, Volume XVII, 1918, p. 188).

É fundamental salientar que a proposta para a criação de cursos de graduação em teoria psicanalítica nas universidades pode ser um bom caminho e um bom começo para findar as polêmicas existentes quanto ao exercício da profissão de psicanalista, na medida em que o aluno que concluisse um curso de licenciatura em psicanálise, por exemplo, estaria apto a exercer a profissão de professor naquela ciência na qual passou anos estudando e aprendendo para transmitir seus conhecimentos na qualidade de profissional habilitado para tal. Obviamente que o profissional licenciado em teoria psicanalítica não estaria capacitado para exercer a profissão de psicanalista, ou seja, não seria um psicanalista, mas sim um docente com a capacidade suficiente para transmissão a teoria psicanalítica, o que é bastante diferente do exercício da profissão como clínico.

A polêmica na qual me refiro arrola há anos no Brasil, e atinge principalmente aos profissionais psicólogos que tentam, de certa forma, controlar o grande número de cursos que existem no Brasil para formação de psicanalistas. Um exemplo disso está na campanha de mobilização realizada pelo Conselho Regional de Psicologia do estado de São Paulo, na qual foi solicitado a todos os psicólogos filiados ao conselho para manifestação junto às Comissões da Câmara dos Deputados, com vista a lutar contra a aprovação do **Projeto de Lei nº 3.944/2000**, do então **Deputado Federal Eber Silva**, que propunha regulamentar a profissão de psicanalista no Brasil. Essa manifestação foi amplamente divulgada, e em um dos trechos do texto convidando os psicólogos para intervirem contra o Projeto do Deputado, diz:

O segundo projeto em tramitação no Congresso é o PL 3.944, proposto no ano passado pelo pastor e deputado Eber Silva (PDT/RJ), que quer tornar a psicanálise profissão. Os Conselhos de Psicologia entendem que também a psicanálise é uma “especialização interdisciplinar” e não deve constituir profissão. Defende que o aprendizado e a qualificação do psicanalista sejam alvos de um maior controle, mas sem que haja necessidade de ela ser regulamentada como

profissão.

(<https://www.crsp.org/uploads/impresso/719/IAT5xBIn3ECPv7W3oLB12hYiM5EF5rT1.pdf>).

Mesmo assim, em 2002, o referido Projeto de Lei foi aprovado, onde teve como relator o Deputado Freire Júnior, que foi favorável à aprovação com “substitutivo”, PL nº. 3.944-A, de 2000, que desde então passou a regulamentar o exercício da profissão de Psicanalista no Brasil. Contudo, ainda existem questionamentos acerca do referido PL, e o que vigora de fato é que a psicanálise é considerada uma *ocupação*, devidamente classificada no Ministério do Trabalho, e não uma profissão, conforme comentado anteriormente.

Consta no referido Projeto de Lei que a formação de psicanalistas está condicionada aos possuidores de diplomas de nível superior em Medicina, Psicologia ou em cursos afins, e deverá ser orientada pelos institutos das Sociedades de Psicanálise filiadas à Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), hoje intitulada Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI). Acontece que a maioria das Sociedades e Associações existentes no Brasil não é afiliada da FEBRAPSI, assim como muitas sequer a reconhecem como órgão máximo do País para receber tal atributo. Outro paradoxo questionador gerador de polêmica, dá-se pela seguinte indagação: Quais seriam os cursos de nível superior *afins* à Psicanálise, a Medicina e a Psicologia, no qual se refere o Artigo 3º do Projeto de Lei?

Diante de tais fatos, pode-se inferir que seria fundamental a regulamentação da profissão de psicanalista, assim como a necessidade da existência de profissionais devidamente qualificados para a transmissão da teoria nas instituições superiores de ensino, mais especificamente nas universidades, havendo assim a distinção entre tais profissionais, na medida em que ser um bom psicanalista não quer dizer ser um bom professor, e vice-versa.

Para que essa transformação ocorra, inicialmente deverá ser incorporada uma cultura de inovação pedagógica dentre do *campus* universitário, por meio da verdadeira interdisciplinaridade, tendo como pano de fundo a culminação do desejo de tornar a teoria psicanalítica uma ciência capaz de colaborar significativamente para a sociedade, sob pena do futuro da psicanálise estar em jogo, assim como sua técnica, sua teoria e suas *práxis* ser questionadas e caírem no esquecimento.

É preciso que os intelectuais psicanalistas se unam, e comecem a pensar que a psicanálise não é deles, nem tampouco de Freud, mas sim da sociedade, que precisa e se beneficia com ela. Sabemos, ainda, que uma das técnicas psicanalíticas é “frustrar” o outro para que este possa compreender que não precisa do *pas*se do outro para se tornar capaz de seguir sua própria vida, mas sim que ele precisa do *pas*se do outro que está dentro dele mesmo, pois é na discórdia com o que está fora de si, que acordamos para a voz do sujeito do inconsciente que emerge de dentro de si. Contudo, também é preciso ter em mente que essa técnica só é válida no *set analítico*, ou seja, no consultório, e não na sociedade enquanto grupo coletivo. Na coletividade a melhor maneira de se chegar a um lugar confortável e satisfatório para o grupo é pelo caminho inverso do *set analítico*, ou seja, é através do entendimento e do acordo, com a mínima frustração possível.

A dinâmica das relações sociais, por vezes, é oposta à dinâmica da clínica, e a mudança qualitativa na prática pedagógica, a princípio, envolve um posicionamento crítico das práticas tradicionais. Com relação a essas mudanças, **Carlos Nogueira Fino** (2007), diz:

Inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E abertura para a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. Para os olhos assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir *inovação pedagógica*, e tornar definição consensual. No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos por direção ao muitas vezes inesperado. Aliás, se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação (Fino, 2008, p. 2).

No intuito de abrir novas possibilidades a transmissão da psicanálise na contemporaneidade, é contumaz a inferir que a Psicanálise pode e deve ser considerada, de fato e de direito, uma Ciência, com *teoria*, *práxis* e material de trabalho suficientes para ser inserida como ensino no âmbito das Faculdades e Universidades do Brasil, com bases científicas sólidas e suficientes para criação de cursos de graduação de nível superior na modalidade de licenciatura e bacharelado para transmissão desse saber, conferindo ao graduado o direito a lecionar as disciplinas inerentes ao curso, na medida em que, conforme reza o Artigo 62 da Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, que diz:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5

(cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº [12.796](#), de 2013).

É nesse contexto que se apresenta a discussão da inclusão da psicanálise na Universidade, enquanto curso de licenciatura ou bacharelado, como inovação pedagógica.

6.3. Marco Substantivo

O marco substantivo da pesquisa foi descrito com base nas preocupações levantadas no plano e projeto de pesquisa, ou seja, tem como disposição a descrição dos conceitos focos do estudo, onde se apresentam os conceitos de ensino, educação e formação, a transmissão do saber psicanalítico, a história e os principais conceitos da teoria e clínica psicanalíticas, a representação e a responsabilidade social da psicanálise, os tipos de resistências à psicanálise, os aspectos legais da profissão do psicanalista no Brasil, e, por fim, a ascendência do ensino da psicanálise nos cursos de graduação no Brasil. Tais assuntos foram pormenorizados ao longo do marco teórico.

7. Aspectos Metodológicos da Tese

7.1. Metodologia da Pesquisa

A formatação adotada neste trabalho foi realizada como base na norma padrão da UCES – Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales, que reza o trabalho de conclusão de curso de Doutorado em Psicologia

Para a pesquisa, tomou-se como base a taxionomia apresentada por Sampieri, Collado, & Lucio (2013), no livro Metodologia de Pesquisa.

O proceder metodológico foi feito com base em uma pesquisa com dados objetivos, adquiridos por meio da utilização de um questionário com 19 (dezenove) perguntas, constando de respostas objetivas, de múltiplas escolhas, a serem respondidas por meio de consultas realizadas na *internet*, redes sociais e *homepages*, de 190 (cento e noventa) entidades de formação de psicanalistas em todo o território nacional no Brasil.

A partir dos dados colhidos, o pesquisador construiu gráficos estatísticos para que fosse realizado uma melhor análise dos dados colhidos e, por sua vez, apresentar um retrato aproximado da realidade dos cursos, entidades e instituições formadoras de psicanalistas no país, com enfoque nas variáveis de análises compreendidas pelo pesquisador como sendo as mais vultosas, que dizem respeito à formação dos profissionais psicanalistas brasileiros.

Diante do exposto, apresentamos a seguir os tipos de desenho utilizado pelo pesquisador, bem como as unidades de análises, as variáveis e amostra, os critérios de inclusão e exclusão, as técnicas de coletas de dados e os instrumentos utilizados, e, por fim, os passos metodológicos.

7.2. Tipo de Desenho

Trata-se de um estudo de enfoque misto, na medida em que as análises são feitas tanto por meio da *realidade objetiva* quanto por via da *realidade subjetiva*, com dados quantitativos e qualitativos, respectivamente, perfazendo uma pesquisa de *realidade intersubjetiva*.

Os dados **quantitativos** dizem respeito aos dados colhidos (levantamento) de forma objetiva, por meio da resolução do questionário de pesquisa, constantes de perguntas que remetem as variáveis de análises explicitadas no subitem 7.4.

Por sua vez, os dados **qualitativos** são baseados em pesquisa documental e bibliográfica, bem como nos resultados estatísticos obtidos no questionário de pesquisa.

Quanto dos fins, ou seja, com relação aos seus *objetivos*, a pesquisa foi do tipo: EXPLORATÓRIA e DESCRITIVA.

Quanto aos meios, ou seja, com relação aos *procedimentos técnicos* a serem utilizados na pesquisa, a pesquisa foi do tipo BIBLIOGRÁFICA e DOCUMENTAL.

7.3. Unidades de Análises

As unidades de Análises foram todas as informações colhidas nas páginas da Web das entidades de formação de psicanalistas consultadas, dentre elas instituições, institutos, associações, cartéis, núcleos de estudos e de formação, colégios e escolas de psicanálise, círculos e grupos de estudos de formação, círculos e sociedades.

7.4. Variáveis

- Os Programas de Formações, dentre os quais foram analisadas as sub-variáveis, quais sejam: Tipo de Instituição; predominância do Estado brasileiro; predominância da abrangência regional; Enfoque teórico; qualificação mínima exigida ao formando; Tipologia do curso; a exigência ou não de análise pessoal; a exigência ou não de pacientes pilotos (com supervisão); a exigência ou não supervisão clínica; a carga horária correspondente ao curso; o tempo de duração do curso; a emissão ou não de identidade profissional; a certificação da formação; as custas inerentes ao curso de formação; a menção ou não da Legislação da profissão pelo Ministério do Trabalho; e a menção do “não reconhecimento” do curso por parte do Ministério da Educação.

7.5. Amostra

Foram as entidades brasileiras de treinamento e formação de psicanalistas. No período de 29/01/2021 à 10/07/2021, foram consultadas as páginas de sites, *Home Pages*, de 190 (cento e noventa) entidades de formação de psicanalistas no Brasil, cuja lista consta anexada à tese (**ANEXO I**), onde foram coletados os dados constantes na pesquisa.

7.5.1. Critérios de inclusão

Os critérios de inclusão são as entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, que constem de *homepages*, ou informações na internet, sejam por meio das plataformas *Facebook*, *Instagram*, *sites*, dentre outros, com os dados necessários e suficientes para o preenchimento do questionário criado na plataforma *Google.Forms*, que constam de perguntas atinentes às variáveis de análises, com vistas a viabilizar a atender ao objetivo central da pesquisa, qual seja, elaborar um panorama geral das

entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, pormenorizado e distribuídos em todas as regiões e estados do país.

Os motivos pelos quais tais entidades foram escolhidas para a pesquisa, é o fato de que, na contemporaneidade, a *internet* é o meio mais completo, comum e eficaz para divulgação de cursos de formação de psicanalistas no Brasil, ou seja, quase todos os cursos existentes no país constam de plataformas de informações por via das redes sociais. Isso facilita substancialmente a coleta de dados para a realização da pesquisa.

Além disso, é condição *sine qua non*, para inclusão da entidade na pesquisa, o fato da entidade de formação de psicanalistas no Brasil estar em pleno funcionamento de suas atividades, ou ainda, em suspensão temporária, por conta da pandemia do *Coronavírus*, mas que, faz-se presente nas plataformas da *internet* em estado de suspensão temporária de suas atividades, com perspectiva de retomar as atividades dentro em breve. Tal informação deverá estar presente em sua *homepage*.

7.5.2. Critérios de exclusão

Há 2 (dois) grandes grupos que foram excluídos da presente Tese de Doutorado, pelo fato dos mesmos não se tratarem, especificamente, de entidades formadoras de psicanalistas, mas sim de instituições de transmissão do saber e da teoria psicanalítica, ficando, portanto, fora do objeto de pesquisa, que se resume exclusivamente às entidades formadoras de psicanalistas no Brasil. Tais entidades **excluídas** da pesquisa são inerentes aos seguintes grupos:

O primeiro grupo, limitar-se-á às entidades que não constam de homepages na internet e que, portanto, não foi possível a coleta dos dados necessários para a presente pesquisa. O segundo grupo, serão os cursos de naturezas Lato Sensu, de especializações, bem como os cursos de Mestrados e Doutorados, vinculados as Faculdades e Universidades brasileiras, na medida em que, apesar de terem como foco o ensino da psicanálise, devidamente regulamentados pelo Ministério da Educação do Brasil (MEC), não são entidades formadoras de psicanalistas.

7.6. Técnicas de Coletas de Dados e Instrumentos

Para o presente trabalho, foram pesquisadas, consultadas e analisadas páginas da Web, de **domínio público**, constantes de **190 (cento e noventa)** entidades de formação de psicanalistas no Brasil, pessoas jurídicas, e preenchido formulário produzido na plataforma *Google.Forms*, cujas perguntas visaram atender às demandas das variáveis a serem analisadas nesta pesquisa, assim como, produzido para levantar os dados necessários propostos para o atingimento do objetivo central e específicos.

As perguntas constantes do Formulário na plataforma *Google.Forms* (ANEXO II), que somam em 19 (dezenove) quesitos, e foram elaboradas no intuito de saber, de maneira simples e objetiva, qual o modelo de formação de psicanalista que cada entidade consta a oferecer aos brasileiros, no que dizem respeito, exclusivamente, a formação de psicanalistas.

As informações básicas retiradas da internet, nas respectivas *homepages* das entidades, constam apresentadas no subitem 7.4 - “Variáveis” da tese. A Relação das 190 (cento e noventa) entidades de formação consta no **ANEXO I**, e o Formulário de recolhimento dos dados coletados no **ANEXO II**.

7.7 Procedimentos

Os passos metodológicos da pesquisa foram:

- 1º. Pesquisar as entidades formadoras de psicanalistas no Brasil por meio de *internet*;
- 2º. Selecionar as entidades que constem de todas variáveis de análises a serem coletadas na pesquisa;
- 3º. Relacionar todas as entidades selecionadas, conforme consta no **ANEXO I**, que totalizou em 190 (cento e noventa) entidades;
- 4º. Criar Questionário no *Google.Forms* (**ANEXO II**)
- 5º. Preencher questionário no *Google.Forms*;
- 6º. Gerar planilhas, relatórios e gráficos no *Google.Forms*;
- 7º. Apresentar e analisar os resultados;
- 8º. Realizar análise bibliográfica, com vistas à compreensão dos resultados obtidos;
- 9º. Fazer a discussão dos resultados;
- 10º. Apresentar as devidas conclusões do estudo.

8. Análises dos Resultados

Conforme subitem 7.5 desta tese de doutorado, as amostras da pesquisa se limitaram às entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, excluindo-se os cursos de especializações *Lato Sensu*, mestrados e doutorados, dos tipos *Stricto Sensu*, realizados em Faculdades ou Universidades devidamente regulamentados pelo Ministério da Educação (MEC), e limitando-se às entidades dos tipos escolas de psicanálise, sociedades, associações, institutos, academias, núcleos, dentre outros.

Este capítulo consta dos resultados obtidos na pesquisa, bem como a análise dos resultados, ponto a ponto, de acordo com cada respectiva variável de análise, quais sejam: tipo de instituição; estado brasileiro; abrangência de atuação regional; enfoque teórico; qualificação mínima exigida; tipologia do curso; exigência ou não de análise pessoal; exigência ou não de pacientes pilotos – primeiros analisandos; exigência ou não de supervisão clínica; carga horária do curso; tempo de duração do curso; emissão ou não de identidade profissional; tipo de certificação da formação; custos inerentes ao curso; se há ou não menção da regulamentação da profissão pelo Ministério do Trabalho (MT) e se há ou não menção do “não reconhecimento” do curso por parte do Ministério da Educação (MEC).

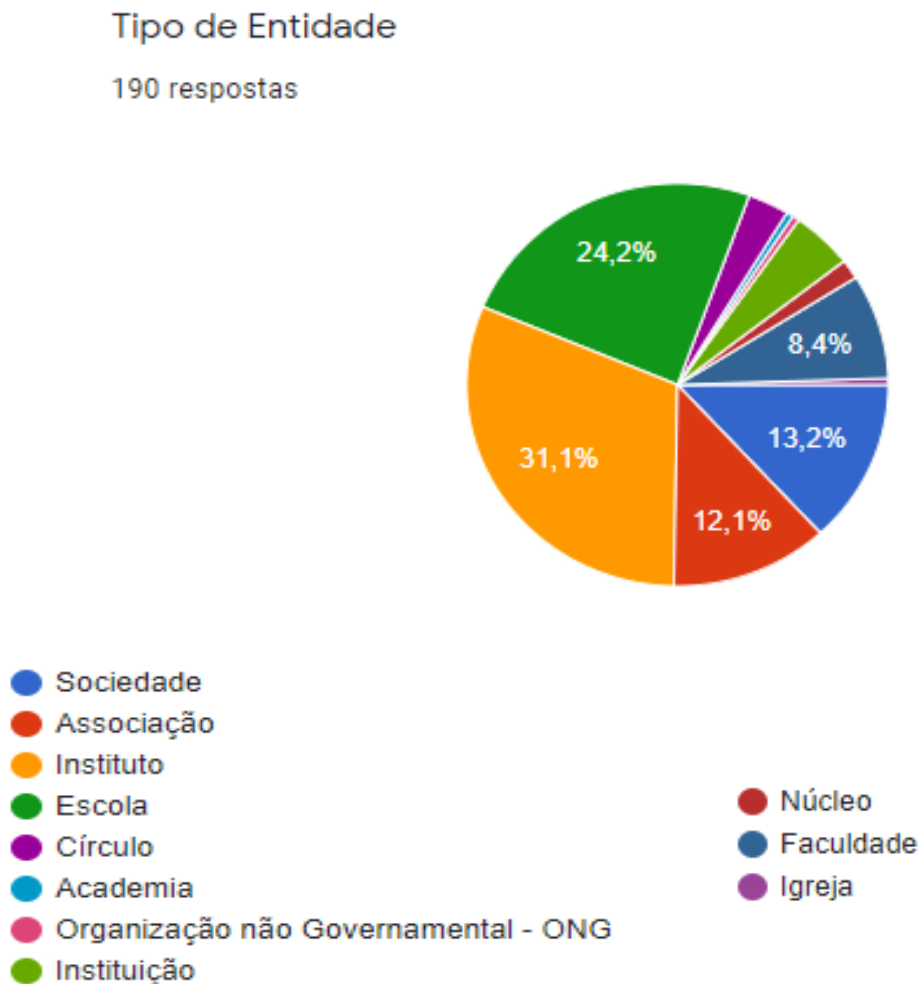
A Relação das entidades constantes da pesquisa consta no **ANEXO I**.

O Questionário de coleta dos dados consta no **ANEXO II** desta tese.

Seguem a partir de então, a apresentação dos dados colhidos, os resultados, quesito a quesito, entidade por entidade, agregados em grupos, quantificado com dados estatísticos, conforme acima explanado, e, por conseguinte, o retrato minucioso das entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, de acordo com os dados colhidos pelo questionário, com as respectivas planilhas estatísticas dos mesmos.

8.1. Quanto ao tipo de Entidade

Os resultados obtidos na pesquisa constam no gráfico abaixo:



Foram encontradas 11 (onze) tipos de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, descritas acima, cujos resultados obtidos estão mensurados em termos percentuais no gráfico em epígrafe.

Dentre os 11 (onze), destacam-se os 5 (cinco) primeiros, quais sejam: Instituto, Escola, Sociedade, Associação e Faculdade; que correspondem a um percentual de **89%** (oitenta e nove por cento) do total de todas as entidades, ou seja, quase a totalidade.

Destacam-se os **Institutos**, com **31,1%** (trinta e um vírgula um por cento), como sendo o tipo predominante de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, e tal resultado, nos remete à ideia contrária de que a maioria seriam **Sociedades** ou

Associações, que, por suas vezes, colocam-se em 3º (terceiro) e 4º (quarto) lugar, respectivamente, ficando ainda abaixo do quantitativo de **Escolas**, com um percentual de **24,2%** (vinte e quatro vírgulas dois por cento).

Interessante ressaltar a existência de um percentual significativa de **Faculdades de teologia**, ligadas a grupos religiosos, que totalizaram em 16 (dezesesseis), com um percentual de **8,4%** (oito vírgulas quatro por cento) do total, o que remonta a algo inusitado, na medida em que se constata o vínculo significativo da psicanálise com a teologia e, portanto, com a religião.

O fato de haverem muitas faculdades de teologia formadoras de psicanalistas, ligadas às religiões, é um fenômeno que merece atenção especial, na medida em que a mística inerente à psicanálise se anuncia de forma objetiva na presente pesquisa, comprovando o que o pai da psicanálise outrora havia premonizado, ao afirmar que:

“..., a psicanálise segue o seu próprio método específico. A aplicação desse método não está de modo algum confinada ao campo dos distúrbios psicológicos, mas estende-se também à solução de problemas da arte, da filosofia e da **religião**. Nessa direção já produziu diversos novos pontos de vista e deu valiosos esclarecimentos a temas como a história da literatura, a mitologia, a história das civilizações e a filosofia da **religião**. Assim, o curso psicanalítico geral seria também aberto aos estudantes desses ramos do conhecimento” (grifos nossos) (Freud, 1919 [1918], p. 188).

Todavia, é importante ressaltar que tais cursos de formação de psicanalistas, atinentes a tais Faculdades, “não” são regulamentados pelo Ministério da Educação (MEC), nem tampouco são considerados cursos de graduação, ficando, portanto, a critério, único e exclusivamente, da própria Faculdade informar aos seus alunos, propensos futuros psicanalistas, de tais informações, o que demanda, de certa forma e até certo ponto, incertezas quanto a validade, bem como à qualidade do ensino de tais cursos

8.2. Quanto a predominância da Unidade Federativa

A República Federativa do Brasil é um país continental. É o 5º (quinto) maior país do mundo em extensão territorial, e o 6º (sexto) maior do mundo em população, assim como, o país mais populoso das américas, central e do sul. O Brasil é dividido estrategicamente em 5 (cinco) grandes regiões, cada uma com sua especificidade histórica cultural, e, por suas vezes, são subdivididas em 27 (vinte e sete) **Unidades Federativas** (UF), sendo 26 estados e 1 (um) Distrito Federal.

Conforme dados colhidos na presente pesquisa, a tabela abaixo, apresenta o quantitativo de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, separados por Unidades Federativas, em ordem decrescente de quantidade, bem como constando o respectivo percentual de relevância quantitativa.

UNIDADE FEDERATIVA	QUANTIDADE DE ENTIDADES	PERCENTUAL
São Paulo (SP)	58	30,52%
Rio de Janeiro (RJ)	36	18,94%
Minas Gerais (MG)	21	11,05%
Distrito Federal (DF)	11	5,78%
Rio Grande do Sul (RS)	10	5,26%
Paraná (PR)	9	4,73%
Pernambuco (PE)	9	4,73%
Ceará (CE)	8	4,21%
Bahia (BA)	5	2,63%
Goiás (GO)	4	2,11%
Espírito Santo (ES)	3	1,58%
Paraíba (PB)	3	1,58%
Sergipe (SE)	3	1,58%
Maranhão (MA)	2	1,06%
Pará (PA)	2	1,06%
Santa Catarina (SC)	2	1,06%
Alagoas (AL)	1	0,53%
Mato Grosso (MT)	1	0,53%
Mato Grosso do Sul (MS)	1	0,53%
Piauí (PI)	1	0,53%
Acre (AC)	-	0%
Amapá (AP)	-	0%
Amazonas (AM)	-	0%
Rio Grande do Norte (RN)	-	0%
Rondônia (RO)	-	0%
Roraima (RR)	-	0%
Tocantins (TO)	-	0%
	190	100%

Com os dados colhidos, percebe-se uma concentração exacerbada de entidades formadoras de psicanalistas em apenas 3 (três) Estados brasileiros, sendo estes, os mais populosos e desenvolvidos economicamente, quais sejam: **São Paulo**, **Rio de Janeiro** e **Minas Gerais**, pois, somados, chegam a **60,51%** (sessenta vírgulas cinquenta e um por cento) do total de todas as 27 (vinte e sete) Unidades Federativas.

A grande campeã, diga-se assim, é a metrópole de **São Paulo**, com quase 1/3 (um terço) de todas as entidades formadoras de psicanalistas do Brasil. Porém, não há toa, na medida em que, a miscigenação de sua população corta os laços históricos culturais do país, da região local, e transcende à novas formas de pensar e viver, reconduzindo a realidades vindouras. **Betty Milan**, escritora e psicanalista nascida em São Paulo, diz:

A minha cidade natal e a sua história não me interessavam e nisso eu era uma paulista típica. São Paulo sempre foi indiferente ao passado. Sua bela arquitetura colonial foi substituída pela neoclássica e esta pela arquitetura do *skyscraper*, quando a cidade quis se igualar a Nova York (Milan, 2021, p. 43).

Pode-se inferir a isso uma das explicações da receptividade da psicanálise em São Paulo haver sido bem mais promíscua do que em qualquer outro estado brasileiro. Deve-se estar atento e aberto ao novo, no presente, para que se possa compreender o passado, e ressignificá-lo; somente aí, pode-se vislumbrar um futuro mais suportável, menos sofrível – esta é a ideia da psicanálise. Ao tentar esquecer o passado, os paulistanos recobrem a cidade com novas arquiteturas, mas o passado permanece velado, sempre a postos para se fazer emergir, faz-se presente como se fez as ruínas de Roma, e sob a égide da psicanálise, segundo a qual Freud infere em seu texto intitulado ‘Construções em Análise’, escrito pouco antes de morrer, onde a psicanálise se reporta a um “... trabalho de construção, ou, se preferir, de reconstrução, assemelha-se muito à escavação, feita por um arqueólogo, de alguma morada que foi destruída e soterrada, ou de algum antigo edifício”. (Freud, 1937, p. 277).

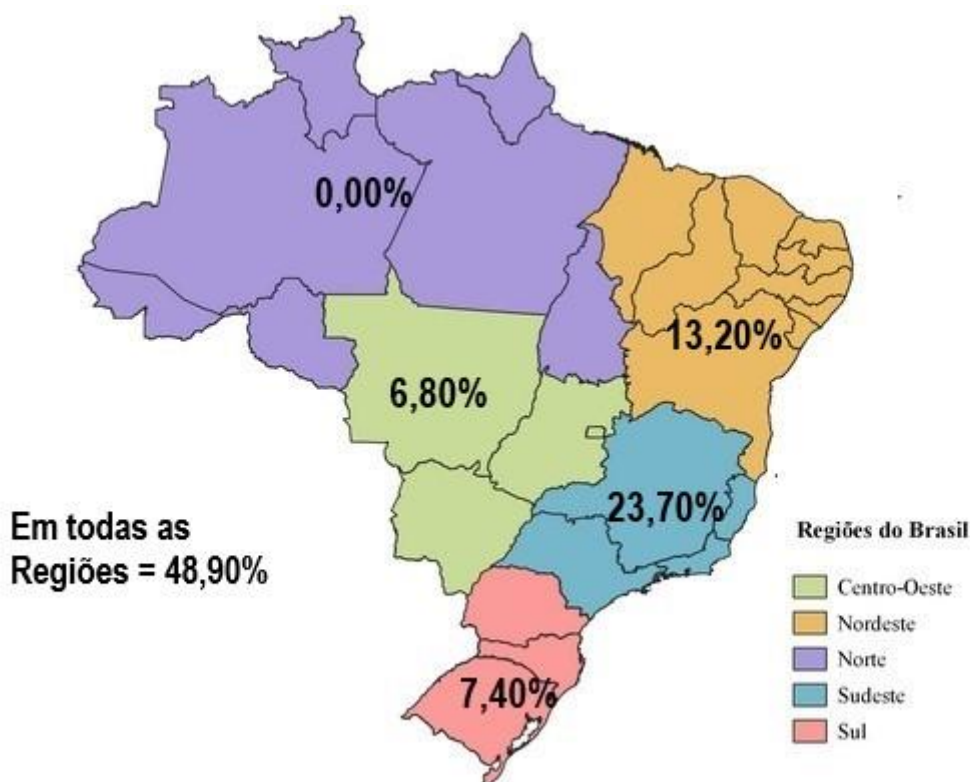
As demais 24 (vinte e quatro) Unidades Federativas se limitam a apenas **39,49%** (trinta e nove vírgulas quarenta e nove por cento), o que caracteriza, de certa forma, uma maior disseminação da psicanálise nos estados mais desenvolvidos economicamente. A pesquisa demonstra que há estados brasileiros bastante populosos que não foram encontradas nenhuma entidade formadora de psicanalistas.

Nesta situação, encontram-se um quantitativo de 7 (sete) estados sem entidades, e paradoxalmente, a *soma da população* dos sete estados, quais sejam: **Acre, Amapá, Amazonas, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima e Tocantins**, é de, aproximadamente, **12.570.000** (doze milhões e quinhentos e setenta mil) de habitantes, o que equivale a um quantitativo populacional superior a vários países do globo, dentre eles: Portugal (10,196 milhões); Suécia (10,099 milhões); Paraguai (7,132 milhões); Uruguai (3,473 milhões), e outros (Lista de Países por População, 2022, outubro 23 - https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_popula%C3%A7%C3%A3o).

A soma da população desses 7 (sete) estados brasileiros, onde não foi encontrada nenhuma entidade de formação de psicanalista, ocupa a posição de nº 71 (setenta e um), em termos de quantidade populacional, num ranking dos mais de 200 países do globo, o equivalente a dizer que a psicanálise é uma área para o conhecimento humano extremamente fértil no Brasil, propícia a muitos que podem a vir se identificar com ela, pois ainda não está tão difundida, possuindo uma vasta quantidade de pessoas que, sequer, conheça Freud ou saibam da existência da teoria psicanalítica.

8.3. Quanto a predominância da abrangência regional

Segue abaixo o mapa do Brasil dividido nas 5 (cinco) grandes regiões geográficas, conforme divisão política atinente. As respectivas regiões comportam Unidades Federativas que constam de entidades formadoras de psicanalistas, porém, algumas destas atuam de forma **local** ou **nacional**, ou seja, se os cursos ofertados forem na modalidade *presencial*, seu campo de atuação é local, entretanto, caso o curso seja de modalidade *on-line*, este possui abrangência nacional, ou seja, atende a todas as regiões do país.



Os percentuais acima dispostos se referem a cada região de abrangência. Entretanto, há **entidades que formam psicanalistas em todas as regiões** do país, cujo quantitativo encontrado foi de 93 (noventa e três) entidades, equivalente a um percentual de **48,90%** (quarenta e oito vírgulas noventa por cento), conforme acima.

O quantitativo de entidades que se limitam a atuar regionalmente, em seu Estado ou Unidade Federativa, foi seguinte: De acordo com a pesquisa, na **Região Norte** não se encontrou nenhuma entidade formadora de psicanalistas que atua

localmente, somente entidades que atuam à nível nacional. Na **Região Centro-Oeste**, encontrou-se um quantitativo de 13 (treze) entidades, cujo percentual corresponde a 6,8% (seis vírgulas oito por cento) do total, cuja formação se dá apenas localmente. Por sua vez, a **Região Sul** quase equivale ao quantitativo da Centro-Oeste, totalizando em 14 (quatorze) entidades, com percentual de 7,4% (sete vírgulas quatro por cento). Já na **Região Nordeste**, os números aumentam de forma considerável, onde se encontrou um número de 25 (vinte e cinco) entidades que atuam somente localmente, cujo percentual equivale a 13,2% (treze vírgulas dois por cento) do total geral. Por fim, apresenta-se a **Região Sudeste**, com a maior quantidade de entidades que formam psicanalistas em seu respectivo Estado, qual seja, 45 (quarenta e cinco), com percentual de 23,7% (vinte e três vírgulas sete por cento).

Diante dos resultados obtidos na pesquisa, pode-se inferir que das 190 (cento e noventa) entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, quase a metade, qual seja, 93 (noventa e três) unidades, atuam em todo território nacional, sobretudo de forma remota (*on-line*). Isso nos remete a questões éticas, no sentido de questionar como é possível formar psicanalistas sem que os mesmos estejam presentes nas entidades nas quais se profissionalizam.

A formação de profissionais que atuam na área da *psiquê*, como por exemplo, psicólogos e psiquiatras, o tipo de forma *on-line* é considerado impossível, conforme os respectivos Conselhos de Classe. O Conselho Federal de Psicologia (**CFP**) considera inaceitável a formação do psicólogo de forma remota, inclusive, conforme Normas internas a aceitação máxima de 20% (vinte por cento) de disciplinas cursadas à distância. Além disso, mesmo com a advento da pandemia do “Coronavírus”, o CFP resistiu, até certo ponto, em realizar atividades remotas. Prova disso, encontra-se nas várias notas divulgadas, dentre as quais destacamos a do dia 25/06/2020, que diz:

CFP, CRPs e ABEP realizam seminários virtuais para debater estágio em tempos de pandemia

(...)

Embora a educação emergencial remota tenha sido apontada como possibilidade de atuação frente à pandemia do novo Coronavírus, não existem consensos sobre sua adequação para a realização de estágios e práticas em Psicologia. Tampouco, conhecimentos acumulados sobre os impactos na formação de psicólogas (os) do uso da mediação tecnológica sem a presencialidade (CFP, [link: https://site.cfp.org.br/cfp-crps-e-abep-realizam-seminarios-virtuais-para-debater-estagio-em-tempos-de-pandemia/](https://site.cfp.org.br/cfp-crps-e-abep-realizam-seminarios-virtuais-para-debater-estagio-em-tempos-de-pandemia/)).

Neste sentido, no Brasil, há um enorme vácuo entre as formações de psicanalistas e de psicólogos, e este comparativo se faz necessário, na medida em que, as duas profissões, por mais que se tentem afastá-las, estão intrinsicamente ligadas, pois o próprio Ministério do Trabalho do Brasil (**MTB**), associam as duas profissões, cujas descrições, códigos e atribuições são as mesmas, conforme abaixo:

2515: Psicólogos e psicanalistas

Descrição Sumária

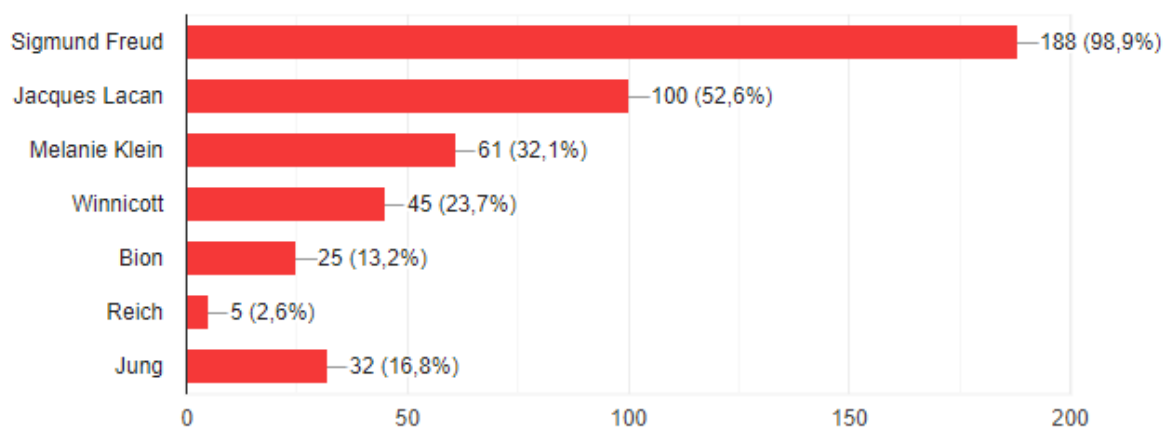
Estudam, pesquisam e avaliam o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, tratamento, orientação e educação; diagnosticam e avaliam distúrbios emocionais e mentais e de adaptação social, elucidando conflitos e questões e acompanhando o(s) paciente(s) durante o processo de tratamento ou cura; investigam os fatores inconscientes do comportamento individual e grupal, tornando-os conscientes; desenvolvem pesquisas experimentais, teóricas e clínicas e coordenam equipes e atividades de área e afins (<https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/2515-psicologos-e-psicanalistas>).

Neste sentido, há uma desproporcionalidade absurda e paradoxal entre a formação do psicólogo e a formação do psicanalista, na medida em que, enquanto o primeiro tem um rigor e uma preocupação exacerbados na qualificação profissional, por outro lado, o psicanalista, que possui as mesmas atribuições e responsabilidades sociais, consta totalmente “livre” em sua formação, por entidades díspares, que atuam de forma 100% (cem por cento) presencial ou não, onde **48,90%** (quarenta e oito vírgulas noventa por cento) formam psicanalistas de maneira remota (*on-line*), sem que haja o controle ou a fiscalização do Estado, enquanto autoridade máxima que tem como objetivo maior organizar o espaço da sociedade.

8.4. Quanto ao enfoque teórico

O enfoque teórico se refere aos expoentes da psicanálise mais estudados no Brasil, tendo Sigmund Freud, como a figura central, enquanto base epistemológica, teórica e clínica. Além de Freud, a pesquisa resultou em alguns autores com maior relevância que, costumeiramente, constam na formação dos psicanalistas brasileiros. Para efeito estatístico, foi dada prioridade aos autores que mais são estudados nas entidades formadoras, com suas respectivas teorias e técnicas psicoterápicas peculiares.

O gráfico abaixo apresenta o resultado da pesquisa, onde os percentuais obtivos são cumulativos, ou seja, há entidades que têm vários focos de formação, acumulando conhecimentos em vários autores ao mesmo tempo. Das 190 (cento e noventa) entidades formadores de psicanalistas no Brasil, obtivemos o seguinte resultado:



Não surpreendentemente, Sigmund Freud é apresentado como a base dos conhecimentos inerentes à psicanálise em quase a todas as entidades pesquisadas, com resultado de quase **99%** (noventa e nove). Por suas vezes, os autores mais encontrados, além de Freud, foram: Jacques Lacan, com **52,6%** (cinquenta e dois vírgulas seis por cento) de todas as 190 (cento e noventa) entidades. Em terceiro e quarto lugares, respectivamente, aparecem 2 (dois) grandes psicanalistas especialistas na psicanálise com crianças, Melanie Klein, com **32,1%** (trinta e dois vírgulas um por cento) e Donald Woods Winnicott, com **23,7%** (vinte e três vírgulas sete por cento). Em quinto, encontramos um autor que não se pode considerar como sendo um psicanalista, pois criou sua própria psicologia, a chamada 'psicologia analítica', porém, por fazer parte da história da psicanálise, na medida em que, ficou conhecido como um dos mais renomados discípulos de Freud, algumas entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, o incluem na grade curricular de seus cursos, como mais uma fonte de conhecimento relacionado à psicanálise. Está-se falando de Carl Gustav Jung, com um percentual de **16,8%** (dezesseis vírgulas oito por cento) das entidades. Na sexta colocação se encontra Wilfred Bion, psicanalista britânico, pioneiro em dinâmica de grupo, cujo pensamento se enquadra na escola da Teoria

das Relações Objetivas, com um percentual de **13,2%** (treze vírgulas dois por cento). Por fim, com **2,6%** (dois vírgulas seis por cento), encontra-se Wilhelm Reich, médico e psicanalista austríaco, que, assim como Jung, rompeu com Freud por conta de sustentar suas próprias ideias concernentes à psicanálise.

A pesquisa revela a importância do estudo da psicanálise de Jacques Lacan no Brasil, pois mais da metade das entidades pesquisadas têm como enfoques teóricos Freud e Lacan, o que comprovam as palavras de **Leonardo Danziato** (2000), ao inferir que:

A emergência de um discurso lacaniano no Brasil se dá no início da década de 1970 e **alcança um desenvolvimento quantitativo muito grande**. Sua expansão quantitativa muito intensa seria, inclusive, uma das características deste movimento no Brasil.

A quantidade tem seu preço, e as “associações” lacanianas também se caracterizam por uma enorme **fragmentação institucional**, muitas vezes excludentes, como se nada tivessem em comum.

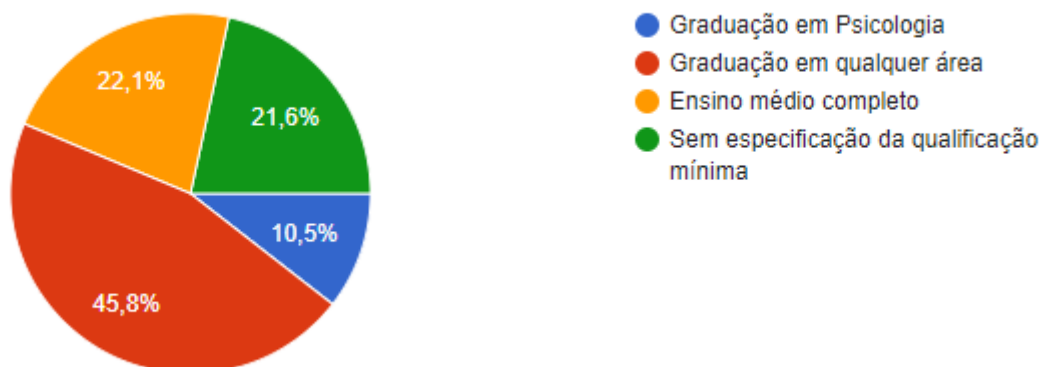
(Danziato, 2000, p. 53).

8.5. Quanto a qualificação mínima exigida

Freud, em seus escritos, deixa em aberto questões relativas à qualificação mínima para se tornar um psicanalista, no que diz respeito à cursos de formação profissional. Por outro lado, Freud deixa evidente que o psicanalista pode ser médico, psicólogo ou não, e apenas exige que o proponente à analista tenha se tornado especialista na teoria e da técnica, sob intenso estudo, além de haver passado pela experiência de análise pessoal, a denominada “purificação psicanalítica”. Todavia, o caráter de humildade, simplicidade, dedicação à ciência e de busca incessante pela melhoria da qualidade de vida do paciente analisante, são características fundamentais aos psicanalistas, aprendiz ou não, pois “A ambição educativa é de tão pouca utilidade quanto a ambição terapêutica”. (Freud, 1912, p. 132).

A pesquisa apresentou 4 (quatro) opções de qualificação mínima, como condição para se matricular no curso de formação, quais sejam, somente candidatos graduados no curso de psicologia; graduados em qualquer curso de nível superior; somente para aqueles com formação no ensino médio; ou, por fim, sem nenhuma qualificação educacional (nesta última opção, também estão incluídas as entidades

que não informaram a qualificação mínima exigida). Os resultados contam no gráfico abaixo:



Os resultados apresentados acima demonstram que a grande maioria das entidades pesquisadas exigem dos aspirantes à psicanalistas uma graduação em nível superior em qualquer área de conhecimento, quais sejam, graduados nas áreas de ciências exatas, da saúde, agrárias, sociais aplicadas, linguística, letras, arte, humanas, dentre outras. O resultado foi de **45,8%** (quarenta e cinco vírgulas oito por cento) das 190 (cento e noventa) entidades pesquisadas, perfazendo um total de 88 (oitenta e oito) entidades.

Por outro lado, o percentual menor encontrado foi de entidades que exigem dos aspirantes formação em Psicologia, resultando em apenas **10,5%** (dez vírgulas cinco por cento) do total, o que comprova a desvinculação dos conhecimentos inerentes à psicanálise aos da psicologia, cujos objetos de estudos são díspares, o *inconsciente* psicanalítico e a *consciência* inerente à psicologia.

A própria natureza da psicanálise, bem como de seus fundamentos, cujas “pedras angulares” são o inconsciente, o recalçamento, a teoria da sexualidade, o complexo de Édipo, a transferência e a resistência (Freud, 1923 [1922], p. 264), distanciam sobremaneira dos fundamentos das psicologias, que, por suas vezes, limitam-se aos fenômenos da consciência, além da assunção, por parte da psicanálise, do conceito fundamental da “pulsão”, como energia autônoma que se faz presente no ser humano, alheio a sua vontade e consciência, de tal modo que:

Essa ausência de clareza teórica devia-se, em grande parte, à incapacidade dos biólogos e dos psicólogos em criar um consenso sobre a natureza das pulsões ou instintos. Na falta desse

guia, Freud elaborou sua própria teoria, observando fenômenos psicológicos à luz de qualquer informação biológica que estivesse à disposição. Para entender uma pulsão, precisa-se das duas disciplinas, pois ela se situa, nas palavras de Freud, na fronteira entre o físico e o mental. É um impulso traduzido num desejo. (Gay, 2012, pp. 348 - 349).

Portanto, pode-se inferir que a psicanálise se encontra na fronteira entre a biologia e a psicologia, divergindo-se eminentemente de ambas.

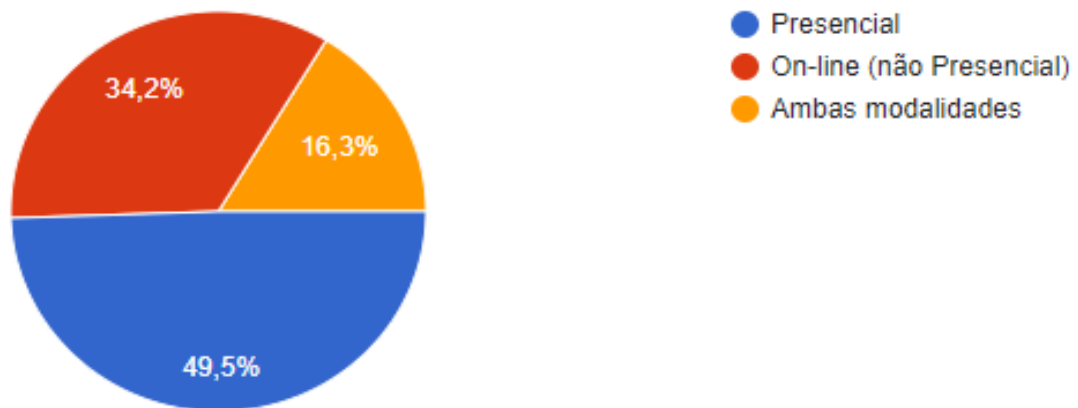
Outrossim, é de se surpreender que o Ministério do Trabalho do Brasil (MTB) considera as duas profissões, psicologia e psicanálise, equivalentes, quanto a descrição, formação, experiência e condições gerais de exercício. (<https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/2515-psicologos-e-psicanalistas>).

8.6. Quanto à tipologia do curso

Como já havíamos mencionado outrora, no subitem 6.2.3 desta Tese, segundo Sigmund Freud, as condições mínimas necessárias para qualificação de um psicanalista dependem do denominado “tripé” de formação, quais sejam: o estudo aprofundado da teoria, a experiência prática e a “supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos” (Freud, 1919 [1918]).

Inúmeras entidades formadoras de psicanalistas se fazem valer de tal premissa, e apresenta uma formação à distância, sobretudo, no que diz respeito à questão da transmissão da teoria, ficando a cargo do aspirante à psicanalista a supervisão clínica e a experiência prática, de forma que, após a conclusão da parte teórica, proporcionada pela entidade formadora, o aluno busca realizar sua própria análise pessoal ou didática e trabalhar com os denominados “pacientes pilotos” – os primeiros pacientes, analisando, com vistas a auferir experiência clínica suficiente para atuar profissionalmente no mercado de trabalho.

O trabalho de pesquisa apresenta, conforme abaixo, um crescente número de entidades que atuam de forma não presencial, ou seja, *on-line*, sobretudo, no que tange à parte teórica.



Observa-se uma divisão quase igualitária, entre as entidades que disponibilizam a seus formandos possibilidade ou não de formação *on-line* e presencial, restando para este um quantitativo um pouco menor de entidades que só admitem formação presencial, com um percentual de 49,5% (quarenta e nove vírgulas cinco por cento), e um pouco mais da metade de entidades que formam somente de maneira on-line ou que admitem ambas os tipos de formações, com 50,5% (cinquenta vírgulas cinco por cento) das entidades.

Pode-se inferir uma tendência ao surgimento de entidades que propiciam formação à distância, por vários fatores, como por exemplos, ao advento da internet como ferramenta facilitadora de transmissão de conhecimentos, bem como a tendência da contemporaneidade, que encurtas as distâncias entre as pessoas e as instituições com as plataformas de vídeo conferências, como *Zoom*, *Google Meets*, *Teams*, dentre outras; e, na medida em que, a psicanálise, pelo ao menos no Brasil, não dispõe de nenhum Órgão Regulamentador da profissão, no que diz respeito à administração, controle e acompanhamento das entidades formadoras, de forma geral – ou seja, é a denominada “profissão livre”.

Mesmo diante de tal realidade, o assunto é contumaz polêmico, inclusive, até o momento, jamais se admitiria um curso de psicologia ou psiquiatria, por exemplos, com formação à distância. O próprio Conselho Federal de Psicologia (CFP) abomina tal condição. Porém, paradoxalmente, aceita e apoio ao **Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras**, que luta contra a regulamentação da profissão

dos psicanalistas no Brasil, desde o ano 2000, e que praticam a transmissão da psicanálise na modalidade à distância.

Diante do exposto acima, emergem questionamentos que se fazem necessários e que não encontramos respostas para o momento; quais sejam: Se o CRP acredita ser inadmissível a formação dos profissionais psicólogos na modalidade *on-line*, por que admite a formação de psicanalistas nesta modalidade? Seria a psicologia uma ciência que exige mais rigor na formação de seus pares? Ao psicanalista não cabe um rigor acurado tanto quanto ao psicólogo ou psiquiatra?

Respondendo aos questionamentos acima, para Freud, a psicanálise exige um rigor tão científico quanto qualquer outra ciência, na medida em que, a psicanálise é conceituada como sendo "... (1) um procedimento para a investigação de processos mentais ..., (2) um método para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas ... que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica"? (Freud, 1923 [1922], p. 253).

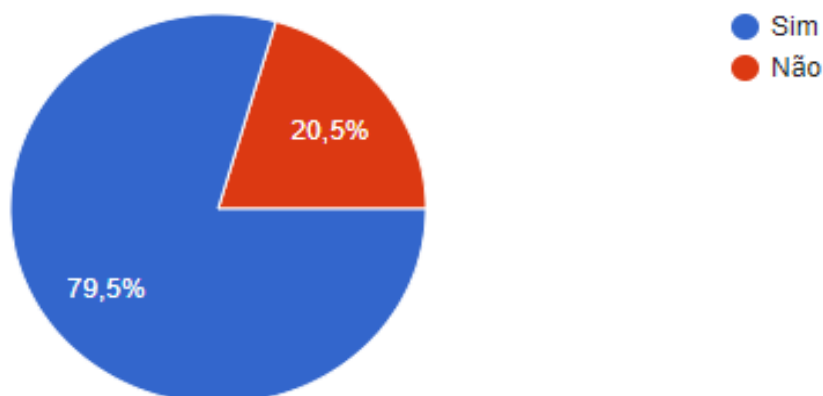
8.7. Quanto a exigência ou não de “análise pessoal” (análise didática)

Segundo **Roudinesco e Plon** (1998), o conceito formal de *análise didática* é:

Termo empregado a partir de 1922 e adotado, em 1925, pela International Psychoanalytical Association (IPA), para designar a psicanálise de **quem se destina à profissão de psicanalista**. Trata-se de uma **formação obrigatória**.... Foi Carl Gustav Jung quem primeiro teve a ideia, trabalhando com Eugen Bleuler na Clínica do Burghölzli, de tratar os alunos como pacientes (Grifos nossos) (p. 17).

O candidato a profissional psicanalista deverá passar por análise pessoal, a fim de estar apto ao exercício da profissão. É o que os analistas mais experientes recomendam. Porém, desde há muito tempo, tal prerrogativa é bastante polêmica, além de paradoxal, na medida em que, ao apresentar como problemática, no *setting analítico*, o desejo de ser analista, o aprendiz sobrepuja o objeto de estudo da psicanálise, que é o desejo inconsciente, e, portanto, subverte a noção de subjetividade, recaindo no campo da consciência proposta por **René Descartes** (1596-1650), que infere “penso, logo existo”, ou ainda, “sei, logo quero”.

Polêmicas à parte, apresentamos abaixo o resultado da pesquisa no que tange à exigência ou não de análise pessoal ou análise didática. Os números foram elucidadores, pois cerca de 1/5 (um quinto), ou seja, **20,5%** (vinte vírgulas cinco por cento) das 190 (cento e noventa) entidades formadoras de psicanalistas no Brasil **não** exigem “análise pessoal” de seus aprendizes, conforme apresentado abaixo.



Isso remonta ao fato das entidades não se conectarem nas formas de atuação e preparo dos respectivos aprendizes, propensos psicanalistas, para o mercado de trabalho.

A realidade apresentada na pesquisa indica que há uma discrepância contumaz entre a teoria e prática psicanalíticas. Segundo **Laplanche e Pontalis** (2000), o candidato a profissional psicanalista que não se submete à análise pessoal não está capacitado para exercer a profissão, por que a análise didática nada mais é do que a “psicanálise a que se submete aquele que se destina ao exercício da profissão de psicanalista e que **constitui a viga mestra da sua formação**”. (Grifo nosso) (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 23).

Além disso, o pai da psicanálise é contumaz ao dizer que “A análise, à qual todos os candidatos num instituto de formação analítica têm de submeter-se, é ao mesmo tempo o melhor meio de formar uma opinião sobre sua aptidão pessoal para o desempenho de sua exigente profissão”. (Freud, 1926, p. 235).

8.8. Quanto a exigência ou não de “pacientes pilotos” – Primeiros analisandos

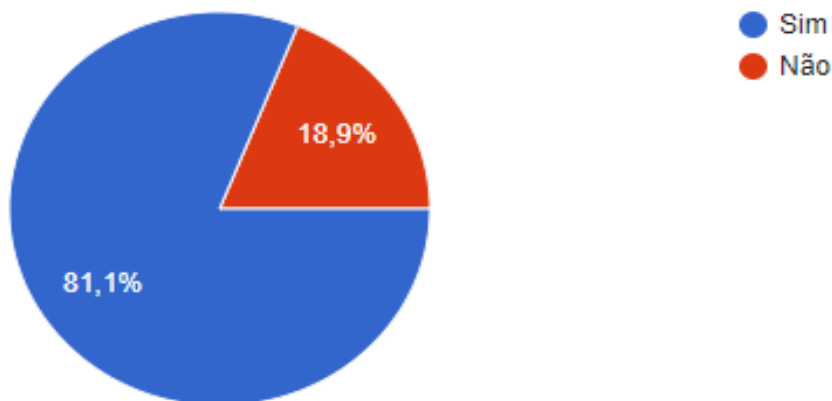
Mirta Zbrun nos apresenta as condições mínimas e normas básicas obrigatórias interpostas pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA) para a formação dos futuros psicanalistas nas sociedades vinculadas a IPA. São elas:

- Uma psicanálise pessoal chamada, em todos os grupos, de “didática” e que determina o tempo fundamental para toda formação;
- Uma prática de atendimento a **pacientes com supervisão**, sendo de no mínimo dois o número desses atendimentos; e
- A participação em seminários de estudos teóricos, clínicos e técnicos durante o curso de formação; na SPP encontra-se uma particularidade: somente se entra oficialmente na formação quando se ingressa no Instituto de Psicanálise.

(Grifo nosso) (Zbrun, 2014, p. 36).

Portanto, os denominados “pacientes pilotos” se referem aos primeiros pacientes, analisantes ou analisandos a serem atendidos pelo predisposto psicanalista, que, por sua vez, deverá ser acompanhado por um supervisor, qual seja, um psicanalista mais experiente capaz de vislumbrar os possíveis tropeços em seu percurso, sobretudo no que diz respeito às questões inerentes aos fenômenos transferenciais e contra transferenciais da relação analista e analisante no âmbito da experiência clínica.

Daí a importância dos pacientes pilotos na formação do psicanalista, momento no qual o aluno tem a oportunidade de lidar com o “tripé” da formação no percurso do andamento de sua qualificação de ofício. As dificuldades iniciais do aspirante à psicanalista são diversas, e, dentre elas, está a dificuldade de lidar com os pacientes iniciais, ou pilotos. **Sigmund Freud** discorre sobre este assunto, e diz: “Os iniciantes em análise, principalmente, ficam em dúvida, em caso de insucesso, se devem atribuí-lo a peculiaridades do caso ou à sua própria inabilidade de manejar o procedimento terapêutico” (Freud, 1933 [1932], p. 152). Mesmo assim algumas entidades formadoras de psicanalistas no Brasil ignoram a premissa fundamental da necessidade dos pacientes pilotos na formação dos psicanalistas. É o que demonstra a pesquisa, conforme gráfico abaixo.



A resposta “sim” significa que a entidade exige a experiência clínica de seus alunos no curso de formação. Por outro lado, a resposta “não” representa a não exigência de pacientes pilotos.

Observa-se que a grande maioria das entidades pesquisadas exigem pacientes pilotos, com um quantitativo de **155** (cento e cinquenta e cinco) entidades, do total de 190 (cento e noventa), representando **81,1%** (oitenta e um vírgulas um por cento) do total pesquisado. Por suas vezes, **35** (trinta e cinco) entidades não exigem experiência clínica de seus alunos, cujo percentual representa **18,9%** (dezoito vírgulas nove por cento) do total.

Com isso, pode-se inferir que apesar de haver um percentual bem menor de entidades que não exigem pacientes pilotos, em termos quantitativos, que são de 35 (trinta e cinco), representam um elevado número de profissionais que irão atender seus primeiros pacientes nos consultórios particulares sem qualquer experiência clínica, o que é demonstra total incompatibilidade com qualquer outro curso de formação de psicoterapeuta, que, constam em seus programas de formações a experiência clínica como uma das disciplinas mais importantes do curso, inclusive, somente exigidas ao final do curso, nos últimos semestres letivos.

Conclui-se, neste quesito, que os cursos de formação de psicanalistas no Brasil precisam readequar seus programas de formação e exigir de seus formandos a experiência clínica e acompanhamento de psicanalistas mais experientes.

8.9. Quanto a exigência ou não “supervisão clínica”

É de comum acordo, entre as mais exigentes e renomadas entidades formadoras de psicanalistas no globo, da importância da supervisão clínica, principalmente para o aspirante à analista. A supervisão está intrinsecamente ligada à experiência prática do analista que deve ser acompanhado por psicanalistas mais experientes, de forma a instigar sua sapiência dos fundamentos psicanalíticos, sobretudo da técnica. **Freud** afirma: “No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com a sua própria análise pessoal, pode consegui-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos”. (Freud, 1919 [1918], p. 187).

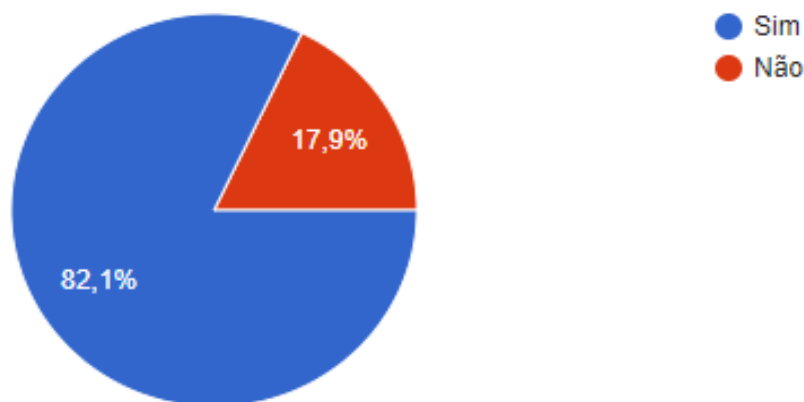
Segundo **Roudinesco e Plon** (1998), a *supervisão clínica* diz respeito a um:

Termo introduzido por Sigmund Freud em 1919 e sistematizado em 1925 pela International Psychoanalytical Association (IPA), na condição de prática obrigatória, para designar uma psicanálise conduzida com um paciente por um psicanalista que, por sua vez, encontra-se em análise didática, e que concorda em ser supervisionado ou controlado, isto é, em prestar contas dessa psicanálise a outro psicanalista (o supervisor). A supervisão refere-se, de um lado, à análise que o supervisor faz da contratransferência do supervisionando para seu paciente, e de outro, à maneira como se desenrola a análise do paciente. (P. 746).

Desta feita, é imprescindível ao propenso psicanalista haver ser acompanhado por um psicanalista mais experiente para conduzir sua análise didática e de seus pacientes de forma a trabalhar questões transferenciais e contra transferenciais que, por vezes, ocorrem de forma espontânea e inconsciente, mas devem ser apontadas por um analista, na qualidade daquele que observa, sob uma perspectiva de fora das subjetividades envolvidas no *setting* analítico, das relações entre o analista aprendiz, seu analista didata e seus pacientes pilotos – primeiros analisantes ou analisandos.

O quadro abaixo apresenta o resultado da pesquisa feita nas 190 (cento e noventa) entidades formadoras de psicanalistas no Brasil. O “sim” representa a quantidade de entidades que exigem de seus formandos a “supervisão clínica”, ou seja, o acompanhamento dos aspirantes à analistas por um supervisor, qual seja, um analista mais experiente. Por outro lado, o “não” representa a não necessidade de tal

acompanhamento.



Como se observa acima, há uma quantidade expressiva de entidades que exigem de seus formandos o acompanhamento de um analista mais experiente na condução de seus pacientes pilotos, bem como de sua própria análise pessoal. Totalizando uma quantidade de 156 (cento e cinquenta e seis) entidades, o que equivale a 82,1% (oitenta e dois vírgulas um por cento). Por sua vez, a quantidade de entidades que não exigem tal condição foi de 34 (trinta e quatro), equivalente a 17,9% das entidades pesquisadas.

A importância imperiosa da supervisão clínica, ao jovem que se propõe a ser analista, é muito bem colocada por **Contardo Calligaris**, ao afirmar:

Quanto à escolha de um supervisor, só duas indicações.

1) sua supervisão não deveria custar mais do que você ganha atendendo o paciente cujo caso você decidiu supervisionar.

2) como reconhecer um bom supervisor? É simples. A supervisão não é uma aula de clínica ou de arte diagnóstica. Também não é a ocasião para o supervisor mostrar como e por que ele teria agido diferente de você.

A função da supervisão de um jovem terapeuta ou analista, salvo situações catastróficas, **deve ser autorizar o terapeuta, inspirar-lhe a confiança em seus próprios atos**, sem a qual nenhuma cura vai ser possível.

(Grifos nossos) (Calligaris, 2004, pp. 55-56)

Os números apresentados na pesquisa nos remetem a pensar que, mesmo sendo um percentual baixo, em relação ao total geral, há uma expressiva quantidade de entidades que “não” exigem acompanhamento de supervisão clínica, o que fere os

preceitos basilares da formação de psicanalistas, e, por conseguinte, reflete um problema de cunho social, na medida em que, coloca-se no mercado de trabalho profissionais inexperientes, sobretudo no que diz respeito à experiência e ao acompanhamento clínicos, para tratar da saúde mental das pessoas.

A pesquisa revela, ainda, que a exigência de “pacientes pilotos”, quesito apresentado no subitem 8.8, está intrinsecamente ligada ao requisito da “supervisão clínica”. O fenômeno é demonstrado através dos números coletados, pois, as duas categorias são quase idênticas em termos quantitativos, ou seja, quase todas as entidades formadoras de psicanalistas que exigem *pacientes pilotos*, também exigem acompanhamento de *supervisão clínica*, o que significa uma lógica de dependência apropriada.

8.10. Quanto a carga horária correspondente ao curso

Uma das variáveis de relevância em qualquer curso de formação é a quantidade de carga horária do curso. No Brasil, há 3 (três) tipos de formação de nível superior profissional, que são curso tecnológicos, licenciaturas e bacharelados. O Ministério da Educação (MEC), através da Resolução nº 2, de 18/06/2007, através do Conselho Nacional de Educação (CNE), exige uma **carga horária mínima** de 2.400 (duas mil e quatrocentas) horas/aulas e máxima de 7.200 (sete mil e duzentas) horas/aulas, para cursos de formação nas mais variadas profissões.

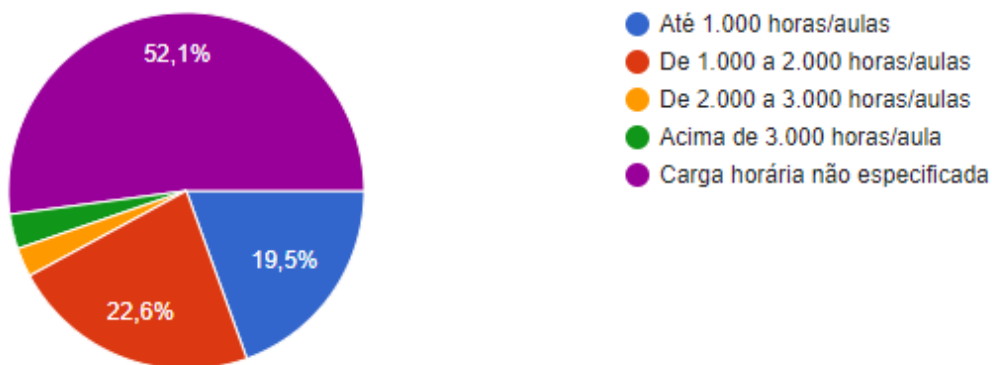
Inclusive, o anexo da Resolução nº 2, acima mencionada, apresenta uma tabela de carga horária mínima exigida para diversos cursos de formação profissional, conforme abaixo:

Carga horária mínima dos cursos de graduação

Curso	Carga Horária Mínima em horas/aulas
Administração	3.000
Agronomia	3.600
Arquitetura e Urbanismo	3.600
Arquivologia	2.400
Artes Visuais	2.400

Biblioteconomia	2.400
Ciências Contábeis	3.000
Ciências Econômicas	3.000
Ciências Sociais	2.400
Cinema e Audiovisual	2.700
Computação e Informática	3.000
Comunicação Social	2.700
Dança	2.400
Design	2.400
Direito	3.700
Economia Doméstica	2.400
Engenharia Agrícola	3.600
Engenharia de Pesca	3.600
Engenharia Florestal	3.600
Engenharias	3.600
Estatística	3.000
Filosofia	2.400
Física	2.400
Geografia	2.400
Geologia	3.600
História	2.400
Letras	2.400
Matemática	2.400
Medicina	7.200
Medicina Veterinária	4.000
Meteorologia	3.000
Museologia	2.400
Música	2.400
Oceanografia	3.000
Odontologia	4.000
Psicologia	4.000
Química	2.400
Secretariado Executivo	2.400
Serviço Social	3.000
Sistema de Informação	3.000
Teatro	2.400
Turismo	2.400
Zootecnia	3.600

Como vemos acima, o curso de psicanálise não consta da relação, em virtude do mesmo não ter reconhecimento pelo Ministério da Educação (MEC), todavia, pegando-se como parâmetro o curso de psicologia, onde tem uma carga horária mínima de **4.000** (quatro mil) horas/aulas, verifica-se que há uma enorme disparidade entre as duas profissões no que diz respeito a esta variável – carga horária mínima. Vejamos os resultados obtidos abaixo apresentados no gráfico:



As cargas horárias pesquisadas foram divididas em 5 (cinco) categorias, distribuídas conforme acima. Nas consultas realizadas no Sites das **190** (cento e noventa) entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, foram verificados que uma enorme quantidade de entidades, totalizando **99** (noventa e nove), correspondente a **52,1%** (cinquenta e dois vírgulas um por cento) do total das entidades consultadas, ou seja, mais da metade, cuja categoria tem como nomenclatura “Carga horária não especificada”, sequer, informam a carga horária necessária para formação, o que nos infere a concluir que tais entidades acreditam ser uma informação irrelevante. Pode-se supor que tal premissa se dá pelo fato da profissão de psicanalista ser considerada “livre”, e, portanto, não passível de fiscalização por órgão público regulador.

Os dados coletados dos cursos que informaram a quantidade de horas/aulas nas categorias de “até 1.000 horas/aulas” e “De 1.000 a 2.000” horas/aulas”, somam em **80** (oitenta) entidades, cujo percentual totalizam em **42,1%** (quarenta e dois vírgulas um por cento) do total. O resultado aponta uma quantidade bem inferior ao exigido pelo MEC, que são de **2.400** (duas mil e quatrocentas mil) horas/aulas, o que comprova uma indicação de má formação profissional, no que está relacionado à quantidade de horas/aulas dos cursos oferecidos no Brasil.

É importante ressaltar, ainda, que há uma quantidade expressiva de 37 (trinta e sete) entidades formadoras de psicanalistas no Brasil com uma carga horária ínfima de “até 1.000 horas/aulas”, representando **19,5%** (dezenove vírgulas cinco por cento) do total, o que demonstra, de fato, que o profissional psicanalista brasileiro, no que concerne a este quesito, está totalmente fora dos padrões mínimos de qualificação profissional comparado às demais profissões brasileiras. Desta feita, a pesquisa

surpreende no resultado, e continua, ao perceber que dos 91 (noventa um) cursos que informaram a carga horária, em quantidade de horas/aulas, apenas o total de **11** (onze), ou seja, **5,8%** (cinco vírgulas oito por cento) do total das entidades pesquisadas, estão próximas ao mínimo estabelecido pelo MEC. Em suma, quase **100%** (cem por cento) dos cursos ofertados estão abaixo, em quantidade de carga horária, do mínimo exigido pelo principal órgão do governo brasileiro responsável pela elaboração e execução da Política Nacional de Educação (PNE).

O resultado geral, obtido na pesquisa, assusta, na medida em que, a quantidade de horas/aulas constantes em quase todas as entidades pesquisadas, excluindo-se o enorme quantitativo de entidades que sequer informaram a carga horária de seus cursos, ser inferior ao mínimo exigido pelo órgão regulador da educação do país, o que afeta sobremaneira a qualidade do ensino e da transmissão da psicanálise no Brasil, bem como a qualificação profissional sem o devido conhecimento teórico suficiente para o exercício do ofício de psicanalista.

8.11. Quanto ao tempo de duração do curso

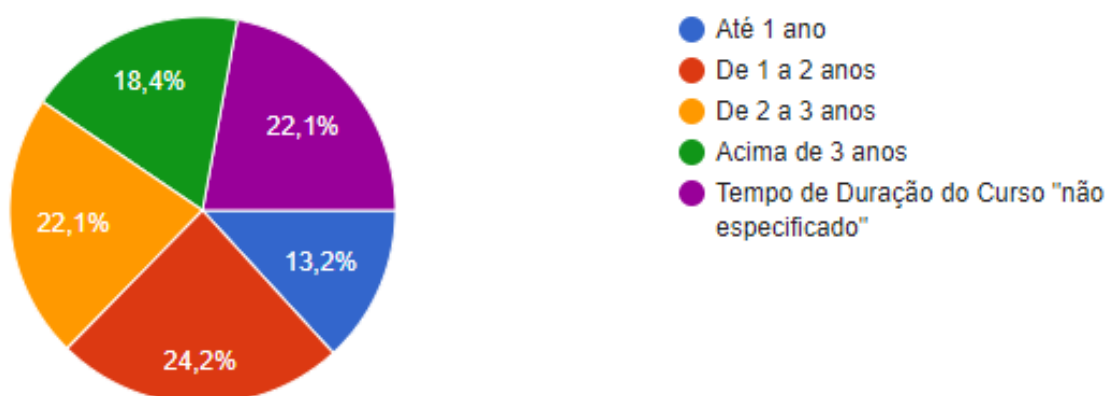
Quando se fala de tempo em psicanálise, no que diz respeito tanto à formação quanto ao tempo de sessão, por exemplo, há que se levar em consideração algumas nuances, sobretudo com relação as diferenças entre os tempos *lógico* e *cronológico*. Diferentemente das demais ciências, que supervalorizam o tempo cronológico, definido pelo relógio, pelos dias e noites e pelo calendário, a psicanálise tem como foco o tempo lógico – *Kairós*, ou seja, aquele do momento oportuno, o que surpreende, que não pode ser controlado, tempo supremo, que na mitologia grega corresponde ao deus do tempo oportuno, excluindo-se a linearidade proposta pelo tempo de *Chronos* – deus do tempo cronológico.

Neste sentido, o tempo da psicanálise se equipara ao tempo do *inconsciente*. A psicanálise é a ciência que estuda os fenômenos que emergem no tempo de *Kairós*, onde não há passado ou futuro, mas sim e somente, o presente, não à toa o *significante presente*, que representa a dádiva de estar vivo. Não há passado nem futuro para quem não está presente. Freud muito bem enfatiza ao dizer:

Mais certo seria dizer, em vez disso, que eles nos dão conhecimento do passado, pois os sonhos se originam do passado em todos os sentidos. Não obstante, a antiga crença de que os sonhos preveem o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Afinal, ao retratarem nossos desejos como realizados, os sonhos decerto nos transportam para o futuro. Mas esse futuro, que o sonhador representa como presente, foi moldado por seu desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado. (Freud, 1900, v.5, p. 645).

Por outra via, o tempo para formação de um psicanalista é contumaz impossível de se inferir. As centenas de entidades espalhadas pelo globo não dispõem de qualquer informação mais precisa. O que se sabe é que cada uma, de maneira individual, sem qualquer restrição de controle ou conferência, dá o tempo de formação que acredita ser devido.

No Brasil não é diferente, pois, constata-se tais premissas nos dados colhidos na pesquisa, conforme gráfico abaixo.



No que se refere, especificamente, ao tempo de formação, verifica-se que há uma clara homogeneidade nas quantidades de entidades formadoras de psicanalistas. Dentre todos os 5 (cinco) tempos propostos, os percentuais não são tão díspares, sobretudo nos períodos acima de 1 (um) ano de tempo de formação. Mesmo assim, há um quantitativo expressivo de entidades que formam psicanalistas em até 1 (um) ano, qual seja, um total de **25** (Vinte e cinco) **entidades**, representando um percentual de **13,2%** (treze vírgulas dois por cento) do total de **190** (cento e noventa) **entidades**. Isto quer dizer que há uma enorme quantidade de entidades formando psicanalistas no Brasil com um tempo máximo de formação de apenas 12 (doze) meses, o que demonstra uma enorme contraposição com a formação de psicólogos, por exemplo, que levam, no mínimo, 5 (cinco) anos para concluírem o curso de

graduação. Por serem consideradas profissões semelhantes, no que concerne ao tempo de formação, constata-se um verdadeiro abismo entre elas.

Há ainda que ressaltar um suposto perigo quanto à saúde mental coletiva, na medida em que há fortes indícios de inclusão de profissionais atuantes no mercado com possível falta de conhecimento científico, bem como conhecimento técnico e prático, para o exercício da profissão de psicanalista. Atuar como psicanalista exige certas habilidades mínimas, pois se está lidando com problemas de natureza psíquica e requer responsabilidades mínimas do profissional que visa auxiliar no bem-estar das pessoas que o procuram, para ajudá-las, com vistas a redução de seus sofrimentos. Neste sentido, **Ralph R. Greenson** (1981), infere de maneira incisiva:

O psicanalista deve ser capaz de realizar certos procedimentos técnicos no paciente e nele próprio.... Exige-se realmente do analista uma inteligência e níveis culturais elevados... exigência para que todos os psicanalistas tenham feito terapia psicanalítica antes de ter permissão para tratar psicanaliticamente... A habilidade do psicanalista resulta dos processos psicológicos que também formam sua personalidade e caráter.... Os requisitos essenciais são aptidão, conhecimentos, caráter e motivação (Greenson, 1981, pp. 405 – 406).

Diante de tantas condições mínimas para atuação, indaga-se se é possível haver adquirido tantas qualidades em apenas 1 (um) ano de treinamento e estudos.

Destarte, para agravar ainda mais a situação da qualidade da transmissão da psicanálise no Brasil, bem como a baixa qualidade da formação dos psicanalistas brasileiros, a pesquisa apresenta que **24,2%** (vinte e quatro vírgulas dois por cento) das entidades formam psicanalistas em um tempo máximo de 2 (dois) anos; **22,1%** (vinte e dois vírgulas um por cento) em até 3 (três) anos, apenas.

Ao se somar a quantidade de entidades que formam psicanalistas na pesquisa, das 190 (cento e noventa) entidades pesquisadas, encontra-se um total geral de 113 (cento e treze), o que representa **59,5%** do total geral, com entidades que formam psicanalistas em um tempo máximo de 3 (três) anos.

Não obstante, há um percentual de apenas **18,4%** (dezoito vírgulas quatro por cento) de entidades se propõem em formar seus aspirantes a analistas num prazo acima de 3 (três) anos, e um percentual considerável de **22,1%** (vinte e dois vírgulas dez por cento) não informaram prazo de formação, deixando implícito que, a formação do psicanalista se dá de forma contínua, o que se adere às ideias dos mais renomados autores e estudiosos no assunto.

Por mais paradoxal que seja, o tempo *Chronos* está para as ciências em geral, assim como o tempo *Kairós* está para a psicanálise. Neste sentido, os cursos de formação de psicanalistas no Brasil encontram respaldos suficientes para continuarem atuando sem nenhum tipo de restrição e limites por parte da sociedade civil ou dos órgãos regulamentadores de ensino.

8.12. Quanto a emissão ou não de identidade profissional

A identidade profissional para o psicanalista é uma forma de identificar o profissional, enquanto filiado a alguma associação ou sociedade, que se comprometam a dar acompanhamento, inclusive jurídico, a seus filiados/associados. Equivale, por exemplos, a carteira de identidade do psicólogo, administrador ou engenheiro, emitidas pelos respectivos Conselhos Regionais, o que servem como carteiras de identidades profissionais.

Como discorrido anteriormente, mais especificamente na introdução desta Tese, a profissão de psicanalista é devidamente regulamentada pelo Ministério do Trabalho do Brasil (MTB), segundo **Portaria nº 397, de 09/10/2002**, que aprovou a **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**, onde classifica o psicanalista no mesmo tipo ou “família” do psicólogo, inclusive mesmo código de ocupação, cujo nº é o 2515, tendo o psicanalista, especificamente, o nº 2515-50. A Descrição Sumária das duas profissões são as mesmas, ou seja, as atribuições dos profissionais psicanalistas e psicólogos são:

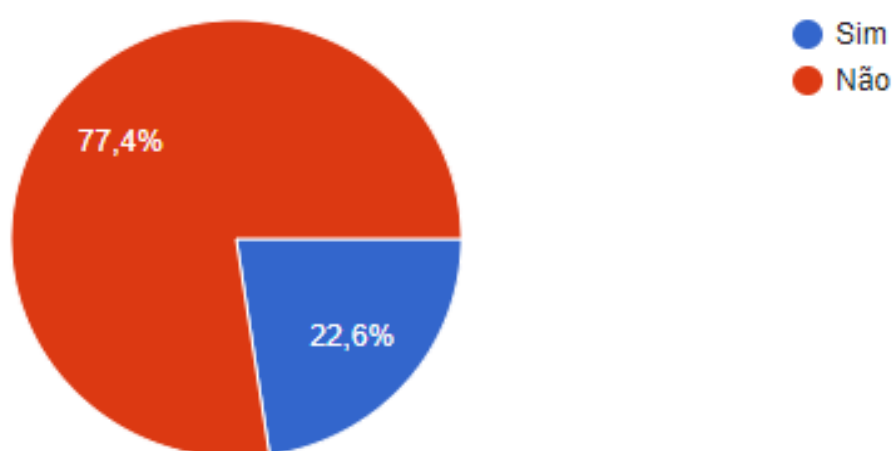
Descrição Sumária

Estudam, pesquisam e avaliam o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, tratamento, orientação e educação; diagnosticam e avaliam distúrbios emocionais e mentais e de adaptação social, elucidando conflitos e questões e acompanhando o(s) paciente(s) durante o processo de tratamento ou cura; investigam os fatores inconscientes do comportamento individual e grupal, tornando-os conscientes; desenvolvem pesquisas experimentais, teóricas e clínicas e coordenam equipes e atividades de área e afins. (CBO, Ministério do Trabalho – link: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>).

Tudo isso dá respaldo às entidades formadoras de psicanalistas à propiciarem, além do exercício da profissão e da emissão de certificados ou diplomas, a confecção

de carteiras de identidades profissionais para o livre exercício do ofício a que se propõe o concludente.

Conforme dados coletados na pesquisa apresentados abaixo, apesar de toda pompa normativa, a grande maioria das entidades “não” emitem a identidade profissional.



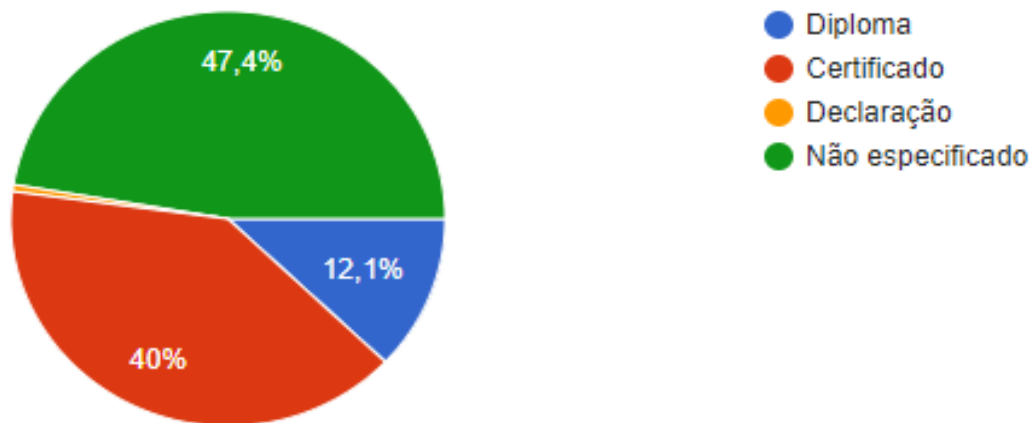
Apenas 22,6% (vinte e dois vírgulas seis por cento), ou seja, menos de $\frac{1}{4}$ (um quarto) das 190 entidades pesquisadas emitem carteira de identidade profissional, ao passo que o restante, 77,4% (setenta e sete vírgulas quatro por cento) não confeccionam aos formados a identidade.

Os resultados obtidos permitem concluir que a maioria das entidades formadoras de psicanalistas no Brasil não emitem identidades a seus profissionais formados, por motivos diversos, onde se pode supor diversos, quais sejam, haver temor em divulgar seus profissionais, ou não querer se comprometer frente a qualidade do ensino, ou, ainda, não achar relevante, dentre outros motivos.

8.13. Quanto ao tipo de Certificação da formação

A importância dada ao tipo de certificação, se diploma, certificado ou declaração, não parece tarefa relevante para a formação do analista, porém esta variável foi incluída na pesquisa para demonstrar as disparidades de formalização profissionais, principalmente entre as profissões que tratam da *psiquê* humana, pois, se por um lado, a psiquiatria e a psicologia são consideradas ciências com modalidade de ensino que têm como titulação a graduação, portanto, passível de recebimento de diploma; por outro lado, a psicanálise não tem especificidade quanto ao tipo de formação, podendo, ao final do curso, o formando receber um diploma, certificado, declaração, ou ainda, nenhum documento informando que o profissional consta apto para exercer tal ofício. Diante do exposto, há mais um paradoxo a ser elucidado, na medida em que, apesar do Ministério do Trabalho (**MTB**) classificar as duas profissões, psicologia e psicanálise, com as mesmíssimas características, quais sejam, descrição sumária, formação, experiência e condições gerais para o exercício, os tipos de formações são demasiadamente desiguais, diversos e distintos, e que não parecem, sequer, estarem na mesma área de estudos, qual sejam, na saúde mental. É comprovadamente notório que os cursos de psicologias no Brasil são bem mais exigentes e mais reconhecidos na sociedade do que os cursos de psicanálise, que, a cada dia, apresentam-se ainda mais à margem da sociedade.

Com base no gráfico abaixo, a pesquisa revela que quase a metade das 190 (cento e noventa) entidades consultadas, ou seja, **47,4%** (quarenta e sete vírgulas quatro por cento), não apresentam em suas plataformas qual tipo de certificação o aspirante a psicanalista receberá ao final do curso de formação. Tal resultado demonstra uma inclinação ao favorecimento da não necessidade do psicanalista em seguir uma padronização profissional proposta pela grande maioria dos cursos profissionalizantes, como numa espécie de 'não dar satisfação ao que veio', e fazendo questão de se colocar à margem das exigências normativas, portanto, fora do contexto da maioria, favorecendo um propósito de vulgarização do saber psicanalítico.



De certa forma, a até certo ponto, as entidades formadoras de psicanalistas anseiam em colocar a psicanálise em um patamar de marginalização, voltando-se seus cursos para tipos de pessoas que não acreditam nas ciências consideradas positivistas, ocupando um lugar de oposição a estas e recebendo muitos adeptos a tal ideal, de que a psicanálise está fora da sociedade alienante que torna o sujeito escravo de sua própria consciência. O fato da psicanálise haver historicamente se colocado neste escalão foi apresentado no estudo de **Serge Moscovici**, em 1961, ao realizar pesquisa de tese de doutorado intitulada “A psicanálise, sua imagem e seu público”, cujo objetivo foi “descrever como a psicanálise se inseriu na sociedade francesa”. Ele diz:

Os que são a favor da vulgarização da psicanálise percebem-na como uma ciência com estatuto deontológico claro. Eles fazem dela o instrumento de elevação do nível geral da cultura.

A psicanálise é vista com um recurso terapêutico possível para o homem às voltas com dificuldades comuns da existência. A vulgarização parece responder muito bem ao ideal da livre circulação da informação que nossa sociedade reclama. (Moscovici, 2012, p. 96).

Por fim, a pesquisa apresenta o Diploma como o maior tipo de certificação, com **40%** (quarenta por cento) do total das entidades. Em segundo lugar, o Certificado com **12,1%** (doze vírgulas um por cento), e em terceiro a Declaração, com apenas **0,5%** (meio por cento).

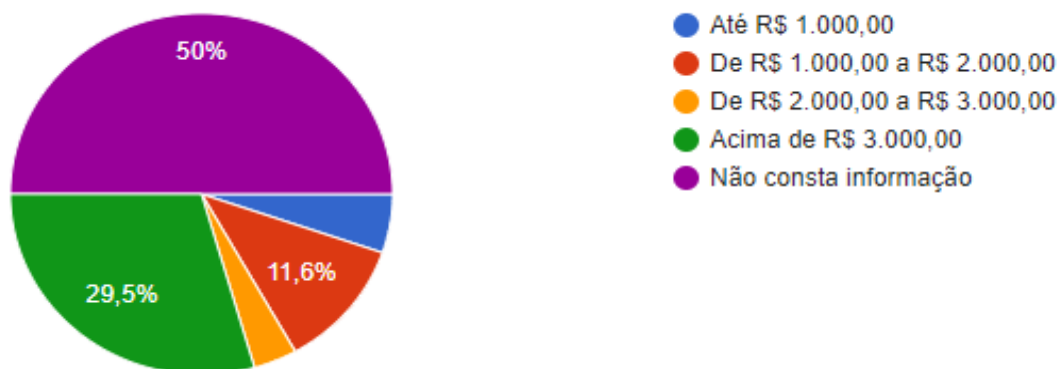
8.14. Quanto às custas inerentes ao curso de formação

Utilizando-se como parâmetro, o valor médio da mensalidade de um curso de **psicologia** no Brasil é de R\$ 1.000,00 (hum mil reais), valor referente ao mês de agosto do ano de 2021. Levando-se em consideração que o tempo de 4 (quatro) anos para formação, obtemos um valor médio total do curso de, aproximadamente, **R\$ 48.000,00** (quarenta e oito mil reais), já incluindo o valor de matrícula de cada semestre letivo.

A escolha do parâmetro do curso de psicologia foi pelo fato de se tratar do curso mais próximo da psicanálise, sobretudo ao que infere o Ministério do Trabalho (MTB) do Brasil, que iguala as profissões nos quesitos de *descrição, formação, experiência e condições gerais de exercício*, conforme já discorremos de maneira pormenorizada no subitem 8.5 anterior.

Concernente ao quesito em pauta, qual seja, às custas inerentes ao curso de formação de psicanalistas no Brasil, foram utilizados 5 (cinco) níveis ou faixas de valores. Ressalte-se que tais valores correspondem ao valor total do curso e não às mensalidades, ou seja, no parâmetro “até R\$ 1.000,00, por exemplo, representa o valor total do curso, pago em uma vez ou em parcelas mensais. Os demais subitens, quais sejam, faixa “de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00”; “De R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00”; “Acima de R\$ 3.000,00”; e, por fim, “Não consta informação” inerente ao valor do curso.

Conforme abaixo, segue o resultado da pesquisa ante às 190 (cento e noventa) entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, com base nos dados colhidos nas plataformas de site de cada entidade.



Os resultados encontrados, em termos quantitativos, foram os seguintes:

VALOR TOTAL DO CURSO	QUANTIDADE DE ENTIDADES	PERCENTUAL
Até R\$ 1.000,00	10	5,2%
De R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00	22	11,6%
De R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00	7	3,7%
Acima de R\$ 3.000,00	56	29,5%
Não consta o valor do curso	95	50%
TOTAL DE ENTIDADES	190	100%

Observa-se que a metade, isto é, **50%** (cinquenta por cento) das entidades pesquisadas não informam em suas plataformas de websites o valor do curso, nem a mensalidade, nem tampouco o valor total do curso. Neste sentido, não se sabe, objetivamente, os motivos pelos quais tal informação não é apresentada pelas entidades, mas pode se supor vários aspectos ou motivos, dentre eles, o fato das entidades serem díspares em suas formações, sem padrões de quantidades de horas/aulas, conteúdos programáticos, tempo de duração do curso, etc.

Outro possível motivo, pode se dever ao fato de algumas entidades acreditarem na formação do psicanalista como sendo “ininterrupta e continuada”, no que diz

respeito tanto aos conhecimentos teóricos quanto à experiência de análise. Como bem aponta **Deborah Pimentel**, psicanalista da Academia Sergipana de Medicina, em seu livro intitulado Formação de Psicanalista, ao dizer que “É definitiva a afirmação que a análise de um psicanalista é de caráter interminável, na medida que seu processo de análise pessoal tem continuidade na análise que ele empreende com os seus analisandos”. (Pimentel, 2004, 116).

A pesquisa demonstrou que dentre as 190 (cento e noventa) entidades, apenas uma quantidade de 56 (cinquenta e seis), representando **29,5%** (vinte e nove vírgulas cinco por cento), apresentaram, em suas plataformas de *websites*, o valor das custas inerentes aos cursos de formações com valor total superior a R\$ 3.000,00 (três mil reais). Porém, mesmo assim, os valores apresentados são bem inferiores aos cursos de formação profissional das demais profissões apresentadas na relação acima.

De forma insidiosa, a pesquisa constatou que **20,5%** (vinte vírgulas cinco por cento), ou seja, $\frac{1}{4}$ (um quarto) das 190 (cento e noventa) entidades pesquisadas, com um quantitativo de 39 (trinta e nove) entidades, informaram em suas *home Pages* o valor total do curso de formação de psicanalistas, como sendo de **até R\$ 3.000,00** (três mil reais).

Tal informação sugere uma disparidade absurda ante às demais formações no país. Com base nas informações colhidas na pesquisa, apresenta-se abaixo uma tabela comparativa, apenas para efeito de apreciação.

PSICÓLOGO	PSICANALISTA
TEMPO DE FORMAÇÃO = 4 ANOS	TEMPO DE FORMAÇÃO MÉDIO = 2 ANOS
VALOR TOTAL APROXIMADO DO CURSO = R\$ 48.000,00	VALOR MÉDIO TOTAL DO CURSO = R\$ 3.000,00

Com base na tabela acima, enquanto um psicólogo leva, no mínimo, 4 (quatro) anos para se formar, e paga um valor total aproximado de **R\$ 48.000,00** (quarenta e oito mil reais), o psicanalista brasileiro leva em média 2 (dois) anos para se formar e paga um valor ínfimo, aproximado, médio de **R\$ 3.000,00** (três mil reais) para atuar no mesmo nível de um psicólogo, seguindo as mesmas descrições, atribuições, experiências e condições gerais de exercício, conforme preconiza o Ministério do Trabalho do Brasil (MTB), conforme normativo já mencionado anteriormente.

8.15. Quanto a menção da Legislação da profissão pelo Ministério do Trabalho (MTB) - Portaria nº 397/2002, CBO nº 2515.50

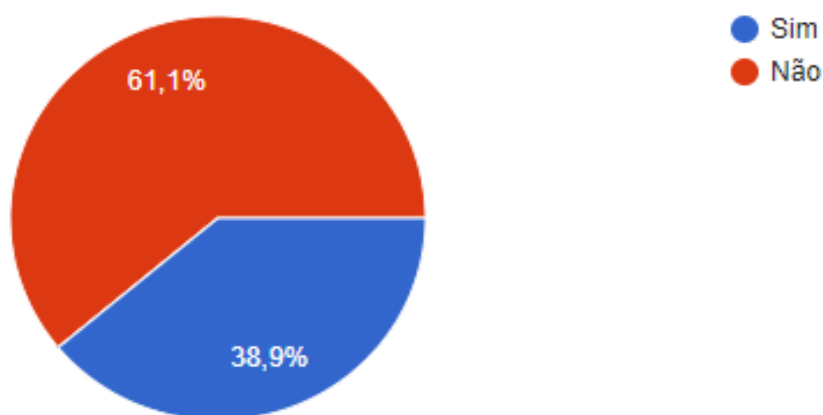
Conforme se havia apresentado em capítulos anteriores, nesta tese, a Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002, do Ministério do Trabalho do Brasil (**MTB**), aprovou a Classificação Brasileira de Ocupações (**CBO**), para uso em todo território nacional. Isso quer dizer que a profissão de psicanalista foi incluída entre todas as ocupações do país, sendo devidamente regulamentada na mesma categoria da profissão de psicólogo, com as mesmas especificações, descrições de atividades, atribuições, condições gerais para o exercício e com o mesmo código, o de nº 2515: psicólogos e psicanalistas.

Com isso, a partir do ano de 2002, as entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, sentiram-se à vontade para atuarem no mercado objetivando a formação de psicanalistas no país, sem a interferência do Ministério da Educação (**MEC**), órgão máximo do governo federal regulador do ensino, pois este não dispôs de autorização do Congresso Nacional para regulamentar tais cursos, o que, por conseguinte, deixou a profissão com *status quo* de “livre”, possibilitando que qualquer entidade, seja sociedade, associação, cartel, núcleo, faculdade e universidade não regulamentada pelo MEC, instituto, igreja, academia, escola, círculo, organização não governamental (ONG), dentre outros, fiquem livres para a formação desse profissional, com regras próprias, autônomas, independentes e soberanas.

Além da enorme diversidade de tipos de entidades, há apenas um ponto em comum entre todas elas, qual seja, a denominação “psicanálise”. No mais, não se consegue inferir qualquer outro ponto de convergência. Mesmo àquelas que possuem o mesmo enfoque teórico, como por exemplo, o ensino de Lacan, não dispõem da mesma quantidade horas/aulas, qualificação mínima exigida, programa de formação ou certificação.

A pesquisa questiona quanto à menção ou não da Portaria Ministerial nº 397/2002 do MTB, nas plataformas de *websites* das 190 (cento e noventa) entidades formadoras de psicanalistas no Brasil. Objetivou-se, com isso, saber se as entidades passam as devidas informações aos interessados em fazer o curso de formação, sendo tal Portaria informação imprescindível para que os alunos fiquem familiarizados com o que vão enfrentar no mercado de trabalho, ao iniciarem os atendimentos em seus futuros consultórios. É inegável haver um preconceito com relação aos psicanalistas brasileiros, na medida em que, como são cursos não regulamentados pelo MEC, o profissional psicanalista segue uma linha marginal, ou seja, à margem da sociedade.

O gráfico abaixo apresenta o resultado da pesquisa. A resposta “sim” equivale a dizer que a entidade mencionou no *website*, plataforma *Facebook* ou *Instagram*, a **Portaria 397/2002**. Por sua vez, a resposta “não” equivale a inferir que tal Portaria não fora mencionada.



O resultado encontrado foi que **116** (cento e dezesseis) entidades mencionaram a Portaria 397/2002, que regulamenta a profissão pelo MTB, o que

representa uma maioria de 61,1% (sessenta e um vírgulas um por cento) do total. As demais **74** (setenta e quatro) entidades, 38,9% (trinta e oito vírgulas nove por cento) não constaram em suas plataformas de *websites* tal menção.

Tais números revelam que, apesar da quantidade de entidades que não mencionaram a norma regulamentar da profissão ser inferior, representa um quantitativo expressivo, de **74** (setenta e quatro) entidades, o que demonstra a obscuridade da informação ao interessado em fazer o curso, que pensa haver regulamentação por parte de todos os órgãos do governo. Esta desinformação pode causar certa decepção por parte do aluno que conclui o curso. Isso pode explicar o fato de que muitos psicanalistas cursarem de psicologia após a formação em tais entidades. Veem a necessidade de serem reconhecidos como profissionais da saúde mental, já que as entidades formadoras de psicanalistas no Brasil não serem confiáveis o bastante para tal.

8.16. Quanto a menção do “não reconhecimento” do curso por parte do Ministério da Educação (MEC)

O Ministério da Educação do Brasil (MEC) é o órgão do Governo Federal com a competência de exercer:

- A política nacional de educação;
- A educação infantil;
- A educação em geral, compreendendo ensino fundamental, ensino médio, educação superior, educação de jovens e adultos, educação profissional e tecnológica, educação especial e educação a distância, exceto ensino militar;
- A avaliação, a informação e a pesquisa educacionais;
- A pesquisa e a extensão universitárias;
- O magistério; e
- A assistência financeira a famílias carentes para a escolarização de seus filhos ou dependentes.

(Grifos nossos) (<http://portal.mec.gov.br/institucional>).

Como vemos, a psicanálise deveria estar no âmbito da competência do MEC, que também coordena, controla e administra os cursos profissionalizantes. Entretanto, por mais paradoxal que seja, por conta de a psicanálise ser considerada uma formação “livre”, o MEC se abstém de acompanhar os cursos de formação de

psicanalistas, apesar da profissão constar devidamente regulamentada pelo Ministério do Trabalho (MTB). A Lei Federal de nº 8.078, datada de 11 de setembro de 1990, denominada Lei do Consumidor, diz em seu Artigo 6º:

CAPÍTULO III
Dos Direitos Básicos do Consumidor

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

I - A proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;

II - A **educação e divulgação sobre o consumo adequado** dos produtos e **serviços**, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;

III - A **informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços**, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre **os riscos que apresentem**;

IV - A **proteção contra a publicidade enganosa** e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;

(Grifos nossos) (Fonte: Lei nº 8.078, de 11/09/1990)

Portanto, as entidades e escolas de formação de psicanalistas deveriam fazer constar em suas plataformas de websites todas informações atinentes à formação, inclusive, citar que o MEC “não autoriza” e “não regulamenta” nenhum curso de formação de psicanalistas no Brasil. O fato de não constar tal informação, significa estar infringindo a Lei nº 8.078, supracitada.

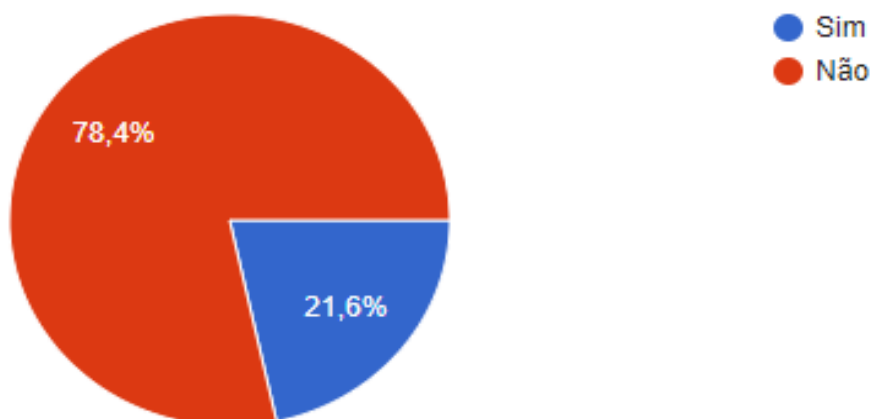
Antonio Quinet (2009), apresenta a importância da entidade sob a égide de escola para a boa formação do psicanalista, sendo o lugar de condição *sine qua non* ao aspirante a analista se estruturar enquanto sujeito de suposto saber. Quinet diz:

É a Escola que instaura uma comunidade de experiência cujo âmago é dado pela experiência daqueles que praticam a psicanálise.

O cerne da Escola é o real da experiência analítica. Não é, pois, possível trabalhar a forma de os analistas se reunirem sem se referir à clínica analítica e ao laço social que a sustenta. (Quinet, 2009, p.10).

A escola é o *locus* em que se estabelece a relação ensino/aprendizado, por mais que o saber psicanalítico ultrapasse as fronteiras do limite do saber humano. Tais limites mínimos e máximos devem ser impostos pelo órgão regulador da educação na sociedade.

Pelos motivos acima mencionados, acrescentou-se à pesquisa esta categoria de análise, onde se obteve o resultado apresentado no gráfico abaixo.



A resposta “sim” apresenta o percentual das entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, dentre o total das 190 (cento e noventa) pesquisadas, que apresentam em suas plataformas de *websites* e *homepages* a informação inerente a “não regulamentação ou o “não reconhecimento” do curso por parte do MEC”. Por outra via, a resposta “não” quer dizer que tais informações não constam nas plataformas de *websites*.

Com isso, verificou-se que **149** (cento e quarenta e nove) entidades fizeram menção, em suas plataformas de websites, que os cursos oferecidos “não são reconhecidos” pelo MEC, o que representa **78,4%** das entidades pesquisadas. Por outro lado, **41** (quarenta e uma) entidades omitiram tal informação aos interessados em fazer o curso, sendo, portanto, o equivalente a **21,6%** (vinte e um vírgulas seis por cento) do total.

Os resultados encontrados demonstram que ainda há muitas entidades formadoras de psicanalistas no Brasil que omitem a informação deveras fundamental de que, no Brasil, não há cursos de formação de psicanalistas reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC), e que, portanto, ao concluir tais cursos, em termos legais, o psicanalista deve estar amparado somente pelo Ministério do Trabalho (MTB), e que está atuando em uma profissão ou ofício de natureza “livre”, submetida ao preconceito de ser considerada por muitos uma profissão marginal, ou seja, que se encontra à margem da sociedade.

9. Discussões dos resultados

A presente pesquisa objetivou apresentar um retrato das entidades formadoras de psicanalistas no Brasil. O perfil encontrado, dentre as 190 (cento e noventa) entidades pesquisadas, foi o seguinte:

Quanto ao tipo de Instituição: **Institutos**, com 31,1% (trinta e um vírgula um por cento).

Quanto a predominância da Unidade Federativa: **São Paulo** é a capital brasileira com maior número de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, dentre as 190 (cento e noventa) pesquisadas, cujo total percentil chegou a 30,52% (trinta vírgulas cinquenta e dois por cento) do total geral.

Quanto a predominância de abrangência nacional: **48,90%** (quarenta e oito vírgulas noventa por cento) do total das entidades pesquisadas tem abrangência nacional, ou seja, atuam em todo o Brasil.

Quanto a predominância de abrangência regional: **região sudeste**, com 23,7% (vinte e três vírgulas setenta por cento) do total das entidades do país se concentram somente nesta região.

Quanto ao enfoque teórico: quase todas as entidades constantes da pesquisa, têm como base teórica **Sigmund Freud**, com 98,9% (noventa e oito vírgulas nove por cento), seguido de **Jacques Lacan**, com 52,6% (cinquenta e dois vírgulas seis por cento), percentuais estes cumulativos, ou seja, tais entidades têm enfoque teórico freudiano e lacaniano, simultaneamente.

Quanto a qualificação mínima exigida: **graduação de nível superior em qualquer área de formação**, com 45,8% (quarenta e cinco vírgulas oito por cento) do total das entidades formadoras de psicanalistas pesquisadas.

Quanto à tipologia do curso: **presencial**, em 49,5% (quarenta e nove vírgulas cinco por cento).

Quanto a exigência ou não de análise pessoal: **sim**, em 79,5% (setenta e nove vírgulas cinco por cento) do total das entidades, há exigência da chamada análise

didática, àquela que exige dos aspirantes a futuros psicanalistas a sua análise pessoal.

Quanto a exigência ou não de pacientes pilotos: **sim**, a vultosa maioria das entidades pesquisadas exigem de seus alunos o acompanhamento com pacientes pilotos, chegando a um percentual de 81,1% (oitenta e um vírgulas um por cento).

Quanto a exigência ou não supervisão clínica: **sim**, a grande maioria das entidades formadoras de psicanalistas exigem supervisão clínica de seus formandos, com um percentual de 82,1% (oitenta e dois vírgulas um por cento).

Quanto a carga horária correspondente ao curso: dentre as entidades que informaram a carga horária do curso de formação, a maioria apresentou o quantitativo **entre 1.000 a 2.000 horas/aulas**, o que distancia da carga horária dos cursos de graduação em nível superior, que possuem uma média de 4.000 horas/aulas.

Quanto ao tempo de duração do curso: em **até 2 (dois) anos**, isto significa inferir que uma grande quantidade de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, formam seus alunos em até 24 (vinte e quatro) meses, o que representa menos da metade do tempo de formação dos cursos de graduação do país, dentre eles, o curso de psicologia, por exemplo. O percentual encontrado foi de 27,4% (vinte e sete vírgulas quatro por cento) do total.

Quanto a emissão ou não de identidade profissional: **não** fornecem carteira profissional de psicanalistas, com 77,4% (setenta e sete vírgulas quatro por cento).

Quanto ao tipo de certificação da formação: **Certificado** é o tipo de certificação fornecida pela maioria das entidades pesquisados, com um percentual de 40% (quarenta por cento do total). Todavia, a maioria, de 47,4% (quarenta e sete vírgulas quatro por cento) das entidades pesquisadas, não informam em suas plataformas de *websites* o tipo de certificação, ou seja, se Diploma, Certificado ou Declaração.

Quanto às custas inerentes ao curso de formação: o **valor aproximado total** do curso é de até **R\$ 3.000,00** (três mil reais), representando um percentual de 20,5% (vinte vírgulas cinco por cento), ou seja, $\frac{1}{4}$ (um quarto) das 190 (cento e noventa) entidades pesquisadas. Tal quantidade significa dizer que há disparidade absurda entre o total do curso de psicologia, por exemplo, que chega a um valor aproximado de R\$ 48.000,00 (quarenta e oito mil reais). Importante ressaltar que 50% (cinquenta

por cento) das entidades pesquisadas não informam as curtas inerentes aos respectivos cursos, o que impossibilita uma análise mais precisa.

Quanto a menção da Legislação da profissão pelo Ministério do Trabalho: a maioria das entidades **não** fazem menção da Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002, do Ministério do Trabalho do Brasil (MTB), que aprovou a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), e regulamentou a profissão de psicanalista no Brasil.

Quanto a menção do “não reconhecimento” do curso por parte do Ministério da Educação: a grande maioria das entidades não fazem menção ao fato do curso de formação não ser reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC).

Os resultados colhidos, aponta para inferir que a Psicanálise caminha na superfície de um paradoxo, qual seja, a banalização ocasionada por conta da marginalização do ensino e da prática, e a pretensão de ser um saber reconhecido, de caráter científico regulamentado, sendo este último, o desejo de seu criador. Porém, desde então, após sua morte, no dia 23 de setembro de 1939, seus seguidores não respeitaram seu desejo, muito pelo contrário, deturparam a interpretação de sua grandiosa obra. Talvez a psicanálise não tenha fadado ao fim pelo fato dela caminhar pelas próprias pernas, alheia ao sujeito consciente, como se fosse ‘coisa’, uma espécie de ‘*das Ding*’, na medida em que, “O que há em *das Ding*, é o verdadeiro segredo” (Lacan, 1997, p. 61); “Alguma Coisa que quer” (Lacan, 1997, p. 61), movida pelo princípio do prazer e por um grande outro - *Outro*, absorto ao ser humano; “*Das Ding* é originalmente o que chamaremos de o fora-do-significado” (Lacan, 1997, p. 71).

Os temas abordados no estado da arte, apresentados nesta Tese, em capítulo específico, coadunam-se com os objetivos deste trabalho, bem como com as variáveis de análises correspondentes, cujos resultados são compatíveis com os resultados oriundos de tais pesquisas científicas, outrora apresentadas, porém, com a diferença de que na presente Tese de Doutorado apresentamos, além dos aspectos teóricos, relevantes ao tema, que dizem respeito a questões qualitativos, também se leva em consideração os aspectos quantitativos, com apresentação pormenorizada de gráficos, tabelas e levantamentos estatísticos, para uma melhor aferição dos resultados, vinculados ao estado da arte, sobretudo ao que tange aos assuntos relacionados à formação de psicanalistas, institucionalização do ensino da

psicanálise, cientificidade da psicanálise, relevância da supervisão na prática analítica, ensino da psicanálise na universidade, as dificuldades na transmissão, as contribuições do ensino da psicanálise para a educação tradicional, a ética da psicanálise, a profissão do psicanalista enquanto ofício, a interferência da subjetividade na formação e a formação do professor enquanto transmissor da teoria psicanalítica.

10. Conclusões

O objetivo da pesquisa foi atingido, na medida em que, foi apresentado um retrato adjacente dos tipos de formações de psicanalistas no Brasil, cujos resultados obtidos vêm a demonstrar e comprovar o que muitos estudiosos já haviam apresentados em seus escritos, que as formações dos psicanalistas são múltiplas, diversas e dissonantes entre si, além do fato da psicanálise continuar a ser no Brasil, ainda nos dias hoje, um *ofício* que caminha à margem do ensino formal em comparação com os demais saberes da sociedade.

Entretanto, na presente pesquisa, evidencia-se que, no Brasil, o “tripé” condicional da boa formação psicanalítica, proposto pelo pai da psicanálise, quais sejam, o *estudo teórico*, a *supervisão clínica* e a *análise pessoal* do aspirante à psicanalista, atinge números significativos na grande maioria das entidades constantes da pesquisa, que somaram em 190 (cento e noventa). Os percentis encontrados foram os seguintes:

- **Estudo teórico** pela abordagem freudiana: em **98,9 %** das entidades;
- Exigência de **Supervisão Clínica**: em **82,1%** das entidades;
- Exigência da **Análise Pessoal** dos aspirantes: **79,5 %** das entidades.

Tendo em conta uma análise mais qualitativa, e levando-se em consideração ao que fora apresentado no capítulo 6.2.10, e subcapítulos, em **Sigmund Freud**, as pessoas mais resistentes à psicanálise são: os céticos, os resistentes a mudanças, os positivistas, os egoístas e, por fim, as pessoas que se deixam levar pelas suas emoções, ou seja, aquelas ‘à flor da pele’, e até podemos inferir, pessoas de personalidade mais impulsivas. “Assim, as resistências mais fortes à psicanálise não foram do tipo intelectual, mas surgiram de fontes emocionais”. (Freud, 1925 [1924], p. 246).

Seguindo uma mesma linha de raciocínio, por sua vez, no que dizem respeito aos tipos de *erogeneidades* e *defesas*, postulados por **David Maldavsky**, por mais paradoxal que seja, podemos supor que os sujeitos que possuem maior grau de *resistência* na aceitação de algo novo, incluindo-se a psicanálise, são aqueles que detêm defesas inconscientes do tipo *repressão*, ou seja, os neuróticos obsessivos,

fóbicos e histéricos. A relação entre *desenvolvimento psicosexual*, *repressão* e *resistência* resta evidente em Freud. Ele diz:

Mas a partir daí essa eflorescência prematura da sexualidade desaparece; os impulsos sexuais que mostraram tanta vivacidade são superados pela repressão, e segue-se um período de latência, que dura até a puberdade e durante o qual as formações reativas de moralidade, vergonha e repulsa são estruturadas. (Freud, 1925 [1924], p. 42).

E mais:

As teorias da resistência e da repressão, do inconsciente, da significância etiológica da vida sexual e da importância das experiências infantis — tudo isto forma os principais constituintes da estrutura teórica da psicanálise. (Freud, 1925 [1924], p. 45).

Por seu turno, com a devida reserva, podemos supor que os sujeitos mais propensos à aceitação da psicanálise são os de menor grau de resistências e material reprimido inconscientes, quais sejam, os perversos e os psicóticos, na medida em que possuem como defesas inconscientes a *desmentida*. Isso não deixa de ser um 'paradoxo', pois, o próprio Freud se considerava neurótico obsessivo, mas, por outro lado, há uma linha tênue entre o obsessivo e o perverso. Em outras palavras, quanto mais incipiente o tipo de caráter, menor o grau de repressão e resistência ao novo, conforme a seguinte ordem: *libido intra-somática* (LI), *oral primária* (O1), *sádico-oral secundária* (O2), *sádico-anal primária* (A1), *sádico-anal secundária* (A2), *fálico-uretral* (FU) e *fálico-genital* (FG); sendo este último, o tipo de caráter com maior grau de resistência à psicanálise.

Os valores éticos e morais do sujeito também se coadunam com estas premissas, na medida em que, é contumazmente óbvio encontrar no sujeito de *caráter fálico-genital*, que tem como quadro psicopatológico a histeria, pós-ambivalência (*não* há presença simultânea de amor e ódio direcionados a um mesmo objeto), traço de caráter demonstrativo, de estilo comunicacional poético demonstrativo, um excesso de moralismo e maior resistência ao novo; enquanto um tipo de caráter *oral primário*, de quadro psicopatológico esquizoide, cujo traço de caráter é de observador não participante, de ambivalência (há presença simultânea de amor e ódio direcionados a um mesmo objeto), haver um esvaziamento de valores éticos e morais, e questões novas não o afetam com tanta expressão, tendo uma maior abertura ao novo.

Dentre os *estilos comunicacionais*, estudados por **David Maldavsky** e **David Liberman**, destacamos que os estilos nos sujeitos mais favoráveis à aceitação da psicanálise, enquanto ciência, são os dos tipos: *reflexivo*, *lírico* e *épico*, concernentes

às estruturas psíquicas mais arcaicas. Por outro lado, os estilos comunicacionais do tipo *narrativo*, de *Suspense* e *Poético*, são àqueles mais propensos às resistências ao discurso psicanalítico.

Concernente aos *papéis* adjudicados pelos sujeitos, apresentados por **Picho Rivière**, podemos supor que os papéis mais resistentes à psicanálise são o *líder autocrático*, o *líder demagógico*, o *sabotador* e o *bode expiatório*. Por outra via, aqueles que mais se coadunam em aceitar o discurso e as ideias psicanalíticas são o *líder democrático*, o *líder laissez-faire*, o *porta-voz* e o *silencioso*, cujas resistências ao novo têm menor incidência.

Os parágrafos anteriores, que tratam de dados qualitativos, remetem a possibilidades, e não a uma verdade absoluta, na medida em que, tais variáveis não fizeram parte da pesquisa quantitativa, mas sim, apenas em análise qualitativa, que, por sua vez, foi pormenorizada anteriormente. Como bem o diz, **Karl Abraham**:

Depreende-se do que foi dito que não existe nenhuma linha absoluta de demarcação entre os diferentes tipos de formação de caráter. Não obstante, descobriremos que eles se enquadram bastante naturalmente em classes distintas. (Abraham, 1970, p. 201).

Nos capítulos iniciais deste trabalho, a psicanálise emerge como a terceira grande cicatriz do narcisismo da humanidade. A primeira é atribuída a **Nicolau Copérnico** (1473 – 1543), século XV, matemático e astrônomo polonês que desenvolveu a Teoria Heliocêntrica do sistema solar, cuja máxima infere que “os seres humanos não estão no centro do universo”. A segunda grande dor moral da humanidade fora depositada por **Charles Robert Darwin** (1809 – 1882), século XVIII, geólogo naturalista e biólogo britânico, fundador da Teoria da Evolução das Espécies, apresentando “a humanidade como não descendência de Deus, mas sim dos macacos”, seus ancestrais. Por fim, a terceira e mais recente marca no narcisismo humano dá-se com **Sigismund Schlomo Freud** (1856 – 1939), no século XX, com a descoberta do *Inconsciente*, como “... produto dinâmico do destino pulsional” (Meyer, 2011, pp. 505-506), alheio ao sujeito da consciência humana; portanto, não dominamos a nossa consciência, o Inconsciente pensa em nós, é atemporal e inapreensível, seguindo uma lógica autônoma e deliberando o destino do ser humano. Ao propor que “não somos senhores de nós mesmos”, Freud coloca em suspensão sua teoria e *práxis*, uma nova ciência, ou melhor, a subversão da ciência, na medida em que, não se pode conhecer aquilo que jaz conhece no Ser. Daí a dificuldade de

tornar a psicanálise uma ciência positivista, cuja marca é a dominação do objeto a ser estudado. Neste sentido, o ocultismo avança no melhor uso da psicanálise. Isso explica a quantidade exacerbada de entidades formadoras de psicanalistas vinculadas à cultos religiosos e a faculdades de teologia. O controle sobre a psicanálise é sobrepujado pelos próprios psicanalistas brasileiros. Não querem nenhum órgão oficial do Estado para coordenar, controlar ou fiscalizar tais entidades.

Assim como o homem da contemporaneidade se encontra desbussolado, a psicanálise também está; ou seja, o referencial do “trauma” edipiano já não mais está presente na sociedade líquida da forma como fora dantes, na medida em que a figura paterna, enquanto motivo de sofrimento e de imposição de limites, é desvairado e foracluído do mundo atual, e não restam motivos objetivos para se projetar o sofrimento humano, restando pois, um sofrimento inominável, onde “passamos de uma psicanálise do homem traumatizado para a psicanálise do homem desbussolado” (Forbes, 2012, p. 23), sem saber especificamente a quem culpar de seu sofrimento psíquico estrutural.

O sujeito de outrora buscava um ideal relacionado à eticidade, dos tipos como a honra, a coragem, a dignidade ou o sacrifício. No mundo contemporâneo, cuja sociedade é imediatista e capitalista, o sujeito passou a idealizar a quem possui maior riqueza financeira. Em *O homem sem Gravidade*, **Charles Melman** implica o sujeito capitalista da seguinte forma: “Só há reconhecimento de si, para o capitalista – e, por isso mesmo, para todo sujeito inserido nesse “regime” -, na acumulação do capital”. (Melman, 2003, p. 172).

O resultado da presente pesquisa demonstra esta realidade. Há poucas consonâncias entre os grupos de entidades formadoras de psicanalistas no Brasil. As disparidades apresentam uma ideia de desbussolamento, sem um elemento norteador que indique um caminho a ser seguido de maneira a sistematizar os princípios basilares e as premissas fundamentais da transmissão e da clínica psicanalítica. Conceitos fundamentais dos tipos: pulsão, recalque, transferência, resistência, mecanismos de defesas, complexo de Édipo, de castração, de intrusão, trauma do nascimento, dentre outros; por vezes, sequer são apresentados em alguns cursos, conforme foi visto nos conteúdos programáticos que se conseguiu vislumbrar em algumas *homepages*. Além do mais, ainda existem entidades ligadas a grupos

religiosos que formam “psicanalistas” para doutrinar seitas e crenças ligadas a deus, o que deturpa a teoria e a *práxis* da psicanálise, sobretudo, freudiana.

Longe de ser uma ciência reconhecida e respeitada, não se sabe o que é a psicanálise. Para muitos, ela é uma pseudociência, para outros, uma seita religiosa ou uma falsa terapia, ou, ainda, uma ética, termo em alta nos tempos atuais, já que esta postura está em falta na sociedade líquida capitalista, que coloca o ser humano abaixo e em detrimento da riqueza e do poder. Tal pensamento se coaduna com as ideias de **Mario Augusto Bunge** (1919 - 2020), filósofo, físico e humanista argentino, que trabalhou como professor de lógica e metafísica na McGill University de Montreal, no Canadá, seguidor do realismo científico e da filosofia exata, conhecido por sua oposição às pseudociências, dentre as quais inclui a psicanálise, além de se posicionar criticamente às correntes filosóficas do existencialismo e da fenomenologia, discorre acerca do conceito de ciência, em um artigo publicado na Revista *The Skeptical Inquirer*, volume 9, da seguinte forma:

Assim como devemos verificar uma série de propriedades, além de cor e brilho, a fim de garantir que um pedaço de metal não é ouro falso, então devemos examinar uma série de características de um campo do conhecimento para verificar se é científico. Vamos caracterizar uma **ciência**, bem como uma pseudociência, como um campo cognitivo, genuíno ou falso. Um *campo cognitivo* pode ser caracterizado como um setor da atividade humana com o objetivo de obter, difundir ou utilizar algum tipo de conhecimento, seja esse conhecimento verdadeiro ou falso. Há centenas de campos cognitivos na cultura contemporânea: lógica e teologia, matemática e numerologia, astronomia e astrologia, química e alquimia, psicologia e parapsicologia, ciências sociais e humanística sociologia e assim por diante (Bunge, 1984, p. 36).

Para o autor, o que determina se uma ideia se torna ciência ou não, é atender a determinadas características, enquanto condições, componentes de um *campo cognitivo*, que sejam bem-sucedidas, no sentido de alcançar e afirmar a ‘verdade’ ou não, daquele fenômeno estudado e apresentado.

Articulando-se às ideias de Bunge, seu compatriota **Gregorio Klimovsky** (2022 – 2009), matemático e filósofo, apresenta ricas articulações entre os teóricos que consideram a psicanálise ciência ou não, e vislumbra que no futuro tais inações serão devidamente remediadas. Ele diz:

Sería de desear una aproximación más estrecha y seria entre la metodología científica y el uso de las teorías psicoanalíticas, ya que estas dan mucho más que lo que el uso no lógico puede conseguir. Hay señales claras de que muchos analistas se hacen conscientes de esta situación. En el futuro, la práctica profesional y las investigaciones en este campo prometen hacer honor

a los aspectos positivos que desde el punto de vista epistemológico exhiben estos tópicos (Klimovsky, 2009, p. 246).

O fato é que, se Freud estivesse vivo, não gostaria de ver a pintura da psicanálise da atualidade, que tende a uma obra de **Pablo Picasso**, ao invés de um **Leonardo da Vinci**, que, sem sombra de dúvida, seria sua preferência. Tarefa um tanto quanto impossível, transformar uma obra surrealista em renascentista. Tão difícil quanto tornar consciente o que estiver no Inconsciente. O paradoxo da teoria freudiana, sobretudo no Brasil, é muito bem retratado por **Déborah Pimentel**, ao dizer:

A difusão da psicanálise no Brasil, com a proliferação de institutos e grupos de estudos, chegou ao limite da saturação, e agora se banalizou. Necessário lembrar que a experiência psicanalítica indica o primado da análise pessoal sobre o estudo universitário, na formação do psicanalista. O ensino da psicanálise não pode ser massificado e nem regulado por nenhum estatuto social aberto. A via privilegiada de uma formação psicanalítica é o divã. Para exercer a função de psicanalista é fundamental que o sujeito saiba de si mesmo, submetendo-se a uma análise. A formação teórico-prática virá em seguida. (Pimentel, 2004, p. 139).

Para além das supostas polêmicas quanto à qualidade da transmissão da psicanálise no Brasil, bem como aos tipos de formações díspares, indaga-se também questões de qual tipo de conduta os psicanalistas brasileiros adquirem ao longo de seus percursos formativos. **Ralph. R. Greenson** (1981) dedica um capítulo inteiro, de seu livro intitulado “A Técnica e a Prática Psicanalítica”, para discorrer acerca do que a psicanálise exige do psicanalista. Ele afirma que as aptidões exigidas do psicanalista são: a *compreensão do inconsciente*, como sendo a aptidão mais importante, “sua habilidade de traduzir os pensamentos, sentimentos, fantasias e impulsos conscientes do paciente para seus antecedentes inconscientes” (p. 406); ter *empatia e intuição*, intrinsecamente ligadas; ter uma capacidade de *comunicação com o paciente*, “... decidir o que dizer ao paciente, *quando e como* o fará” (p. 414), inclusive, levando-se em conta as palavras emanadas, a linguagem e o tom da sua voz enquanto fala ao paciente, na medida em que “O tom leva ao contato ou afasta o contato” (p. 415); o psicanalista deve ter o condão de ajudar ao estabelecimento da neurose de transferência, bem como da aliança terapêutica, uma vez que, ao se colocar na posição de *sujeito suposto saber*, o analista possibilita um relacionamento favorável para que se desenvolva a neurose de transferência do paciente para com ele, propiciando, por conseguinte, a aliança de trabalho.

A presente pesquisa não adentrou nas *nuances* inerentes às aptidões exigidas aos psicanalistas brasileiros, porém, fica evidente que as entidades formadores de psicanalistas no Brasil patenteiam especificamente nos conteúdos teóricos, deixando

as peculiaridades atinentes à análise pessoal e a experiência clínica em segundo plano.

Greenson (1981) discorre acerca do traço de personalidade e de caráter do sujeito que se dispõe a se tornar um psicanalista. A formação do psicanalista não depende somente dos conhecimentos teóricos e da experiência de análise, mas também da sua personalidade e caráter. Variáveis como hábitos, atitudes, sensibilidade, inteligência e temperamento são fundamentais. Greenson destaca 3 (três) fatores relevantes ao bom psicanalista.

O primeiro diz respeito aos traços de caráter atinentes à compreensão do inconsciente, ou seja, o psicanalista é aquele que tem um profundo interesse pelas pessoas, no sentido de ter uma mente curiosa que busca compreender suas maneiras de viver, fantasias, emoções e pensamentos. O analista tem propensão a ser uma pessoa humilde, cética, porém cortês, mas sobretudo, a característica mais importante é a capacidade de empatia, na medida em que, esta é uma forma de estabelecimento de contato com o objeto amado e perdido, de outrora, o que torna o sujeito capaz de lidar e superar patologias depressivas, pois colocar o paciente no lugar de algo não-compreendido, requer faculdade de regredir por empatia e retornar da regressão a fim de selecionar os elementos obtidos, e sobrevir sua validação. Por outro lado, o sujeito de caráter rígido e obsessivo tem dificuldades de sentir empatia e possui tendência a identificação com o paciente, inviabilizando o processo de análise, portanto, “Em geral, essas pessoas não são candidatas convenientes para a formação psicanalítica” (Greenson, 1981, p.426).

O segundo fator, postulados por Greenson, são os traços de caráter relacionados à comunicação do analista com o paciente. Caso o aspirante a psicanalista tenha aptidão para compreender as nuances do inconsciente, ele também deverá ter habilidade de saber lidar com a dinâmica comunicacional na relação com o analisando, utilizar-se das palavras que emanam do paciente na hora certa, para que este possa compreender a sutileza do andamento do processo analítico. Saber utilizar o seu silêncio como uma das válvulas propulsoras da análise, bem como utilizar as poucas palavras emanadas como se fosse um cirurgião se utilizando das ferramentas cirúrgicas, cuja perícia é contumazmente precisa. Enfim, o silêncio, o ritmo, a interpretação, a postura, a paciência, as intervenções no momento conveniente, são

características peculiares ao perfil do psicanalista. Em relação, especificamente, a este traço de traço de caráter inerente ao analista, Greenson (1981) diz que:

A arte de falar com um paciente é muito diferente da conversa social, da inquirição ou da conferência.

A aptidão para transmitir compreensão interna ao paciente depende da habilidade da pessoa para pôr em palavras os pensamentos, fantasias e sentimentos que o paciente ainda não percebe suficientemente e apresentá-los de tal maneira que ele possa aceitá-los como se fossem seus (Greenson, 1981, p. 427).

O terceiro fator indispensável ao bom psicanalista está ligado ao desenvolvimento da neurose de transferência, bem como à aliança terapêutica. “Para facilitar o crescimento da neurose de transferência, o analista deve constantemente frustrar o desejo do paciente pela gratificação” (Greenson, 1981, p. 432). De fato, o analista deve ser perspicaz na condução do tratamento. Inicialmente, o analista deve ter a capacidade de estabelecer um elo com o analisando, para dar vez ao vínculo terapêutico, afastando-se, principalmente, de seus pontos de vistas moralistas.

No que diz respeito, especificamente, à formação do psicanalista, **Sigismund Schlomo Freud**, pai da psicanálise, é enfático em inferir que ela é contínua, não se cessa, é interminável, na medida em que, ao explorar os enigmas do inconsciente, enquanto instância psíquica, com dinâmica própria, alheia ao sujeito da consciência, o analista se equipara a um arqueólogo que não sabe o que encontrará em suas escavações. Neste sentido, o psicanalista é um profissional que apesar de ser considerado pelos analisantes como àquele *sujeito suposto saber*, na verdade, está sempre em busca de um saber que se manifesta como uma espécie de *esfinge*, criatura mítica que precisa ser decifrada, com o propósito de amenizar o sofrimento humano. Fazer análise requer contínua busca de decifrar o enigma do ser, e condição *sine qua non* para tanto, para quem ser que seja, analista ou analisante. Neste sentido, Freud é bem claro, ao afirmar:

Todo analista deveria periodicamente — com intervalos de aproximadamente cinco anos — submeter-se mais uma vez à análise, sem se sentir envergonhado por tomar essa medida. Isso significaria, portanto, que não seria apenas a análise terapêutica dos pacientes, mas sua própria análise que se transformaria de tarefa terminável em interminável. (Freud, 1937, p. 266).

Com os resultados obtidos nesta pesquisa, pode-se inferir que a psicanálise, também, é uma espécie de *Frankenstein*, o Prometeu Contemporâneo, uma ficção científica, a criatura construída por Sigmund Freud, que, por vezes, assusta e é

incompreendida. Uma coisa emergente do conflito entre o criador e a criatura, com implicações científicas, religiosas, morais e éticas, e que se fez autônoma após receber vida.

As conclusões que se podem inferir, em relação aos números apresentados pela presente tese, são tão desbussoladas quanto o sujeito contemporâneo da sociedade líquida, capitalista e individualista, bem como da psicanálise do século XXI. Apenas de uma certeza se pode antever: no que concerne ao reconhecimento científico, o futuro da psicanálise, a cada dia, encontra-se mais em xeque e continua à margem da sociedade, pelo ao menos no que concerne ao Brasil. A sobrevivência da psicanálise se equipara à sobrevivência dos psicanalistas, todavia, por mais paradoxal que seja, o xeque-mate no tabuleiro do jogo da vida faz parte da continuidade ou não da sua existência, na medida em que “[...] é realmente muito triste que tudo na vida deva ser como num jogo de xadrez, onde um movimento em falso pode forçar-nos a desistir dele, com a diferença, porém, de que não podemos começar uma segunda partida, uma revanche”. (Freud, 1915, p. 301).

10.1 Questões pendentes para futuras investigações

Com base nos resultados obtidos nesta tese, pode-se tecer algumas considerações para futuras possíveis investigações acerca das entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, bem como aos tipos de formações apresentadas por estas.

A presente tese não intentou aduzir um retrato exato, categórico, pleno, totalitário e absoluto das entidades formadoras de psicanalistas no Brasil, nem tampouco dos modelos de formações peculiares a cada entidade, mas somente um levantamento incompleto, sob a forma de amostragem, no intuito da constatação ou não da diversidade e da fragmentação do ensino e da transmissão da psicanálise.

Entretanto, os resultados apontam para inferências de que a psicanálise no Brasil consta desfragmentada, sem padrões de formação, totalmente díspares, sobretudo quanto aos quesitos: tipo de instituição; tipologia do curso; qualificação mínima exigida duração dos cursos; tempo de formação; exigência ou não de análise pessoal; exigência ou não de pacientes pilotos; exigência ou não de supervisão clínica; carga horária do curso; tempo de duração do curso; emissão ou não de identidade profissional; tipo de certificação da formação; custos inerentes ao curso; se há ou não menção da regulamentação da profissão pelo Ministério do Trabalho (MT) e se há ou não menção do “não reconhecimento” do curso por parte do Ministério da Educação (MEC).

Para que os resultados obtidos possam apontar para uma veracidade dos fatos, deixa-se em aberto novas possibilidades de estudos sobre a temática, com vistas à busca de aprofundamentos nos estudos, na medida em que se trata de um assunto polêmico, de natureza social, e de suma relevância, sobretudo, àqueles interessados no futuro da psicanálise no Brasil, que para muitos é considerada apenas um saber baseado em equívocos, uma falsa ciência ou, ainda, uma pseudociência.

A partir desta pesquisa, emergem algumas outras **questões pendentes**, que, por suas vezes, exigem um estudo mais acurado e que podem contribuir para trabalhos científicos futuros.

- A psicanálise é verdadeiramente uma ciência, e como tal, assim como as demais ciências, deveriam ser criados cursos de graduação em psicanálise no Brasil?
- Sigmund Freud, o pai da psicanálise, realmente objetivava ver sua criação, a psicanálise, seguindo à margem da sociedade, como sendo uma pseudociência?
- Como identificar os postulados básicos da psicanálise sem que haja uma entidade representativa que administre todas as entidades formadoras de psicanalistas?
- Deverá haver uma entidade, instituição ou conselho, cujo objetivo será de controlar e fiscalizar os cursos de formação de psicanalistas no Brasil?
- Dentre outras.

11. Bibliografia

- Abraham, K. (1970). *Teoria Psicanalítica da Libido: Sobre o Caráter e o Desenvolvimento da Libido*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- Aguiar, F. (2006, jun.). *Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise*. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39 (70): 105-131. (Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100007).
- Antonio, M. C. de A. (2015). *A ética do desejo: estudo etnográfico da formação de psicanalistas em escolas lacanianas de psicanálise* / Maria Carolina de Araújo Antonio. -- São Carlos: UFSCar, 2015. 297 f. (Fonte: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7054/TeseMCAA.pdf?sequence=1>).
- Aranha, M. L. de Arruda, & Martins, M. H. Pires (2002). *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 2ª edição revista e atualizada. São Paulo: Editora Moderna.
- Barbieri A. de, & Frioni, M. (2001, junho). *Entrevista a David Maldavsky*. *Revista uruguaya de psicoanálisis*. (En línea) (94) ISSN 1688-7247 (Recuperado de <http://www.apuruguay.org/apurevista/2000/1688724720019412.pdf>).
- Bauman, Z., & Dessel, G. (2017). *O Retorno do Pêndulo: Sobre a Psicanálise e o Futuro do Mundo Líquido*. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo – 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (1999). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. de L. T. (1999). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 13ª Edição. São Paulo: Editora Saraiva.
- Borja, M. E. L. (2017). *Sede Psicanálise: micro e macropolítica de formação*. Tese de doutorado - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador (Recuperado de [https://ppgcs.ufba.br/sites/ppgcs.ufba.br/files/copia digital da tese de doutorado maria eunice limoeiro borja.pdf](https://ppgcs.ufba.br/sites/ppgcs.ufba.br/files/copia%20digital%20da%20tese%20de%20doutorado%20maria%20eunice%20limoeiro%20borja.pdf)).
- Bóson de Higgs. (2022, setembro 23). In Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%B3son_de_Higgs#Part%C3%ADcula_de_Deus.
- Broide, E. E. (2017). *A supervisão como interrogante da práxis analítica: desejo de analista e a transmissão da psicanálise*. Sapiencia.pucsp.br. (Recuperado de <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20013>).
- Bunge, M. (Outubro, 1984). What Is Pseudoscience? *Magazine The Skeptical Inquirer*. Vol. 9, n. 1. (Recuperado de <https://skepticalinquirer.org/1984/10/what-is-pseudoscience/>).

- Calligaris, C. (2004). *Cartas a um jovem terapeuta: Reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*. E-book. Rio de Janeiro: Elsevier Editora Ltda.
- Cohen, D. (2010). *A Fuga de Freud*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Comte, A. (1978). *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: abril Cultural, (Coleção Os Pensadores).
- Danziato, L. (2000). *A Fortaleza da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado.
- Darwin, C. (2003). *A Origem das Espécies*. E-book baseado na tradução de Joaquim da Mesquita Paul, médico e professor. Publicada por LELLO & IRMÃO – EDITORES. 144, Rua das Carmelitas –PORTO.
- Dilthey, W. (1989). *Introduction to the Humana sciences*. Edited by R. A. Makkreel & F. Rodi. Trad. Michael Neville. New Jersey: Princeton University Press. (Selected Works, v. I).
- Dolto, F (1980). *Psicanálise e Pediatria*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Droguett, J. (2020). *Sobre o Mal-estar na Pandemia: O Papel da Psicanálise em Tempos de Coronavírus*. *Leitura Flutuante - Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise*. v. 12, n 1 (Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/50416>).
- Dunker, C. I. L. (2019). *Mal-Estar, Sofrimento e Sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. 1ª Edição. 4ª reimpressão. São Paulo: Boitempo.
- Elgarte, R. J. (2009, dezembro). *Contribuciones del psicoanálisis a la educación*. Universidad Nacional del Sur. elgarte@bvconline.com.ar. *Revista Educación, Lenguaje y Sociedad*. ISSN 1668-4753 Vol. VI N° 6. (Recuperado de <https://universidaden12meses.com/Materiales/Pedagog%C3%ADa/4o%20Examen/Psicolog%C3%ADa%20del%20aprendizaje/contribuciones%20del%20psicoan%C3%A1lisis%20a%20la%20educaci%C3%B3n.pdf>)
- Falcão, R. O. (2015). *Os (des) encontros entre a psicanálise e a formação de professores: um estudo das produções científicas no Brasil*. 01/12/2015 136 f. Mestrado em Psicologia Instituição de Ensino: Universidade de Fortaleza, Fortaleza/Ceará/Brasil: Biblioteca Central da Universidade de Fortaleza (Catálogo de Teses da CAPES) (Recuperado de https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2999533)
- Fenichel, O. (2000). *Teoria Psicanalítica das Neuroses: Fundamentos e Bases da Doutrina Psicanalítica*. Tradução de Samuel Penna Reis. São Paulo: Editor Atheneu.

- Fernandes, A. H. (2017) *O ensino e a transmissão da psicanálise*. Revista de Psicanálise Stylus, 2017. stylus.emnuvens.com.br (Recuperado de <https://doi.org/10.31683/stylus.v0i34.28>).
- Ferreira, A. B de H. (1975). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª edição, 15ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A.
- Fino, C. N. (2008). *Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação)*. In Alice Mendonça & António V. Bento (Org). Educação em Tempo de Mudança. Funchal: Grafimadeira, pp 277-287.
- Forbes, J. (2012). *Inconsciente e Responsabilidade: psicanálise do século XXI*. Barueri – São Paulo: Editora Manole.
- Foucault, M. (1975). *Doença mental e Psicologia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Foucault, M. (1999). *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freud, S. (1856-1939). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Volume I. *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950 [1895])
 Volume IV. *A Interpretação dos Sonhos* (1900)
 Volume V. *A Interpretação dos Sonhos* (1900)
 Volume VI. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901)
 Volume VII. *O método psicanalítico de Freud* (1904 [1903])
 Volume VII. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905)
 Volume IX. *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (1907 [1906])
 Volume IX. *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças* (1908)
 Volume IX. *Caráter e erotismo anal* (1908)
 Volume XI. *Cinco Lições de Psicanálise* (1910 [1909])
 Volume XI. *As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica* (1910)
 Volume XI. *Psicanálise 'Silvestre'* (1910)
 Volume XI. *Cinco Lições de Psicanálise* (1910 [1909])
 Volume XII. *Formulações sobre os Princípios de Funcionamento Mental* (1911)
 Volume XII. *Recomendações aos Médicos que exercem a Psicanálise* (1912)
 Volume XII. *Sobre o início do tratamento* (1913)
 Volume XII. *Observações sobre o Amor Transferencial* (1915 [1914])
 Volume XIII. *O Interesse Científico da Psicanálise* (1913)
 Volume XIII. *Totem e Tabu* (1913 [1912-13])
 Volume XIV. *A História do Movimento Psicanalítico* (1914)
 Volume XIV. *Repressão* (1915)
 Volume XV. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1916 [1915])
 Volume XV. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1916 [1915-16])
 Volume XVI. *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1917 [1916-17])
 Volume XVII. *O 'Estranho'* (1919)

Volume XVII. *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades* (1919 [1918])
 Volume XVIII. *Além do Princípio do Prazer* (1920)
 Volume XVIII. *A Psicogênese de caso Homossexualismo numa mulher* (1920)
 Volume XVIII. *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921)
 Volume XVIII. *Psicanálise e Telepatia* (1941 [1921])
 Volume XVIII. *Dois Verbetes de Enciclopédia* (1923 [1922])
 Volume XIX. *A Negativa* (1925)
 Volume XIX. *As Resistências à Psicanálise* (1925 [1924])
 Volume XIX. *Uma Breve Descrição da Psicanálise* (1924 [1923])
 Volume XIX. *O ego e o superego (ideal do ego)* (1923)
 Volume XX. *A Questão da Análise Leiga* (1926)
 Volume XX. *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926 [1925])
 Volume XX. *Um Estudo Autobiográfico* (1925 [1924])
 Volume XX. *Um Estudo Autobiográfico – Pós-Escrito* (1935) (1925 [1924])
 Volume XX. *A Questão da Análise Leiga* (1926)
 Volume XX. *Breves Escritos* (1926)
 Volume XXI. *O futuro de uma ilusão* (1927)
 Volume XXI. *O mal-estar na civilização* (1929)
 Volume XXII. *Breves Escritos* (1931-36)
 Volume XXII. *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1933 [1932])
 Volume XXII. *A Dissecção da Personalidade Psíquica* (1933 [1932])
 Volume XXII. *Ansiedade e Vida instintual* (1933 [1932])
 Volume XXIII. *Análise Terminável e Interminável* (1937)
 Volume XXIII. *Construções em Análise* (1937)
 Volume XXIII. *Esboço de Psicanálise* (1940 [1938])

Freud, S., & Ferenczi, S. (1992). *Correspondência (1914-1919)*. Paris, França: Calman-Lévy. (Trabalho original publicado em 1914-1919).

Furtado, L. A. R. & Vieira, C. A. L. (2018, julho). *A transmissão da psicanálise, a política do psicanalista e sua presença nos dispositivos universitários e de atenção à saúde mental*. Stylus Revista de Psicanálise Rio de Janeiro n 77 o 36 p. 77-83. (Recuperado de <https://doi.org/10.31683/stylus.v0i36.247>)

Gay, P. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Tradução de Denise Bottmann; consultoria de Luiz Meyer. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras.

Gil, A.C. (2006). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Greenson, R. R. (1981). *A Técnica e a Prática da Psicanálise*. Tradução de Marina Camargo Caledônio. Rio de Janeiro: Imago.

Habermas, J. (1978). *Técnica e Ciência como Ideologia*. Lisboa: Editora 70.

Jorge, M. A. C. (2002). *Fundamentos da Psicanálise: De Freud a Lacan. Volume 1: As bases conceituais*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Klimovsky, G. (2009). *Epistemología y Psicoanálisis: problemas de epistemología. Volumen 1. 2ª edición*. Buenos Aires: Ediciones Biebel.

- Kuss, A. S. S. (2015). *Amor, Desejo e Psicanálise*. Curitiba: Juruá, 2015.
- Lacan, J. (1965). *Problemas Cruciais para a Psicanálise: Seminários 1964 – 1965*. Tradução em 2006. Publicação interna da Association Lacanienne Internationale.
- Lacan, J. (1977). *El Momento de concluir: Seminario 25 (de 1977 a 1978)*. Psikolibro. (Link: <http://clinicand.com/wp-content/uploads/2020/06/25-LACAN-Jacques.-O-semin%C3%A1rio-livro-26.-El-momento-de-concluir-1977-78.pdf>)
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1988). *A Ética da Psicanálise: Livro 7*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1997). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). *Outros Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles]. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B., (2000). *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen – 3ª Edição. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Leite, M. P. de S. (2010). *Psicanálise Lacaniana: Cinco seminários para analistas Kleinianos*. São Paulo: Iluminuras.
- Liberman, David (2009). *Lingüística, interacción comunicativa y proceso psicoanalítico*. 1ª edición. Buenos Aires: Letra Viva.
- Lista de Países por População. (2022, outubro 23). In Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_popula%C3%A7%C3%A3o.
- Maldavsky, D. (1991). *Procesos y estructuras vinculares*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Maldavsky, D. (1997). *Sobre las ciencias de la subjetividad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Maldavsky, D. (2000). *Erogeneidades, defensas y lenguaje: aportes al desarrollo de una metodología psicoanalítica de investigación (ADL)*. Artigo: Psicoanálisis AP de BA, 22(3), 699-718, 2000 (Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n45/n45a11.pdf>).

- Maldavsky, D. (2004). *Investigação Psicanalítica Contemporânea*. Artigo: Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre - v. 6, n. 1 (Recuperado de <http://sbpdepa.org.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Investiga%C3%A7%C3%A3o-Psicanal%C3%ADtica-Contempor%C3%A2nea.pdf>).
- Maldavsky, D.; Roitman, C. R.; & Stanley, C. T. (2008). *Correntes Psíquicas e Defesas: pesquisa sistemática de conceitos psicanalíticos e da prática clínica com o algoritmo David Liberman (ADL)*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 31-68. Recuperado de <https://www.sbpdepa.org.br/product-page/revista-psican%C3%A1lise-v-10-n-1-2008>.
- Maldavsky, D. (2013). *ADL. ALGORITMO DAVID LIBERMAN: Un Instrumento Para La Evaluación De Los Deseos y Las Defensas En El Discurso*. Argentina: Editora Paidós.
- Mannoni, O. (1994). *Freud: Uma Biografia Ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Masotta, O. (1987). *O Comprovante da Falta: Lições de Introdução à Psicanálise*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- McWilliams, N. (2014). *Diagnóstico Psicanalítico: entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico*. Tradução de Gabriela Wondracek Linck – 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed.
- Melman, C. (2003). *O Homem sem Gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Meyer, C. (2011). *O livro negro da psicanálise*. Tradução de Simone Perelson e Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Mezan, R. (1999). *O inconsciente segundo Karl Abraham*. Psicologia Usp, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 55-95. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65641999000100004>. Recuperado de https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Milan, B. (2021). *Lacan ainda: testemunha de uma análise*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ministério do Trabalho e Emprego (2020). *Classificação Brasileira de Ocupações – CBO: Psicólogos e Psicanalistas*. Recuperado de <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/2515-psicologos-e-psicanalistas>).
- Moscovici, S. (2012). *A Psicanálise, sua Imagem e seu Público*. Petrópolis: Editora Vozes.

- Nasio, J.-D. (1993). *Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Nasio, J.-D. (1995). *Introduções às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Nasio, J.-D. (1999). *Como Trabalha um Psicanalista?* Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Nasio, J.-D. (1999). *O Prazer de Ler Freud*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.
- Netto, G.A.F. (2020). *Doze Lições sobre Freud & Lacan*. 6ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores.
- Newton, I. (2005). *Princípios Matemáticos da Filosofia Natural*. Trad. Carlos Lopes de Mattos *et al.* São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda. (Coleção “Os Pensadores”).
- Nolasco, S. (1995). *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Obaid, F.P. (2018, junho). *Freud e Ferenczi: algumas considerações sobre a criação da primeira cadeira de psicanálise da Universidade*. Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental. Versão impressa: ISSN 1415-4714 (Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142018000200364)
- Ons, S. (2018). *Tudo o que você precisa saber sobre Psicanálise*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.
- Palumbo; Moreira & Haritçalde (2018). *Por uma história das políticas da psicanálise: institucionalização, formação e posicionamento político dos analistas*. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia. São Paulo, SP, Brasil. Volume 29, número 1, 96-105 (Link: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420170071>).
- Piaget, J. (1992). *A Epistemologia Genética*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Pichon-Rivière, E. (2007). *Teoria do Vínculo*. 7ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E. (2012). *O processo Grupal*. 8ª edição, 2ª tiragem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Pimentel, D. (2004). *Formação de Psicanalista*. Editora CEFET - SE.
- Quinet, A. (2009). *A Estranheza da Psicanálise: A Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Quinodoz, J.-M. (2007). *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed.
- Quintana, M. (2013). *Caderno H*. ePub (livro digital). Rio de Janeiro: Objetiva.

- Reale, G. & Antiseri, D. (2003). *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média – Volume I*. 8ª edição. São Paulo: PAULUS.
- Ribeiro, C. V. & Aires, S. (2017). *Dificuldades na transmissão da psicanálise: dossiê em comemoração aos 100 anos de publicação das Conferências introdutórias à psicanálise*. Revista Natureza Humana, São Paulo, v. 19, n. 1, pp. 1-6, jan./Jul. 2017 (Recuperado de <http://revistas.dww.com.br/index.php/NH/article/view/241>).
- Rodrigues, J. A. (2013). *O Tesouro Arcano: A Maçonaria e seu Simbolismo Iniciático*. 1ª edição, São Paulo: Madras Editora Ltda.
- Rose, N. S. (2018). *Our psychiatric future: the politics of mental health*. Cambridge: Polity.
- Roudinesco, E.; & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; Supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2014). *O Paciente, o Terapeuta e o Estado*. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar. Edição digital: janeiro de 2014.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar.
- Salomé, L. A-. (2001). *Carta Aberta a Freud*. Tradução de Lenis E. Gemignani de Almeida. 2ª Edição. São Paulo: Landy Editora.
- Sampieri, R. H.; Collado, C. F.; & Lucio, M. del P. B. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. 5ª Edição. Porto Alegre: Penso.
- Serge Moscovici. (2022, novembro 23). In Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Serge_Moscovici.
- Shopenhauer, A. (2005). *Contribuições à doutrina do sofrimento do mundo*. In: _____. *O mundo como vontade de representação*. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores).
- Sigal, A. M; Conte, B.; & Assad, S. (2019). *Ofício do Psicanalista II: por que não regulamentar a psicanálise*. 1ª Edição. São Paulo: Escuta.
- Sófocles (2003). *Antígona*. Tradução Millôr Fernandes. São Paulo: Paz e Terra.
- Souza. E. (2020). *Psicanálise: uma introdução*. E-book. Recuperado de <https://www.elizandrasouza.com.br/>.
- Tanis. B. (2018). *A formação psicanalítica: especificidade e transformações*. Jornal da Psicanálise - 51(95), 29-41. São Paulo (Link: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v51n95/v51n95a04.pdf>).
- Vergara, S. C. (2007). *Projetos e Relatórios de Pesquisa*. 9ª Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Viaro, Guirado & Albanese (2016). *Subjetivação na Formação em Psicanálise: uma análise institucional de discurso*. Fractal: Revista de Psicologia, Volume 28, nº 2, p. 275-284. Rio de Janeiro mai./ago.

Zbrun, M. (2014). *A Formação do Analista: de Lacan a Freud*. 1ª Edição – Digital. Petrópolis: KBR Editora Digital.

Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Zimerman, D. E. (2008). *Manual de Técnica Psicanalítica: Uma ré-visão*. Porto Alegre: Editora Artmed.

ANEXO I

ENTIDADES FORMADORAS DE PSICANALISTAS NO BRASIL

(Ordem Alfabética de denominação)

DENOMINAÇÃO DA ENTIDADE	ENDEREÇO ELETRÔNICO	UNIDADE FEDERATIVA
ACADEMIA ENLEVO	https://academiaenlevo.com.br/	DISTRITO FEDERAL
ACCE PSICANÁLISE & PSICOLOGIA	https://accepsicanaliseepsicologia.com/	GOIÁS
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DO ESTADO DE PERNAMBUCO - ABEPE	https://www.abepepsi.com.br/	PERNAMBUCO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE FILOSOFIA E PSICANÁLISE - ABRAFP	https://www.abrafp.org/	SÃO PAULO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE MEDICINA PSICOSSOMÁTICA DO DISTRITO FEDERAL - ABMPDF	https://www.abmpdf.com/?page_id=508	DISTRITO FEDERAL
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE CLÍNICA	https://abpconline.org/	RIO DE JANEIRO
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE INSIGHT	https://insight.org.br/	SÃO PAULO
ASSOCIAÇÃO DA FUNDAÇÃO PSICANALÍTICA INTERNACIONAL BRASIL - ARPI	http://www.arpi.org.br/informacoes.php	DISTRITO FEDERAL
ASSOCIAÇÃO DE PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA	https://appsi.com.br/	SÃO PAULO
ASSOCIAÇÃO LACANIANA DE BRASÍLIA - ALB	http://www.associacaolacanianana.com.br/	DISTRITO FEDERAL

ASSOCIAÇÃO LIVRE	https://www.associacaolivre.com.br/	SÃO PAULO
ASSOCIAÇÃO MINEIRA DE PSICANÁLISE - AMAP	https://amapmg.com.br/index.html	MINAS GERAIS
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS HUMANITÁRIAS - ANEPH	http://unianeph.blogspot.com/2009/11/e-com-muita-satisfacao-que-comunicamos.html	MINAS GERAIS
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS - ANEP	http://www.psicanaliseanep.com.br/v1/teoria-psicanalitica/	SÃO PAULO
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PSICANÁLISE CLÍNICA - ANPC	http://www.anpc.com.br/site/index.php	DISTRITO FEDERAL
ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE ARACAJU - APA	https://associacaopsicanalitica.com.br/	SERGIPE
ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA - APC	http://apcwb.com.br/	PARANÁ
ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE	http://www.appoa.org.br/links	RIO GRANDE DO SUL
ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - APERJ	http://rio4.org.br/	RIO DE JANEIRO
ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA SIG	https://www.sig.org.br/	RIO GRANDE DO SUL
CASA FREUD	http://casafreud.com/#/	GOIÁS
CENTRO DE ESTUDOS DE TERAPIAS E PSICANÁLISE - CETEP	https://www.ceteppsicanalise.com.br/index.html	SÃO PAULO
CENTRO DE ESTUDOS E ACOMPANHAMENTO PSICOANALÍTICO E PSICOPEDAGÓGICO - CEAPP	http://ceapp.net/	BAHIA
CENTRO DE ESTUDOS E ATENÇÃO	http://www.praxispsi.com.br/	RIO DE JANEIRO

PSICOLÓGICA - PRAXIS		
CENTRO DE ESTUDOS FREUDIANOS DO RECIFE - CEF	http://cefrecife.org.br/	PERNAMBUCO
CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICO, TEOLÓGICO, EDUCACIONAL E PEDAGÓGICO - CEPTEP	https://ceptep.com.br/	MATO GROSSO
CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS - CEP	https://centropsicanalise.com.br/	SÃO PAULO
CENTRO DE FORMAÇÃO E ASSISTÊNCIA À SAÚDE - CEFAS	https://www.cefes.com.br/curso/formacao/psicanalise/#1604404249673-c32125c8-a99d	SÃO PAULO
CENTRO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA	http://www.illumenpsicanalise.com.br/formacao-em-psicanalise-clinica/	SÃO PAULO
CENTRO JEAN LAPLANCHE - PSICANÁLISE	https://www.centrojeanlaplanche.psc.br/index.php	PARAÍBA
CENTRO PSICANALÍTICO DO MARANHÃO - ORLA	https://www.facebook.com/OrLaCentroPsicanaliticodoMaranhao	MARANHÃO
CENTRO TEOLÓGICO E PSICANALÍTICO DO ESPÍRITO SANTO	https://cetapes.org/	ESPÍRITO SANTO
CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - SEÇÃO RIO DE JANEIRO	http://www.cbp-rj.org.br/index.html	RIO DE JANEIRO
CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS - CPMG	https://cpmg.org.br/	MINAS GERAIS
CÍRCULO PSICANALÍTICO DE SERGIPE	http://www.circulopsicanalitico-se.com.br/formacaosergipe.htm	SERGIPE
CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ - CPPA	https://circulopsicanaliticodopara.com/	PARÁ
CÍRCULO PSICANALÍTICO DO RIO DE JANEIRO - CPRJ	http://cprj.com.br/	RIO DE JANEIRO

CÍRCULO PSICANALÍTICO DO RIO GRANDE DO SUL - CPRS	https://www.circulopsicanaliticors.com.br/	RIO GRANDE DO SUL
CLÍNICA E ESCOLA DE PSICANÁLISE DO VALE	https://psicanalisedovale.com.br/	SÃO PAULO
CLIO ASSOCIAÇÃO DE PSICANÁLISE	https://www.facebook.com/cliopsicanalise	CEARÁ
COLÉGIO FREUDIANO DO RIO DE JANEIRO	https://www.novamente.org.br/	RIO DE JANEIRO
CONSTRUCTO INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA	https://www.constructo.com.br/atividades/formacao-em-psicanalise.html	RIO GRANDE DO SUL
CORPO FREUDIANO	http://corpofreudiano.com.br/w/	RIO DE JANEIRO
CURSO DE FORMAÇÃO PSICANÁLISE TRIPÉ	http://psicanalissetripe.com.br/	SÃO PAULO
CURSO EMAGISTER	https://www.emagister.com.br/formacao-em-psicanalise-cursos-2636733.htm	SÃO PAULO
CURSOS MELODIA DA RÁDIO MELODIA	https://www.cursosmelodia.com.br/	RIO DE JANEIRO
DEEP SCHOOL ESCOLA DE PSICANÁLISE	https://www.deepbrasil.com.br/	SÃO PAULO
ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE - EBP	https://www.ebp.org.br/	SÃO PAULO
ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE E ETOLOGIA - EBPE	https://www.ebpe.com.br/	RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS - EEP	https://www.eepsicanaliticos.com.br/	RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE PSICANÁLISE - ALEPH	http://aleph.psc.br/	MINAS GERAIS
ESCOLA DE PSICANÁLISE DE CURITIBA - EPC	https://escoladepsicanalisedecuritiba.com/	PARANÁ
ESCOLA DE PSICANÁLISE DE MINAS GERAIS - EPMG	http://www.epmg.site.com.br/	MINAS GERAIS
ESCOLA DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO	https://www.escoladepsicanalise.com.br/	SÃO PAULO

ESCOLA DE PSICANÁLISE DIÁLOGO ABERTO	https://www.escoladiálogoaberto.com/	SÃO PAULO
ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO - BRASIL	https://www.campolacaniano.com.br/	RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE PSICANÁLISE KOINONIA	https://escolakoinonia.eadplataforma.com/	BELO HORIZONTE
ESCOLA DE PSICANÁLISE LAÇO ANALÍTICO	https://www.lacoanalitico.com.br/	MINAS GERAIS
ESCOLA DE PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA DE MARINGÁ - EPPM	https://eppm.com.br/	PARANÁ
ESCOLA FLUMINENSE DE PSICANÁLISE - ESFLUP	https://www.esflup.com/	RIO DE JANEIRO
ESCOLA FREUDIANA DE BELO HORIZONTE - IEPSI	http://www.escolafreudianabhiepsi.com.br/	MINAS GERAIS
ESCOLA FREUDIANA DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA - EFPF	https://www.escolafreudiana.org/	BELO HORIZONTE
ESCOLA FREUDIANA DE TERESINA	https://www.escolafreudianadeteresina.com.br/	PIAUÍ
ESCOLA FREUDIANA DE VITÓRIA	https://www.escolafreudiana.vix.br/index.php	ESPÍRITO SANTO
ESCOLA LACANIANA DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA - ELFP	https://www.escolalacianiana.org/	MINAS GERAIS
ESCOLA LACANIANA DE PSICANÁLISE	http://escolalacianiana.com.br/	RIO DE JANEIRO
ESCOLA LETRA FREUDIANA	http://www.escolaletrafreudiana.com.br/	RIO DE JANEIRO
ESCOLA PAULISTA DE PSICANÁLISE - EPP	https://www.apsicanalise.com/	SÃO PAULO
ESCOLA PONTAGROSSE	https://www.escolapontagrossensedepsicanalise.com/	PARANÁ

NSE DE PSICANÁLISE		
ESCOLA SUPERIOR DE PSICANÁLISE -	https://www.escolasuperiordepsicanalise.com/formacao-em-psicanalise.html	SÃO PAULO
ESPAÇO PSICANALÍTICO	http://www.espacopsicanalise.com.br/a_formacao.html	SÃO PAULO
ESPACO PSICANALÍTICO - EPSI	http://epsi.com.br/epsi/	PARAÍBA
FACULDADE APLICADA DE TEOLOGIA & FILOSOFIA - FATEF	https://fatefrj.com.br/	RIO DE JANEIRO
FACULDADE CLÍNICA DE PSICANÁLISE DO BRASIL - FACLIPBRA	https://www.faclipbra.com.br/promocao-do-dia/	PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TEOLOGIA - FACITE	http://facitefaculdade.com.br/	RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E RELIGIÃO DE MINAS GERAIS - FACOR	http://facormg.com.br/uncategorized/bacharelado-em-psicanalise-clinica-ciencias-humanas/	MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E TEOLOGIA FATUN	http://www.cursoteologico.com.br/mod/forum/discuss.php?d=2	RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DAS AMÉRICAS - FACETAM	http://www.facetam.com.br/pg_inicial.cfm	RIO DE JANEIRO
FACULDADE EPISCOPAL DE TEOLOGIA	https://sites.google.com/site/faculdadeepiscopaldeteologia/sociedade-psicanalitica/formacao-em-psicanalise-clinica	RIO DE JANEIRO
FACULDADE IGUAÇUANA DE TEOLOGIA - FAIT	https://www.faitiguacuana.com.br/fait/	RIO DE JANEIRO
FACULDADE INSTITUTO SUPERIOR DA CONVENÇÃO NACIONAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS - INSCON	https://iscon.edu.br/2021/02/03/psicanalise/	BRASÍLIA
FACULDADE INTEGRAÇÃO TEOLÓGICA - FAINTE	https://apice.eadplataforma.com/curso/curso-de-psicanalise-teoria-e-tecnica/	PERNAMBUCO
FACULDADE INTERNACIONAL	https://www.fainte.com.br/curso_psicanalise_clinica.php	MINAS GERAIS

DE TEOLOGIA - FAITE		
FACULDADE TEOLOGIA E CIÊNCIAS - FATEC	https://www.fatecc.com.br/curso/psicanalise-clinica/	SÃO PAULO
FACULDADE TEOLÓGICA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS	https://teologiaadistancia.com.br/cursos/curso-de-formacao-em-psicanalise/	SÃO PAULO
FACULDADE TEOLÓGICA E CULTURAL DA BAHIA	https://www.fatecba.com.br/cursossub_ver.php?cod=17	BAHIA
FACULDADE TEOLÓGICA FATAO CURSOS	https://fataocursos.com.br/curso/psicanalise-clinica/	CEARÁ
FACULDADE TRANS-AMERICANA DE TEOLOGIA	https://teologiahoje.jimdofree.com/	RIO DE JANEIRO
FAZENDA FREUDIANA DE GOIÂNIA	http://www.fazendafreudiana.com.br/	GOIÁS
FORMAÇÃO FREUDIANA	https://www.freudiana.com.br/cursos	RIO DE JANEIRO
GESTO PSICANÁLISE	https://gestopsicanalise.com.br/formacao/	SÃO PAULO
GRUPO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE CAMPINAS - GEPCampinas	https://www.gepcampinas.org.br/formacao	SÃO PAULO
GRUPO PSICANALÍTICO DE CURITIVA - GPC	http://www.bronxbridge.com/homologacao/gpc/	PARANÁ
IGREJA EVANGÉLICA CRISTO EM CASA - HOTMART	https://hotmart.com/product/formacao-de-psicanalistas	RIO DE JANEIRO
INIEDS - INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SAÚDE	https://www.inieds.com/psicanalise	SÃO PAULO
INSTITUT PSYCHÉ	https://www.facebook.com/institutpsyche/about	SÃO PAULO
INSTITUTO ACADÊMICA DE INTERAÇÃO SOCIAL - IAIS	https://www.facebook.com/IAISPSICANALISE/?ref=page_internal	CEARÁ
INSTITUTO ACADÊMICO DE PSICANÁLISE DO BRASIL	https://www.institutoiapb.com.br/	CEARÁ

INSTITUTO AMAS PSICANÁLISE E TERAPIAS	https://www.instagram.com/p/CNBVtiWB7gG/?igshid=n136l4hgpkI7	CEARÁ
INSTITUTO ANDRÉ GREEN - IAG	http://www.percursoempicanalise.com.br/	RIO GRANDE DO NORTE
INSTITUTO ÁRIOS	https://www.facebook.com/institutoarios.picanalise	MINAS GERAIS
INSTITUTO BÍBLICO DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS DO RIO DE JANEIRO - IBADERJ	https://www.ibaderj.com/Curso/curso-de-psicanalise/	RIO DE JANEIRO
INSTITUTO BITTENCOURT	https://institutobittencourt.psc.br/psicanalise/	MINAS GERAIS
INSTITUTO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS E PSICANÁLISE - IBCP	https://ibcppsicanalise.com.br/	SÃO PAULO
INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS - IBEP	https://www.psicanalisecursos.com/	SÃO PAULO
INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE CLÍNICA	https://www.psicanaliseclinica.com/	SÃO PAULO
INSTITUTO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE CLÍNICA, CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS - IBRAPCHS	https://ibrpchs.net/	RIO DE JANEIRO
INSTITUTO CARLOS MUSSATO	http://www.institutocarlosmussato.com.br/cursos/psicanalise/	SÃO PAULO
INSTITUTO CÁSSIA RODRIGUES	https://www.institutocassiarodrigues.com/	ESPÍRITO SANTO
INSTITUTO CONTEMPORÂNEO DE PSICANÁLISE E TRANSDISCIPLINARIDADE	https://www.institutocontemporaneo.com.br/	RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO CRISTÃO DE PSICANÁLISE	https://www.institutocristaodepsicanalise.com/	SÃO PAULO
INSTITUTO DALMA	https://institutodalma.com.br/	SÃO PAULO

INSTITUTO DE ENSINO DE PERNAMBUCO E ASSOCIADOS	https://www.ieppe.com.br/index1.php	PERNAMBUCO
INSTITUTO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE BAURU	https://institutopsico.com.br/cursos	SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE RIBEIRÃO PRETO - IEP	http://ieprp.com.br/cursos.php	SÃO PAULO
INSTITUTO DE PESQUISA EM PSICANÁLISE E PSICOPATOLOGIA DE BRASÍLIA - IPEPP	https://www.psicanalise-ipepp.com/	DISTRITO FEDERAL
INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA	http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/	BAHIA
INSTITUTO DE PSICANÁLISE DO GEPEG - GRUPO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE GOIÂNIA	http://www.gepeg.com.br/index.php	GOIÁS
INSTITUTO DE PSICANÁLISE E SAÚDE MENTAL DE MINAS GERAIS	http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/index.php	MINAS GERAIS
INSTITUTO DE PSICANÁLISE HUMANISTA - ITPH	https://www.itphrs.org/	RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICANÁLISE LACANIANA - IPLA	http://www.ipla.com.br/	SÃO PAULO
INSTITUTO DÉDALUS	https://www.institutodedalus.com/	CEARÁ
INSTITUTO DURVAL MARCONES	https://www.sbpc.org.br/formacao-psicanalitica/o-instituto/	SÃO PAULO
INSTITUTO EDUCACIONAL DE TEOLOGIA EVANGÉLICA - IETEV	https://ietev.com.br/psicanalise-clinica-comportamental	BAHIA
INSTITUTO ESFERA	https://www.institutoesfera.org/psicanalise	SÃO PAULO
INSTITUTO FACES DE PSICANÁLISE - IFP	https://www.ifacesdapsicanalise.com.br/	SÃO PAULO

INSTITUTO FAZENDO A DIFERENÇA - FD	https://institutofd.com/?pv=pro0eg62&af=afigo8mj4&msckid=5fbe0f4b5dad1785f93e6f71e070c5cc	MINAS GERAIS
INSTITUTO FLÁVIO PEREIRA DESENVOLVIMENTO PESSOAL & PROFISSIONAL	https://portalfaviopereira.com.br/	PARANÁ
INSTITUTO FREUDIANO DE PERNAMBUCO	https://www.institutofreudianope.com.br/corpo-docente	PERNAMBUCO
INSTITUTO GAIO	https://www.institutogaio.com.br/	SÃO PAULO
INSTITUTO GOLD	https://institutogold.com.br/	SÃO PAULO
INSTITUTO HUMANIZA	https://humanizaead.com.br/psicanalise?qclid=Cj0KCQjwppSEBhCGARIsANIs4p6kMgLUJd8QPYpoVSHJNdWh1ap-cGp4Qwd9NUdu19BSw76EnTRi4WkaAiKbEALw_wcB	RIO DE JANEIRO
INSTITUTO IdEgo PSICANÁLISE & PSICOLOGIA	http://psicanalises.com.br/o-instituto/	SANTA CATARINA
INSTITUTO KALILE	http://moodlekalile.com/wordpress/	DISTRITO FEDERAL
INSTITUTO LATINO AMERICANO DE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA - ILPC	https://www.ilpc.com.br/	SÃO PAULO
INSTITUTO META CARIRI	https://institutometacariri.com.br/psicanalise/	CEARÁ
INSTITUTO NACIONAL DE PARAPSICOLOGIA - INPP	https://www.inppnet.com.br/curso/curso-de-formacao-em-psicanalise-online-	PARANÁ
INSTITUTO ORÁCULO DE PSICANÁLISE	https://oraculopsicanalise.elore.com.br/apresentacao/formacao-em-psicanalise	SÃO PAULO
INSTITUTO PAULISTA DE PSICANÁLISE - IPP	https://ippbrasil.com/	SÃO PAULO
INSTITUTO PSICANALÍTICO AVIA MINAS GERAIS	https://www.ipaviamg.online/central-de-cursos	MINAS GERAIS
INSTITUTO PSICANALÍTICO FAMET	https://www.grupofamet.com.br/	MINAS GERAIS
INSTITUTO RESILIÊNCIA	https://www.institutoresiliencia.com.br/psicanalise/	DISTRITO FEDERAL
INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE	https://sedes.org.br/site/	SÃO PAULO

INSTITUTO SOMATA	https://somata.com.br/	SÃO PAULO
INSTITUTO SUPERAH	https://www.institutosuperah.com/curso-psicanalise-clinica	RIO DE JANEIRO
INSTITUTO TAVOLA	https://www.institutotavola.com/formacao-psicanalitica	SÃO PAULO
INSTITUTO TEMPOS MODERNOS - ITM	https://www.institutotemposmodernos.com.br/	SÃO PAULO
INSTITUTO TEOLÓGICO GAMALIEL	https://institutoqamaliel.com/curso-de-psicanalise-clinica/	PERNAMBUCO
INSTITUTO VER ALÉM	http://institutoveralem.com.br/psicanalise.html	RIO DE JANEIRO
INSTITUTO WINNICOTT - IBPW	https://ibpw.org.br/	SÃO PAULO
JONIA RANALI - ATITUDE EM PSICANÁLISE	https://joniaranali.com.br/	SÃO PAULO
MAIÉUTICA FLORIANÓPOLIS - INSTITUIÇÃO PSICANALÍTICA	https://maieutica.com.br/#inicio	SANTA CATARINA
NAPSI - FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE	http://www.napsi.org.br/	BAHIA
NÚCLEO BRASILEIRO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO - INTEGRA	https://www.integranbdh.com.br/psicanalise	SÃO PAULO
NÚCLEO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE - NBP	https://nbpsicanalise.com.br/cursos/formacao-em-psicanalise-presencial-ou-online/	SÃO PAULO
NÚCLEO BRASILEIRO PESQUISAS PSICANALÍTICAS	https://nucleodepesquisas.com.br/	SÃO PAULO
NÚCLEO PSICANALÍTICO DE ARACAJU - NPA	https://psicanalisearacaju.org.br/	SERGIPE
PRÁXIS LACANIANA	http://www.praxislacanianana.com.br/	RIO DE JANEIRO
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA KERIGMA DIDACHE - SETEAD	https://www.setead.org/	BRASÍLIA
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE	http://www.sobrapsico.org.br/p/inicio.html	RIO DE JANEIRO

CONTEMPORÂNEA		
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE MINAS GERAIS - SBPMG	https://sbpmg.org.br/	MINAS GERAIS
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE PORTO ALEGRE - SBPdePA	http://sbpdepa.org.br/ensino/	RIO GRANDE DO SUL
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE RIBEIRÃO PRETO	https://sbprp.org.br/formacao-em-psicanalise/	SÃO PAULO
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO MARANHÃO - SBPMA	http://sbpma.org/portal/	MARANHÃO
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO - SBPRJ	https://www.sbprj.org.br/	RIO DE JANEIRO
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE INTEGRATIVA	https://www.sbpj.org.br/curso-de-psicanalise-integrativa/	SÃO PAULO
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE LACANIANA - SBPL	https://www.psicanaliselacanianana.org/	MINAS GERAIS
SOCIEDADE DE ESTUDOS DA PSIQUE LÚCIA MERGULHÃO - SEPLUME	https://www.seplume.com.br/	PERNAMBUCO
SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - SPCRJ	https://spcrj.org.br/	RIO DE JANEIRO
SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA - SPBsb	http://www.spbsb.org.br/site/index.php	DISTRITO FEDERAL
SOCIEDADE INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE DE SÃO PAULO	https://sociedadedepsicanalise.com.br/	SÃO PAULO
SOCIEDADE PAULISTA DE PSICANÁLISE - SPP	http://www.sppsic.org.br/	SÃO PAULO

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DA BARRA - SPB	https://spbarra.org/	RIO DE JANEIRO
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DA PARAÍBA - SPPB	http://sppb.com.br/site/	PARAÍBA
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE FORTALEZA	https://www.spfor.com.br/	CEARÁ
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PELOTAS - SPPEL	http://sppel.com.br/	RIO GRANDE DO SUL
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE - SPPA	https://sppa.org.br/	RIO GRANDE DO SUL
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO BRASIL - SPAB	https://www.spab.org.br/curso/curso-de-formacao-de-psicanalistas-da-academia-paulista-de-psicanalise	SÃO PAULO
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL - SPMS	http://spms.com.br/	MATO GROSSO DO SUL
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO PARANÁ - SPP	https://www.spp.psc.br/	PARANÁ
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RECIFE - SPR	http://www.spr-pe.org.br/index.html	PERNAMBUCO
SOCIEDADE PSICANALÍTICA DO RIO DE JANEIRO - SPRJ	http://sprj.org.br/site/	RIO DE JANEIRO
SOCIEDADE PSICANALÍTICA ORTODOXA DO BRASIL - SPOB	https://www.facebook.com/spob.org.br/	RIO DE JANEIRO
SOCIEDADE PSICANALÍTICA SUMMUS DE MINAS GERAIS - SUMMUS	http://www.sociedadesummus.com.br/	MINAS GERAIS
TEMPO FREUDIANO ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA	http://www.tempofreudiano.com.br/#	RIO DE JANEIRO
TORO ESCOLA DE PSICANÁLISE	http://torodepsicanalise.com.br/	ALAGOAS
TRAÇO FREUDIANO VEREDAS LACANIANAS	http://www.traco-freudiano.org/	PERNAMBUCO

UNIVERSALIDAD E BÍBLICA	https://www.universalidadedabiblia.com.br/curso-de-psicanalise-clinica-2/	SÃO PAULO
UNIVERSIDADE LIVRE INTERNACIONAL - UNILIVRE	https://unilivre.wordpress.com/	SÃO PAULO
WIDOM CURSOS ON-LINE	https://widom.com.br/	PARANÁ

ANEXO II

Formulário Google

Pesquisa de Doutorado - Área temática: Psicanálise

Todas as informações abaixo foram coletadas dos Sites das Entidades, por se tratarem de "domínio público", na medida em que, as informações estão à disposição de qualquer usuário que queiram consultá-las por meio da internet.

O PRESENTE QUESTIONÁRIO É CONSTANTE DA TESE DE DOUTORADO EM PSICOLOGIA DA **UCES**, PARA COLETA DOS DADOS QUANTITATIVOS, POIS A TESE TEM NATUREZA MISTA, OU SEJA, COM DADOS QUANTITATIVOS QUE SERÃO TRATADOS E ANALISADOS DE FORMA QUALITATIVA.

1. **Nome da Instituição ***

2. **Endereço Eletrônico ***

3. **Estado brasileiro ***

4. **Tipo de Entidade ***

Sociedade

Associação

Instituto

Escola

Círculo

Academia

Organização não Governamental – ONG

Instituição

Núcleo

Faculdade

Igreja

5. Região do Brasil de abrangência do curso *

- Norte
- Nordeste
- Centro Oeste
- Sudeste
- Sul
- Todas as Regiões

6. Que programa de formação esta instituição oferece a seus alunos? *

Marque todas que se aplicam.

- Psicanalista Clínico
- Psicanalista Teórico

7. Quais os enfoques teóricos? *

Marque todas que se aplicam.

- Sigmund Freud
- Jacques Lacan
- Melanie Klein
- Winnicott
- Bion
- Reich
- Jung

8. Qual a qualificação mínima exigida para o ingresso no curso de formação? *

Marcar apenas uma oval.

- Graduação em Psicologia

- Graduação em qualquer área**
- Ensino médio completo**
- Sem especificação da qualificação mínima**

9. O curso de formação é do Tipo? *

Marcar apenas uma oval.

- Presencial**
- On-line (não Presencial)**
- Ambas modalidades**

10. Exige "análise pessoal" do formando? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim**
- Não**

11. Exige experiência com "pacientes pilotos"? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim**
- Não**

12. Exige "supervisão clínica"? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim**

Não

13. Carga horária correspondente ao curso de formação? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 1.000 horas/aulas**
- De 1.000 a 2.000 horas/aulas**
- De 2.000 a 3.000 horas/aulas**
- Acima de 3.000 horas/aula**
- Carga horária não especificada**

14. Tempo de duração do curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 1 ano**
- De 1 a 2 anos**
- De 2 a 3 anos** **Acima de 3 anos**
- Tempo de Duração do Curso "não especificado"**

15. Emite Identidade Profissional?

- Sim**
- Não**

16. Certificação de Formação mediante *

Marcar apenas uma oval.

- Diploma**
- Certificado**

- Declaração**
- Não especificado**

17. Valor do Curso *

Marcar apenas uma oval.

- Até R\$ 1.000,00**
- De R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00**
- De R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00**
- Acima de R\$ 3.000,00**
- Não consta informação**

18. Menciona a legislação da Profissão, pelo Ministério do Trabalho (MT) - Portaria nº 397/2002, CBO nº 2515.50?

Marcar apenas uma oval.

- Sim**
- Não**

19. Menciona o "não" reconhecimento do curso de formação por parte do Ministério da Educação (MEC)?

Marcar apenas uma oval.

- Sim**
- Não**

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.